

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



TARTESSOS:

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ATRAVÉS
DO REGISTO ESCRITO E DA
DOCUMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA**

UM ESTUDO COMPARATIVO

(VOL. II - ANEXOS)

Pedro Miguel de Araújo Albuquerque

Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia

2014

Orientadores: Prof.^a Dr.^a Ana Margarida Arruda (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Carlos González Wagner (Universidad Complutense de Madrid)

Índice

Anexo 1 - Fontes escritas	4
Apresentação	5
Abreviaturas	8
Antigo Testamento	11
Deuteronómio (Dt.)	13
Êxodo (Ex.)	16
Ezequiel (Ez.)	18
Génesis (Gn.)	23
Isaias (Is.)	28
Juízes (Jz.)	31
1 e 2 Reis (Rs.)	35
Salmos (Sl.)	44
1 e 2 Samuel (Sm.)	47
Anacreonte	49
Apiano	54
Aristóteles	56
Arriano	58
Artemidoro	62
Avieno	69
Diodoro de Sicília	74
Éforo	79
Estesícoro de Himera	83
Estêvão de Bizâncio	87
Estrabão	90
Filóstrato	111
Flávio Josefo	116
Hecateu de Mileto	130
Herodoro de Heracleia	136
Heródoto	138
Hesíodo	189

Homero.....	193
Plínio – o – Velho	215
Políbio	220
Salústio.....	227
Sílio Itálico	237
Teopompo	244
Tucídides.....	248
Veleio Patérculo	256
Inscrições.....	259
Papiros gregos com "textos mágicos"	259
Hispania 14. Astarté de El Carambolo (Museu de Sevilha).....	261
Estela de Nora (Tharros, Sardenha)	263
Estela de Yehawmilk (c. 450 a.C.).....	266
Estela de Yehimilk (séc. X a.C.)	266
Inscrição de Assarhadon (c. 670 a.C.).....	267
Inscrição de Azitawadda de Adana (sécs. IX - VIII a.C.)	268
Inscrição de Pyrgi (Etrúria).....	276
Tratado de Assarhadon da Assíria e Baal de Tiro (c. 670 a.C.)	277
Anexo 2 - Glossário de termos gregos.....	279
Anexo 3 - Figuras	289

Anexo 1 - Fontes escritas

Apresentação

Este anexo reúne os excertos que se consideraram importantes para a leitura da dissertação (Vol. I) e pretende oferecer uma base de consulta que facilita não só a exposição de ideias, mas também a sua crítica. As notas complementares apresentadas nos textos destacam alguns problemas de interpretação, bem como algumas variantes nas traduções consultadas. Esta opção destina-se, sobretudo, a agilizar a consulta destes documentos, permitindo verificar de que modo o signatário deste trabalho viu estes documentos e como os utilizou em vários contextos. Assim, evitaram-se repetições desnecessárias na dissertação, sobretudo naquelas ocasiões em que se justificaria citar um texto mais de uma vez em capítulos diferentes. Trata-se, portanto, de um "espaço neutro" onde se estabelecem ligações com outros documentos, consoante as temáticas envolvidas, permitindo outras leituras para além das que são propostas neste trabalho.

Uma vez que não se trata de uma compilação temática, optou-se por organizar os textos de acordo com a ordem alfabética dos nomes dos autores, partindo do seu primeiro nome (por exemplo, Veleio Patérculo). Este procedimento não se aplica nem ao AT nem às inscrições (i.e., epígrafes com pequenos textos), para os quais se reservou um campo próprio ("Antigo Testamento" e "Inscrições", o primeiro e o último deste anexo, respectivamente), embora organizado, igualmente, por ordem alfabética. Esta opção obrigou a prescindir de um ordenamento cronológico dos documentos, na medida em que estes, quando se justificou na dissertação, recebem este tratamento. A fig. 1 oferece, neste sentido, uma visão global sobre as obras e os autores compilados, que pode ser complementada com as introduções apresentadas.

Nestas introduções, assinalam-se problemas de leitura e interpretação das fontes, bem como uma bibliografia actualizada, não só de aspectos gerais relacionados com a sua composição, como também de alguns temas de estudo concretos. Como seria de esperar, a valorização de cada um destes documentos dependeu da importância que tinham para a dissertação.

Optou-se por desenvolver mais os comentários às obras fundamentais para esta dissertação, em detrimento de fontes que foram elaboradas em períodos muito posteriores ao objecto de estudo ou que, por outro lado, fornecem informações de menor importância. Uma excepção a esta regra é *Ora Maritima*, de Avieno (c. 350 d.C.), que se destaca pela sua importância como fonte de análise para o registo arqueológico,

sobretudo a partir dos trabalhos de A. Schulten, bem como pelos problemas de interpretação, brilhantemente apresentados e tratados por F.J. González Ponce (1992 e 1995). No final de cada uma destas introduções, expõe-se uma reflexão geral sobre a importância da fonte para a investigação.

Apesar de não se ter procedido a uma análise filológica sistemática das fontes, optou-se pela apresentação do texto grego ou latino. Assinalam-se, quando se justifica, problemas de tradução em nota de rodapé, bem como propostas de tradução alternativas às que se expõem. No que foi possível e necessário, consultaram-se várias versões. Estas traduções são portuguesas, espanholas, inglesas e francesas.

Assinalam-se, também em nota de rodapé, outras referências complementares e apontamentos sobre o carácter do texto.

Quando se trata de poemas, cada verso é separado com um traço oblíquo (/). No entanto, algumas traduções são apresentadas em prosa ou, eventualmente, com deslocizações de um verso para o outro. Nestes casos (por exemplo, Sílio Itálico ou Avieno), optou-se por prescindir destes traços oblíquos.

Noutros textos, aplica-se uma separação com um número entre parêntesis e a negrito (p.ex., **9**), no meio do texto ou, simplesmente, sem parêntesis (p.ex., nos textos de Heródoto) no início. Outros ainda apresentam parêntesis rectos (p.ex., Estrabão) quando o capítulo é muito longo e se utilizam pequenos trechos em várias ocasiões.

Não se apresentam aspas, uma vez que todos eles são transcrições sem qualquer modificação, utilizando-se em diálogos ou monólogos dos próprios textos.

No final de cada excerto, incluem-se os termos que estão coligidos no Anexo II (glossário), assinalados com um asterisco na dissertação (p.ex., ἔθνος*) e no texto grego e/ ou latino. Por sua vez, no glossário (Anexo 2) encontra-se, na entrada correspondente, os excertos em que os termos surgem neste Anexo, permitindo um estudo de palavras, caso a leitora ou o leitor assim o entenda.

Os textos apresentados neste anexo têm a seguinte ordem cronológica:

cronologia	Autores	Obra(s)	Fragmentos
Várias cronol.	AT	Salmos	
XI - VIII a.C.?	Hesíodo	<i>Teogonia</i> <i>Os trabalhos e os Dias</i>	
VIII - VI a.C.?	Homero	<i>Ilíada</i> <i>Odisseia</i>	
c. 739-698 a.C.	AT	1º Isaías	
c. 590-570 a.C.	AT. Ezequiel	Ezequiel	
c. 570 a.C.	Estesícoro	<i>Gerioneida</i>	PMG
c. 560 a.C.	AT	1º e 2º Livros dos Reis	
c. 560 a.C.	AT	Juízes	
s. VI a.C.	AT	1º Livro de Samuel	
c. 550 - ? a.C.	AT	2º Isaías	
c. 520-516 a.C.	Hecateu	Vários títulos (ver capítulo)	FGrH 1 Nenci (1954)
f. s. VI - i. s. V a.C.	AT	Êxodo	
s. V - IV a.C.		Deuteronomio	
c. 475 a.C.	Píndaro	<i>Nemeias</i> <i>Dionisiacas</i>	
c. 430 a.C.	Heródoto	<i>Histórias</i>	
c. 433-400 a.C.	Herodoro		FGrH 31
C. 411 a.C.	Tucídides	<i>História da Guerra do Peloponeso</i>	
c. 356-320 a.C.	Aristóteles	<i>Política; Retórica</i>	
IV - III a.C.	AT. Redactor (ver capítulo)	Génesis	
c. 350 a.C.	Teopompo		FGrH 115
c. 350 a.C.	Éforo		FGrH 70
Antes de 146 a.C.	Políbio	<i>Histórias; Fragmentos</i>	
104 - 101 a.C.	Artemidoro	<i>Geografia</i>	FGrH 438
c. 56 - 21 a.C.	Diodoro Sículo	<i>Biblioteca Histórica</i>	
44 - 40 a.C.	Pompónio Mela	<i>De Chorographia</i>	
41 - 40 a.C.	Salústio	<i>Guerra de Jugurta</i>	
17 - 18 d.C.	Estrabão	<i>Geografia</i>	
29 d.C.	Veleio Patérculo	<i>História de Roma</i>	
c. 70 d.C.	Plínio - o - Velho	<i>História Natural</i>	
92 d.C. (Livro III)	Sílio Itálico	<i>Púnica (Pun.)</i>	
75 - 94 d.C.	Flávio Josefo	<i>Antiquidades dos Judeus</i> <i>Contra Apião</i>	
II d.C.	Filóstrato	<i>Vida de Apolónio de Tiana</i>	
II d.C.	Ptolemeu		
c. 145 d.C.	Arriano	<i>Anábase de Alexandre Magno</i>	
c. 160 d.C.	Apiano	<i>Iberia</i>	
c. 350 d.C.	Avieno	<i>Ora Maritima</i>	
c. 530 d.C.	Estêvão de Bizâncio	<i>Ethnika</i>	

Fig. 1: Tabela cronológica dos autores e obras apresentados neste anexo. A questão da cronologia de cada uma destas obras é discutida nas introduções deste anexo.

Abreviaturas da tabela: f.s.: finais do século; i.s.: inícios do século; m.s.: Meados do século; FGrH: *Die Fragmente der Griechischen Historiker* (= Jacoby, 1957); PMG: *Poetae Melici Graeci* (= Page, 1962).

Acrescenta-se ainda uma chamada de atenção à pontuação nos textos gregos (pontos de interrogação e dois pontos):

- Em Grego (=G), [:] = [?]
- G, [·] = [:]

O alfabeto grego é exposto na introdução do Anexo 2.

Abreviaturas

<i>ANET</i> ³	- <i>Ancient Near Eastern Texts related to the Old Testament</i> (= Pritchard, ed., 1969a, 3ª ed.)
<i>ANEP</i>	- <i>Ancient Near East in Pictures</i> (= Pritchard, ed., 1969b)
Apiano (Ap.)	- <i>Ibéria (Ib.)</i>
Apolodoro (Apollod.)	- <i>Biblioteca</i> (citação sem título)
Aristófanes (Ar.)	- <i>As rãs (Ra.)</i>
Aristóteles (Arist.)	- <i>Poética (Po.)</i> - <i>Política (Pol.)</i> - <i>Retórica (Rh.)</i> - <i>Sobre as Plantas [P.Ph.]</i>
Arriano (Arr.)	- <i>Anábase de Alexandre Magno (An.)</i>
Antigo Testamento (AT)	- 1 Crónicas (1Cr) - 1 e 2 Reis (1Rs., 2Rs.) - 1 e 2 Samuel (1Sm. 2Sm.) - Deuterónimo (Dt.) - Ester (Est.) - Ezequiel (Ez.) - Génesis (Gn.) - Isaías (Is.) - Juízes (Jz.) - Salmos (Sl.) - Zacarias (Zc.)
CTH	- <i>Catalogue des Textes Hittites</i> (= Laroche, 1971)
Cícero (Cic.)	- <i>Epistulae ad Atticum (Att.)</i>
Columela (Col.)	- <i>De Re Rustica</i>

- Diodoro Sículo (D.S.) - *Biblioteca Histórica*
- Dionísio de Halicarnasso (D.H.) - *História de Roma*
- Dioscórides (Dsc.) - *Alexipharmaca (Alex.)*
- *Theriaca (Ther.)*
- Eliano (Ael.) - *Varia Historia (V.H.)*
- Ésquilo (A.) - *Agamémnon (Ag.)*
- Estêvão de Bizâncio (St. Byz.) - *Ethnika*
- Estrabão (Str.) - *Geografia*
- Eurípides (E.) - *Fenícias (Ph.)*
- Filóstrato (Philostr.) - *Vida de Apolónio de Tiana (V.A.)*
- Flávio Josefo (J.) - *Antiguidades dos Judeus (A.J.)*
- *Contra Apião (Ap.)*
- *Guerra dos Judeus (B.J.)*
- Fócio (Phot.) - *Biblioteca*
FGrH - *Die Fragmente der Griechischen Historiker*
(Jacoby, 1957)
- Hecateu de Mileto (Hecat.) - *Periegesis*
- Herodoro de Heracleia (Herodor.)
- Heródoto (Hdt.) - *Histórias*
- Hesíodo (Hes.) - *Os Trabalhos e os Dias (Op.)*
- *Teogonia (Th.)*
- Homero - *Ilíada (Il.)*
- *Odisseia (Od.)*
- Luciano - *A deusa síria (Syr.D.)*
- Marciano de Heracleia (Marcian.) - *Périplo (Per.)*
- Nenci - *Hecataei Milesi. Fragmenta* (Nenci, 1954)
- Nono de Panópolis (Nonn.) - *Dionisiacas (D.)*
NDLP - *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*
- Novo Testamento (NT) - *Lucas (Lc.)*
- Pausânias (Paus.) - *Descrição da Grécia*
- Píndaro (Pi.) - *Dionisiacas (D.)*
- *Olímpicas (O.)*
- *Nemeias (N.)*

- *Píticas (P.)*
- Platão (Pl.) - *Górgias (Grg.)*
- *Leis (Lg.)*
- *Menexeno (Mx.)*
- *República (R.)*
- Plínio - *História Natural (Nat.)*
- Plutarco (Plu.) - *Moralia (Moralia)*
- Políbio (Plb.) - *Histórias*
- Pompônio Mela (Mela) - *Corografia*
- Ptolemeu (Ptol.) - *Geografia (Geog.)*
- Salústio (Sal.) - *Histórias (Hist.)*
- *Guerra de Jugurta (Jug.)*
- Sílio Itálico (Sil.) - *Púnicas*
- Solino (Solin.) - *Coleção de feitos memoráveis*
- Teofrasto (Thphr.) - *Investigação sobre as plantas (C.P.)*
- *História das Plantas (H.P.)*
- Tito Lívio (Liv.) - *História de Roma*
- Tucídides (Th.) - *História da Guerra do Peloponeso*
- Xenofonte (X.) - *Helénicas ou História Grega (HG)*
- Veleio Patérculo (Vell.) - *História Romana*

Antigo Testamento

Os títulos que hoje conhecemos do Antigo Testamento (AT) foram dados pela tradução grega (*Bíblia dos Setenta* = LXX), seguindo o critério do conteúdo. Na versão original, os livros eram designados de acordo com as primeiras palavras de cada texto.

Neste anexo, os textos são apresentados por ordem alfabética, segundo o título. A sequência dos textos veterotestamentários apresentados neste anexo (sem atender, por agora, à cronologia dos textos) é a seguinte: Deuteronomio; Êxodo; Ezequiel; Génesis; Isaías; Juízes; 1 e 2 Reis; Salmos; 1 e 2 Samuel.

Neste conjunto, Deuteronomio, Êxodo, Génesis e Levítico fazem parte do Pentateuco, enquanto que Juízes, Reis e Samuel são os chamados "livros históricos". Ezequiel, Isaías e Salmos, são livros "proféticos" (Ez., Is.) e "sapienciais" (Sl). Esta divisão é artificial e serve como guia para o entendimento dos textos, mas tal não significa que exista, para os criadores destes documentos, uma separação rígida entre o que é "mito" e o que é "história". Nas palavras de R.N. Whybray "it's not their primary propose to establish the exact truth of the events that they describe, but rather to raise in their readers a consciousness of their own identity and a feeling that they were citizens of a great and noble city or race" (2008, p. 39).

O AT torna-se, com isto, um testemunho interessante sobre a construção identitária num cenário, por si só, muito diversificado. Chama a atenção o facto de se assinalar, de forma reiterada, a convivência de comportamentos de índole religiosa, que logo foram anulados com as reformas de Josias. Estas determinam o "julgamento" a que os reis estão sujeitos ao longo do percurso histórico que estes criadores da tradição veterotestamentária apresentam e, conseqüentemente, a temática dos chamados "livros históricos" (*supra*, 6 a 8), como veremos nos capítulos introdutórios correspondentes.

Colocam-se, naturalmente, alguns problemas a uma leitura crítica destes textos. As suas incongruências, contradições e repetições multiplicam as origens das informações, bem como a cronologia e as hipóteses de interpretação. Este tema, suficientemente tratado na bibliografia geral assinalada no final destas linhas, não é central nesta discussão. Em todo o caso, vale a pena assinalar algumas conclusões sobre a *ordem cronológica* destes textos, ou melhor, das suas elaborações e reelaborações.

A informação mais antiga aqui apresentada pertence ao Livro dos Salmos. Este foi composto ao longo de vários séculos e, como foi comentado no Cap. 4 e na introdução a

este livro (Alves, coord., 2008), a cronologia de cada um destes textos depende da sua leitura crítica. Segue-se o texto do Primeiro Isaías, localizado entre c. 739 e 698 a.C.. Os textos dos Livros dos Reis (1 e 2), Ezequiel, Juízes, 1 Samuel e Segundo Isaías foram datados do séc. VI a.C., enquanto que tanto Êxodo como Génesis são posteriores (sécs. V e IV a.C.). Este breve panorama permite verificar que estamos perante textos cujas informações podem colocar alguns problemas de cronologia, não só da sua redacção, como também das próprias fontes em que se basearam.

Optou-se pela consulta de uma tradução portuguesa baseada no texto hebraico (Alves, coord., 2008), uma vez que está mais próxima do original.

Bibliografia: AAVV, 2008; Barton & Muddiman, 2008; Finkelstein & Silberman, 2011; Lemaire, 1998; Bogaert *et al.*, 1993; Koch, 2003

Edições consultadas: Alves, coord., 2008.

Deuterónimo (Dt.)

Introdução

O título de *Deuterónimo* é atribuído aos LXX, significando "segunda lei" (Bultmann, 2008, p. 135). O título hebraico seria *dēbārîm* ("palavras"), de acordo com o início do Livro: "Estas são as palavras que Moisés dirigiu a todo o Israel [...]" (Dt. 1, 1). A composição do texto abarca um período que vai do séc. VII ao IV a.C., representando a teologia vigente. Esta defende e define a singularidade de Yahweh e do seu culto, bem como os mandamentos que estruturam aquilo que devia ser o comportamento dos "filhos de Israel", bem como dos seus reis, perante a divindade.

É interessante assinalar que, segundo alguns autores (McCarthy, Weinfeld, *apud* Bultmann, 2008, p. 135), o Dt. respeita, aparentemente, os padrões dos tratados próximo-orientais, bem como de leis como as do Código de Hammurabi (*ANET*³, pp. 163-180). Tal como naqueles tratados, representa uma imposição unilateral de condições por parte da entidade que, naquele contexto, detém o poder (cf. Thomson, 1963; *ANET*³, pp. 201-206; 531-541). Por outro lado, em termos de forma e conteúdo, o AT aproxima-se muito dos tratados hititas (Thomson, 1963, pp. 21-23).

A elaboração destas "leis", ou melhor, destas "palavras", parece ser tardia (sécs. V - IV a.C.), mas representa a mentalidade construída a partir das reformas de Josias, expostas em 2Rs. 23, 1-19*, associadas à "descoberta" da Arca da Aliança, que continha parte dos textos (ou mesmo uma outra versão) apresentada nas *Dēbārîm*.

A importância do Dt. neste trabalho resume-se a excertos que referem algumas dessas leis relativamente às outras divindades cultuadas. Os pensamentos expostos neste Livro estruturam e explicam o conteúdo da imagem histórica que encontramos noutros textos do AT (Gn., Jz., 1 e 2Rs., 1 e 2Sm., etc.). Trata-se, portanto, de um documento de extremo interesse para a compreensão da representação do percurso histórico dos "filhos de Israel", na medida em que encerra o ciclo do Pentateuco, introduzindo os "Livros históricos" subsequentes.

Edições consultadas: Alves, coord., 2008.

Bibliografia: Thomson, 1963; *ANET*³; Bultmann, 2008; Alves, coord., 2008

Textos

Dt. 7

(1) "Quando o Senhor, teu Deus, te tiver introduzido na terra da qual vais tomar posse, e tiver desalojado diante de ti povos numerosos: o hitita, o guirgaseu, o amorreu, o cananeu, o perizeu, o heveu e o jebuseu, sete povos maiores e mais poderosos do que tu; **(2)** quando o Senhor, teu Deus, to tiver entregado e tu os tiveres vencido, então, votá-los-ás à destruição. Não farás nenhum pacto com eles nem terás pena deles. **(3)** Não farás alianças de casamento com nenhum deles; não darás a tua filha ao seu filho, nem casarás a sua filha com o teu filho. **(4)** Isso desviaria o teu filho de mim, eles adorariam deuses estranhos e a cólera do Senhor inflamar-se-ia contra vós e vos exterminaria rapidamente. **(5)** Pelo contrário, procedereis assim com eles: destruireis os seus altares, quebrareis os seus monumentos, cortareis os seus postes sagrados e queimareis no fogo os seus ídolos.

Dt. 12

(1) Eis as leis e os preceitos que devereis pôr em prática na terra que o Senhor, Deus de vossos pais, vos deu em propriedade; guardai-os todos os dias da vossa vida.

(2) Destruí todos os santuários, em que os povos, por vós desalojados, tiverem prestado culto aos seus deuses, nos altos montes, nas colinas e debaixo das árvores frondosas.

(3) Derrubai os altares, quebrai os monumentos, queimai os bosques sagrados e abatei as imagens dos deuses; fazei desaparecer daquela terra a sua lembrança.

(4) Não procedereis com o Senhor, vosso Deus, à maneira desses povos; **(5)** só devereis ir invocar ao Senhor, vosso Deus, no lugar que Ele escolher entre todas as vossas tribos para aí firmar o seu nome e a sua morada. **(6)** Apresentareis ali os vossos holocaustos, os vossos sacrifícios, os vossos votos e as primícias do vosso gado graúdo e miúdo. **(7)** Ali é que os consumireis diante do Senhor, vosso Deus, e gozareis, vós e as vossas famílias, de todos os bens que as vossas mãos adquirirem com a benção do Senhor, vosso Deus.

(11) Então, no lugar escolhido pelo Senhor, vosso Deus, para ali estabelecer a sua morada, é que apresentareis tudo quanto vos ordeno: os vossos holocaustos, os vossos

sacrifícios, os vossos dízimos, os tributos das vossas mãos e todas as dádivas escolhidas, que tiverdes prometido ao Senhor.

Dt. 14

(1) Vós sois filhos do Senhor, vosso Deus. Não fareis, pois, incisão alguma no vosso corpo, nem rapareis o cabelo entre os olhos, por um morto. **(2)** Na verdade, sois vós um povo consagrado ao Senhor, vosso Deus, que vos escolheu para si como um povo particular entre os povos da terra.

(3) Não comereis coisa alguma abominável. **(4)** Estes são os animais que podeis comer: o boi, o cordeiro, a ovelha, a cabra, **(5)** o veado, a corça, o gamo, o bode montês, o antílope e o búfalo. **(6)** Podeis comer todos os quadrúpedes que tenham casco dividido em duas unhas distintas uma da outra e sejam ruminantes.

(7) Não comereis, porém, dos que ruminam mas não tenham a unha fendida, isto é, o camelo, a lebre, o coelho, porque ruminam, mas não tenham a unha fendida. Estes serão impuros para vós. **(8)** O porco, porque tem a unha fendida, mas não ruma, será impuro para vós. Não comereis da carne destes animais nem tocareis no seu cadáver. **(9)** De todos os animais que vivem na água, podereis comer todos os que têm barbatanas e escamas; **(10)** mas não comereis o que não tiver nem barbatanas nem escamas; estes serão impuros para vós¹.

[...]

(21) Não comereis nenhum animal morto. Dá-lo-eis a comer ao estrangeiro que residir dentro das portas da vossa cidade, ou vendê-lo-eis aos de fora, porque vós sois um povo consagrado ao Senhor, vosso Deus. Não comereis o cabrito no leite da sua mãe.

¹ Compare-se este texto com Lv. 1 -7 e 9 - 11. Estes últimos foram analisados por M. Douglas (2001).

Êxodo (Ex.)

Introdução

O título original é "Nomes" (*Shemôt*). Êxodo (Ex.) é o título conferido pelos LXX, uma vez que o Livro descreve a fuga do Egito, liderada por Moisés. Nele encontram-se seis etapas claramente definidas: (1) opressão e libertação no Egito (1,1 - 15, 21); (2) Travessia do deserto (15, 22-18, 27); (3) Aliança do Sinai (19, 1 - 24, 18); (4) Código sacerdotal (25,1-31, 18); (5) Renovação da Aliança (32, 1-34, 35) e (6) Código sacerdotal (35, 1-40, 38). Em 4 e 6, estabelecem-se as normas para a construção do santuário, onde se produziu a hierofania (cf. Alves, coord, 2008, p. 99).

Shemôt é um capítulo central na história dos "filhos de Israel", uma vez que relata o percurso para a formação de Israel enquanto entidade individualizada, sob os desígnios de Yahveh (Houston, 2008, p. 66). Este segundo livro do Pentateuco vem no seguimento de Génesis, cujos contornos são enunciados mais adiante, no respectivo capítulo introdutório. Não é possível afirmar que se trata de um livro histórico, uma vez que relata episódios numa perspectiva teológica, em que Yahweh acompanha os seus "súbditos" ao longo de uma sucessão dos episódios supracitados, no contexto de uma autêntica recriação do Passado de uma comunidade que se afirma como independente, através da "aliança" que estabelece com a sua divindade tutelar. Esta, por sua vez, opera na narrativa como o verdadeiro protagonista (*ibid.*, p. 66).

Do ponto de vista cronológico, é possível afirmar que *Shemôt* foi escrito nos finais do séc. VI ou princípios do séc. V a.C.; significa, portanto, que se trata de uma obra escrita a partir de 587 a.C., data aceite para o Exílio. Consequentemente, nas palavras de Walter Houston (2008, p. 68), o Livro "was written to strenghten national feeling and support national identity". No entanto, a análise interna do texto é dificultada pelo facto de não ser possível fazer uma distinção clara entre o "material" original e os acrescentos posteriores. Em todo o caso, parece tratar-se de uma perspectiva desenvolvida por uma elite durante um período de profunda crise identitária.

Para este trabalho, *Shemôt* apresenta uma importância que pode ser analisada a partir de dois pontos de vista: o primeiro, como mensagem destinada a consolidar um sentimento identitário a partir de uma imagem histórica; o segundo, em parte derivado do primeiro, como documento que revela o olhar de uma comunidade (ou de um grupo dentro desta) perante outras.

Esta imagem histórica não passa somente pelo percurso daqueles que são considerados como legítimos antepassados. Passa também pela valorização de um *marcador natural* (o Monte Sinai) que estrutura a memória colectiva e que não é acessível a presenças "profanas". A teofania enquadra-se em esquemas tradicionais do Oriente mas, ao contrário destes, em que a divindade *vive* na colina, Yahweh *desce*, *na forma de uma nuvem*, ao seu cume para transmitir as leis a Moisés.

Outro aspecto valorizado neste trabalho é a ideia, recorrente no AT, de que os "filhos de Israel" não podem "misturar-se" com outras comunidades, uma vez que isso é visto como uma ameaça à exclusividade de Yahweh (cf. Dt. 7*).

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Alves, coord, 2008; Houston, 2008

Textos

Ex. 19

(9) O Senhor disse a Moisés: "Eis que eu venho ter contigo no coração da nuvem, para que o povo oiça o quando Eu falar contigo e também acredite em ti para sempre". E Moisés transmitiu ao Senhor as palavras do povo.

(10) O Senhor disse a Moisés: "Vai ter com o povo, e fá-los santificar hoje e amanhã; que eles lavem as suas roupas. **(11)** Que estejam prontos para o terceiro dia, porque no terceiro dia o Senhor descera aos olhos de todo o povo sobre a montanha do Sinai.

(12) Põe limites ao redor do povo, dizendo: "Livrai-vos de subir à montanha e de tocar os seus limites. Todo aquele que tocar na montanha morrerá. **(13)** Ninguém tocará nela, pois será apedrejado ou atravessado de flechas: seja animal ou homem, não viverá". Quando soar longamente o chifre de carneiro, eles subirão à montanha.

Ex. 34

(15) Não faças aliança alguma com os habitantes desta terra porque, quando se prostituem aos seus deuses e lhes oferecem sacrifícios, poderiam aliciar-te e comerias a

vítimas dos seus sacrifícios; **(16)** poderias também escolher, entre as suas filhas, mulheres para os teus filhos; e essas mulheres, prostituindo-se aos seus deuses, arrastariam os teus filhos, que também se prostituíam a esses deuses.

Ezequiel (Ez.)

Introdução

O profeta Ezequiel nasceu, provavelmente, durante o reinado de Josias, em 620 a.C., iniciando a sua actividade quando tinha, sensivelmente, 30 anos. A sua última profecia data de 570 a.C., o que permite estabelecer um âmbito cronológico preciso, entre c. 590 e 570 a.C.; isto faz com que Ezequiel seja, no essencial, um profeta dos primeiros anos do Exílio a partir de 587 a.C. e ligado ao sacerdócio. O texto veterotestamentário incide, consequentemente, sobre uma temática muito particular, que integra a Lei, a imagem dos erros (ou pecados) cometidos contra Yahweh ao longo do percurso histórico dos "filhos de Israel" e a promessa do regresso à terra natal (cf. Sl., 137)². Não se sabe, porém, onde Ezequiel terá desenvolvido a sua actividade enquanto profeta (cf. Alves, coord., 2008, pp. 1344-1345; Galambush, 2002, pp. 533-537).

Não parece pertinente desenvolver, neste contexto, um comentário mais alargado aos problemas colocados pelo texto (cf., por exemplo, Galambush, 2002 e, sobretudo, Koch, 2003, este último com abundante bibliografia).

Os textos apresentados neste anexo dizem respeito às profecias e lamentações que Ezequiel dirige a Tiro (Ez. 26-28), provavelmente datadas de c. 587 a.C. (Galambush, 2002, p. 552). O primeiro capítulo (Ez. 26) descreve a queda de Tiro e não é aqui transcrito. O segundo (Ez. 27*) descreve Tiro como um barco, transformando, aparentemente, os símbolos da cidade em símbolos de humilhação. O terceiro (Ez. 28*) dirige-se ao rei de Tiro, lançando uma profecia (28, 1-10) e uma lamentação (11-19). De acordo com este texto, a frase "já que te julgas deus" (Ez. 28, 6) parece assinalar o nome

² O texto de Sl. 137 serviu de base ao tema musical intitulado *Rivers of Babylon*, utilizado como elemento identitário das comunidades jamaicanas após a independência nos Anos 60 do séc. XX, com a recuperação de temas relacionados com a escravatura e a origem africana.

de Ittobaal, rei de Tiro entre 590 e 575 a.C. (*ibid.*, p. 533), talvez pela presença de "Baal" no antropónimo.

O último (Ez. 40) faz parte de uma visão de Ezequiel sobre a "casa de Yahweh" a partir do 25º ano do Exílio. Este excerto é de grande importância para a compreensão das unidades de medida comentadas ao longo do texto desta dissertação (cf. Jodin, 1975; Wright, 1985; Dever, 1996; Mayet & Silva, 2000a; Escacena, 2002; Prados, 2010, etc.). Os excertos de Ezequiel são, portanto, documentos importantes para a discussão sobre a localização da Taršiš bíblica e a sua imagem nos inícios do séc. VI a.C., bem como para a criação de uma unidade de medida específica (Ez. 40).

Textos

Ez. 27

(1) Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes termos:

(2) E tu, filho de homem, profere sobre Tiro uma lamentação. **(3)** Dirás a Tiro, cidade que fica junto ao mar, que tem comércio com os povos de inúmeras ilhas: Assim fala o Senhor Deus: Tiro, tu dizias: "Eu sou um navio de uma beleza perfeita". **(4)** O teu domínio está no coração do mar, os teus construtores fizeram de ti uma perfeição.

(5) Com os ciprestes de Senir fizeram as tuas pranchas; para te fazerem um mastro, cortaram um cedro do Líbano. **(6)** Com os carvalhos mais altos de Basan fizeram os teus remos; e com marfim incrustado em cedro das ilhas de Kitim, o teu convés. **(7)** De linho fino do Egípto, bordado, eram as tuas velas que te serviam de estandarte. De púrpura e escarlata das ilhas de Elicha fizeram-te um toldo.

(8) Os habitantes de Sídón e de Arvad foram os teus remadores. E os sábios de Cémer estavam a bordo como pilotos. **(9)** Os anciãos de Guebal e seus artistas lá estavam para reparar-te as avarias. Todos os navios do mar e seus marinheiros estavam perto de ti, para fazerem comércio contigo.

(10) Gente da Pérsia, de Lud e de Put servia na tua armada como gente de guerra. Penduravam em ti o escudo e o capacete, para te enfeitar.

(11) Sobre os teus muros, estavam os filhos de Arvad, os teus soldados, vigiando as tuas torres. Nas tuas muralhas penduravam os seus escudos, dando-te rara beleza.

(12) Társis era tua cliente, aproveitando-se da abundância das tuas riquezas. Com prata, ferro, estanho e chumbo pagava as tuas mercadorias. (13) Javan, Tubal e Méchec comerciavam contigo. Trocavam as tuas mercadorias por homens e utensílios de bronze. (14) Os de Bet - Togarma forneciam-te em troca cavalos de raça, cavalos de sela e mulas. (15) Os filhos de Dedan faziam comércio contigo. Muitas ilhas eram tuas clientes; pagavam-te com marfim e ébano. (16) A Síria negociava contigo, por causa da grande abundância dos teus produtos; pagavam-te com pedras preciosas, púrpura, tecidos tingidos, linho fino, corais e rubi.

(17) Judá e o país de Israel também comerciavam contigo, fornecendo-te em troca o trigo de Minit, cera, mel, azeite e bálsamo. (18) Damasco era teu cliente graças à abundância dos teus produtos e à multidão das tuas riquezas, que ela trocava pelo vinho de Helbon e lã de Sacar. (19) Dan e Javan, depois de Uzal, abasteciam-te de ferro forjado, de cássia e cana aromática, como matéria de permuta.

(20) Dedan fazia comércio contigo de artigos de montaria. (21) A Arábia e os príncipes de Qedar também eram teus clientes, em cordeiros, carneiros e bodes. (22) Os mercadores de Sabá e Rama comerciavam contigo. (23) Haran, Cané e Éden, os comerciantes de Sabá, de Assur e de Quilmad traficavam contigo. (24) Vendiam nos teus mercados ricas vestes, mantos de púrpura, bordados, tecidos de variadas cores, fortes cordas entrançadas.

(25) Os navios de Társis vogavam ao serviço dos teus negócios. Eras poderosa e gloriosa no coração dos mares. (26) Era pelo alto mar que te conduziam os teus remadores. O vento do oriente destroçou-te em pleno mar.

Ez. 28

[Profecia de Ezequiel contra o rei de Tiro]

(1) foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes termos: (2) filho de homem, diz ao príncipe de Tiro³: Eis o que diz o Senhor Deus: Tu te encheste de orgulho, dizendo: “eu sou um deus, estou sentado no trono de Deus, no coração do mar”, não sendo tu um

³ O texto refere-se, provavelmente, a Ithobaal II, bem como à personificação do poder na cidade (segundo nota do tradutor da edição consultada, *ad loc.*)

deus, mas apenas um homem; e, contudo, julgas-te igual a Deus. **(3)** consideras-te mais sábio do que Daniel: nenhum mistério te é obscuro.

(4) Foi pela tua sabedoria e inteligência que adquiriste riqueza e amontoaste ouro e prata em teus tesouros. **(5)** Pela tua perícia para o comércio, acrescentaste as riquezas, e o teu coração ensoberbeceu-se.

(6) Por causa disto, assim fala o Senhor Deus: Já que te julgas deus, **(7)** por isso, eis que farei vir contra ti estrangeiros, os mais bárbaros dos povos. Eles desembainharão a espada contra a tua sabedoria e macularão o teu esplendor. **(8)** far-te-ão descer à cova⁴; morrerás de morte violenta no coração dos mares. **(9)** Dirás ainda, à vista dos teus carrascos: “Eu sou um deus”, quando é evidente que não és senão um homem e não um deus, na mão do teu assassino. **(10)** morrerás da morte dos incircuncisos, aos golpes dos estrangeiros. Sou Eu quem o afirma” – oráculo do Senhor Deus.

[lamentação sobre o rei de Tiro]

(11) Foi-me dirigida a palavra do Senhor, nestes termos: **(12)** Filho de homem, profere uma lamentação sobre o rei de Tiro. Tu lhe dirás: “Assim fala o Senhor Deus: Tu eras um modelo de perfeição, cheio de sabedoria, de uma beleza admirável. **(13)** Estavas no Éden, jardim de Deus; cobrias-te de toda a espécie de pedras preciosas: sardónica, topázio, diamantes, crisólito⁵, ónix, jaspe, safira, carbúnculo e esmeraldas, cravejadas de ouro. Tamborins e flautas estavam ao teu serviço desde o dia em que foste criado. **(14)** Eras um querubim protector, colocado sobre a montanha santa de Deus, caminhavas por entre as pedras de fogo. **(15)** Eras irrepreensível na tua conduta, desde o dia em que nasceste, até àquele em que a iniquidade apareceu em ti.

(16) Com o aumento do teu comércio, o teu íntimo encheu-se de violências e pecados. E, por isso, eu precipitei-te da montanha de Deus e fiz-te perecer, ó querubim protector, no meio das pedras de fogo. **(17)** O teu coração encheu-se de orgulho, por causa da tua beleza. Arruinaste a tua sabedoria, por causa do teu esplendor. Lancei-te por terra e entreguei-te em espectáculo aos reis.

⁴ I.e., destruirão a cidade.

⁵ I.e., Taršiš

(18) Pelas muitas faltas e desonestidades no teu comércio, profanaste o teu santuário. Por isso, fiz sair de ti o fogo para te devorar. Reduzi-te a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplavam. **(19)** Todos os que entre os povos te conheciam, ficaram estupefactos. Tornaste-te objecto de horror e não sobreviverás mais.

Ez. 40

(3) Conduzido a este lugar [uma montanha elevada], vi um homem com o aspecto de bronze: tinha na mão um cordel de linho e uma cana de agridimensor. E estava de pé, à porta.

(5) E eis que um muro exterior formava a cerca do templo. O homem tinha na mão uma cana de medir de seis côvados; cada côvado tinha uma mão a mais que o côvado corrente. Mediu a espessura desta construção e a altura da mesma: cada uma media uma cana⁶.

Ez. 47

(1) Conduziu-me para a entrada do templo, e eis que saía água da sua parte subterrânea, em direcção ao oriente, porque o templo estava voltado para oriente. A água brotava da parte de baixo do lado direito do templo, a sul do altar.

Ez. 48

(8) No limite de Judá, desde a fronteira oriental até à fronteira ocidental, ficará a parte que reservareis antecipadamente, com uma largura de vinte e cinco mil côvados e um comprimento igual à das outras partes de leste a oeste. O santuário ficará no meio.

⁶ Em Ez. 47, 3-5, menciona-se uma corda de medição.

Génesis (Gn.)

Introdução

O título deste livro indica, claramente, qual o seu conteúdo: o nascimento, ou a origem, da Humanidade. As circunstâncias históricas que envolvem a construção dos vários testemunhos veterotestamentários ditaram, em grande medida, a elaboração deste texto. A região onde se insere Israel é um ponto fulcral no cruzamento de várias culturas e no percurso de formação de impérios. Consequentemente, *Génesis* é uma das faces de uma construção original que resulta do cruzamento de informações de várias proveniências e cronologias, que se manifesta na similitude com poemas de criação como *Enuma Elish* ou *Atrahasis* (Alves, coord., 2008, p. 22).

Este conjunto de influências justifica-se pelo vazio histórico existente entre a "criação do mundo" e a origem do povo de Israel (ou, como várias vezes se assinala no AT, dos "filhos de Israel"). O preenchimento desta grande lacuna fez-se, essencialmente, através de uma genealogia que explicava o nascimento dos povos conhecidos da Humanidade e, implicitamente, as suas diferenças. Em todo o caso, o objectivo deste Livro não é, ao contrário de outros (p.ex., Juízes, Samuel, Reis ou Crónicas), apresentar uma visão da história, mas antes reafirmar o domínio de Yahweh sobre o percurso do Homem. É por esse motivo que *Génesis* é uma criação destinada a consolidar a identidade dos indivíduos a quem a sua mensagem se dirigia (cf. Whybray, 2008, pp. 38-39). Apresentando um forte pendor teológico, o *Génesis* é o único texto do AT que não está dominado pela figura de Moisés, mas insere o "eleito" povo de Israel (e, por conseguinte, o seu Deus) num percurso mais vasto que culmina no Exílio. É este evento que delimita, cronologicamente, a elaboração deste capítulo (*ibid.*, pp. 39-40).

Esta questão não está isenta de problemas. A autoria é um deles. Convencionalmente, determinaram-se dois autores, conhecidos pelas siglas J (= Jahvist) e P (= Priestly) que não correspondem a R (Redactor). O primeiro seria o mais antigo (sécs. X-IX a.C.), entanto que o segundo seria "de la época del exilio o del temprano post - exilio" (Koch, 2003, p. 140). O terceiro localiza-se, cronologicamente, entre os sécs. IV e III a.C. (*ibid.*, p. 141); para estas propostas contribuíram várias constatações sobre diferenças formais e contradições do texto (Achtmeier, 1985, p. 1055ss.).

As informações retiradas desta obra restringem-se, neste trabalho, a alguns aspectos pontuais, entre eles a influência dos testemunhos bíblicos na construção de uma imagem historiográfica da Antiguidade e da imagem histórica dos "filhos de Israel" e de Taršiš, que surge em Gn. 10, 4* como filho de Javan. De acordo com o minucioso estudo de M. Koch, esta passagem pode ser atribuída a P. Finalmente, uma das passagens coligidas revelou-se bastante interessante como elemento de comparação com a imagem do *Promontório Sagrado* (Cabo de S. Vicente).

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Koch, 2003; Achtmeier, 1985; Alves, coord., 2008 (introduções); Whybray, 2008.

Textos

Gn. 10

(1) Esta é a descendência dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet. Nasceram-lhe filhos após o dilúvio.

(2) *Filhos de Jafet*: Gómer, Magog, Madai, Javan, Tubal, Méchec e Tirás. **(3)** Filhos de Gómer: Asquenaz, Rifat e Togarma. **(4)** Filhos de Javan: Elicha, Társis, Kitim e Rodanim. **(5)** Deles nasceram os povos que se dispersaram por países e línguas, por famílias e nações⁷.

(6) *Filhos de Cam*: Cuche, Misraim, Put e Canaã. **(7)** Filhos de Cuche: Seba, Havilá, Sabta, Rama e Sabteca. Filhos de Rama: Sabá e Dedan. **(8)** Cuche gerou também Nimerdod, o primeiro homem poderoso na terra. **(9)** Foi um valente caçador diante do Senhor, e daí a expressão: "Como Nimerod, poderoso caçador diante do Senhor".

⁷ E. Dhorme (1932, p. 44-47) assinalou a relação entre Taršiš e Chipre, a partir da referência a Eliša e Kittin (cf. Tsirkin, 1979, p. 559 e 1991), comparando-a com outras passagens veterotestamentárias que colocam estes dois lugares na posição de intermediários de Tiro ou Sídón. Segundo aquele autor, "les Ioniens (Iaman, Yawan) et les Tyriens (fondateurs de Kittim-Kition) s'étaient juxtaposés aux indigènes de l'île d'Alashia. Ainsi les noms d'Elishah et de Kittim sont-ils tout naturellement affiliés à Yawan" (Dhorme, 1932, p. 47). Para outros textos sobre Kition, a monografia de M. Yon (2004) é fundamental. No que toca à Arqueologia peninsular, J. M.^a Blázquez (1975; 2011) e F. Moreno Arrastio (2008), entre outros, defendem uma influência cipriota na cultura material proto-histórica do Sul da Península Ibérica.

(10) O ponto de partida do seu império foi Babel, Erec, Acad e Calné, na terra de Chinear. **(11)** Desta terra foi para Assur, e edificou Nínive, Reobot - Ir, Calá **(12)** e Réssen, entre Nínive e Calá. Esta foi a grande cidade.

(13) Misraim gerou os de Lud, de Aném, os de Leab, os de Naftú, **(14)** os de Patros, os de Caslú, dos quais provieram os Filisteus, e os de Caftor.

(15) Canaã gerou Sídón, o seu primogénito, e Het, **(16)**, assim como o jesubeu, o amorreu, o guirgaseu, **(17)** o heveu, o араqueu e o sineu, **(18)** o arvadeu, o cemareu e o hamateu.

Seguidamente, as famílias cananeias dispersaram-se **(19)** e o território dos cananeus estendeu-se desde Sídón, na direcção de Guerar, até Gaza, e, na direcção de Sodoma, Gomorra, Adina e Seboum, até Lecha. **(20)** São estes os filhos de Cam, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, países e nações.

(21) De Sem, irmão mais velho de Jafet, nasceram também todos os filhos de Eber.

(32) São estas as famílias dos filhos de Noé segundo as suas genealogias e as respectivas nações. Delas descendem os povos que se espalharam, após o dilúvio, sobre a Terra.

Gn. 11

(8) E o Senhor dispersou-os dali por toda a superfície da Terra, e suspenderam a construção da cidade. Por isso, lhe foi dado o nome de Babel, visto ter sido lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da Terra, e foi também dali que o Senhor os dispersou por toda a Terra.

Gn. 28

(10) Jacob saiu de Bercheba e tomou o caminho de Haran. **(11)** Chegou a determinado sítio e resolveu ali passar a noite, porque o sol já se tinha posto. Serviu-se de uma das pedras do lugar como travesseiro e deitou-se.

(12) Teve um sonho: viu uma escada apoiada na terra, cuja extremidade tocava o céu; e, ao longo desta escada, subiam e desciam mensageiros de Deus. **(13)** Por cia dela estava o Senhor, que lhe disse:

"Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. Esta terra, na qual te deitaste, dar-ta-ei, assim como à tua posteridade. **(14)** A tua posteridade será tão numerosa como o pó da terra: estender-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o norte e para o sul, e todas as famílias da Terra serão abençoadas em ti e na tua descendência. **(15)** Estou contigo e proteger-te-ei para onde quer que vás e reconduzir-te-ei a essa terra, pois não te abandonarei antes de fazer o que te prometi."

(16) Despertando do sono, Jacob exclamou: "O Senhor está realmente neste lugar e eu não o sabia!" Atemorizado, acrescentou: "Que terrível é este lugar! Aqui é a casa de Deus, aqui é a porta do céu". No dia seguinte de manhã, Jacob agarrou na pedra que lhe servira de travesseiro e, depois de a erguer como um monumento, derramou óleo sobre ela. **(19)** Chamou a este sítio Betel⁸, quando, originariamente, a cidade se chamava Luz. **(20)** Jacob fez, então, o seguinte voto: "Se Deus estiver comigo, se me proteger durante esta viagem, se me der pão para comer e roupa para me vestir, **(21)** e se eu regressar em paz à casa do meu pai, o Senhor será meu Deus. **(22)** E esta pedra, que eu erigi à maneira de monumento, será para mim casa de Deus, e pagarei o dízimo de tudo quanto Ele me conceder."

Gn. 34

(1) Dina, a filha que Lia dera a Jacob, saiu para travar conhecimento com as raparigas do país. **(2)** Tendo-a visto Siquem, filho de Hamor, o heveu, governador do país, raptou-a e apoderou-se dela, violando-a.

(8) Hamor falou-lhe⁹ nestes termos: "O coração do meu filho Siquém está preso à vossa filha; concedei-lha como esposa, peço-vos. **(9)** Aparentai-vos connosco: dai-nos as

⁸ Bet- El significa, precisamente, "Casa de Deus"

⁹ I.e., a Jacob

vossas filhas e casai com as nossas. **(10)** Habitai connosco e o país ficará à vossa disposição; ficai aqui, explorai o país, estabelecei-vos nele".

(11) Siquém disse ao pai e aos irmãos da jovem: "Possas eu encontrar a vossa benevolência. O que me pedirdes, eu vo-los darei. **(12)** Darei o que pedirdes, por mais elevados que sejam o dote e os presentes; mas dai-me somente a jovem por mulher"¹⁰.

(13) Os filhos de Jacob responderam astuciosamente a Siquém e a Hamor, seu pai, porque tinham ultrajado Dina, sua irmã. **(14)** Disseram-lhe: "Não poderemos agir assim, dando a nossa irmã a um incircunciso; seria uma desonra para nós. **(15)** Só estaremos de acordo convosco, se procederdes como nós, circuncidando todos os varões que estão entre vós. **(16)** Então, dar-vos-emos as nossas filhas e aceitaremos as vossas; habitaremos convosco e formaremos um só povo. **(17)** Mas, se não nos ouvirdes acerca da circuncisão, tomaremos a nossa filha e separar-nos-emos."¹¹

Gn. 35

(6) Jacob chegou, com todos os que o acompanhavam, a Luz, ou seja, Betel, que está no país de Canaã. **(7)** Construiu ali um altar e chamou a esse lugar El-Betel, porque fora ali que o Senhor Deus lhe aparecera, quando fugia por causa do seu irmão. **(8)** Entretanto, morreu Débora, ama de Rebeca, e foi enterrada abaixo de Betel, junto de um carvalho, que foi chamado Carvalho dos Prantos.

¹⁰ Cf. Ex. 22, 16: neste caso, a lei obrigava ao casamento do violador com a sua vítima, pagando o correspondente dote.

¹¹ Foi J.L. Escacena que nos colocou na pista deste interessante excerto, valorizando-o como exemplo de menor permeabilidade das ideologias à transformação, bem como do seu uso enquanto "estandarte identitário", neste caso a circuncisão (2011, p. 166). Não esqueçamos, porém, que o texto de Gn. 34, 13 - 17 representa uma atitude astuta que justifica o massacre dos varões em Gn. 34, 25ss., por parte dos filhos de Jacob, Simeão e Levi, uma vez que, após a circuncisão, os varões sofriam "dores violentas" (Gn. 34, 25). A circuncisão é um sinal de pertença ao povo de Deus (Gn. 17, 10-14) e, como tal, é uma condição necessária para a reprodução de uma ideologia que pretende impor-se. Porém, neste caso concreto, o texto parece ser um alerta para o perigo dos matrimónios mistos. Aliás, ao longo do AT repetem-se exemplos nesse sentido, nomeadamente o casamento de Acab com Jezabel (1Rs. 16, 29 - 33* ou mesmo Ex. 34, 15 - 16*).

(13) Deus desapareceu de junto dele [Jacob] e do lugar em que lhe falara. (14) Jacob levantou um monumento naquele lugar sobre o qual fez uma libação e derramou óleo. (15) E Jacob chamou Betel àquele lugar, no qual Deus conversara com ele.¹²

Isaías (Is.)

Introdução

"Many references in the early part of the book [...] as well as places in 2 Kings where Isaiah is mentioned by name (e.g. 19:2) make it clear that the prophet's life and activity were envisaged as taking place during the last third of the eight century BCE [...]"

Coggins, 2002, p. 433.

O texto profético de Isaías não representa, no seu todo, uma unidade, uma vez que os elementos de Is. 1 - 39 pertencem a um âmbito cronológico aparentemente diferente daquele que pauta os versículos seguintes, justificando a divisão entre Primeiro e Segundo Isaías. Outros autores acrescentam um Terceiro Isaías (cf. Gitay, 1996, p. 459, com bibliografia).

O Primeiro Isaías terá nascido por volta de 760 a.C. (Koch, 2003, p. 76), apresentando-se como um homem ligado aos reis de Judá, nomeadamente de Jotam (739-734 a.C.; 2Rs. 15), Acáz (734-727 a.C.; 2Rs. 16) e Ezequias (727-698 a.C.; 2Rs. 19-20), mantendo com estes uma relação aparentemente independente (Alves, coord., 2008, p. 1166). As informações de Is. 1-39 dizem respeito a este período, uma vez que Judá estava sujeito aos tratados com os seus vizinhos, Israel, Damasco e, posteriormente, a Assíria (Coggins, 2002, p. 433).

A partir de Is. 40, a mensagem é dirigida a um povo instalado na Babilónia, mencionando-se, por duas vezes, o persa Ciro (Is. 44, 28 e 45.1). Considerando que o início do seu reinado se situa em torno de 550 a.C., o texto de Segundo Isaías é, necessariamente, posterior a esta data (*ibid.*, p. 433; Gitay, 1996, p. 459).

¹² Trata-se de uma repetição clara de informações, com o acrescento da libação e da oferenda de óleo. Neste capítulo, Deus diz a Jacob que, a partir daquele momento, se chama Israel, valorizando-se o *lugar* da hierofania na imagem histórica dos "filhos de Israel" (cf. Gn. 28, 21). É provável que o texto justifique uma peregrinação anual posterior, destinada a reforçar esta imagem histórica e, consequentemente, identitária (cf. Whybray, 2008, p. 59-60).

Do ponto de vista da análise proposta neste trabalho, os textos de Isaías assinalam, em duas ocasiões, Taršiš. A primeira (Is. 2, 12-16) refere os navios de Taršiš e a segunda (Is. 23), os mesmos navios e o porto de Taršiš, associando-os, muito provavelmente, aos Tírios. Is. 2 seria um testemunho, na opinião de vários investigadores (citados em Koch, 2003, pp. 77-79), de um nome técnico associado a um tipo de embarcação; por seu turno, a interpretação de Is. 23 é mais discutível, embora ambas se inscrevam no contexto do Primeiro Isaías; parece, porém, que a catástrofe mencionada pelo profeta em Is. 23 diz respeito a um cenário de transição entre os sécs. VIII e VII a.C. (cf. *ibid.*, pp. 79-84).

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Koch, 2003; Gitay, 1996; Coggins, 2002; Alves, coord., 2008; Whybray, 2008

Textos

Is. 2

(12) Porque será o Dia do Senhor do universo, contra todos os arrogantes, contra todos os soberbos e presunçosos,

(13) contra todos os cedros do Líbano, contra todos os carvalhos de Basan,

(14) contra todas as altas montanhas, contra todos os outeiros elevados,

(15) contra todas as torres altas. contra todas as muralhas fortificadas,

(16) contra todas as naus de Társis, contra todos os navios opulentos.

Is. 23

(1) Oráculo contra Tiro: "Gemei, naus de Társis, porque o vosso porto foi destruído". Foi no regresso de Chipre que lhes deram a notícia.

(2) "Ficai estupefactos, habitantes da costa do mar, que negociais com Sídón, que atravessais os mares e enviais mensageiros pelo Oceano".

(3) O grão de Chior, as colheitas do Nilo e o comércio estrangeiro eram as riquezas de Sídón. Ela era o mercado dos povos.

(4) Envergonha-te, Sídón, fortaleza do mar! É o mar quem assim fala: "Eu não dei à luz entre dores, não eduquei rapazes nem raparigas".

(5) Quando o Egipto receber esta notícia sobre Tiro, ficará aterrado.

(6) Regressai a Társis, bradai, habitantes do litoral.

(7) Porventura não é esta a vossa animada cidade de origem tão antiga, que criou colónias em terras longínquas?

(8) Quem tomou esta decisão contra Tiro, cidade que distribuía coroas, cujos negociantes eram como príncipes, e cujos comerciantes eram como nobres da terra?

(9) Foi o Senhor do Universo quem o decretou, para derrubar o orgulho da nobreza, e humilhar os grandes da terra.

(10) Regressa à tua terra, povo de Társis, pois o teu porto já não existe mais.

(11) O Senhor estendeu a sua mão sobre o mar, abalou os reinos e ordenou a destruição das fortalezas de Canaã.

(12) Disse: "não continues a alegrar-te, povo de Sídón [...]. Levanta-te e navega para Chipre. Mesmo ali não terás descanso.

(13) Considera a terra dos caldeus: é um povo que já não existe. A Assíria transformou-o em lugar ermo. Levantaram torres de vigia, demoliram as suas fortalezas e reduziram-na a ruínas. **(14)** Bradai, naus de Társis, porque o vosso porto foi destruído."

Juízes (Jz.)

Introdução

O Livro dos Juízes procura relatar a conquista de territórios antes dos reinados de Israel e da centralização do culto. Enquanto Cananeus e Filisteus procuravam expulsar pequenos grupos de Israelitas do seu territórios, estes lidavam com a falta de um chefe comum (como Josué), capaz de unir todos esses pequenos grupos em torno de um objectivo comum (a defesa perante os ataques dos vários inimigos). O texto de Josué (último chefe, morto em c. 1200 a.C.) retrata, precisamente, a etapa anterior: a chegada a Canaã e a ocupação do território por parte dos "filhos de Israel" (cf. Niditch, 2002).

É interessante assinalar que a representação dos inimigos de Israel (Filisteus, Cananeus, Medianitas, Amonitas e Moabitas) traduzem a relação estabelecida entre o *Eu* e o *Outro*: a tradição manteve a preocupação de identificar o inimigo com um nome, transmitindo a sua imagem através de um discurso canalizado para uma legitimação da pertença a um território (cf. Js. 24). Esta imagem manteve-se, provavelmente e com algumas matizações ou variantes, nas tradições orais que acabaram por ser vertidas para um documento escrito e, por conseguinte, integradas na memória colectiva que se sentia identificada com os principais protagonistas desta narrativa.

Os protagonistas são líderes de pequenos grupos que se protegiam mutuamente, detendo também a função de julgamento (daí o nome de Juízes, baseado na raiz *chamat*, "proteger", "administrar justiça"). O testemunho deste texto é, portanto, interessante no que diz respeito aos mecanismos de consolidação de grupos exógenos num determinado território, no sentido da formação de uma federação composta por "tribos" de origens diversas. A composição do Livro dos Juízes resultou, assim, num conjunto de doze indivíduos que desempenham diferentes funções no conjunto da narrativa: por um lado, os Juízes Maiores, apresentados como salvadores¹³ e, por outro, os Juízes Menores, acrescentados posteriormente na narrativa (Alves, coord., 2008, p. 340)¹⁴.

Tal como outros textos expostos neste anexo, o Livro dos Juízes foi composto durante ou pouco tempo depois do Exílio, o que explica, em boa medida, a estruturação

¹³ Oteniel (Jz. 3, 7-11), Jefté (11, 1-40), Eúde (3, 12-30), Débora e Barac (4, 1-5, 32), Gedeão (6, 11-8, 35), Jefté (11, 1-40) e Sansão (13, 1-16, 31).

¹⁴ Chamegar (3, 31), Tola (10, 1-2), Jair (10, 3 - 5), Ibsan (12, 8-10), Elon (12, 11-12) e Abdon (12, 13-15).

da narrativa, que parece compilar elementos de várias proveniências, conferindo-lhe "uma unidade teológica a todo o livro, que passou de uma amálgama de histórias locais a um livro de carácter nacional" (Alves, coord., 2008, p. 241). Nesta composição, repetem-se as fórmulas já assinaladas (*supra*, introdução ao AT), dominando o grau de (des)respeito pela Aliança ao longo de todo o texto.

Assim, devemos apontar que o Livro de Josué, que relata o processo anterior de conquista, embora com uma certa lógica de ordenamento geográfico do discurso, coloca sérios problemas de interpretação. Estes problemas, expostos por I. Finkelstein e N. Silberman (2011, p. 81ss.) dizem respeito à falta de confirmação arqueológica das conquistas descritas neste texto. O registo arqueológico revela, pelo contrário, uma forte influência do Egipto em Canaã durante todo o séc. XIII a.C. e primeiro quartel da centúria seguinte, correspondendo a parte do período em que terá vivido Josué (*ibid.*, p. 88). Os textos egípcios deste período não mencionam qualquer tipo de quezília com outros grupos, o que, de facto, é estranho e contradiz a saída do Egipto. "La única mención independiente del nombre de Israel en este periodo - la victoria registrada en la estela de Merneptah - se limita a anunciar que este pueblo, por lo demás ignoto, que vivía en Canaã, había sufrido una aplastante derrota" (*ibid.*, p. 88).

Estamos, uma vez mais, perante uma imagem histórica deturpada pela realidade e pensamento de um tempo posterior aos eventos. Na análise destes textos sobressai, porém, um testemunho fidedigno dos avatares de uma construção de identidades baseada na diversidade. A procura de uma "pureza" conduziu, por exemplo, à condenação dos matrimónios contraídos entre homens da entidade que protagoniza o relato (os "filhos de Israel") e mulheres dos outros povos quando aqueles habitavam "no meio dos Cananeus", uma vez que tal opção tinha como consequência a adoração de outros deuses (Jz. 3,5 - 7*; cf. Ex. 34, 15-16*). Neste contexto, o texto de Jz. 6, 25 - 31* constitui um excelente exemplo do modo como a destruição de símbolos associados a outras comunidades é fundamental para a afirmação de uma nova ideologia dominante, mesmo que consideremos que estas situações podem ser inventadas.

No que diz respeito a este trabalho, parece evidente que o Livro dos Juízes é um testemunho de extremo interesse a partir do qual é possível colocar questões sobre a manipulação da imagem histórica de um grupo no sentido de promover a existência de uma identidade comum que permitisse, através dos erros do passado (expostos, por exemplo, em Jz. 8, 24-27* e em todo o percurso dos reis de Israel e Judá), uma unificação face ao inimigo. Esta identidade é construída em torno de uma genealogia e

de uma divindade, com as quais esse grupo deveria sentir-se identificado. Finalmente, parece evidente que, ao longo de todo o relato, apontam-se elementos que permitem pensar na impossibilidade de uma identidade "pura", visto que o próprio texto revela o medo sentido em relação a um fenómeno perfeitamente comum: o surgimento de ideologias "mistas" que resultam da negação entre as entidades envolvidas e, ao mesmo tempo, de uma aproximação, de uma interpenetração.

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Niditch, 2002; Alves, coord., 2008, p. 340; Finkelstein & Silberman, 2011

Textos

Jz. 3

(5) Assim, os filhos de Israel habitaram no meio dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos perizeus, dos heveus e dos jebuseus. (6) Tomaram por esposas as filhas deles e deram-lhes as suas em casamento; e prestaram culto aos seus deuses.

(7) Os filhos de Israel praticaram o mal aos olhos do Senhor; esqueceram-se do Senhor, seu Deus, e serviram os ídolos do deus Baal e da deusa Achera¹⁵.

Jz. 6

(25) Naquela mesma noite, o Senhor disse a Gedeão: "toma um touro gordo e um segundo touro de sete anos; derruba o altar de Baal que é de teu pai, e corta a árvore sagrada que está junto dele. (26) Construirás depois um altar bem preparado em honra do Senhor teu Deus, no cimo desta rocha firme. Tomarás, então, o segundo touro e oferecê-lo-ás em holocausto sobre a madeira da árvore sagrada que cortaste."

¹⁵ Um pouco antes (Jz. 2, 11) repete-se a mesma fórmula ("os filhos de Israel..."), embora mencionando somente Baal. G.E. Wright (1961, p. 172) assinala que o texto refere *Baalim*, i.e., Baals, indicando uma multiplicidade desta divindade que adquire vários nomes como "Senhor" de alguma cidade ou lugar. Neste caso, a tradução portuguesa parece ter entendido este elemento como um conjunto de ídolos e não as variantes de uma mesma divindade.

(27) Tomou, pois, Gedeão dez homens entre os seus servos, e fez como lhe disse o Senhor. E, como receava a família de seu pai e os homens da cidade, se fizesse isso de dia, fê-lo durante a noite.

(28) Ao levantarem-se de manhã cedo, os homens da cidade viram que o altar de Baal estava demolido, cortada a árvore sagrada e o segundo touro imolado sobre o altar que havia sido construído. **(29)** Disseram então uns para os outros: "Quem fez isto?" Tendo inquirido e procurado informações, disseram: "foi Gedeão, o filho de Joás, que fez isto!"

(30) As pessoas da cidade diseeram, pois, a Joás: "Manda sair o teu filho, para ser morto, pois derrubou o altar de Baal e cortou a árvore sagrada que estava junto dele".

(31) Joás disse a todos os que estavam junto de si: "Sois vós, acaso, os defensores de Baal? É a vós que compete vir em seu socorro? Quem luta por ele deverá ser morto até ao amanhecer! Se Baal é um deus, que seja ele próprio a defender a sua causa, pois Gedeão destruiu o seu altar!"

Jz. 8

(24) Disse-lhes ainda Gedeão: "Queria fazer-vos um único pedido: dai-me, cada um de vós, um anel dos vossos despojos!" Pois eles, como ismaelitas que eram, usavam anéis de ouro.

(26) Ora o peso dos anéis de ouro que ele pediu foi de mil e setecentos siclos de ouro¹⁶, sem contar os crescentes, os brincos e as vestes de púrpura que os reis de Madan vestiam. E sem contar os colares que andavam no pescoço dos seus camelos. **(27)** Com eles, Gedeão fez um ídolo e expô-lo na sua cidade de Ofra. Todo Israel ia ali prestar-lhe culto, o que veio a ser a ruína de Gedeão e da sua casa.

¹⁶ I.e., cerca de vinte kg (1 siclo = 12g)

Jz. 10

(6) Os filhos de Israel continuaram a fazer o mal diante do Senhor: adoraram os ídolos de Baal e de Astarté, os deuses da Síria, de Sídón, de Moab, assim como os deuses dos Amonitas e dos Filisteus. Abandonaram o Senhor, negando-se a servi-lo.

1 e 2 Reis (Rs.)

Introdução

Os *Livros dos Reis*¹⁷ relatam o percurso histórico de Israel e Judá entre o reinado de Salomão e o Exílio (c. 961-560 a.C.). O discurso destes textos apresenta uma mensagem teológica que estrutura as representações dos reis que respeitam, ou não, aquilo que justo e recto aos olhos de Yahweh. Este aspecto faz com que 1 e 2Rs. sejam documentos de extremo interesse para a relação estabelecida pelos vários reis com os cultos que se praticavam durante este período, destacando-se os rituais praticados nos *lugares altos* (*bāmôt*), os ídolos e alguns sacrifícios. Um dado importante é, por exemplo, a destruição dos símbolos associados a outras comunidades ou, pelo menos, a sistemas ideológicos diferentes, apresentada como a "linha justa" de uma realeza que devia prestar um culto exclusivo a Yahweh. Isto justifica a importância que é conferida ao templo, construído por Salomão e Hiram de Tiro, no conteúdo deste documento.

No que diz respeito à *forma*, regista-se uma clara repetição temática ao nível da apresentação das personagens representadas: (1) referência cronológica sincrónica (Israel e Judá); (2) Duração do reinado; (3) nome da rainha mãe (nos reinados de Judá); (4) "julgamento" do comportamento do rei em relação ao (in)cumprimento dos desígnios de Deus. Nas conclusões, assinala-se (5) a fonte de informação; (6) a morte do rei; (7) enterramento "com os pais" (reis de Judá) e, finalmente, (8) apresentação do sucessor ao trono (Dietrich, 2008: 232). Esta forma faz com que o discurso oscile entre um rei que "fez o que é recto aos olhos do Senhor" e outro que " fez o mal aos olhos do

¹⁷ A divisão em dois livros deve-se à tradução dos LXX.

Senhor". Estas expressões devem ser entendidas no contexto da mensagem teológica supracitada, bem como nas leis apresentadas no Deuteronomio.

Uma análise da descrição das reformas religiosas de Josias, claramente associadas à "descoberta" da Aliança no templo, mas sem confirmação arqueológica consistente (Fried, 2002), permite pensar que a imagem histórica é transmitida com base num olhar condicionado por esse processo. Ao tomar conhecimento do conteúdo do livro da Aliança, Josias é apresentado como um rei que se apercebe do desrespeito que os seus antecessores tiveram perante os desígnios de Yahweh. O discurso, claramente deuteronomista, permite assinalar que a elaboração definitiva deste texto é posterior a 587 a.C., com a destruição do templo de Jerusalém e o subsequente exílio (Meyers & Rodgerson, 2008, p. 111). Resulta, portanto, de um processo claramente posterior aos acontecimentos narrados, que estabelece um juízo de valor sobre a documentação histórica consultada ou, se preferirmos, sobre os Anais dos reis de Israel e Judá (cf. Dietrich, 2008, p. 263, com bibliografia).

No que a este trabalho diz respeito, os excertos seleccionados assinalam questões relativas à celebração de cultos em Canaã, bem como à relação, muito provavelmente desigual, entre Hiram de Tiro e Salomão (Ruiz & Wagner, 2005).

Edições consultas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Fried, 2002; Dietrich, 2008; Meyers & Rodgerson, 2008; Ruiz & Wagner, 2005

Textos

1Rs. 3

(1) Salomão tornou-se genro do faraó, rei do Egipto, desposando a sua filha, que instalou na cidade de David até que acabasse de construir a sua própria casa e a do Senhor, assim como a muralha à volta de Jerusalém. **(2)** O povo, esse, continuava a oferecer sacrifícios nos *lugares altos*, pois até à data não se tinha levantado ainda uma casa ao nome do Senhor.

(3) Salomão amava o Senhor, seguindo os preceitos de seu pai David; mas era ainda nos lugares altos que ele oferecia os sacrifícios e queimava o incenso. **(4)** Foi para isso que o rei se dirigiu a Gibeon, para aí oferecer um sacrifício, uma vez que era o principal lugar alto; e ali Salomão ofereceu em holocausto mil vítimas.

1Rs. 6

(1) No ano quatrocentos e oitenta após a saída dos filhos de Israel do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel, no mês de Ziv, que é o segundo mês do ano, começou a edificar-se o templo do Senhor. **(2)** O templo que o rei Salomão construiu ao Senhor media sessenta côvados de comprimento, vinte de largura e trinta de altura.

(3) O pórtico à entrada media vinte côvados de comprimento no sentido da largura do templo e dez côvados de largura, no sentido do prolongamento do templo. **(4)** Colocou no templo janelas com grades de madeira. **(5)** Encostados aos muros do templo, mesmo à volta, construiu andares que rodeavam os muros do templo, o pórtico e o santuário; deste modo cercou toda a casa de andares laterais.

(9) Tendo acabado de construir o templo, Salomão adornou-o com tábuas e forro de cedro. **(10)** Levantou andares à volta de todo o edifício, com cinco côvados de altura cada um, e ligou-os ao templo por traves de cedro.

(11) Então a palavra do Senhor foi dirigida assim a Salomão: **(12)** "Por estares a construir este templo, se guardares as minhas leis, cumprires os meus mandamentos e observares todos os meus preceitos, guiando-te por eles, cumprirei em ti todas as promessas que fiz a teu pai David. **(13)** Habitarei no meio dos filhos de Israel, sem nunca abandonar Israel, meu povo.

(14) Salomão acabou de edificar o templo.

(16) Em seguida revestiu com placas de cedro, desde o solo aos tectos, o espaço de vinte côvados que forma o fundo do templo. Ele transformou o interior do edifício em lugar santíssimo, o Santo dos Santos. **(17)** Os restantes quarenta côvados, esses constituíam a parte interior do templo. **(18)** Todo o interior do edifício era revestido de cedro em tábuas entalhadas com flores e frutos; tudo era de cedro, não se via pedra alguma.

(19) Construiu o santuário ao fundo, no interior do templo, para colocar lá a Arca da aliança do Senhor. **(20)** O santuário media vinte côvados de comprimento, vinte de largura e vinte de altura. Salomão fez um altar de madeira de cedro para a frente do santuário **(21)** e revestiu de ouro todo o interior do templo; diante do santuário, que também estava revestido de ouro puro, havia umas correntes de ouro. **(22)** Revestiu de ouro fino todo o edifício de alto a baixo e recobriu também de ouro o altar que estava diante do santuário.

1Rs. 8

(27) Será que Deus poderia mesmo habitar sobre a terra? Pois se nem os céus nem os céus dos céus te conseguem conter! Quanto menos este templo que eu edifiquei?

(28) Mesmo assim, atende, Senhor, meu Deus, a oração e as súplicas do teu servo. Escuta o grito e a prece que o teu servo hoje te dirige.

(29) Estejam os teus olhos abertos dia e noite sobre este templo, sobre este lugar do qual disseste "está aqui o meu nome"; Ouve a oração que o teu servo te faz neste lugar.

1Rs. 9

(10) Passados, pois, os vinte anos durante os quais Salomão construiu as duas casas, o templo do Senhor e o palácio do rei, **(11)** Hiram, rei de Tiro, fornecera-lhe as madeiras de cedro e de cipreste, e ouro quanto ele quis - então o rei Salomão deu a Hiram vinte cidades na terra da Galileia. **(12)** Hiram saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe tinha dado; mas não lhe agradaram. **(13)** e disse: "que cidades me tinhas tu de dar, meu irmão!" E chamou-lhes terra de Cabul, nome que lhes ficou até ao dia de hoje. **(14)** Hiram enviou ao rei cento e vinte talentos de ouro.

1Rs. 10

(18) O rei [Salomão] mandou fazer também um trono de marfim, revestido de ouro fino.

(19) Esse trono tinha seis degraus; a parte superior, o dossel, era redondo; de cada lado do assento havia dois braços; ao lado dos braços, dois leões; **(20)** de cada lado dos seis degraus, outros doze leões. Nada de semelhante jamais fora feito em nenhum outro reino.

(21) Todas as taças do rei Salomão eram de ouro e de ouro fino eram igualmente todas as taças da floresta do Líbano; nenhuma era de prata; esta não tinha qualquer valor nos tempos de Salomão.

(22) O rei tinha no mar uma frota de naus de Társis a navegar com a frota de Hiram¹⁸; de três em três anos chegavam de Társis os navios carregados de ouro e prata, de dentes de elefante, macacos e pavões.

1Rs. 11

(1) O rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras: a filha do Faraó e além disso moabitas, amonitas, edomitas, sidónias e hititas. **(2)** Eram oriundas de povos de quem o Senhor dissera aos filhos de Israel: "não tomareis para vós nem eles se casarão com as vossas, porque certamente haviam de perverter os vossos corações, arrastando-os para os seus deuses." Foi precisamente a estes povos que Salomão se ligou, por causa dos seus amores. **(3)** Teve setecentas esposas de sangue nobre e trezentas concubinas. Foram as suas mulheres que lhe perverteram o coração.

(4) Na idade senil de Salomão, as suas mulheres desviaram-lhe o coração para outros deuses; e assim o seu coração já não era inteiramente do Senhor, seu Deus, contrariamente ao que aconteceu com David, seu pai. **(5)** Foi atrás de Astarté, deusa dos sidónios, e de Milcom, abominação dos amonitas.

(6) Salomão fez o mal aos olhos do Senhor e não seguiu inteiramente o Senhor, como David, seu pai. **(7)** Por essa altura, ergueu Salomão um lugar alto a Camós, deus de

¹⁸ Existem dúvidas em relação à tradução desta passagem. Segundo M. Koch, a tradução de אני חדשיש é ambígua, uma vez que permite traduzir por "navio até Taršiš" ou "navio de Taršiš" (Koch, 2003, p. 49). O autor apresenta uma discussão extremamente interessante desta passagem (*ibid.*, p. 39 - 65).

Moab e a Moloc, ídolo dos amonitas, sobre o monte que fica mesmo em frente de Jerusalém. **(8)** E fez o mesmo por todas as suas mulheres estrangeiras, que queimavam incenso e sacrificavam aos seus deuses.

(9) O Senhor irritou-se contra Salomão, pois o seu coração se afastara do Senhor, deus de Israel, que se lhe tinha revelado por duas vezes, **(10)** e lhe ordenou sobre estas coisas para não seguir os deuses estrangeiros. Ele, porém, não cumpriu o que o Senhor lhe prescrevera. **(11)** Então o Senhor disse-lhe: "já que procedeste assim e não guardaste a minha aliança nem as leis que te prescrevi, vou tirar-te o reino e vou dá-lo a um dos teus servos.

1Rs. 14

(23) Edificaram para si lugares altos e monumentos de Achera sobre todas as altas colinas e debaixo de todas as árvores frondosas. **(24)** Houve mesmo prostituição sagrada no país; procederam segundo todas as abominações dos povos que o Senhor tinha expulsado para longe da face de Israel.

1Rs. 15

(11) Asa¹⁹ fez o que é recto aos olhos do Senhor, como seu pai David. **(12)** Expulsou do país a prostituição sagrada e suprimiu todos os ídolos que os seus pais tinham feito. **(13)** Chegou mesmo a privar sua mãe Maaca da função de rainha-mãe, por ter levantado um ídolo de Achera; Asa arrancou esse ídolo infame e queimou-o no vale de Cédron.

(14) Mas os lugares altos não desapareceram. Mesmo assim, o coração de Asa manteve-se íntegro diante do Senhor durante toda a sua vida. **(15)** Levou para o templo do Senhor todos os objectos sagrados oferecidos por seu pai e por ele mesmo, a prata, o ouro e os utensílios.

¹⁹ Reinou em Judá entre 912 e 871 a.C.

1Rs, 16

(29) No trigésimo oitavo ano de Asa, rei de Judá, Acab, filho de Omeri, tornou-se rei de Israel. Acab, filho de Omeri, reinou em Israel, na Samaria, durante vinte e dois anos²⁰.

(30) Acab, filho de Omeri, fez o mal diante dos olhos do Senhor, mais do que todos os seus predecessores. **(31)** E, como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nafat, ainda tomou por esposa Jezabel, filha de Etbaal, rei de Sídón; e foi prestar culto a Baal, prostrando-se diante dele. **(32)** Ergueu um altar a Baal no templo de Baal, que construiu em Samaria. **(33)** Acab fez também uma Achera²¹, aumentando a ira do Senhor, deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel, seus predecessores²².

1Rs 18

(16) Partiu, pois, Abdias para junto de Acab e avisou-o²³. Acab saiu ao encontro de Elias. **(17)** Quando Acab viu Elias, disse-lhe: "és tu, a ruína de Israel?"

(18) Respondeu-lhe Elias: "Não, eu não sou a ruína de Israel. Pelo contrário, tu e a casa do teu pai é que o sois, por terdes abandonado os preceitos do Senhor para seguirdes os ídolos de Baal. **(19)** Convoca, pois, junto de mim, no monte Carmelo, todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal mais os quatrocentos profetas de Achera, que comeram à mesa de Jezabel"²⁴.

(30) Foi então que Elias disse a todo o povo: "aproximai-vos de mim". E todo o povo se aproximou dele. Elias reconstruiu logo o altar do Senhor que tinha sido demolido. **(31)** Tomou doze pedras, segundo o número das tribos de Jacob, a quem o Senhor dissera: "chamar-te-ás Israel".

²⁰ Isto é, entre 875 - 853 a.C., segundo a edição consultada.

²¹ Divindade cananeia que é assinalada nos textos de Ugarit e é representada como uma árvore ou tronco sagrado (1Rs. 15, 13; 2Rs. 23, 15; 2Cr. 14, 2; Is. 17, 8).

²² Cf. Fl. Jos. VIII, 138*

²³ O texto refere-se ao encontro entre Elias e Acab, que dá início à sequência da recusa de Baal no Monte Carmelo.

²⁴ Note-se que, segundo o relato, Jezabel mandara matar os profetas de Yaveh (1Rs., 18, 13). Abdias surge aqui como um crente que escondeu cem profetas em duas cavernas, cinquenta em cada uma, e alimentando-os a pão e água.

2Rs. 10

(25) Terminados os holocaustos [a Baal]²⁵, Jeú ordenou aos guardas e aos oficiais: "Entrai e matai-os! Não deixeis escapar nenhum!" E, assim, foram todos passados a fio de espada. Os guardas e oficiais lançaram fora os cadáveres, penetraram no santuário do templo de Baal, (26) retiraram o ídolo e queimaram-no. (27) Derrubaram a estela de Baal e destruíram o templo, transformando-o em cloacas, que ainda hoje existem.

(28) Desta forma, Jeú exterminou de Israel o culto de Baal. (29) Todavia, não se desviou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que fizera pecar Israel; não se afastou deles, pois não derrubou os bezerros de ouro de Betel e de Dan.

2Rs. 23

(1) O rei [Josias]²⁶ mandou vir à sua presença todos os anciãos de Judá e de Jerusalém, (2) e subiu ao templo do Senhor com todos os homens de Judá e todos os habitantes de Jerusalém, sacerdotes, profetas e todo povo, pequenos e grandes. Leu, então, diante de todos, as palavras do *Livro da Aliança*, descoberto no templo do Senhor²⁷.

(3) Pondo-se de pé sobre o estrado, o rei renovou a aliança na presença do Senhor, comprometendo-se a seguir o Senhor, a observar os seus mandamentos, as suas instruções e os seus preceitos, com todo o seu coração e com toda a sua alma, e a cumprir todas as palavras da aliança contidas neste livro. Todo o povo concordou com esta aliança.

(4) O rei ordenou, depois, ao Sumo Sacerdote Hilquias, aos sacerdotes de segunda ordem e aos porteiros que tirassem do templo do Senhor todos os objectos fabricados para o culto de Baal, de Achera e de todo o exército dos céus; mandou-os queimar fora de Jerusalém, no vale de Cédrón e levar as cinzas para Betel. (5) Destituiu os falsos sacerdotes postos pelos reis de Judá a fim de oferecerem o incenso nos lugares altos, nas

²⁵ O texto integra-se numa passagem referente à exterminação do culto de Baal por Jeú, rei de Israel (841 – 813). Este convocou os adoradores de Baal para eliminá-los com oitenta homens (2Rs. 10, 15-30; cf. J., A.J. IX, 136). De acordo com a leitura de H.J. Katzenstein (1991, p. 189), é provável que Baal corresponda a Melqart, partindo da leitura de Flávio Josefo (A.J. IX, 138 e 154), que assinala Baal como "deus dos tírios". Assim, o facto de se reunirem no templo os adoradores de Baal, distribuídos por vários lugares, indica que o culto se praticava em Samaria e fora dela.

²⁶ 640-609 a.C.

²⁷ Cf. 2Rs., 22.3 – 20, que refere este "achado" e a consulta da profetisa Hulda.

cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém. E também os sacerdotes que ofereciam o incenso a Baal, ao Sol, à Lua, aos signos do zodíaco e a todo o exército dos céus.

(6) Mandou tirar do templo do Senhor o tronco de Achera e levá-lo para fora de Jerusalém, para o vale de Cédron, onde o queimaram. Depois, mandou lançar a sua cinza no sepulcro comum do povo.

(7) Destruiu os lugares de prostituição idolátrica do templo do Senhor, onde as mulheres teciam véus para Achera. **(8)** Convocou todos os sacerdotes das cidades de Judá, profanou os lugares altos onde os sacerdotes queimavam o incenso, desde Gueba até Bercheba, e destruiu o lugar alto das portas, à entrada da casa de Josué, prefeito da cidade, que ficava à esquerda da porta da cidade.

(9) Contudo, os sacerdotes dos lugares altos não subiam ao altar do Senhor em Jerusalém, mas comiam os pães ázimos junto com os seus irmãos. **(10)** Profanou também o crematório, no vale do filho de Hinom, a fim de que ninguém fizesse passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha em honra de Moloc.

(11) Fez desaparecer também os cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao Sol, à entrada do templo do Senhor, junto da casa do eunuco Natan - Mélec, nas dependências, e queimou o carro do Sol. **(12)** O rei derrubou os altares construídos pelos reis de Judá no terraço da residência de Acaz, e os que Manassés erigira nos dois átrios do templo do Senhor; quebrou-os e lançou o entulho na torrente do Cédron.

(13) O rei profanou igualmente os lugares altos situados em frente de Jerusalém, à direita do monte da perdição; Salomão, rei de Israel, erguera-os em honra de Astarté, ídolo abominável dos sidónios, e de Camós, ídolo abominável dos amonitas.

(14) Quebrou as estátuas, cortou os troncos sagrados e encheu o lugar de ossos humanos.

(15) Destruiu, igualmente, o altar de Betel e o lugar alto que edificara Jeroboão, filho de Nabat, que fez pecar Israel. Destruiu-os, queimou e reduziu a cinzas o lugar alto, incendiando igualmente o tronco de Achera.

(16) Josias, viu em torno de si os sepulcros que havia na colina; mandou tirar os ossos dos sepulcros e queimou-os no altar, profanando-o, segundo a palavra que o Senhor

pronunciara pelo homem de Deus que anunciou estas coisas. **(17)** E o rei perguntou: "que monumento é esse que vejo?" Os habitantes da cidade responderam-lhe: "é o sepulcro do homem de Deus, que veio de Judá, e anunciou tudo o que fizeste ao altar de Betel." **(18)** Então, o rei disse: "deixai em paz os seus ossos". E os seus ossos ficaram intactos, juntamente com os ossos do profeta que viera da Samaria.

(19) Josias destruiu, assim, todos os lugares altos, que se encontravam nas cidades da Samaria, e que os reis de Israel erigiram para irritar o Senhor. Fez deles o que tinha feito do altar de Betel. **(20)** Todos os sacerdotes dos lugares altos que ali havia, sacrificou-os sobre os altares, e queimou ossos humanos sobre eles. Depois, voltou para Jerusalém.

Salmos (Sl.)

Introdução

Os salmos eram, por norma, uma "oración o petición a favor del nuevo rey en su entronamiento o en la celebración anual de su subida al trono" (Koch, 2003, p. 114). O título hebraico (*mizmorôt*) pode ser traduzido por "cânticos" e, em Grego, por *psalmoi* (ψαλμοι). Trata-se de um conjunto bastante heterogêneo de *mizmorôt* repetidos ao longo de várias gerações, podendo, eventualmente, ter sofrido alguns acrescentos ou transformações na sua transmissão. Por conseguinte, é impossível estabelecer uma cronologia geral para cada um destes salmos, a não ser que sejam analisados individualmente, mas estes textos são vistos como uma criação de David e relacionam-se, na sua maioria, com o culto. Esta relação faz com que a maioria dos salmos seja anterior ao Exílio e que possam remontar ao tempo de David e, inclusive, à poesia religiosa de Canaã (Alves, coord., 2008, p. 838).

No seu conjunto, o Livro dos Salmos é composto por cento e cinquenta textos. Estes podem ser divididos do seguinte modo²⁸:

1. Salmos de louvor ou hinos, utilizados na liturgia e em festas;

²⁸ Não se procede a uma enumeração exaustiva dos salmos correspondentes a cada tipo, excepto os que são referidos neste anexo (cf. Alves, coord., 2008, p. 839 - 840).

2. Salmos individuais: subdividem-se em (2.1) s. de súplica, (2.2) de confiança e (2.3) de acção de graças; como o próprio nome indica, dizem respeito ao indivíduo;
3. Salmos colectivos: apresentam a mesma subdivisão do anterior e dizem respeito à comunidade;
4. Salmos didácticos: destinam-se à reflexão e podem ser subdivididos em (4.1) s. históricos e (4.2) s. rituais;
5. Salmos reais: dizem respeito, essencialmente, à realeza e exacerbam a sua função e importância para o povo.

Sl. 48 integra-se na primeira categoria. Sl. 106, por seu turno, pertence à terceira. Sl. 72, dedicado a Salomão, à quinta. Neste, a prece é dirigida à função da realeza como instrumento de justiça, de protecção do povo contra os opressores, bem como à exacerbação do seu poder. O texto seleccionado para este anexo (Sl. 72, 8 - 11) revela a tendência de universalidade do poder da figura do Rei, relacionável com a Inscrição de Assarhadon*, não só pela referência a Taršiš, mas também pelo modo como esta paisagem parece ser utilizada como limítrofe.

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: Alves, coord., 2008; Koch, 2003.

Textos

Sl. 48

(1) *Cântico. Salmo dos filhos de Coré.*

(2) Grande é o Senhor e digno de louvor, na cidade do nosso Deus, no seu monte santo.

(3) Belo em altura, alegria de toda a terra, o monte Sião, nas alturas do Norte, é a cidade do grande rei. **(4)** No meio das suas fortalezas, Deus mostrou-se um refúgio seguro.

(5) Eis que os reis se coligaram e juntos atacaram a cidade. **(6)** Mal a viram, ficaram aterrados, perturbaram-se e puseram-se em fuga. **(7)** Ali mesmo apoderou-se deles o medo, uma angústia como a mulher que dá à luz; **(8)** era como o vento leste, que destroça as naus de Társis.

(9) Como nos contaram, assim o vimos na cidade do Senhor do universo, na cidade do nosso Deus. Deus consolidou-a para sempre! **(10)** Meditamos, ó deus, sobre o teu amor, no interior do teu templo. **(11)** Como o teu nome, ó Deus, assim o teu louvor chega aos confins da terra; a tua direita está cheia de justiça.

(12) O monte Sião alegra-se, as cidades de Judá exultam, porque as tuas decisões são justas. **(13)** Percorrei Sião, caminhai em seu redor e contaí as suas torres; **(14)** fixai a vossa atenção nas suas muralhas, contemplai os seus palácios, para poderdes narrar às gerações futuras **(15)** que este é o nosso Deus, pelos séculos sem fim. É ele o nosso Deus.

Sl. 72

(8) [O rei] Dominará de um ao outro mar, do grande rio até aos confins da terra. **(9)** Diante dele se curvarão os inimigos e os seus adversários hão-de prostrar-se por terra.

(10) Os reis de Társis e das ilhas oferecerão tributos²⁹; os reis de Sabá e de Seba trarão suas ofertas. **(11)** Todos os reis se prostrarão diante dele; todas as nações o servirão.

Sl. 106

(28) [Os filhos de Israel] entregaram-se depois a Baal Peor e comeram os sacrifícios oferecidos aos mortos. **(29)** Provocaram-no com os seus crimes; por isso, a peste irrompeu entre eles.

(34) Não exterminaram os povos pagãos, como o Senhor lhes tinha ordenado; **(35)** em vez disso, misturaram-se com esses povos e aprenderam os seus costumes. **(36)** Prestaram culto aos seus ídolos, que foram para eles uma armadilha. **(37)** Imolaram os seus filhos e as suas filhas em sacrifício aos demónios. **(38)** Derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e filhas sacrificados aos ídolos de Canaã.

²⁹ Esta tradução concorda com a interpretação de M. Koch (2003, p. 111). Outras propostas de tradução, baseadas nos LXX, apresentam "os reis de Taršiš e as ilhas".

1 e 2 Samuel (Sm.)

Introdução

Os fragmentos que fazem parte de todo este conjunto apresentam cronologias muito diversificadas, que podem ir do séc. III ao I a.C.; o conteúdo dos livros diz respeito aos reinados de Samuel, Saul e David e, aparentemente, é homogéneo. Porém, algumas ambiguidades, discrepâncias e repetições permitem pensar num conjunto heterogéneo que recolhe partes do texto massorético (TM ou MT) e da versão grega dos Setenta (sécs. III - II a.C.), complementando-se com os fragmentos identificados na Cave 4 de Qumran (G. Jones, 2008, p. 196-197). Esta situação não conduz a conclusões suficientemente coerentes sobre a autenticidade destes textos.

Parece evidente que 1 e 2 Samuel (Sm.) é um texto que não apresenta uma manipulação teológica tão evidente como nos Livros dos Reis. 1Sm. surge como uma continuidade de Jz., do mesmo modo que o fim de 2Sm. corresponde, sequencialmente, ao princípio de 1Rs. Ao contrário de 1 e 2Rs., os Livros de Samuel abrangem um período para o qual não existiria muita documentação. Esta, por seu turno, formou-se em época salomónica e, inclusive, exílica, provocando contradições entre os vários episódios descritos³⁰. Em todo o caso, o discurso histórico acaba por representar uma releitura deuteronomista dos acontecimentos, baseada numa pluralidade de fontes escritas ou orais. Esta história, por sua vez, é "filtrada" pela voz do profeta ou, como se assinala num dos excertos infracitados, do "vidente".

É destas contradições e reelaborações que surge, novamente, a questão da celebração de cultos a outras divindades em Israel, nomeadamente aos ídolos ou estátuas de Baal e Astarté nos chamados "lugares altos" (*bāmôt*), no contexto de uma monarquia essencialmente teocrática.

Os excertos retirados dos Livros de Samuel dizem respeito, precisamente, à relação de Yahweh com outras divindades, nomeadamente Baal e Astarté, bem como à questão problemática dos chamados "lugares altos".

Edições consultadas: Alves, coord., 2008

Bibliografia: G. Jones, 2008; Alves, coord., 2008

³⁰ Veja-se a introdução a Samuel, apresentada na edição consultada, que coloca, *grosso modo*, as mesmas questões que Gwilym H. Jones (2008).

Textos

1Sm. 7

(1) Vieram, pois, os habitantes de Quiriat - Iarim, transportaram a Arca do Senhor e colocaram-na em casa de Abinadab, que vivia em Guibeá, e consagraram seu filho Eleázar para que a guardasse. **(2)** E sucedeu que, desde o dia em que a Arca do Senhor chegou a Quiriat-Iarin, passou muito tempo, vinte anos, e toda a casa de Israel se voltou para o Senhor. **(3)** E Samuel falou a toda a casa de Israel, dizendo: "Se de todo o vosso coração vos converterdes ao Senhor, tirando do meio de vós os deuses estrangeiros e as estátuas de Baal e de Astarté, se vos apegardes de todo o vosso coração e só a ele servirdes, Ele há-de livrá-los das mãos dos filisteus. **(4)** Então os filhos de Israel afastaram os ídolos e as estátuas de Astarté e serviram só ao Senhor.

1Sm. 9

(9) Antigamente, em Israel, todo aquele que ia consultar a Deus, costumava dizer assim: "vinde, vamos ao vidente". Chamava-se, então, vidente, ao que hoje se chama "profeta".

(11) Subindo a encosta da cidade³¹, encontraram umas donzelas que iam buscar água. Perguntaram-lhes: "Há aqui um vidente?" **(12)** Responderam elas: "Sim, há. Sempre em frente! Apressa-te, pois veio hoje à cidade por ser dia em que o povo vai oferecer um sacrifício no lugar alto. **(13)** Ao entrar na cidade logo o encontrareis, antes que ele suba ao lugar alto para o banquete. O povo não comerá antes que ele chegue, pois ele deverá abençoar o sacrifício; só depois comerão os convidados. Subi depressa e logo o encontrareis".

(22) Samuel, tomando Saul e o seu criado, levou-os para a sala do banquete e deu-lhes o primeiro lugar entre os convidados, que eram aproximadamente trinta pessoas.

³¹ Terra de Suf, segundo se indica em 1Sm. 9, 5.

1Sm. 12

(10) Depois [os filhos de Israel] clamaram ao Senhor, dizendo: “pecámos porque abandonámos o Senhor e servimos os ídolos de Baal e Astarté”.

1Sm. 31

(8) No dia seguinte, os Filisteus foram recolher os despojos dos cadáveres e encontraram Saul e os seus três filhos caídos sobre o monte Guilboa. (9) Cortaram-lhe a cabeça, despojaram-no das armas e espalharam a notícia por toda a terra dos Filisteus, para que se publicasse esta vitória nos templos dos seus ídolos e entre o povo. (10) Puseram as armas de Saul no templo de Astarté e suspenderam o seu cadáver nos muros de Bet – Chan³².

Anacreonte

Introdução

Anacreonte é autor de um dos fragmentos mais antigos, transmitidos por Estrabão (III, 2.14/ fr. 361 *PMG**), sobre Tartessos. O geógrafo de Amásia utilizou-o para explicar a riqueza, a despreocupação e, por conseguinte, a longevidade dos habitantes da Turdetânia, acrescentando o relato de Heródoto (I, 163*) sobre Argantónio.

Esta referência estraboniana justificou a integração dessa pequena frase de Anacreonte neste anexo, sobretudo porque o autor em questão é, infelizmente, conhecido através de fragmentos que foram transmitidos em época posterior e de escassos e contraditórios *testimonia*. Esta introdução serve, portanto, para enquadrar o pequeno fragmento (fr. 361 *PMG*) no pouco que se conhece sobre este poeta.

A primeira questão que se coloca é, obviamente, a sua vida (onde e quando nasceu, por onde passou, e onde, e quando, terminou os seus dias), surgindo um conjunto bastante heterogénio de *testimonia* (cf. Bowra, 1961², p. 269ss.; Robbins,

³² Na introdução a um texto egípcio intitulado "The Egyptians and the Gods of Asia" (*ANET*³, p. 249 - 250 e n. 4), J.A. Wilson destaca a identificação de uma estela em Beisan (Palestina), onde se assinala o nome de um arquitecto (Amen-em-Otep) e do seu filho no culto a Mekal, "o deus de Bet - Chan".

2002, cols. 629-630), destacando-se a gramática bizantina *Suda* (s.v. *Ἀνακρέων*), os vários textos de Himério, autor do séc. IV (frs. 489-494 *PMG*)³³ e parcas referências noutras obras (p.ex., Heródoto, Platão, etc.).

Anacreonte nasceu em Teos, nas primeiras décadas do séc. VI a.C., em ano incerto³⁴. Em 540 a.C., Teos foi invadida por Harpago (Hdt. I, 168), levando os seus habitantes a uma emigração forçada para Abdera, na Trácia, onde fundaram uma colónia (frs. 491; 505 *PMG*/ Str. XIV, 1.30; Bowra, 1961², p. 269; Robbins, 2002, col. 629)³⁵. Terá sido nesta cidade que escreveu os seus primeiros versos (p.ex., fr. 391 *PMG**, *apud* Bowra, 1961², p. 269; Rodríguez Adrados, 2001a, p. 302), inspirados por um imaginário de paz e vida tranquila.

Provavelmente, a fama de Anacreonte germinou em Abdera (onde chegou a escrever epigramas em honra de personagens mortos na defesa de Teos) e determinou a sua deslocação para Samos, concretamente para a corte de Polícrates (Himério/ fr. 491 *PMG*; cf. Ael., *V.H.*, IX, 4; Hdt. III, 121*), onde continuou a desenvolver a sua arte (Bowra, 1961², p. 272), entre c. 536 e 522 a.C. (Gangutia, 1998, p. 125), ao lado de Íbico, outro grande poeta³⁶. Nessa corte, foi, essencialmente, um cantor de banquete (cf. Hdt. III, 121*), onde exaltava o vinho e, claro, Polícrates.

Com a queda do tirano, Anacreonte foi "resgatado" por Hiparco de Atenas, segundo Platão (*Hiparco*, 228b, *apud* Rodríguez Adrados, 2001a, p. 304; Robbins, 2002, col. 629). Hiparco foi assassinado em 514 a.C., provocando uma nova mudança na vida do poeta. Ou ficou em Atenas, ou deslocou-se para a Tessália (Rosenmeyer, 1992, p. 14). Presenciou, portanto, várias transformações políticas até à sua morte, com c. 85 anos, segundo *testimonia* de Valério Máximo e Luciano (*ibid.*, p. 14; Robbins, 2002, cols. 629-630; Rodríguez Adrados, 2001a, pp. 305-306).

Apesar dos vários fragmentos conhecidos, em parte justificados pelo prestígio de Anacreonte nas gerações posteriores, não é possível alcançar toda a dimensão da sua

³³ Sobre Himério e o seu interesse nos poetas líricos, veja-se, recentemente, a introdução do trabalho de R. Penella (2007, especialmente p. 13ss.). Não se sabe ao certo a data em que Anacreonte chegou a Samos.

³⁴ 575 a.C., segundo Robbins, 2002, col. 629; 572 a.C., segundo Bowra (1961, p. 269) e Rodríguez Adrados (2001a, p. 301).

³⁵ Hdt. I, 168 é extremamente interessante pelo facto de assinalar que a fundação da colónia de Abdera foi precedida por uma tentativa falhada de colonização por parte dos Clazoménios, liderados por Timésio. Este era honrado, no tempo do autor, pelos novos colonos. Por seu turno, o fr. 505 *PMG*/ Str. XIV, 1.30 foi integrado no grupo dos "fragmentos de autor incerto" por Rodríguez Adrados (2001a, p. 329).

³⁶ Sobre Íbico: *PMG*, Bowra, 1961; Rodríguez Adrados, 2001a.

obra³⁷. Para dar um exemplo, os louvoures a Polícrates deixaram muito poucos vestígios na literatura posterior (cf. Himério, *Or.* 28, *apud* Bowra, 1961², p. 273) e parecem ser incompatíveis com os temas da sua poesia, como o banquete, o erotismo, etc. (cf. Rosenmeyer, 1992, p. 13; Rodríguez Adrados, 2001a, p. 308). E a referência a Tartessos (fr. 361 *PMG**)?

Como vimos, Anacreonte foi acolhido por Polícrates em Samos (Ael., *V.H.*, IX, 4*; Hdt. III, 123*). O texto reflecte, claramente, uma ideia de longevidade que se identifica no relato foceense de Heródoto (I, 163*), enquanto que o "porto inexplorado" da tradição sâmia (Hdt., IV, 152*) apresenta, somente, as riquezas de um território limítrofe. Este dado inspira, certamente, muitas dúvidas sobre a origem da representação dos confins do mundo como lugares onde há uma abundância que se assemelha às condições da Idade do Ouro (cf. Albuquerque, 2010). Porém, impõe-se uma interrogação: até que ponto o fr. 361 *PMG* se aproxima, ou se afasta, da temática geral da poesia de Anacreonte?

A resposta pode estar em fragmentos que transmitem frases coloquiais ou, se preferirmos, provérbios que exprimem os pensamentos do autor sobre os seus ideais de vida (cf. Bowra, 1961², p. 291). O Homem não deve desejar nem o "corno de Amalteia" ou da abundância, nem, provavelmente, reinar nesse território distante e rico. Não parece prudente afirmar que Anacreonte se refira a Argantónio. As circunstâncias da sua vida em Teos, a deslocação forçada para Abdera e a vivência num período conturbado podem ter criado na sua poesia a necessidade de criar ambientes menos belicosos, mas ao mesmo tempo parecem ter despertado a admiração por aqueles que tombaram na defesa da sua cidade (epigrama 100d, *apud* Rodríguez Adrados, 2001a, p. 302, dedicado a Ágaton), ou até mesmo a recusa de uma vida com grandes luxos (*ibid.*, n. 34 a fr. 361 *PMG*; Rosenmeyer, 1992, p. 2)³⁸.

Este fragmento constitui, por isso, um problema, na medida em que parece impossível enquadrá-lo num contexto mais vasto. Trata-se, essencialmente, de uma tradição indirecta, destinada a explicar um aspecto concreto da obra estraboniana. Não é suficientemente claro se o poeta refere Tartessos como uma cidade (enquadrando-se na tradição sâmia de Hdt. IV, 152*) ou como o aparente território político que se identifica

³⁷ P. Rosenmeyer (1992, p. 15; 22-36) apontou, aliás, que Anacreonte foi representado em cerâmicas áticas produzidas entre 490 e 450 a.C. e noutros suportes (p.ex., mosaicos).

³⁸ É de extremo interesse comparar esta última afirmação com um excerto de Heródoto (III, 122), onde se expõe o gosto de Polícrates pelo dinheiro. No entanto, isso pode ser uma interpretação dos informadores sâmios do historiador de Halicarnasso ou Túrios.

na tradição focense (Hdt. I, 163*). Em todo o caso, independentemente da resposta a esta interrogação, parece evidente que o "mundo" de Anacreonte não passava, propriamente, por uma representação utópica das riquezas limítrofes. Por outras palavras: o seu interesse pelo Extremo Ocidente circunscreve-se à ideia de recusa que parece querer transmitir com a frase.

Em todo o caso, o interesse de Anacreonte para este trabalho reside no facto de ser, pelo menos aparentemente, um dos testemunhos mais antigos de Tartessos que, tal como o de Estesícoro de Himera (fr. 184 *PMG*/ Str. III, 2.11*), é bastante vago e responde a interesses muito concretos. Por outro lado, o facto de ser transmitido, provavelmente, num poema, faz com que seja provável que a afirmação esteja sujeita às normas da Poesia, dispensando a construção de uma imagem mais "racional".

Edições consultadas: *PMG*³⁹; Rodríguez Adrados, 2001a.

Bibliografia: Bowra, 1961²; Rosenmeyer, 1992; Rodríguez Adrados, 2001a;

Textos

Fr. 361 *PMG*/ Str. III, 2.14

ὑπολάβοι δ' ἄν τις ἐκ τῆς πολλῆς εὐδαιμονίας καὶ μακραίωνας ὀνομασθῆναι τοὺς ἐνθάδε ἀνθρώπους, καὶ μάλιστα τοὺς ἡγεμόνας, καὶ διὰ τοῦτο Ἀνακρέοντα μὲν οὕτως εἰπεῖν·

ἔγωγ' οὐτ' ἂν Ἀμαλθίης
βουλοίμην κέρας οὐτ' ἔτεα
πεντήκοντά τε καὶ ἑκατὸν
Ταρτησοῦ βασιλεῦσαι,

Ἡρόδοτον δὲ καὶ τὸ ὄνομα τοῦ βασιλέως καταγράψαι καλέσαντα Ἀργανθώνιον.

Se podría suponer que por su abundante prosperidad se cree que las gentes de aquí son longevas, y en particular sus soberanos, y que por esto Anacreonte dijo así:

³⁹ O texto grego baseia-se nesta edição.

Pues no querría ni el cuerno de Amaltea ni reinar ciento cincuenta años en Tarteso.

y que Heródoto ha registrado también el nombre del rey: le llama Argantonio.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

Fr. 391 PMG/ Schol. Pi., O., VIII, 42

[...] νῦν δ' ἀπὸ μὲν στέφανος πόλεως ὄλωλεν.

Ahora ha perecido la corona de la ciudad

(Trad. Rodríguez Adrados, 2001a)

Hdt. III, 121.1

οἱ δὲ ἐλάσσονες λέγουσι πέμψαι Ὀροίτεα ἐς Σάμον κήρυκα ὅτε δὴ χρήματος δεησόμενον (οὐ γὰρ ὦν δὴ τοῦτό γε λέγεται, καὶ τὸν Πολυκράτεα τυχεῖν κατακείμενον ἐν ἀνδρεῶνι, παρεῖναι δέ οἱ καὶ Ἀνακρέοντα τὸν Τήιον·

En cambio otros, aunque en menor número, pretenden que Oretes envió a Samos un heraldo para solicitar algo determinado - pues lo cierto es que este punto concreto no se especifica -, y se encontró con que Polícrates estaba en aquellos momentos recostado en el pabellón de los hombres (por cierto que con él también estaba anacreonte de Teos)

(Trad. C. Schrader, 2006)

Apiano

Introdução

A *História Romana*, de Apiano de Alexandria, apresenta o percurso conquistador dos Romanos, seguindo a ordem das conquistas. Esta obra, concluída por volta de 160 d.C. (Lesky, 1995, p. 884), valoriza as relações entre conquistadores e conquistados, destacando a resistência e submissão destes, e o valor daqueles⁴⁰. Consequentemente, como o próprio afirma em *Ib.* 2, interessou-se somente pelos conquistadores romanos, desvalorizando qualquer tipo de informação, diríamos, etnográfica. Pelo contrário, não deixa de valorizar determinadas personagens não romanas associadas aos episódios que apresenta, em parte com objectivos literários (cf. Gómez Espelosín, 1993, p. 16-17)

Desta composição monumental de vinte e quatro livros, que incide sobre a História de Roma desde a sua fundação até 35 a.C., retiraram-se alguns excertos do sexto livro, intitulado Ἰβερική (Iberikê) e, felizmente, um dos que conseguiram chegar completos até nós.

No que diz respeito às fontes de Apiano, problematizadas na edição de F.J. Gómez Espelosín (1993, p. 27ss.), a sua identificação é bastante difícil, apesar das várias citações a autores como Tito Lívio, Políbio, Júlio César, Salústio, Diodoro, etc., os quais podia ter consultado, directamente ou por intermédio de compilações.

Finalmente, o uso de Apiano nesta dissertação é diminuto, dado o seu carácter tardio. Em todo o caso, julgou-se necessário apresentar excertos que referem, por exemplo, a imagem de Tartessos e de Argantónio como entidades separadas dos Fenícios. Em relação a Tartessos, Apiano afirma que a cidade era conhecida, nos seus dias, como *Carpessos*. Destes textos provém também uma referência a Carmona e outra a *Conistorgis*. No que diz respeito aos Fenícios, por seu turno, destaca-se a pervivência da sua representação como comerciantes e a referência a Gadir como lugar onde mantinham, no tempo do autor, práticas religiosas fenícias.

Edições consultadas: Gómez Espelosín, 1993; Mendelssohn, 1982⁴¹.

Bibliografia: Gómez Espelosín, 1993; Lesky, 1995, p. 883 - 884.

⁴⁰ Sobre a vida de Apiano, cf. Gómez Espelosín, 1993, p. 8ss.

⁴¹ O texto grego baseia-se nesta edição.

Textos

Iberia, 2

οἱ τινες δ' αὐτὴν οἰκῆσαι πρῶτοι νομίζονται, καὶ οἱ μετ' ἐκείνους κατέσχον, οὐ πάνυ μοι ταῦτα φροντίζειν ἀρέσκει, μόνα τὰ Ῥωμαίων συγγράφοντι, πλὴν ὅτι Κελτοὶ μοι δοκοῦσί ποτε, τὴν Πυρρήνην ὑπερβάντες, αὐτοῖς συνοικῆσαι, ὅθεν ἄρα καὶ τὸ Κελτιβήρων ὄνομα ἐρρύη.

δοκοῦσι δέ μοι καὶ Φοίνικες*, ἐς Ἰβηρίαν ἐκ πολλοῦ θαμινὰ ἐπ' ἐμπορίᾳ διαπλέοντες, οἰκῆσαί τινα τῆς Ἰβηρίας, Ἑλληνές τε ὁμοίως, ἐς Ταρτησσὸν* καὶ Ἀργανθώνιον* Ταρτησσοῦ* βασιλέα πλέοντες, ἐμμεῖναι καὶ τῶνδὲ τινες ἐν Ἰβηρίᾳ· ἡ γὰρ Ἀργανθωνίου* βασιλεία ἐν Ἰβηρσιν ἦν. καὶ Ταρτησσός* μοι δοκεῖ τότε εἶναι πόλις ἐπὶ θαλάσσης, ἣ νῦν Καρπησσός* ὀνομάζεται. τό τε τοῦ Ἡρακλέους ἱερὸν* τὸ ἐν στήλαις* Φοινικέζ* μοι δοκοῦσιν ἰδρῦσασθαι· καὶ θρησκεύεται νῦν ἔτι φοινικικῶς, ὃ τε θεὸς αὐτοῖς οὐχ ὁ Θηβαῖός ἐστιν ἀλλ' ὁ Τυρίων.

Sobre quienes parece que fueron los primeros en habitarla⁴² y los que la ocuparon después de aquéllos, no me satisface en absoluto ocuparme de estos asuntos, dado que me propongo escribir tan sólo la historia de los romanos, salvo manifestar mi parecer de que fueron los celtas quienes, después de haber atravesado en un tiempo los Pirineos, habitaron allí con ellos, por lo que surgió a partir de aquel entonces el nombre de Celtíberos.

Y es también mi opinión el que los fenicios, que desde hacía mucho navegaban hacia Iberia con fines comerciales⁴³, habitaron alguna parte de Iberia y de igual modo los helenos, con motivo de su viaje por mar hacia Tartesos y hacia su rey Argantonio, también algunos de ellos se establecieron en Iberia. Pues el reino de Argantonio estaba entre los iberos y me parece a mí que Tartessos era entonces una ciudad marítima, la que ahora se llama Carpesos⁴⁴. Y el santuario de Heracles el de las columnas, me parece a mí que fueron los fenicios quienes lo fundaron; todavía incluso ahora se celebran las prácticas religiosas al modo fenicio, y su dios no es el tebano, sino el de los tirios.

⁴² O autor refere-se à Ibéria.

⁴³ Cf. Diod. V, 20, que também defende a ocupação fenícia com fins comerciais.

⁴⁴ Apiano reforça esta ideia em *Iberia*, 63, descrevendo uma emboscada a Vetílio, organizada por Viriato.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 1993)

Glossário: Ἀργανθώνιος; βασιλεύς; Καρπησσός; Ταρτησσός; Φοίνικες; ἱερόν

Iberia, 58

ὁ δὲ Γάλβας μετὰ τῶν ἀμφ' αὐτὸν ἱππέων κατέφυγεν ἐς Καρμώνην* πόλιν*, ἔνθα τοὺς διαφυγόντας ἀνελάμβανε, καὶ συμμάχους ἀθροίσας ἐς δισμυρίους διῆλθεν ἐς Κουνέους, καὶ παρεχίμαζεν ἐν Κονιστόργει.

Pero Galba, junto con la caballería que estaba en su entorno, consiguió escapar hacia la ciudad de Carmona, donde recuperó a los que habían huido y, tras reunir aliados hasta un número de veinte mil hombres, atravesó hacia los cuneos y pasó el invierno en Conistorgis⁴⁵.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 1993)

Aristóteles

Introdução

Neste trabalho, a referência a Aristóteles baseia-se, somente, na sua perspectiva sobre os conceitos de ἔθνος e πόλις como entidades diferenciadas entre si. Como tal, considerou-se dispensável uma consulta mais aprofundada sobre a sua vida, pensamento e obra.

Edições consultadas: Ross, 1957 (*Pol.*)⁴⁶; Freese, 1926 (*Rh.*)⁴⁷; Rackam, 1972; Aubonnet, 1989; García Valdez, 2006;

⁴⁵ A localização desta cidade é bastante confusa. Estrabão (III 2,2) refere-a como "cidade céltica". Foram várias as propostas de localização: (1) Algarve (A. Schulten, L. Pérez Vilatela; F. García Morá); (2) Alentejo (A. Schulten; L. Berrocal - Rangel; A. Tovar), provavelmente nas atuais Beja, Serpa ou Mértola (cf. Cruz, García & Gómez, 2009, p. 370 - 371; Almagro-Gorbea, 2008). A. Thouvenot (*apud* Almagro - Gorbea, 2008) localiza *Conistorgis* entre o Guadiana e o Guadalquivir em 1940. Recentemente, M. Almagro - Gorbea (2008) propõe uma identificação com Medellín, seguindo a hipótese, avançada em 2001, por J. Alarcão.

⁴⁶ O texto grego baseia-se nesta edição.

⁴⁷ O texto grego baseia-se nesta edição.

Bibliografia: Amselle e M'Bokolo, 1999; Bernal, 1993; Lesky, 1995.

Textos

Política II, 2. 3 (1261a)

Οὐ μόνον δ' ἐκ πλειόνων ἀνθρώπων ἐστὶν ἡ πόλις, ἀλλὰ καὶ ἐξ εἴδει διαφερόντων · οὐ γὰρ γίνεται πόλις ἐξ ὁμοίων. Ἔτερον γὰρ συμμαχία καὶ πόλις · τὸ μὲν γὰρ τῷ ποσῷ χρήσιμον, καὶ ἢ τὸ αὐτὸ τῷ εἶδει (βοηθείας γὰρ χάριν ἡ συμμαχία πεφυκεν), ὥσπερ ἂν εἰ σταθμὸς πλεῖον ἐλκύσει · διοίσει δὲ τῷ τοιούτῳ καὶ πόλις* ἔθνους*, ὅταν μὴ κατὰ κώμας ὥσι κεχωρισμένοι τὸ πλῆθος, ἀλλ' οἷον Ἀρκάδες · ἐξ ὧν δὲ δεῖ ἐν γενέσθαι, εἶδει διαφέρει.

Y no sólo la ciudad está compuesta de una pluralidad de hombres, sino que también difieren de modo específico. Una ciudad no resulta de individuos semejantes. Una cosa es una alianza militar y otra una ciudad. La primera es útil por la cantidad, aunque haya identidad de clase (ya que el fin natural de la alianza es el auxilio); como un peso mayor hará inclinarse la balanza. En el mismo sentido diferirá la ciudad de la tribu⁴⁸, cuando su población no esté separada en aldeas, sino como los arcadios. Pero los elementos de los que debe resultar una ciudad difieren específicamente.

(Trad. M. García Valdez, 2006)

Glossário: ἔθνος

Retórica I, 4. 13/ 1360a

ὥστε δῆλον ὅτι πρὸς μὲν τὴν νομοθεσίαν αἱ τῆς γῆς περίοδοι χρήσιμοι (ἐντεῦθεν γὰρ λαβεῖν ἔστιν τοὺς τῶν ἐθνῶν* νόμους), πρὸς δὲ τὰς πολιτικὰς συμβουλὰς αἱ τῶν περὶ τὰς πράξεις γραφόντων ἱστορίαι. ἅπαντα δὲ ταῦτα πολιτικῆς ἀλλ' οὐ ῥητορικῆς ἔργον ἐστίν.

⁴⁸ Na tradução de J. Aubonnet (1989), ἔθνος é traduzido por *peuple*; H. Rackham (1972) interpreta o termo como *tribe*, tal como García Valdez.

De manera que se hace evidente lo útiles que, en orden de la legislación, resultan los viajes por el mundo⁴⁹ (puesto que en ellos se pueden aprender las leyes de los pueblos), así como lo resultan, en orden a las deliberaciones políticas, los escritos históricos de aquellos que escriben sobre las acciones de los hombres. Pero todo esto es ya tarea de la *Política* y no de la *Retórica*⁵⁰.

(Trad. Q. Racionero, 2007)

Arriano

Introdução

Lucius Flavius Arrianus Xenofon nasceu em Nicomédia no ano de 89 (Beltrán Fortes, 1992, p. 172) ou 96 d.C. (Robson, 1967, p. X)⁵¹. Foi governador da Capadócia, como *legatus Augusti pro praetore* entre 131 e 137, por nomeação de Adriano. Em 145-146 foi arconte em Atenas. Morreu em 180.

Em 1968, a descoberta de uma ara em Córdoba, onde se assinala um procônsul com o nome *Arrianus*, motivou uma interessante discussão sobre a relação entre esta inscrição e o referido autor (cf. Beltrán Fortes, 1988 e 1992, com abundante bibliografia sobre esta questão). Por razões óbvias, é desnecessário desenvolver este tema.

Deste percurso, assinalado de forma muito breve, importa destacar a sua presença em Atenas, onde desenvolveu vários trabalhos literários, entre eles a *Anábase de Alexandre Magno*, obra da qual provém a descrição do santuário de Melqart em Tiro. Esta obra foi composta com o objectivo de prestar homenagem a Xenofonte, aperfeiçoando o estilo de Heródoto e Tucídides. Nesta obra, revela que conhece os referidos autores, bem como Hecateu de Mileto e, consequentemente, relatos como o Décimo Trabalho de Héracles (a captura das vacas de Gérion). No excerto assinalado (*Anábase*, 16), Arriano considera que Tartessos é uma fundação fenícia.

⁴⁹ V., *infra*, a introdução à obra de Hecateu. *τῆς γῆς περίοδοι* (tês gês períodoi) assemelha-se ao título da obra deste autor (*Periodos gês*), interpretado por Nenci (1954) como o mapa do mundo habitado.

⁵⁰ Para Q. Racionero (2007, n. 96 *ad loc*), esta referência diz respeito à obra aristotélica *Política*.

⁵¹ Para Bravo & Guzmán (1982, p. 12), Arriano nasceu entre 80 e 95.

Esta obra, apesar de muito tardia em relação ao objecto de estudo deste trabalho, é interessante como testemunho da recepção das informações relativas à Península Ibérica em autores posteriores.

Edições consultadas: Robson, 1967; Brunt, 1976⁵²; Bravo & Guzmán, 1982;

Bibliografia: Beltrán Fortes, 1992; Lesky, 1995, p. 884-885.

Textos

Anábase de Alexandre Magno, 16

1. ἔστι γὰρ ἐν Τύρῳ ἱερὸν* Ἡρακλέους παλαιότατον ὧν μνήμη ἀνθρωπίνη διασώζεται, οὐ τοῦ Ἀργεῖου Ἡρακλέους τοῦ Ἀλκμήνης· πολλαῖς γὰρ γενεαῖς πρότερον τιμᾶται ἐν Τύρῳ Ἡρακλῆς ἢ Κάδμον ἐκ Φοινίκης ὀρμηθέντα Θήβας κατασχεῖν καὶ τὴν παῖδα Κάδμῳ τὴν Σεμέλην γενέσθαι, ἐξ ἧς καὶ ὁ τοῦ Διὸς Διόνυσος γίγνεται.

2. Διόνυσος μὲν δὴ τρίτος ἂν ἀπὸ Κάδμου εἴη, κατὰ Λάβδακον τὸν Πολυδώρου τοῦ Κάδμου παῖδα, Ἡρακλῆς δὲ ὁ Ἀργεῖος κατ' Οἰδίποδα μάλιστα τὸν Λαΐου. σέβουσι δὲ καὶ Αἰγύπτιοι ἄλλον Ἡρακλέα, 1 οὐχ ὥνπερ Τύριοι ἢ Ἕλληνες, ἀλλὰ λέγει Ἡρόδοτος,

3. ὅτι τῶν δώδεκα θεῶν Ἡρακλέα ἄγουσιν Αἰγύπτιοι, καθάπερ καὶ Ἀθηναῖοι Διόνυσον τὸν Διὸς καὶ Κόρης σέβουσιν, ἄλλον τοῦτον Διόνυσον· καὶ ὁ Ἰακχος ὁ μυστικὸς τοῦτο Διονύσω, οὐχὶ τῷ Θηβαίῳ, ἐπάδεται.

4. ὥς τὸν γε ἐν Ταρτησσῶ* πρὸς Ἰβήρων τιμώμενον Ἡρακλέα, ἵνα καὶ στῆλαί* τινες Ἡρακλέους ὠνομασμέναι εἴσι, δοκῶ ἐγὼ τὸν Τύριον εἶναι Ἡρακλέα, ὅτι Φοινίκων* κτίσμα ἢ Ταρτησσός* καὶ τῷ Φοινίκων* νόμῳ ὃ τε νεὸς* πεποιήται τῷ Ἡρακλεῖ τῷ ἐκεῖ καὶ αἱ θυσίαι θύονται.

5. Γηρυόνην δέ, ἐφ' ὅντινα ὁ Ἀργεῖος Ἡρακλῆς ἐστάλη πρὸς Εὐρυσθέως τὰς βοῦς ἀπελάσαι τὰς Γηρυόνου καὶ ἀγαγεῖν ἐς Μυκῆνας, οὐδέν τι προσήκειν τῇ γῇ τῇ Ἰβήρων Ἑκαταῖος ὁ λογοποιὸς λέγει, οὐδὲ ἐπὶ νῆσόν τινα Ἐρύθειαν τῆς ἔξω τῆς μεγάλης θαλάσσης σταλῆναι Ἡρακλέα, ἀλλὰ τῆς ἠπείρου τῆς περὶ Ἀμπρακίαν τε καὶ

⁵² O texto grego baseia-se nesta edição.

Ἀμφιλόχους βασιλέα γενέσθαι Γηρυόνην καὶ ἐκ τῆς ἡπείρου ταύτης ἀπελάσαι Ἡρακλέα τὰς βοῦς, οὐδὲ τοῦτο φαῦλον ἄθλον τιθέμενον.

6. οἶδα δὲ ἐγὼ καὶ εἰς τοῦτο ἔτι εὖβοτον τὴν ἡπειρον ταύτην καὶ βοῦς τρέφουσιν καλλίστας· καὶ ἐς Εὐρυσθέα τῶν μὲν ἐξ Ἡπείρου βοῶν κλέος ἀφῖχθαι καὶ τοῦ βασιλέως τῆς Ἡπείρου τὸ ὄνομα τὸν Γηρυόνην οὐκ ἔξω τοῦ εἰκότος τίθεται· τῶν δὲ ἐσχάτων τῆς Εὐρώπης Ἰβήρων οὐτ' ἂν τοῦ βασιλέως τὸ ὄνομα γινώσκῃ Εὐρυσθέα, οὔτε εἰ βοῦς καλαὶ ἐν τῇ χώρᾳ* ταύτῃ νέμονται, εἰ μὴ τις τὴν Ἥραν τούτοις ἐπάγων, ὥς αὐτὴν ταῦτα Ἡρακλεῖ δι' Εὐρυσθέως ἐπαγγέλλουσιν, τὸ οὐ πιστὸν τοῦ λόγου ἀποκρύπτειν ἐθέλοι τῷ μύθῳ.

7. τούτῳ τῷ Ἡρακλεῖ τῷ Τυρίῳ ἔφη ἐθέλειν θῆσαι Ἀλέξανδρος, ὥς δὲ ἀπηγγέλθη ταῦτα πρὸς τῶν πρέσβων εἰς τὴν Τύρον, τὰ μὲν ἄλλα ἔδοξε σφισι ποιεῖν ὅ τι περ ἐπαγγέλλοι Ἀλέξανδρος, ἐς δὲ τὴν πόλιν μήτε τινὰ Περσῶν μήτε Μακεδόνων δέχεσθαι, ὥς τοῦτο ἔς τε τὰ παρόντα τῷ λόγῳ εὐπρεπέστατον καὶ ἐς τοῦ πολέμου τὴν κρίσιν, ἄδηλον ἔτι οὔσαν, ἀσφαλέστατόν σφισι γνωσόμενοι.

8. ὥς δὲ ἐξηγγέλθη Ἀλεξάνδρῳ τὰ ἐκ τῆς Τύρου, τοὺς μὲν πρέσβεις πρὸς ὀργὴν ὀπίσω ἀπέπεμψεν, αὐτὸς δὲ συναγαγὼν τοὺς τε ἐταίρους καὶ τοὺς ἡγεμόνας τῆς στρατιᾶς καὶ ταξιάρχας καὶ ἰλάρχας ἔλεξεν ὧδε. ἄνδρες φίλοι καὶ ξύμμαχοι, ἡμῖν οὔτε τὴν ἐπ'

1. En Tiro existe el más antiguo templo de Heracles de cuantos recuerda la memoria humana, aunque no es el Heracles de Argos, el hijo de Alcmena. En Tiro se venera a Heracles desde hace muchas generaciones antes que Cadmo se estableciera en Tebas recién venido de Fenicia, y tuviera una hija, Sémele, la madre de Dioniso, hijo también de Zeus.

2. Dioniso sería la tercera generación a partir de Cadmo, del tiempo de Lábdaco, hijo de Polidoro, el hijo de Cadmo; sin embargo, el Heracles de Argos vendría a ser aproximadamente del tiempo de Edipo, hijo de Layo; también los egipcios veneran a un Heracles, distinto del tirio y del griego.

3. Dice Heródoto⁵³ que los egipcios consideran a Heracles uno de los doce dioses, al igual que los atenienses veneran a Dioniso, el hijo de Zeus y de Core, ya que este Dioniso y no al tebano a quien se dedica el canto "Iaco" que entonan los iniciados.

4. A mí me parece que el Heracles que veneran en Tarteso los iberos, donde están las famosas columnas de Hércules, es de Heracles tirio, dado que Tarteso es una fundación fenicia; y es así, según el rito fenicio⁵⁴, como está construido el templo de Heracles y se ofrecen allí los sacrificios.

5. Hecateo el logógrafo⁵⁵ dice que Gerión, contra quien Euristeo mandó al Heracles argivo para robarles las vacas y conducir las a Micenas, no tiene nada que ver con esta región de Iberia; al igual, afirma que Heracles no fue enviado a la isla Eritia, más allá del Gran Mar, sino que Gerión era rey en una región continental de Ampracia y del Anfíloco, y que fue de esta región de donde Heracles condujo el ganado, y que éste era el nada desdeñable trabajo que le había impuesto.

6. Lo que yo sí puedo afirmar es que esta región continental es hoy rica en pastos, y que alimenta pingües ganados, y no me parece que sea inverosímil que llegara a Euristeo la fama del ganado de esta región del Epiro, así como el nombre de su rey, Gerión; también creo estar seguro de que Euristeo no ha conocido el nombre del rey de los iberos, la más remota región de Europa, ni si en ella se criaban o no pingües vacas (a no ser que alguien llevara allí a Hera y ésta lo hubiera comunicado a Heracles por medio de Euristeo, queriendo así disimular con una leyenda tan increíble relato).

7. Pues bien, fue a este Heracles tirio a quien dijo Alejandro que quería sacrificar. Cuando les fueron comunicadas por los embajadores sus intenciones a la asamblea tiria, les pareció oportuno hacer en lo demás lo que Alejandro anunciaba, pero, en cambio, creían que no se debía dar acogida en la ciudad a ningún persa ni a ningún macedonio, en la idea de que ésta era la decisión de más fácil excusa a la vista de las circunstancias, y la más segura para ellos ante el resultado de una guerra que aún se presentaba del todo incierta. Cuando le llegó a Alejandro esta determinación de los habitantes de Tiro, devolvió, irritado, a los embajadores, y reuniendo a sus compañeros y generales del

⁵³ II, 43

⁵⁴ Poder-se-ia traduzir por "costume" em vez de "rito". P.A. Brunt (1976) traduz esta passagem por "it is in Phoenician style".

⁵⁵ Na tradução de P.A. Brunt, "Hecataeus the historian".

ejército, a más de los comandantes de infantería y jefes de caballería, les dijo lo siguiente:

(Trad. A. Guzmán Guerra, 2008)

Glossário: χώρα

Artemidoro

Introdução

A publicação do *Papiro de Artemidoro* (Kramer, 2006; versão oficial em Gallazi, Kramer & Settis, 2008) suscitou um interessante debate sobre a sua autenticidade (Gangutia, 2008; Canfora, 2010) e conteúdo, particularmente como fonte de informação para a costa atlântica da Península Ibérica (Gangutia, 2006; Faria, 2009; Ruiz & Campos, 2009; Alarcão, 2010). É este último aspecto que deve ser destacado nesta introdução. No que diz respeito ao primeiro, i.e., a autenticidade, a luxuosa publicação do *Papiro* inclui uma série de estudos sobre o suporte do texto e sobre a tinta; a datação por C14 permitiu estabelecer uma cronologia entre 40 a.C. e 130 d.C. (2σ) ou entre 15-85 d.C. (1σ); a datação paleográfica parece também concorrer no mesmo sentido (Gallazi, Kramer e Settis, 2008, p. 53ss.; cf. Ruiz & Campos, 2009, p. 93), invalidando a tese de Canfora, que atribuía a obra a um falsário do séc. XIX (Canfora, 2010, entre outros; cf. Gangutia, 2008). Outro argumento esgrimido para rebater a tese do documento falso é a identificação do topónimo *Ipsa* (Ἰψα), conhecido recentemente com a identificação de numismas perto de Portimão em 1986 (Ruiz & Campos, 2009, p. 101-102).

A imensa produção bibliográfica sobre este testemunho inibe qualquer tentativa de sistematização, aliás desnecessária neste contexto. No entanto, a bibliografia aqui assinalada é suficiente para que se tenha uma ideia da discussão sobre esta importante descoberta, que permitiu confirmar algumas informações sobre o Livro II da *Γεωγραφούμενα*⁵⁶. Esta obra foi escrita nos últimos anos do séc. II a.C. (104-101 a.C.), com onze livros e uma descrição do mundo habitado apresentada como um périplo ou,

⁵⁶ Por exemplo, *Const. Porph. Adm. Imp.* 23, 13* (Artemid., fr. 21 Stiehle, *apud* Ruiz & Campos, 2009, p. 95, n. 14).

melhor dito, como um guia dos principais portos costeiros peninsulares. A grande novidade deste texto consistia na exposição das distâncias entre os lugares que o autor referia (Ruiz & Campos, 2009).

Artemidoro foi uma das principais fontes de Estrabão (cf. *infra*, "Estrabão"), quer directamente, quer através de Possidónio (Schiano, *apud* Ruiz & Campos, 2009, p. 91, n. 7; Cruz, García & Gómez, 2009, p. 318-319). Foi também utilizado por Estêvão de Bizâncio em várias ocasiões.

O Papiro de Artemidoro apresenta cinco colunas de texto, das quais se destacam as duas últimas pelas informações que apresentam sobre a Península Ibérica e os topónimos aí referenciados, nomeadamente o *Promontório Sagrado* e a "Torre de Salacia" (Σαλακείων Πύργον). No que diz respeito ao primeiro, as referências escritas foram analisadas no Cap. 5. Quanto ao segundo, importa destacar que pode haver aqui uma relação entre esta torre e a que Estrabão menciona (III, 3.1*), remetendo para uma lacuna que poderia conter esta informação, bem como para as conjecturas feitas sobre outra parte corrompida do texto, onde se lê *ειπον λακεια* (cf. Cruz, García e Gómez, 2009, n. 5 *ad loc.*). Se, de facto, Estrabão recorreu a Artemidoro nesta passagem, é provável que *ειπον λακεια* oculte o topónimo [Σα]λακεια, mas parece arriscado optar por tal consideração sem reservas.

O texto de Artemidoro pode constituir um desafio à cronologia da atribuição do nome *Imperatoria Salacia* em 45-44 a.C. (Faria, 2009, p. 116, com ampla bibliografia), uma vez que as informações do Papiro corresponderiam aos últimos anos do séc. II a.C. (cf. Alarcão, 2010, p. 118). No entanto, A.M. de Faria (2009, p. 116-117) propôs que Σαλακείων Πύργον pode corresponder à actualização, por parte do copista, do nome da cidade (anteriormente, tinha o nome de *Beuipo*), hipótese que Alarcão (2010, p. 118) aceita como válida. Esta discussão excede os limites do presente trabalho, mas permite destacar toda uma série de problemas que os textos colocam à investigação actual. Em todo o caso, deve dizer-se que esta passagem surge no Papiro deste modo: κρωτηριονσαλακείωνπύ...ον (krôtêrionsalakéinônpy...on). Não restam, pois, dúvidas que Σαλακείων é um termo que está, integralmente, exposto no Papiro, atendendo à seguinte reconstituição: κρωτηριον σαλακείων πύ[ργ]ον

O texto de Artemidoro, apesar de todo o seu interesse, é secundário em relação aos propósitos deste trabalho. No entanto, optou-se por apresentar neste anexo o texto grego e a proposta de tradução espanhola (tradução italiana em Gallazi, Kramer & Settis, 2008) de Ruiz & Campos, 2009. Para não sobrecarregar este anexo, transcreve-

se, parcialmente, a interpretação destes últimos autores. Na edição italiana, encontra-se a transcrição do texto tal como aparece no papiro, bem como o preenchimento de algumas lacunas por parte dos autores (letras que estariam, possivelmente, no original)⁵⁷. Nesta ocasião, os parêntesis rectos assinalam algumas dessas interpretações.



A Península Ibérica de Artemidoro, segundo Gallazi, Kramer & Settis, 2008, fig. 2.1 (também em Ruiz & Campos, 2009).

Edições consultadas: Gallazi, Kramer e Settis, 2008⁵⁸; Ruiz e Campos, 2009.

Bibliografia: Gallazi, Kramer e Settis, 2008; Gangutia, 2006; 2008; Canfora, 2010; Faria, 2009; Ruiz Acevedo e Campos Carrasco, 2009; Alarcão, 2010.

Textos

Papiro de Artemidoro Col. IV

(1) ἀπὸ τῶν Πυρηναίων, ὁρῶν ἔως τῶν
κατὰ Γάδειρα τόπων καὶ τῶν ἐν-
ποτέρῳ κλιμ[άτῳ]ν ἢ σύμπασα
χώρα συνωνύμως Ἰβηρία καὶ Ἰσπα-
(5) νία καλεῖται. διείρηται δ' ὑπὸ Ῥωι-
μαίων εἰς δύο ἐπαρκείας καὶ τῇ[ς]
μὲν πρώτης ἐστὶν ἐπαρκείας ἡ
διατείνουσα ἀπὸ τῶν Πυρηναίων

⁵⁷ Nessa edição, as letras reconstituídas são subscritas com um ponto (̣), indicando que a letra é uma reconstituição.

⁵⁸ O texto grego baseia-se nesta edição.

ὁρῶμι ἅπασα μέχκι τῆς Καινῆς Καρ-
 (10) χη, δόνος καὶ Καστολῶ[νος] καὶ τῶν
 τοῦ Βαίτιος πεγῶν, τῆς δ' ἑτέρας
 ἐστὶν ἐπαρχείας τὰ μέχρι Γαδεί-
 ρων καὶ τὰ κατὰ τὴν Λυσειτανί-
 αν πάντα. τὴν δ' ὅλην περι[γ]ρα-
 (15) φὲν τῆς χώρας ἡ φύσις ἔχει τοι-
 αύτην. διέζευχεν γὰρ ἡ Πυρήνη
 τὴν κελτικὴν καὶ τὴν Ἰβηερ[ί]αν
 καὶ τὸ μὲν ἐν π[έ]ρας ε[ίς] τ[ῇ]ν ἑμε-
 τέραν ἔκκειται χώραν, νενευ-
 (20) κὸς πρὸς τὴν νότιον πλευρὰν
 τὴν <πρὸς> μεσηβρίαν, τὸ δ' ἕτερον
 πέρας ἀπεστραμμένον πρὸς
 ἄρκτους εἰς τὸν Ὠκεανὸν κατὰ
 πολὺ προβέβληται· τὰ δ' ἐκ πλαγ[ί-]
 (25) ων αὐτῆς, τὰ μὲν πρὸς τὴν ἡῶ[ι]
 νένευκεν, ἀφ' ὧν τόπων ἱκαν[ὸν]
 τῆς Κελτικῆς θεωρεῖται, τὰ δ[ὲ] πρ[ὸς]
 τὴν ἐσπέραν, ἀφ' ὧν τόπων ὁμοιο[ν]
 τῆς Ἰβηρίας θεωρεῖται θεωρεῖται. τούτω[ν]
 (30) δ' ὑποκειμένων, τρεῖς δεῖ π[λ]ε[υ-]
 ρας τῆς χώρας νοεῖσθαι τὴν Ἰβη-
 ρίαν περιεχούσας, μίαν μὲν [ἐ]πι-
 διατείνουσαν ἀπὸ τῶν Πυ[ρ]η[ν]α[ί]-
 ων ὁρῶν ἕως Γαδεύρων· αὕτη δ' ἐς-
 (35) τὴν ἡ παρὰ τὴν ἡμετέραν θάλασ-
 σαν παρήκουσα, τὴν ἐντὸς Ἡρα-
 κλείων στηλῶν, καὶ τοῖς πρὸς
 μεσημβρίαν κλίμασιν κ[ε]μένῃ

A partir de los montes Pirineos hasta la zona junto a Gadir y las regiones del interior todo el territorio se llama igualmente Iberia e Hispania. Los Romanos la han dividido en dos provincias. La primera se extiende desde los montes Pirineos hasta Cartago Nova, Castulo y las fuentes del Betis. La segunda hasta Gadir y todo el territorio de la Lusitania. En cuanto al contorno del territorio su naturaleza es la siguiente: El Pirineo es el límite entre Céltica e Iberia y el extremo que sobresale hacia nuestra tierra mira al costado sur, hacia el mediodía; el otro extremo vuelto hacia el norte se adentra mucho en el Océano. De sus vertientes una mira hacia levante y desde estos lugares se divisa una parte suficiente de la Céltica; la otra vertiente mira hacia poniente y desde ella se divisa una parte similar de Iberia. Establecido esto, es necesario considerar los tres lados del territorio que conforman Iberia; uno, que se extiende desde los montes Pirineos hasta Gadir, es el que se encuentra a lo largo de nuestro mar situado al interior de las Columnas de Heracles y paralelo a las regiones meridionales.

(Trad. Ruiz Acevedo e Campos Carrasco, 2009)

Papiro de Artemidoro Col. V

- (1) π[α]ράλληλος· ἡ δ' ἑτέρα περικεχυμένη
[τῷ] κατὰ τὸν Ὠκεανὸν πελάγει καὶ ταῖς ἄρκ[τοις]
[ὁμ]οροῦσα παρήκει μέχ[ρ]ι πρὸς τὴν ἑσπέραν [καὶ]
[συ]νάπτει τῇ τρίτῃ πλ[ε]υρᾷ τῇ περὶ τ[ῆς] ἑσπέ-
(5) Ρας κειμένη. ἐν ἣι τὴν τε Λυσειτα[νίαν] κεισ-
θαι συμβέβηκεν καὶ τὸ λεγόμενον Ἰερ[ὸν] Ἀκρω[ι]-
τήριον καὶ τοὺς κατὰ Γάδειρα τόπ[ους] ὅλου].
αὐτοῖς δὲ τοῖς ὁμοροῦσιν τῇ Πυρήνι μέρε-
σιν, παρεπέστραπται πρὸς τὴν ἡῶι τινα τῆς
(10) Ἰβερίας καὶ κόλπου περιγραφὴν εὐμεγέθους τ[ι]
ἀποτελεῖ παρήκοντος μέχ[ρ]ι [τ]ῶν προδεληλω-
μένων ὁρῶν· οὗτος δὲ καὶ συνάπτει τῷ Γαλ[α-]
τικῷ κόλπῳ. καὶ τὸ μὲν ὅλον σχῆμα τῆς [Ἰβη-]
ρίας ἐστὶ τοιοῦτον. ληψόμεθα δὲ νῦν τὸν π[α-]
(15) ράπλουν αὐτῆς ἐν ἐπιτομῇ χάριν τοῦ καθο-
λικῶς νοηθῆναι τὰ διαστήματα τῶν πόπων.

ἀπὸ γὰρ τοῦ τῆς Πυρεναίας Ἀφ[ροδ]εΐτης
 ἀκρωτηερ[ι]ο[υ] ἕως Ἑμ]πορίου πόλ[ε]ως Φωκαϊέων
 ἀποίκου σ[τ]άδ (ιοι) τλβ· ἀπ]ὸ δὲ ταύτης εἰς Ταρράκωι-
 (20) να πόλιν· ἄφη· ἐντεῦθεν ἐπ[ι] τὸν Ἰβερὰ ποταμὸν
 ἔσω ὕβ <·> ἀπὸ δὲ τού[τ]ο[υ] ἐπὶ Σόκρωνα ποταμὸν
 μη· ἐντεῦθεν ἐπὶ [Κ]αρχ[ηδόνα] τὴν νέ[α]ν σμ[·]
 [ἀ]πὸ δὲ τῆς Καρκηδόνος μέχρ[ι] Κάλπ]ης ὄ[ρους]
 κ· ἀπο δὲ ταύτης ἕως Γαδε[ίρω]ν φμδ· οἱ δ[ἐ]
 (25) πάντες ἀπὸ τῆς Πυρήνης [καὶ] τοῦ Ἀφροδεΐσιου
 ἕως Γαδεΐρων πδ· καὶ μετὰ Γάδαιρα συνεχῶς
 ἐστὶν ἐπὶ τὸν Μενεσθέως Πύργον καὶ Λιμένα
 ρο· ἀπὸ δὲ τούτ[ου] εἰς τὸ] τοῦ Ἀστ...[.σ]τόμ[α] τὸ
 δεύτερον ρκ· μετὰ δὲ τοῦτο[ν] ἐπὶ τὸν Βαίτιν
 (30) Ποταμὸν [[χ]] πδ· μετὰ δὲ τοῦτ<ον> εἰς Ὀνόβαν σπ·
 ἐντεῦθεν εἰς Μαινόβαν οη· μετ[ὰ] δ[ἐ] ταύτη[ν] ἐπὶ]
 πόλιν Ἰψαν· κδ· μετὰ [δ]ὲ [ταύτ]ην ἐπὶ τὰς Ἀν[α] ἀνα-]
 χύσεις εἰσιν, τῆς ἀχθείας [ῆ] ἐστ[ιν] ῆ]
 πόλιν Κιλίβη, στα[δ](ιοι) λς· ἀπὸ δὲ τῶ[ν] Ἀ]να ἐκβολῶ]ν ἐκ-]
 (35) δέχεται τὸ πέρας τῆς Ἱερᾶς Ἀκρας καὶ εἰς τὸν ἔσχ[α-]
 τον τόπον στάδ(ιοι) ὕβ· καμψάντων δὲ περ[ὶ] τὸ ἀ-]
 κρωτήριον ἐπὶ τὸν Σαλακείνων Πύργον εἰσιν
 στάδιοι· σ· καὶ ἐντεῦθεν ἐπὶ τὸ σ[τ]όμα τοῦ Τάγου
 ποταμοῦ τκ· ἀπὸ δὲ τούτου ἐπὶ τὸν Δώ[ριον]
 (40) ποταμὸν τ· μετὰ δὲ τοῦτον εἰσβάλλει, σ[τ]αδ (ιοις) ρπ, [ὀ]
 ποταμὸς Ὀβλείων· οὗτος δὲ καὶ Λήθης καὶ Λιμ[αίας]
 προσαγορεύται. μετὰ δὲ τοῦτον ἐπὶ Βέν[ι]ν ποτ[α]μὸν
 ρι· ἀπὸ δὲ τούτου ἐπὶ τὴν τῶν Ἀρτάβρων ἄκραν μ·
 ἀπὸ δὲ ταύτης ἐπὶ τὸν Μέγαν Λιμένα [στάδ(ιοι)] μ· τ[ὸ]
 (45) [δὲ] λοιπ[ὸν] τῆς παραλίας οὐδεις ἐπεθεώ[ρησεν].

El segundo lado, bañado por el mar de frente al Océano y que mira al norte, llega hasta occidente, donde se une al tercer lado; éste se extiende por el costado occidental, en el que se encuentran, por un lado, Lusitania y el llamado Cabo Sagrado y, por otro, toda la zona adyacente a Gadir. De las partes que confinan con el Pirineo, la de Iberia se vuelve hacia el este y delimita el contorno de un gran golfo que llega hasta los montes antes citados. Este golfo limita también con el golfo Galático. Tal es la forma general de Iberia. Ahora emprendemos la navegación litoral ('paraplo') de ésta (sc. Iberia) de manera compendiada a fin de conocer de manera global las distancias de los lugares: Desde el cabo de la Afrodita Pirenaica hasta la ciudad de Emporio, colonia de los foceos, 632 estadios. Desde éste hasta la ciudad de Tarraco 1508. Después hasta el río Ibero menos de 92. Desde éste hasta el río Sucro 1048. Después hasta Cartago Nova 1240 estadios. Desde Cartago Nova hasta el monte de Calpe 2020. Desde éste hasta Gadir 544. La suma total desde el Pirineo y el cabo de Afrodita hasta Gadir es de 7084 y más allá de Gadir hasta la torre y el puerto de Menestheo es de 7170. Desde éste hasta la segunda boca del Asta, 120. Después de ésta hasta el río Betis 84 estadios. Después de éste, hasta Onoba 280. Después hasta Maenoba 78. Después de ésta hasta la ciudad de Ipsa 24. Después de ésta hasta el estuario del Ana en la línea recta en la que está la ciudad de Cilibe 36 estadios. Desde las bocas del Ana sigue el extremo del Promontorio Sagrado y hasta el lugar último hay 992 estadios. Una vez rodeado el promontorio hasta la torre de los de Salacia hay 1200 estadios. Después hasta la boca del Tajo 320 estadios. Desde éste hasta el río Duero 1300 estadios. Después de éste a 180 estadios desemboca el río Oblevion, que también se llama Lethes y Limaías. Después de éste hasta el río Benin 120 estadios. Desde éste hasta el promontorio de los Ártabros 940 estadios + x. Desde éste hasta el Puerto Grande x + 40 estadios. El resto de la costa nadie lo ha examinado aún.

(Trad. Ruiz Acevedo e Campos Carrasco, 2009)

Avieno

Introdução

"La ausencia de fuentes manuscritas nos ha privado de la posibilidad de someter la obra a una crítica textual ajustada y competente, de tal manera que las conjeturas de los diferentes editores han debido basarse siempre en cuestiones ajenas al propio texto, especialmente de los datos ofrecidos por el poema."

(F.J. González Ponce, 1992, p. 125)

A *Editio Princeps* de Avieno, autor do séc. IV d.C., viu a luz do dia em Veneza, a 25 de Outubro de 1488, numa obra de Paulus Pisanus⁵⁹. Não existindo manuscrito anterior conhecido, o poema impõe uma séria dificuldade de crítica textual à qual não podemos ser indiferentes (cf. González Ponce, 1992, p. 126; 1995).

A edição de *Avieni Ora Maritima*, de Schulten, em 1922, é um excelente ponto de partida para introduzir a problemática suscitada pelas fontes de Avieno, bem como para definir a importância que o poema teve para o estudo da Proto-história peninsular, em geral, e de Tartessos em particular.

Seguindo de perto a edição de Holder, de 1887 (Delgado-Aguilera, 1924, p. 5; 7-8), Schulten defendeu que *O.M.* era um dos testemunhos mais antigos sobre a Península Ibérica e, concretamente, sobre Tartessos. O próprio afirma que este périplo é o "principal testimonio que poseemos sobre Tartessos" (1945, p. 110) e "el más viejo monumento de la geografía griega" (*ibid.*, p. 112), apesar das várias interpolações que pensa reconhecer no resultado final do poema. Aliás, chega mesmo a dizer que "lo peor de todo es que [Avieno] confunde Tartessos con Gades, y Mainake con Malaka (v. 85, 269, 427). Por fortuna, es posible quitar la escoria de tales interpolaciones y sacar a la luz el viejo oro puro" (1945, p. 112). A "escória" seria, neste sentido, o conjunto de argumentos contrários ao apriorismo schulteniano.

Karl Müllenhoff, em 1870 (cf. Antonelli, 1995, p. 77 e n. 2) foi o primeiro a propor a existência dessas interpolações a partir do séc. II a.C. Schulten, ao continuar esta ideia, afasta, categoricamente, a hipótese de que Avieno recorresse a um périplo fenício (Müllenhoff, *apud* Schulten, 1945, p. 113). A proposta daquele autor foi seguida

⁵⁹ Esta edição está disponível em formato digital:
<http://www.europeana.eu/portal/record/03486/64C415C2CE9A7E0C13237F03C37B372E1B63390A.html?start=4&query=Avienus> (cons. 24/08/2012)

por F. Martins Sarmiento (1880, p. 7-8) e Bonsor (1922, p. 1). Schulten destaca as referências aos cartagineses (Schulten, 1922, p. 27, 32, 38, 86-87), que vê como fragmentos interpolados (*O.M.*, 114: Himilcon; 376: Euctémon), bem como a relação de Tartessos com Gadir (*O.M.* 85 e 269), como resultados dessas interpolações.

Pelo que podemos ver nestes comentários, Schulten possuía um conjunto de apriorismos que o conduziram a ler e interpretar o poema de Avieno no sentido de provar a antiguidade da sua fonte e reconhecer nas suas entrelinhas um oculto périplo massaliota do século VI a.C., da autoria de Eutímenes (argumentos em Schulten, 1922, p. 7 - 9; 1945, p. 113ss.).

A ideia de que se trataria de um périplo massaliota acabou por entrar na *comunis opinio* do discurso arqueológico. Um exemplo: "Avieno habría transmitido así la versión latinizada de una antigua referencia griega -posiblemente obtenida a partir del periplo masaliota que se tiene por inspiración de la Ora Maritima [...]" (Escacena & Izquierdo, 2000, p. 29-30). Nesta passagem, referente à identificação do *Mons Cassius* com Coria del Río (Belén, 1993), os autores não chegam a citar Schulten, o que revela a permanência do seu pensamento relativamente à documentação escrita e, em última análise, o desfasamento entre os estudos dos textos e do registo arqueológico. Isto, note-se, independentemente do desenvolvimento que González Ponce (1992; 1995) imprimira aos estudos de Avieno.

J. Ribeiro Ferreira, na posterior edição portuguesa da *O.M.* (1985), afirmou que o poema "constitui [...] a mais interessante das suas obras, muito útil para os estudiosos das antiguidades da Hispania, *em especial para os arqueólogos*" (p. 12. O itálico é meu)⁶⁰. Esta afirmação é eloquente, uma vez que exprime bem a influência exercida por Schulten nos autores posteriores e a esperança que o filólogo alemão depositou na leitura e interpretação deste *périplo* e na desenfreada identificação da cidade de Tartessos. Por outro lado, representa a importância que os estudos arqueológicos posteriores conferiram à *Ora Maritima*, sobretudo no que diz respeito ao reconhecimento de sítios.

Os primeiros versos de *Ora Maritima* apresentam a dedicatória do poeta a Probo, alguns dados autobiográficos, as fontes utilizadas e os principais objectivos do seu poema (*O.M.* 1-79). De algum modo, parece estabelecer uma ligação com o receptor,

⁶⁰ Logo no prefácio, J. Ribeiro Ferreira afirma que "serviu de base à tradução a edição de A. Schulten, *Fontes Hispania Antiquae. I - Avieno: Ora maritima*, Barcelona, 1955, que utilizei profusamente nas notas ao texto, bem como a de J.P. Murphy, *Rufus Festus Avienus: Ora maritima*, Chicago, 1977".

conduzindo-o a viajar, pela palavra, por uma paisagem imaginada ou por um mosaico de informações que colocam, como conjunto, sérias dúvidas.

As questões que González Ponce (1992; 1995) coloca ao poema de Avieno devem ser contrastadas com a informação arqueológica e, em última análise, com os desenvolvimentos das últimas décadas no sentido de reconstruir a paleopaisagem do Guadalquivir (Arteaga, Schulz & Roos, 1995). Apesar de não entrar em profundidade nesta discussão, J.L. Escacena apresenta um argumento bastante coerente nesse sentido: "a pesar de como están las cosas en este terreno, muchos párrafos de la *Ora Maritima* no resultan tan chocantes a la luz de los nuevos conocimientos geológicos y arqueológicos" (2002, p. 69). O texto refere a versão helénica de Baal-Saphon, Zeus Cássio, para descrever uma colina que tanto Escacena como M.^a Belén identificam com *Caura*, cuja interpretação arqueológica está longe de ser descabida. Note-se que em nenhuma outra fonte surge este nome.

No entanto, este apontamento não prova a antiguidade de um suposto périplo e deve ser confrontado com um aspecto fundamental: qual a razão para que uma obra de suposto cariz periplográfico como *Ora Maritima* não reproduza as normas deste tipo de discurso? Uma dessas regras, como aponta González Ponce (1992), é o *princípio unidireccional*, ou seja, uma sequência geográfica estável e coerente que acompanha a linha da costa. Este princípio, expectável num périplo do séc. VI a.C., é ignorado por Avieno, fazendo com que o poema não sirva sequer como "manual de navegação".

Estas circunstâncias fizeram com que se recorresse não só às interpolações, mas também ao "recorte" e "colagem" dos versos. Explicando melhor: as passagens que contrariavam a sequência geográfica lógica de um périplo deveriam ser, para os defensores da origem massaliota, colocadas mais adiante ou mais atrás para dar ao poema uma maior coerência (*ibid.*, p. 129).

No presente trabalho, estas circunstâncias fazem com que *Ora Maritima* não seja uma obra muito valorizada, optando-se por apresentar aqueles excertos que foram utilizados como argumentos em várias propostas.

Comentário: A tradução portuguesa utilizada para este efeito (J. Ribeiro Ferreira, 1985), não é apresentada com a forma do poema, obrigando, muitas vezes, à passagem de palavras de um verso para outro. Deste modo, ao apresentar a respectiva tradução dos excertos originais em latim, optou-se por prescindir dos traços oblíquos que separam os versos.

Edições consultadas: Sarmiento, 1880; Schulten, 1922; Delgado-Aguilera, 1924; Berthelot, 1934; Ferreira, 1985; González Ponce, 1995⁶¹; Antonelli, 1998.

Bibliografia: Schulten, 1922; 1945; Antonelli, 1995; 1998; González Ponce, 1992; 1995.

Textos

Ora Maritima, 74 - 79

Ut aperta vero tibimet intimatio/ sudoris huius et laboris sit mei/ narrationem opusculi paulo altius/ exordiemur. Tu per intimum iecur/ prolata conde, namque fulcit haec fides/ petita longe et eruta ex auctoribus⁶².

Para que tenhas consciência perfeita do meu suor e trabalho, começarei a narração do opúsculo remontando um pouco mais acima. Tu, no íntimo do coração, guarda o que é narrado, já que o apoiam testemunhos tomados de longe e retirados dos autores antigos.

(Trad. J. Ribeiro Ferreira, 1985)

Ora Maritima, 80- 93

(80) Terrae patentis orbis effus[a]e iace[n]t/ orbique rursus unda circumfunditur.

Sed quae profundum semet insinuat salum/ Oceano ab usque, ut gurgues hic nostri maris/ longe explicetur, est Atlanticus sinus.

(85) Hic Gadir urbs est, dicta Tartessus prius,/ hic sunt columnae pertinacis Herculis/ Abila atque Calpe, <haec> laeva dicti caespitis,/ Libyae propinqu<a> est Abila. Duro perstrepunt/ sept[r]ent<r>ione, sed loco certae tenent.

(90) et prominentis hic iugi surgit caput,/ Oestrymnin istud dixit aevum antiquius,/ molesque celsa saxei fastigii/ tota in tepentem maxime vergit notum.

⁶¹ O texto latino baseia-se nesta edição, excepto quando se assinala a edição de Berthelot.

⁶² Na edição de Pisanus, *autoribus*. Este excerto foi retirado de Berthelot.

(80) El orbe de la anchurosa tierra yace extensamente/ y alrededor del orbe fluye una y otra vez la ola./ Pero allí donde el profundo mar se introduce/ desde el Océano, de manera que aquí el abismo del mar nuestro/ se abre ampliamente, se encuentra el golfo Atlántico.

(85) Aquí está la ciudad de Gadir, llamada antes Tarteso,/ aquí están las Columnas del constante Hércules,/ Abila e Calpe: ésta a la izquierda de dicho suelo,/ a Libia está cercana Abila./ Resuenan con el duro Septentrión, pero se mantienen firmes en su lugar.

(90) Y aquí se levanta la cabeza de un monte proeminente,/ Estrimnis lo llamó la más antigua edad)/ y la elevada mole de la rocosa cumbre/ está toda completamente vuelta hacia el templado noto.

(Trad. F.J. González Ponce)

Ora Maritima, 254 - 272

Pars porro eoa continet Tartesios/

(255) et Cilbicenos. Cartare post insula est,/ eamque pridem, influx<a> e<t> est satis fides,/ tenuere Cempsii. Proximorum postea/ pulsi duello, varia quaesitum loca/ se protulere. Cassius inde mons tumet./

(260) Et Graia ab ipso lingua cassiterum prius/ stannum vocavit. Inde fani est proeminens/ et, quae vetustum Graeciae nomen tenet,/ Gerontis arx est eminus. Namque ex ea Geryona quondam nuncupatum accepimus./

(265) Hic ora late sunt sinus Tartesiii./ Dictoque ab amni in haec locorum puppibus/ via est diei. Gadir hic est oppidum,/ nam Punicorum lingua cons<a>eptum locum/ Gadir vocabat. Ipsa Tartessus prius/

(270) cognomina<ta> est. Multa et opulens civitas/ aevo vetusto, nunc egena, nunc brevis,/ nunc destituta, nunc ruinarum ag<g>er est.

La parte oriental de a continuación contiene a Tartesios/

(255) y a Cilbicenos. Luego está la isla Cártare,/ y ésta en un tiempo -y es una creencia bastante estable -/ la poseyeron los Cempsos. Luego, expulsados/ por el ataque de sus vecinos, a buscar lugares varios/ se pusieron. Luego se eleva el monte Casio.

(260) Y por éste la lengua griega antes "casitero"/ llamó al estaño. Luego está la proeminencia de un templo/ y, conservando el antiguo nombre de Grecia,/ la fortaleza de Geronte está a lo lejos: pues de ella/ sabemos que Gerión otrora recibió su nombre.

(265) Se extienden aquí las orillas del golfo Tartesio./ Y del mencionado río hasta estos lugares para las naves/ el camino es de un día. Aquí está la ciudad de Gádir,/ pues en la lengua de los Púnicos un lugar cerrado/ se llama "gádir". Ésta Tarteso antes/

(270) fue llamada, muy grande y opulenta ciudad/ en la edad remota, ahora pobre, ahora pequeña,/ ahora abandonada, ahora es un montón de ruinas.

(Trad. F.J. González Ponce, 1995)

Diodoro de Sicília

Introdução

Dos quarenta livros da *Biblioteca Histórica* de Diodoro, só os primeiros cinco e os livros XI - XX chegaram completos até nós. Os restantes são conhecidos através de fragmentos recolhidos por outros autores posteriores. Com o propósito de escrever uma história do mundo, Diodoro afirma que a sua obra foi escrita durante trinta anos, nos quais podemos integrar viagens pelo mundo conhecido (por exemplo, Egipto, Roma, etc.) e um esforço de pesquisa que incidiu sobre obras anteriores.

A cronologia da obra é matéria de discussão, uma vez que nela surgem relatos que permitem estabelecer um *terminus ante quem* entre 36 e 21 a.C. (Muñoz Martín, 1999, p. 584). O trabalho iniciou-se, provavelmente, em c. 56 a.C., incidindo sobre territórios como o Egipto (Livro I), Assíria, Índia, Cítia, Arábia, Ilhas do Oceano (II), Etiópia (III), Rodes e Creta (V). Abordou temas mitológicos: Amazonas em África, a Atlântida, a origem dos Deuses (III), os deuses gregos, o relato dos Argonautas, Teseu e dos Sete contra Tebas (IV). Analisou a Guerra de Tróia (VI - XX) e, finalmente, apresenta, entre os Livros XI e XL, acontecimentos desde 480 até 60 a.C., partindo, muito provavelmente, de várias fontes. O título da sua obra parece indicar que o autor

procurou compilar informações de outros autores⁶³, harmonizando-as com aquelas que conseguiu recolher durante as suas viagens (Oldfather, 1968, p. XV - XX). M. Sordi (*apud* Muñoz Martín, 1999, p. 585) apontou algumas dessas fontes: no Livro IV, Diodoro ter-se-á baseado em Timeu, sobretudo no que diz respeito ao Mediterrâneo Ocidental; novamente em Timeu no Livro V, bem como em Possidónio e Evémero.

Para este trabalho, o texto de Diodoro fornece algumas informações - não, necessariamente, novas - sobre o Décimo Trabalho de Hércules (cf. Estesícoro de Himera) e a fundação de Gadir. Num dos fragmentos da sua obra (Livro XXV), o autor assinala um aspecto que deve ser tido em linha de conta: a contracção de matrimónios como mecanismo de ascensão ao poder.

Diodoro tem, por isso, uma importância secundária para este trabalho, mas é uma fonte imprescindível para períodos posteriores à época estudada. Nas palavras de M.^a N. Muñoz Martín, "el interés de la obra de Diodoro Sículo para la Península Ibérica reside en que, a pesar de no haber estado nunca en ella, recoge los testimonios de otros autores que sí la visitaron personalmente como Polibio y Posidonio, transmitiéndonos un material que, de otra manera, nunca hubiera llegado hasta nosotros" (1999, p. 585).

Edições consultadas: Torres Esbarranch, 2004; Walton, 1968; Oldfather, 1968⁶⁴.

Bibliografia: Oldfather, 1968; Torres Esbarranch, 2004; Muñoz Martín, 1999;

Textos

IV, 17

1. Εὐρυσθέως δὲ προστάξαντος ἄθλον δέκατον τὰς Γηρυόνης βοῦς ἀγαγεῖν, ἃς νέμεσθαι συνέβαινε τῆς Ἰβηρίας ἐν τοῖς πρὸς τὸν ὠκεανὸν* κεκλιμένοις μέρεσιν, Ἡρακλῆς θεωρῶν τὸν πόνον τοῦτον μεγάλης προσδεόμενον παρασκευῆς καὶ κακοπαθείας, συνεστήσατο στόλον ἀξιόλογον καὶ πλῆθος στρατιωτῶν ἀξιόχρεων ἐπὶ ταύτην τὴν στρατείαν.

⁶³ Por exemplo, Heródoto, Tucídides, Xenofonte, entre outros (Oldfather, 1968, p. XXI - XXIII; Muñoz Martín, 1999, p. 585)

⁶⁴ O texto grego baseia-se nesta edição.

2. διεβεβόητο γὰρ κατὰ πᾶσαν τὴν οἰκουμένην ὅτι Χρυσάωρ ὁ λαβὼν ἀπὸ τοῦ πλούτου τὴν προσηγορίαν βασιλεύει μὲν ἀπάσης Ἰβηρίας, τρεῖς δ' ἔχει συναγωνιστὰς υἱούς, διαφέροντας ταῖς τε ῥώμας τῶν σώματων καὶ ταῖς ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἀγῶσιν ἀνδραγαθίαις, πρὸς δὲ τούτοις ὅτι τῶν υἱῶν ἕκαστος μεγάλας ἔχει δυνάμεις συνεστώσας ἐξ ἐθνῶν μαχίμων· ὧν δὴ χάριν ὁ μὲν Εὐρυσθεὺς νομίζων δυσέφικτον εἶναι τὴν ἐπὶ τούτους στρατεῖαν, προσετείταται τὸν προειρημένον ἄθλον.

1. Como décimo trabajo, Euristeo le ordenó traer las vacas de Geriones, que se encontraban pastando en las partes de Iberia que miran al Océano. Heracles, considerando que esta misión requería grandes preparativos e implicaba muchos padecimientos, reunió un armamento notable y una multitud de soldados adecuada a tal expedición.

2. Era, en efecto, público en toda la tierra habitada que Crisaor, que había recibido el nombre a causa de su riqueza, reinaba en toda Iberia y tenía tres hijos para combatir a su lado, que se distinguían tanto por su fuerza física como por su bravura en los enfrentamientos bélicos. Era sabido, además, que cada uno de estos hijos había reunido importantes fuerzas reclutadas entre pueblos belicosos. Por estas razones Euristeo, juzgando el éxito de la expedición harto improbable, había ordenado el trabajo antes descrito.

(Trad. J.J. Torres Esbarranch, 2004)

V, 20

1. κατὰ μὲν οὖν τοὺς παλαιοὺς χρόνους ἀνεύρετος ἦν διὰ τὸν ἀπὸ τῆς ὅλης οἰκουμένης* ἐκτοπισμὸν, ὕστερον δ' εὐρέθη διὰ τοιαύτας αἰτίας. Φοίνικες* ἐκ παλαιῶν χρόνων συνεχῶς πλέοντες κατ' ἐμπορίαν πολλὰς μὲν κατὰ τὴν Λιβύην ἀποικίας ἐποιήσαντο, οὐκ ὀλίγας δὲ καὶ τῆς Εὐρώπης ἐν τοῖς πρὸς δύσιν κεκλιμένοις μέρεσι. τῶν δ' ἐπιβολῶν αὐτοῖς κατὰ νοῦν προχωρουσῶν, πλούτους μεγάλους ἤθροισαν, καὶ τὴν ἐκτὸς Ἡρακλείων στηλῶν* ἐπεβάλοντο πλεῖν, ἦν ὠκεανὸν ὀνομάζουσι.

2. καὶ πρῶτον μὲν ἐπ’ αὐτοῦ τοῦ κατὰ τὰς στήλας πόρου πόλιν ἔκτισαν ἐπὶ τῆς Εὐρώπης, ἣν οὕσαν χερρόνησον προσηγόρευσαν Γάδειρα*, ἐν ἣ τὰ τε ἄλλα κατεσκεύασαν οἰκείως τοῖς τόποις καὶ ναὸν* Ἡρακλέους* πολυτελῆ, καὶ θυσίας κατέδειξαν μεγαλοπρεπεῖς τοῖς τῶν Φοινίκων* ἔθεσι διοικουμένας. τὸ δ’ ἱερὸν* συνέβη τοῦτο καὶ τότε καὶ κατὰ τοὺς νεωτέρους χρόνους τιμᾶσθαι περιττότερον μέχρι τῆς καθ’ ἡμᾶς ἡλικίας. πολλοὶ δὲ καὶ τῶν Ῥωμαίων ἐπιφανεῖς ἄνδρες καὶ μεγάλας πράξεις κατειργασμένοι ἐποίησαντο μὲν τούτῳ τῷ θεῷ εὐχάς, συνετέλεσαν δ’ αὐτὰς μετὰ τὴν συντέλειαν τῶν κατορθωμάτων.

3. οἱ δ’ οὖν Φοίνικες* διὰ τὰς προειρημένας αἰτίας ἐρευνῶντες τὴν ἐκτὸς τῶν στηλῶν* παραλίαν καὶ παρὰ τὴν Λιβύην πλέοντες, ὑπ’ ἀνέμων μεγάλων ἀπηνέχθησαν ἐπὶ πολὺν πλοῦν δι’ ὠκεανοῦ*. χειμασθέντες δ’ ἐπὶ πολλὰς ἡμέρας προσηνέχθησαν τῇ προειρημένῃ νήσῳ, καὶ τὴν εὐδαιμονίαν αὐτῆς καὶ φύσιν κατοπεύσαντες ἅπασιν γνῶριμον ἐποίησαν.

1. En los tiempos antiguos esta isla⁶⁵ permanecía sin descubrir por estar alejada de toda la tierra habitada, pero fue descubierta debido a la causa siguiente: los fenicios, que desde antiguo navegaban sin cesar a causa de sus actividades comerciales, fundaron muchas colonias en Libia, y no pocas asimismo en las partes occidentales de Europa. Dado que sus empresas tenían éxito de acuerdo con sus expectativas, amasaron grandes riquezas y se decidieron a navegar allende las Columnas de Heracles, al mar que llaman Océano.

2. En primer lugar en el mismo estrecho donde están las columnas, en la costa de Europa, fundaron una ciudad que, al encontrarse en una península, fue llamada Gadir; en esta ciudad construyeron edificios adecuados a la naturaleza del lugar y un suntuoso templo de Heracles, e instituyeron magníficos sacrificios celebrados según la costumbre de los fenicios. Y ha sucedido que este templo, tanto en aquel tiempo como en épocas

⁶⁵ Diodoro descreve, no capítulo anterior, uma ilha de grandes dimensões, localizada a alguns dias de navegação da costa da Líbia (i.e., Marrocos), apresentando um cenário de riqueza e despreocupação que caracteriza a Ilha dos Bem-aventurados de Hesíodo, bem como a Idade de Ouro. Torres Esbarranch (2004, n. 118 a Diod. V, 19) afirma que alguns investigadores pensam ver neste texto uma referência à ilha da Madeira.

más recientes hasta nuestros días, ha sido objeto de mucha veneración. Incluso muchos romanos, personajes ilustres que han realizado grandes empresas, han hecho votos a este dios, los cuales han cumplido después de la consecución de sus éxitos⁶⁶.

3. Así, pues, los fenicios, explorando la costa situada más allá de las Columnas y navegando a lo largo de Libia debido al motivo mencionado, fueron llevados por fuertes vientos a una gran distancia a través del océano. Después de estar expuestos a la tempestad durante muchos días, arribaron a la isla a la que nos hemos referido y, una vez que hubieron observado su felicidad y su naturaleza, la dieron a conocer a todos los hombres.

(Trad. J.J. Torres Esbarranch, 2004)

Glossário: οἰκουμένη; Φοίνικες; Ὠκεανός; ἱερόν; ναός; Ἡρακλῆς

XXV, 12

Ἀσδρούβας δὲ ὁ γαμβρὸς Ἀμίλκα μαθὼν τοῦ κηδεστοῦ τὸ ἀκλήρημα, ταχέως ἀναζεύξας πρὸς τὴν Λευκὴν Ἄρκαν ἦλθεν, ἔχων θηρία πλεον τῶν ἑκατόν. οὗτος δὲ στρατηγὸς ἀναγορευθεὶς ὑπὸ τε τοῦ λαοῦ καὶ Καρχηδονίων πεντακισμυρίους ἐμπείρους πεζοὺς συνέλεξε καὶ ἱππεῖς ἑξακισχιλίους, ἐλέφαντας δὲ διακοσίους. πολεμήσας δὲ πρῶτον τὸν Ὀρισσῶν βασιλέα κατέσφαξε πάντας τοὺς αἰτίους τῆς Ἀμίλκα φυγῆς. παρέλαβε δὲ τὰς πόλεις αὐτῶν οὔσας δώδεκα καὶ πάσας τὰς πόλεις Ἰβηρίας. γήμας δὲ θυγατέρα βασιλέως* Ἰβήρου ὑπὸ πάντων τῶν Ἰβήρων ἀνηγορεύθη στρατηγὸς αὐτοκράτωρ. ὅθεν ἔκτισε παραθαλασσίαν πόλιν, ἣν προσηγόρευσε Νέαν Καρχηδόνα, καὶ ἑτέραν πόλιν ὕστερον, θέλων τὴν Ἀμίλκα δύναμιν ὑπερβῆσαι. καὶ ἐστράτευσεν ἑξακισμυρίους, ἱππεῖς ὁ κτακισχιλίους, ἐλέφαντας διακοσίους. ὑπὸ δὲ οἰκέτου ἐπιβουλευθεὶς ἐσφάγη, στρατηγὴς ἦσας ἔτη ἑννέα.

⁶⁶ Cf. Suetónio, *Vida de César*, 7.1 e Plutarco, *Vida de César*, 11.5-6, sobre a visita de César a Gadir em 61 a.C. (*apud* Torres Esbarranch, 2004, n. 122 *ad loc.*)

Hasdrubal, the son-in-law of Hamilcar, immediately upon learning of the disaster to his kinsman broke camp and made for Acra Leucê; he had with him more than a hundred elephants. Acclaimed as general by army and by the Carthaginians alike, he collected an army of fifty thousand seasoned infantry and six thousand cavalry, together with two hundred elephants. He made war first on the king of Orissi and killed all who had been responsible for Hamilcar's rout. Their twelve cities, and all the cities of Iberia, fell into his hands. After his marriage to the daughter of an Iberian prince he was proclaimed general with unlimited power by the whole Iberian people. He thereupon founded a city on the sea coast, and called it new Carthage; later, desiring to outdo Hamilcar, he founded yet another city. He put into the field an army of sixty thousand infantry, eight thousand cavalry, and two hundred elephants. One of his household slaves plotted against him, and he was slain after he had held the command for nine years.

(Trad. Francis R. Walton, 1968)

Glossário: βασιλεύς

Éforo

Introdução

A *Suda* apresenta Éforo de Cumas (*FGrH*, 70) como discípulo de Isócrates, tal como Teopompo. Os discursos de ambos são muito diferentes entre si no que toca ao tom que empregam nas suas considerações. Este elemento coloca o autor em meados do séc. IV a.C. e enquadra-o na mensagem moral que os escritos do seu tempo procuravam transmitir (cf. *infra*, Teopompo).

Éforo, à semelhança de outros autores aqui tratados (Estesícoro, Anacreonte, Hecateu, Teopompo, etc.) é conhecido através de *testimonia* e de fragmentos (*FGrH*, 70). Nesta breve introdução, apresentam-se alguns elementos que podem interessar para a discussão sobre o papel desta figura na historiografia antiga, em particular para o estudo da Península Ibérica.

O autor foi, para todos os efeitos, bastante conhecido na literatura posterior, sobressaindo nomes como Timeu, Políbio, Diodoro, Estrabão, Plutarco, Flávio Josefo, Séneca, Pausânias, Estêvão de Bizâncio, entre outros que o citaram, seguiram ou

criticaram. Os nomes apontados permitem verificar que o uso da obra eforiana respondeu a objectivos muito diversificados. Este dado deve ser considerado, uma vez que a sua recepção num texto historiográfico (por exemplo, Políbio) é, necessariamente, diferente da recepção num texto geográfico (por exemplo, Estrabão), apesar de se lhe reconhecer enorme mérito (Schepens, 1977, p. 95).

Partindo do conjunto de *testimonia* e fragmentos, pensa-se que Éforo terá escrito trinta livros dedicados aos "eventos do mundo", ou *koinai praxeis* (κοινὰ πράξεις)⁶⁷, tanto de Gregos como de Bárbaros, num intento de escrever uma história universal que abarcasse o período compreendido entre as invasões dóricas (i.e., o retorno dos Heraclidas) e o seu próprio tempo (*FGrH* 70, t 1, 8 e 10, *apud* Schepens, 1977, p. 95), i.e., entre 1068 e 341/ 340 a.C. (Marincola, 2007, p. 172). Segundo o testemunho de Políbio (IX, 1.4*), Éforo tratou questões relativas a colónias (ἀποικίας), fundações de cidades (κτίσει) e ao parentesco (συγγενείας), e representa "the first to attempt such a wide - ranging history" (Plb. V, 33.2, *apud* Marincola, 2007, p. 172).

Segundo o testemunho de Estrabão, Éforo criticava os conhecimentos geográficos homéricos, num tratado sobre Geografia (Str. I, 2.3)⁶⁸. Homero, como veremos mais adiante ("Estrabão"), foi uma extraordinária fonte de informação e de admiração para o geógrafo de Amásia. Esta relação entre o pensamento de Éforo e o de Homero⁶⁹ motivou a profusão de referências (e, inclusivamente, de paráfrases) de Éforo na *Geografia* (48 no total, segundo Wickersham, *apud* Pavnall, 2007, p. 116 e n. 11), o que se reflete no espaço que lhe é dedicado no Livro I desta última obra (Str. I, 2.2; 2.3; 2.13; 2.14; 2.15; 2.19; 2. 26/ *FGrH* 70, fr. 128*; 2.28; 3.2; 3.11; 3.22, etc.).

O âmbito cronológico da obra obrigou, certamente, o autor a recorrer a textos anteriores. Diodoro (I, 9.5, *apud* Marincola, 1997, p. 103) afirma, aliás, que Éforo foi o primeiro a defender a importância da tradição escrita na elaboração da sua *enquête*, em detrimento das tradições orais que marcam, por exemplo, o trabalho de Heródoto. Alguns fragmentos dão a entender que as fontes foram seleccionadas de acordo com o seu detalhe e segundo eram, ou não, contemporâneas dos acontecimentos que descreviam (*ibid.*, p. 173).

Esta última questão é fundamental para enquadrar Éforo no percurso das referências a Tartessos nas fontes gregas (Cap. 4). Sabe-se, por exemplo, que o autor

⁶⁷ Esta tradução de κοινὰ πράξεις é da autoria de P. Green (*apud* Marincola, 2007, p. 171).

⁶⁸ "Al comienzo de su tratado sobre Geografía" (Trad. García Ramón e García Blanco, 2006). περὶ τῆς γεωγραφίας λόγος

⁶⁹ Sobre os Poemas Homéricos, veja-se a introdução a Homero.

recorreu por várias vezes à descrição dos *nómoi* "bárbaros" (Str. VII, 3.9/ *FGrH* 70, fr. 42; X, 4.16/ *FGrH* 70, fr. 149; Athen. VI, 41/ *FGrH* 70, fr. 54; Plb. VI, 45.1/ *FGrH* 70, fr. 148, *apud* Marincola, 2007, p. 174) e que terá dedicado o quarto livro à Europa (Str. VII, 3.9), mas não parece que a região do Estreito tenha sido alvo desse tipo de descrição. No Livro III de Estrabão, dedicado, como se sabe, à Península Ibérica, o nome de Éforo surge uma única vez para confrontar a sua opinião com a de Artemidoro: segundo o geógrafo de Amásia, Artemidoro "afirma que allí [Promontório Sacro]⁷⁰ no se ve un santuario de Heracles - y en esto miente Éforo - ni un altar, ni de ningún otro de los dioses [...]" (III, 1.4*). Numa outra passagem (Str. I, 2.26/ *FGrH* 70, fr. 128*), assinala que Éforo afirmou que os Tartéssios forneceram informações sobre os movimentos dos Etíopes. Neste mesmo texto, Estrabão assinala que as navegações pela costa africana partiam das Colunas (sobre as Colunas, v. Str. III, 5.5*) ou do Mar Eritreu (i.e., Mar Vermelho).

A obra de Éforo, pelo que podemos ver, oferece ao leitor actual bastantes obstáculos no que diz respeito às informações que transmite sobre a Península Ibérica. No entanto, parece evidente que os seus textos pretendiam integrar estes territórios numa história universal de todo o mundo conhecido. Apesar de não se saber com rigor qual o papel que o Ocidente desempenhou no conjunto da sua obra, é bastante possível que as suas preocupações tenham influenciado os relatos que, posteriormente, se transmitiram. O facto de não se registar, na sua obra, qualquer intento de estabelecer uma cronologia universal (Schepens, 1977, p. 116; Marincola, 2007, p. 172), pode ter dado origem à relação que, mais tarde, se estabeleceu entre a fundação de cidades como Gadir e a guerra de Tróia (Vell. I, 2.3*; Mela III, 46), bem como o relato de fundação, recolhido por Possidónio (*apud* Str. III, 5.5*). Esta integração parece assinalar o percurso dos interesses gregos na Península Ibérica.

Edições consultadas: Jacoby, 1957⁷¹; Gómez Espelosín *et al.* 2006.

Bibliografia: Schepens, 1977; Marincola, 1997; 1999; 2007; Pawnall, 2007; Martí - Aguilar, 2009; Cruz, García & Gómez, 2009.

⁷⁰ ἱερόν ἀκρωτηρίον, actual Cabo de São Vicente.

⁷¹ Os textos gregos baseiam-se nesta edição.

Textos

Str. I, 2.26/ FGrH 79, fr. 128

ἀλλὰ μὴν καὶ ἄλλην τινὰ ἱστορίαν εἴρηκεν παλαιὰν Ἔφορος, ἥ οὐκ ἄλογον ἐντυχεῖν καὶ Ὅμηρον. λέγεσθαι γάρ φησιν ὑπὸ τῶν Ταρτησίων* Αἰθίοπας τὴν Λιβύην ἐπελθόντας μέχρι αὐάσεως τοὺς μὲν αὐτοῦ μεῖναι, τοὺς δὲ καὶ τῆς παραλίας κατασχεῖν πολλήν· τεκμαίρεται δ' ἐκ τούτου καὶ Ὅμηρον εἰπεῖν οὕτως

‘Αἰθίοπες, τοὶ διχθὰ δεδαΐεται, ἔσχατοι ἀνδρῶν.’

Pero lo cierto es que otro tipo de información, también antigua, la ha dejado Éforo, con la cual no es ilógico que haya podido dar Homero. Afirma, en efecto, que se dice entre los tartesios que, tras invadir unos etíopes Libia hasta la zona de Poniente, se quedó un grupo allí, en tanto que otro ocupó también gran parte del litoral. Y de aquí conjetura que Homero dijo así⁷²:

Etíopes, que están divididos en dos, los más alejados entre los hombres.

(Trad. García Ramón e García Blanco, 2006)

Políbio, IX, 1.4

τὸν μὲν γὰρ φιλήκοον ὁ γενεαλογικὸς τρόπος ἐπισπᾶται, τὸν δὲ πολυπράγμονα καὶ περιττὸν ὁ περὶ τὰς ἀποικίας καὶ κτίσεις καὶ συγγενείας*, καθά που καὶ παρ' Ἐφόρῳ λέγεται, τὸν δὲ πολιτικὸν ὁ περὶ τὰς πράξεις τῶν ἐθνῶν* καὶ πόλεων καὶ δυναστῶν.

El estilo genealógico cautiva a los que escuchan por puro gusto; el tratamiento de colonias, de fundaciones de ciudades y de parentescos⁷³, que Éforo describe ininterrumpidamente, atraen a los curiosos y a aquellos a quienes les da por las tradiciones

⁷² Reproduz-se aqui exclusivamente o fragmento assinalado por Jacoby (1957). O texto completo encontra-se em Str. I, 2.26*.

⁷³ συγγενείας é um termo relacionado com γένος*. Noutro texto (Hdt. IV, 147), o termo é traduzido por "de la misma raza" (trad. C. Schrader, 2006).

antiguas; mientras que el que estudia la política se interesa por los hechos de pueblos, ciudades y monarcas.

(Trad. M. Balasch Recort, 2006)

Estesícoro de Himera

Introdução

"Stesichorum quam sit ingenio validus materiae quoque ostendunt, maxima bella et clarissimos canentem duces et epici carminis onera lyra sustinentem"

Quintiliano, *Institutio Oratoria* X, 6

Este autor, conhecido como *Stêsíchoros Himeraios* (Στησίχορος Ἱμεραῖος), terá vivido entre finais do séc. VII e princípios do séc. VI a.C., de acordo com a cronologia da *Suda*. O nome significa "aquele que põe em movimento o coro" (Rodríguez Adrados, 2001a, p. 132). Segundo aquele texto, nasceu durante 37ª Olimpíada (632-629 a.C.) e morreu na 56ª Olimpíada (556-553 a.C.). Estas datas podem, no entanto, ser discutidas a partir de várias fontes que não importa aqui mencionar com detalhe, mas que colocam, aparentemente, a vida e a obra do poeta num período posterior a 570 a.C. (West, 1971, p. 306).

Ainda de acordo com a *Suda* (*ibid.*, p. 302), é autor de 26 livros, dos quais se conhecem apenas 10. Destes, é notória a preferência do autor pelos temas heróicos, destacando-se títulos como o *Saque de Tróia*, *Cerberos*, etc., interessando-se pelos *nostoi*, pelos poemas "cíclicos" e pelas genealogias (cf. Rodríguez Adrados, 2001a, p. 129; Robbin, 2008, p. 830). Isto faz com que Estesícoro (ou Tírias, segundo a *Suda*) represente um ponto de encontro entre várias temáticas poéticas, bebidas de Hesíodo e dos Poemas Homéricos.

Estesícoro viveu em Himera. Cícero, num dos seus discursos (*Verrinas* II 2.87, *apud* Rodríguez Adrados, 2001a, p. 130, n. 3), assinalou que existia uma estátua na referida cidade em homenagem ao poeta: "Erat etiam Stesichori poetae statua senilis incurva cum libro summo, ut putant, artificio facta, qui fuit Himerae, sed et est et fuit

tota Graecia summo propter ingenium honore et nomine"⁷⁴. Platão (*Fedro* 244a) é da mesma opinião, afirmando que o poeta era filho de Eufemo, mas tal não quer dizer que a sua cidade de nascimento seja Himera⁷⁵. De acordo com o testemunho posterior de Estêvão de Bizâncio, Estesícoro nasceu em Matauros, na Sicília, assinalando-se que o seu pai era Eufemo (s.v. *Μάταυρος*, *apud* West, 1988, p. 302)⁷⁶. Por seu turno, outros textos indicam que era filho ou neto de Hesíodo (Schol. Hes., *Op.* 271a Pertusi; Cic., *Rep.* II.20, respectivamente, *apud* Most, 2006, TT 19 e 20)

Himera foi fundada em 648 a.C. no Norte da Sicília por gentes iónias (Calcídios) e dóricas, o que influenciou a poesia de Estesícoro, não só na sua linguagem (que mistura os dialectos iónico e dórico) como na temática: de acordo com F. Rodríguez Adrados (2001a, p. 130), a sua poesia "aunaba leyendas de los antiguos ciclos míticos centrados en torno a Tesalia, Tebas, Asia (Homero y sus continuadores) y de los más propiamente dóricos, en torno sobre todo a Heracles, Orestes y Helena".

É esta mistura que, aparentemente, está presente na elaboração de *Gerioneida*, que descreve o Décimo Trabalho de Héracles (a luta de Héracles contra Gérion). Para Rodríguez Adrados (2001a, p. 136), é possível ver no diálogo de Gérion com a sua mãe, Calírroe, semelhanças com a *Ilíada*, em que Aquiles defende, também perante a sua mãe (Tétis) uma morte honrosa em batalha. Neste sentido, parece evidente o uso de elementos narrativos, ou até mesmo de fórmulas, que se repetem entre um e outro poema (*ibid.*, pp. 136-137; cf. Davies, 1988; Shapiro, 1997, p. 72) como, por exemplo, o papel de Atena como protectora de Héracles e de Possídon como defensor de Gérion (cf. *ibid.*, figs. 46-48)⁷⁷.

O conhecimento que temos de Estesícoro é, porém, bastante precário (West, 1971). Os papiros que têm vindo a ser publicados raramente apresentam partes completas de textos (Page, 1973; *id.*, *PMG* e *Supplementum Lyricis Graecis*; Rodríguez

⁷⁴ "Había también una estatua de un viejo encorvado con un libro, realizada, se piensa, con enorme arte, del poeta Estesícoro, que vivió en Himera, pero que goza y gozó de gran honor y nombre en toda Grecia por su talento."

⁷⁵ Veja-se, por exemplo, o caso de Heródoto, que nasceu em Túrios e é conhecido como pertencente a Halicarnasso. West (1971) reuniu o material disponível para a história individual de Estesícoro, concluindo que Locros pode ser a sua cidade natal (cf. Rodríguez Adrados, 2001, p. 131). Autores como H.A. Shapiro (1997, p. 71) assinalaram a importância que o poeta teve nas representações das cerâmicas áticas.

⁷⁶ Στησίχορος Εὐφήμων παῖς Ματαταυρίνος γένος, ὁ τῶν μελῶν ποιητής. "Estesícoro, filho de Eufemo, poeta mélico, é de origem metataurina" (trad. Pedro Albuquerque).

⁷⁷ cf. *infra*, o capítulo de introdução a Homero, onde se debatem estas questões relacionadas com a elaboração dos poemas.

Adrados, 1978; 2001a). Calcula-se, por exemplo, que a *Gerioneida* tinha c. 1600 versos e dois livros (West, 1971, p. 302).

A importância da *Gerioneida*, como aliás tivemos oportunidade de ver no Cap. 4, reside no facto de ser a referência grega mais antiga ao nome *Tartessos*, associando-o a um rio que Estrabão, mais tarde, identificou com o Guadalquivir, partindo das "nascentes de prata" referidas pelo poeta. Através do geógrafo de Amásia, conhecemos o fragmento de Estesícoro que assinala o nascimento de Gérion sob o resguardo de uma rocha, junto à nascente do "rio da prata" (III 2.11*; fr. 184 *PMG**). A passagem em questão coloca alguns problemas de tradução (cf. Ballabriga, 1986, p. 45ss.; Rodríguez Adrados, 2001a, p. 160; Lasserre, 1966/ Str. III 2.11), sobretudo no que diz respeito ao termo *παγὰς* (*παγαῖ*)⁷⁸.

À parte desta questão que, apesar de interessante, não pode ser desenvolvida aqui com o detalhe desejável devido às minhas naturais limitações, a possível itinerância deste poeta é um dado a ter em linha de conta, uma vez que, segundo H.A. Shapiro, "the assumption that Stesichoros' works were performed at festivals and other public occasions all over the Greek world, wheater by him or others, would help explain their almost immediate impact on Archaic artists" (1997, p. 71).

Independentemente da localização do episódio ou da gruta onde Gérion terá nascido, o *corpus* iconográfico sobre este episódio tem numa *pyxis* coríntia uma das representações mais antigas (*LIMC*, s.v. Geryoneus, 11; cf. Robertson, 1969, p. 207), datada de meados do séc. VII a.C.; aceitando esta cronologia, é possível afirmar que a morte de Gérion pelas mãos de Héracles é um tema anterior ao próprio poema, o que permitiria matizar a opinião de Shapiro. No entanto, à parte de outros testemunhos que veremos um pouco mais adiante, o tema parece ter ganho uma popularidade significativa a partir de 560 a.C.⁷⁹. Em c. 510 a.C., Eufrónio representa numa taça uma cena que recorda muito o poema de Estesícoro (Munich, *Antikensammlungen* 2620; Shapiro, 1997, figs. 50-51; Carpenter, 1991, fig. 204; Boardman, 1997, fig. 26), marcando o auge e, ao mesmo tempo, o declínio da importância deste relato.

⁷⁸ V. *infra*, as anotações ao fr. 184 *PMG*.

⁷⁹ Prescinde-se da discussão sobre a caracterização de Gérion por Hesíodo e Estesícoro, uma vez que é pouco importante para este capítulo. De qualquer modo, destacam-se algumas variações ao nível, p.ex., da arma que Héracles empunha, do escudo de Gérion ou mesmo da representação de asas em dois exemplares, datados de c. 530 a.C. e atribuídos ao Grupo E (de Exekias), que trabalhava em Atenas (Paris, Cabinet des médailles, 202; *LIMC*, s.v. Geryoneus, 14; cf. Shapiro, 1997, p. 74-75 e figs. 46-48; Robertson, 1969, pp. 208-209). Outro exemplo é a ausência de vestimenta na representação de Héracles (Christchurch, University of Canterbury 42/ 47), numa ânfora de figuras negras, também atribuída ao Grupo E (*ibid.*, fig. 49).

No que diz respeito ao presente trabalho, parece evidente que o texto de Estesícoro é fundamental como um dos testemunhos mais antigos das referências a Tartessos, a par de Anacreonte, como se pode ver no Cap. 4. Não se trata de localizar o relato na Península Ibérica, mas antes de assinalar o seu papel na integração deste território no imaginário do poeta e, com muitas reservas, dos pintores que representaram este episódio.

Edições consultadas: Page, 1973; Rodríguez Adrados, 2001a; Schade, 2003

Bibliografia: Robertson, 1969; West, 1971; Page, 1973; Rodríguez Adrados, 1978; 2001a; Ballabriga, 1986; Davies, 1988; Boardman, 1997; Cruz Andreotti, 1991b; Carpenter, 1991; Schade, 2003; Robbins, 2008; Albuquerque, 2010.

Textos

Fr. 184 PMG; Str. III 2.11: σχεδὸν ἀντιπέρας κλεινᾶς Ἐρυθείας < > Ταρτησσοῦ* ποταμοῦ παρὰ παγὰς <τίκτεν> ἀπείρονας ἀργυρορίζους, ἐν κευθμῶνι πέτρας.

Casi enfrente de la famosa Eritea < > junto a las innúmeras fuentes del río Tarteso en la caverna de una peña enraizada en la plata⁸⁰.

(Trad. E. Gangutia 1998/ *THA* IIA 16c)

Casi enfrente de la ilustre Eritía junto a las fuentes inagotables del río Tarteso de raíces de plata en la cavidad de una roca.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009).

Glossário: Ταρτησσός

⁸⁰ A tradução de παγὰι é, em certo modo, controversa. D. Page (comentário a fr. 184 PMG) e Rodríguez Adrados (2001a) traduzem o termo por "águas", enquanto que F. Lasserre traduz a passagem de Str. III 2.11 (1966) por "sources" (do mesmo modo, Ballabriga, 1986, p. 45 e 47, n. 139; Gangutia, 1998, p. 91); F. Gómez Espelosín (Cruz, García & Gómez, 2009) por "raíces".

Estêvão de Bizâncio

Introdução

O texto de Estêvão de Bizâncio procurou estabelecer regras para a referência dos povos e cidades conhecidos numa época bastante posterior. É através deste autor que conhecemos algumas informações da obra de Hecateu de Mileto, entre outras (Teopompo, Éforo, etc.).

Em termos gerais, a concepção bizantina do mundo habitado não é muito diferente daquela que pauta a Geografia da Antiguidade, incluindo autores como Ptolemeu, Estrabão, etc. (Tihon, 2008, pp. 810-811).

Este testemunho foi transmitido através de epítomes, editadas por A. Meineke em 1848 (reed. em 1958) a partir da *Editio Princeps* de 1502. Pensa-se que, na sua origem, era composta por cinquenta livros. A versão mais recente do texto integral data de 1952, ano em que se escreve a obra *De Administrando Imperio*, de Constantino Porfiriogénito, um manual que pode ter tido como base o texto do autor bizantino (Salvador Ventura, 1999, p. 917).

A vida do autor só é conhecida através da interpretação da sua obra. Sabe-se, por exemplo, que *Ethnika* foi escrita por volta de 530 d.C., como um léxico dedicado a Justiniano. As características gerais da sua obra conduzem à valorização dos aspectos filológicos e gramaticais, em detrimento das informações históricas ou geográficas (*ibid.*, p. 916; Gätner, 2008, pp. 822-823). Em termos formais, as entradas são apresentadas, primeiro, com o nome próprio e, depois, com a identificação geográfica e com o "étnico" (i.e., etnónimo), aos quais se acrescenta, quando o autor considera necessário, a fonte de onde retirou a informação, chegando mesmo a citar, *ipsis verbis*, as passagens das obras nas quais se baseou⁸¹. Algumas dessas informações, devemos salientar, baseiam-se em suposições do autor (por exemplo, os "Eremboi").

Relativamente ao trabalho apresentado, o trabalho de Estêvão de Bizâncio é importante devido à enumeração de algumas "cidades" da Península Ibérica, bem como à interpretação que o autor oferece sobre as mesmas. Estas informações, quer pelas

⁸¹ Como afirma H. Gätner, "His concern was to determine ethnika, which he frequently identified by formal analogy to other formations" (2008, p. 823).

circunstâncias da transmissão do texto do autor bizantino, quer pelo próprio interesse que este tinha em determinados territórios do império romano, são, necessariamente, parciais⁸². Consequentemente, o facto de ser uma obra muito tardia (séc. VI) obriga a alguma prudência no seu uso.

Edições consultadas: Meineke, 1958

Bibliografia: Fraser, 2012; Gätner, 2008; Tihon, 2008.

Textos

Nota: alguns destes textos não foram traduzidos.

Ethnika, s.v. Γάδαιρα

Γάδαιρα*, πόλις καὶ νῆσος ἐν τῷ ὠκεανῷ* στενὴ καὶ περιμήκης, ὡς οὖσα ταινία τῆς γῆς δειρά. Ἐρατοσθένης δὲ ἡ Γάδειρος φησὶ θηλυκῶς. ὁ πολίτης Γάδειρεύς· οὕτω γὰρ τὰ πέντε βιβλία ἐπιγέγραπται τῶν Πυθαγορικῶν σχολῶν Μοδεράτου Γαδαιρέως. λέγεται καὶ Γαδαιρίτης, ὡς Ἀλέξανδρος ὁ πολυίστωρ. λέγεται καὶ Γαδαιραῖος ὡς ἀπὸ τῆς ἡ Γάδαιρα εὐθείας, καὶ Γαδαιρανοί, καὶ κτηρικὸν Γαδαιρικός. Εὐπολὶς ἐν Μαρικᾷ "πότερ' ἦν τὸ τάριχος Φρύγιον ἢ Γαδαιρικόν.

Ethnika, s.v. Ἑρεμβοί

Ἑρεμβοί*, ἔθνος* Ἀράβων. Ὅμηρος " καὶ Σιδονίους* καὶ Ἑρεμβοὺς*" τούτους δὲ φησὶ τοὺς τρωγλοδύτας, ἀπὸ τοῦ εἰς τὴν ἔραν βαίνειν. λέγονται καὶ Ἑρεμβαῖοι καὶ θηλυκὸν Ἑρεμβίς.

Glossário: Ἑρεμβοί; ἔθνος

⁸² No que diz respeito a este último aspecto, F. Salvador Ventura (1999, p. 917), citando um trabalho de A. González Blanco, publicado em 1991, sobre Estêvão de Bizâncio, afirma que havia uma valorização "de aquellas tierras en las que estaban presentes o tenían intereses los bizantinos"

Ethnika, s.v. Λιγυστίνη.

Λιγυστίνη, πόλις Λιγύων τῆς δυτικῆς Ἰβηρίας ἐγγὺς καὶ τῆς Ταρτησσοῦ* πλησίον⁸³.

Ligistina, cidade dos Lígios no lado ocidental de Ibéria e próxima de Tartessos.

(Trad. Pedro Albuquerque)

Ethnika, s.v. Σιδών

Σιδών*, πόλις* Φοινίκης*. Ἐκαταῖος Ἀσία. ὁ πολίτης Σιδώνιος* διὰ τοῦ ὧ μεγάλου καὶ διὰ τοῦ ὁ μικροῦ. καὶ Σιδωνίς τὸ θηλυκόν. ἀλλὰ καὶ Σιδών* ἔθνικόν*.

Glossário: Σιδών, Σιδώνιος, ἔθνικός

Ethnika, s.v. Σιδωνία

Σιδωνία, πόλις Τρωάδος. τὸ ἔθνικόν Σιδώνιος* [...]

Sidónia, cidade da Tróade. O étnico [é] Sidónio.

(Trad. P. Albuquerque)

Glossário: Σιδώνιος

Ethnika s.v. Ταρτησός

Ταρτησός*, πόλις Ἰβηρίας, ἀπὸ ποταμοῦ τοῦ ἀπὸ τοῦ Ἀργυροῦ ὄρους ῥέοντος, ὅστις ποταμὸς καὶ κασσίτερον ἐν Ταρτησσῷ καταφέρει. τὸ ἔθνικόν Ταρτήσσιος καὶ Ταρτησσία καὶ Ταρτησσίς. καὶ οὐδετέρως "Ταρτήσσιον ὄλβιον ἄστν".

⁸³ Cidade não identificada, provavelmente localizada junto às marismas do Guadalquivir, isto é, nas margens do *Lacus Ligustinus* citado por Avieno (*O.M.* 284*).

Tarteso: ciudad de Iberia, llamada así por el río que nace del monte de la plata (*Argiro*), río que arrastra también hacia abajo estaño en Tarteso. El étnico es tartesio, tartesia y tartesis⁸⁴.

(Trad. J.M.^a Lucas, 1999)

Glossário: Ταρτησσός

Estrabão

Introdução

A *Geografia* de Estrabão é, nas palavras de J. Gómez Espelosín, "el repertorio más amplio y pormenorizado de toda la Antigüedad que ha llegado hasta nosotros [...]", o que contrasta com o conhecimento fragmentário de autores, entre eles Eratóstenes e Artemidoro, que o geógrafo de Amásia cita no seu discurso (2009, p. 15). A compreensão da sua obra no contexto em que se insere, a quantidade (e a qualidade) das informações que transmite, quando sujeitas a um exame crítico rigoroso, permite verificar o alcance e a riqueza de uma obra que resulta de um labor de pesquisa extraordinário. Neste, não faltam discussões sobre as informações que recebera, sobre a localização, por exemplo, das Colunas de Hércules (III 5.5*).

Como seria de esperar, a maior parte das informações resenhadas neste anexo dizem respeito ao seu terceiro livro, inteiramente dedicado à Península Ibérica, escrito, segundo F. Lasserre (1966, p. 3) em 17 ou 18 d.C.

De acordo com a magistral investigação de G. Aujac (1966), Estrabão viu em Homero a paternalidade dos conhecimentos científicos, o que se reflete, no caso que importa aqui assinalar, no excerto de III 2.12 e 13*, em que o geógrafo afirma,

⁸⁴ Na edição consultada (*THA* IIB, 142cd), a última frase και οὐδετέρως "Ταρτήσιον ὄλβιον ἄστν" não é traduzida.

categoricamente, que *Homero conheceu Tartessos*. Ou seja, na sua perspectiva, Homero é "père de l'histoire, père de la géographie, père de la science" (*ibid.*, p. 19)⁸⁵.

Ainda segundo Aujac, Estrabão divide as regiões limítrofes em quatro partes: Indianos, a Oriente; Etíopes, a Sul; Celtas, a Ocidente, e Citas, a Norte, com a Grécia ocupando o centro (*ibid.*, p. 205; Str. I 2.28). Esta perspectiva recorda o célebre texto de Aristóteles (*Pol.* VII, 7) sobre a relação entre clima e "personalidade" dos povos, onde afirma que a Grécia oferece melhores condições de domínio (Bernal, 1993, p. 195ss.). Esta divisão parece, no entanto, basear-se no tratado *Sobre a Europa*, de Éforo. Desta ideia resulta a representação da Terra segundo três continentes (Ásia, Líbia e Europa), tal como Heródoto (II, 15-16) concebera (Aujac, 1966, pp. 206-207).

A importância de Estrabão neste trabalho resulta do facto de ter sido um dos principais transmissores de textos anteriores. Deste autor retiraram-se, por exemplo, os fragmentos de Estesícoro e Anacreonte, bem como algumas informações de Artemidoro (cf. *supra*, "Artemidoro") e de outros autores (Possidónio e Éforo: cf. *supra*, "Éforo"). O seu texto é, obviamente, tardio em relação à cronologia da análise proposta neste texto, obrigando a necessárias cautelas.

Edições consultadas: Lasserre, 1966⁸⁶; Gómez Espelosín *et al.*, 2006; Meana & Piñero, 1992; Cruz, García & Gómez, 2009.

Bibliografia: Aujac, 1966; Counillon, 2007; Cruz Andreotti *et al.*, 2009

Textos

I, 1. 4

τῶν δ' ἐσπερίων ἀνδρῶν καὶ τὴν εὐδαιμονίαν ἐμφανίζει καὶ τὴν εὐκρασίαν τοῦ περιέχοντος, πεπυσμένος, ὥς ἔοικε, τὸν Ἰβηρικὸν πλοῦτον, ἐφ' ὃν καὶ Ἡρακλῆς ἐστράτευσε καὶ οἱ Φοίνικες* ὕστερον, οἵπερ καὶ κατέσχον τὴν πλείστην ἀρχήν, μετὰ δὲ ταῦτα Ῥωμαῖοι ἐνταῦθα γὰρ αἱ τοῦ ξεφύρου πνοαί, ἐνταῦθα δὲ καὶ τὸ Ἠλύσιον ποιεῖ πεδῖον ὁ ποιητής, εἰς ὃ πεμφθήσεσθαι φησι τὸν Μενέλαον ὑπὸ τῶν θεῶν ἄλλα σ' ἐς Ἠλύσιον πεδῖον καὶ πείρατα γαίης ἀθάνατοι πέμψουσιν, ὅθι ξανθὸς Παδάμανθος, τῇ

⁸⁵ Nesta obra, Aujac (1966, p. 19 - 36) elabora uma recolha exaustiva sobre a importância de Homero no discurso estraboniano.

⁸⁶ O texto grego baseia-se nesta edição.

περ ῥήϊστη βιοτὴ πέλει· οὐ νιφετός, οὔτ' ἄρ χειμῶν πολὺς, ἀλλ' αἰεὶ ζεφύροιο λιγὸ
πνεύοντας ἀήτας ὠκεανὸς ἀνίησι.'

De los pueblos occidentales pone de relieve⁸⁷ lo afortunado y lo bien temperado de su atmósfera ambiente, ya que, según parece probable, estaba enterado de la riqueza de Iberia, a cuya busca marchó Heracles⁸⁸ y, posteriormente, los fenicios, que dominaron la mayor parte del país y, después de éstos, los romanos. Allí se hallan, en efecto, los soplos del Céfiro y allí también sitúa el Poeta el Campo Eliseo, al qual afirma que iba a ser enviado Menelao por los dioses.

*...pero al Campo Eliseo y a los confines de la Tierra te enviarán los inmortales, adonde el rubio Radamantis, allí donde precisamente más fácil es la vida; no hay nueve, ni invierno largo, sino que constantemente brisas del Céfiro, de dulce soplo, exhala el Océano*⁸⁹.

Glossário: Φοίνικες

I, 2.26

χωρίς δὲ τούτων ἐστὶ καὶ ἄλλως διαιρεῖν τὴν Αἰθιοπίαν. πάντες γὰρ οἱ παραπλεύσαντες τῷ ὠκεανῷ τὴν Λιβύην, οἳ τε ἀπὸ τῆς Ἑρυθρᾶς καὶ οἱ ἀπὸ τῶν στηλῶν, μέχρι ποσοῦ προελθόντες εἴτα ἀνέστρεψαν ὑπὸ πολλῶν ἀποριῶν κωλυόμενοι, ὥστε καὶ πίστιν κατέλιπον τοῖς πολλοῖς, ὡς τὸ μεταξὺ διείργοιτο ἰσθμῷ· καὶ μὴν σύρρους ἢ πᾶσα Ἀτλαντικὴ θάλαττα, καὶ μάλιστα ἢ κατὰ μεσημβρίαν. ἅπαντες δὲ οὗτοι τὰ τελευταῖα χωρία, ἐφ' ἃ πλέοντες ἦλθον, Αἰθιοπικὰ προσηγόρευσαν καὶ ἀπήγγειλαν οὕτως. τί οὖν ἄλογον, εἰ καὶ Ὅμηρος ὑπὸ τοιαύτης ἀκοῆς ἀχθεὶς δίχα διήρει, τοὺς μὲν πρὸς ἀνατολὴν λέγων, τοὺς δὲ πρὸς δύσιν, τῶν μεταξὺ οὐ γινωσκομένων εἴτε εἰσὶν εἴτε μὴ εἰσὶν;

ἀλλὰ μὴν καὶ ἄλλην τινὰ ἱστορίαν εἴρηκεν παλαιὰν Ἐφορος, ἥ οὐκ ἄλογον ἐντυχεῖν καὶ Ὅμηρον. λέγεσθαι γάρ φησιν ὑπὸ τῶν Ταρτησίων* Αἰθίοπας τὴν Λιβύην ἐπελθόντας

⁸⁷ Estrabão refere-se, nesta passagem, a Homero.

⁸⁸ Trata-se de um provável eco da *Gerioneida*, de Estesícoro. Sobre a obra e o seu autor, veja-se a introdução a "Estesícoro" neste anexo.

⁸⁹ Od. IV, 561-568. A passagem é também mencionada em Str. III, 2.14*

μέχρι ἀνάσεως τοὺς μὲν αὐτοῦ μεῖναι, τοὺς δὲ καὶ τῆς παραλίας κατασχεῖν πολλήν·
τεκμαίρεται δ' ἐκ τούτου καὶ Ὅμηρον εἶπεῖν οὕτως

‘Αἰθίοπες, τοὶ διχθὰ δεδαίεται, ἔσχατοι ἀνδρῶν.’

Aparte de lo dicho, es posible también dividir Etiopía de otra manera. En efecto, todos los que han navegado por el Océano a lo largo de Libia, tanto los que lo hicieron desde el Mar Eritreo como desde las Columnas, tras avanzar hasta mayor o menor distancia, volvieron luego para atrás al verse obstaculizados por muchas dificultades inusuales, de suerte que dieron a la gran mayoría motivo para creer que la ruta estaba, justamente en la parte central, bloqueada por un istmo; ciertamente, la totalidad del Mar Atlántico, especialmente por la parte de Mediodía, presenta corriente continua. Todos estos navegantes llamaron etiópicas a las regiones a las que llegaron en último lugar en su navegación, y así las han dado a conocer. Así pues, ¿qué tiene de ilógico que también Homero, abrumado por este tipo de tradiciones, la divida en dos, diciendo que unos están hacia Levante y otros hacia Poniente, dado que los de en medio no se sabía si existían o si no?

⁹⁰Pero lo cierto es que otro tipo de información, también antigua, la ha dejado Éforo, con la cual no es ilógico que haya podido dar Homero. Afirma, en efecto, que se dice entre los tartesios que, tras invadir unos etíopes Libia hasta la zona de Poniente, se quedó un grupo allí, en tanto que otro ocupó también gran parte del litoral. Y de aquí conjetura que Homero dijo así:

Ετίopes, que están divididos en dos, los más alejados entre los hombres.

(Trad. García Ramón e García Blanco, 2006)

III, 1.4

⁹⁰ FGrH 70, fr. 128 (*supra*, Éforo).

ἄναλαβόντες δὲ λέγωμεν τὰ καθ' ἕκαστα, ἀπὸ τοῦ ἱεροῦ* ἀκρωτηρίου ἀρξάμενοι. τοῦτο δέ ἐστι τὸ δυτικώτατον οὐ τῆς Εὐρώπης μόνον ἀλλὰ καὶ τῆς οἰκουμένης* ἀπάσης σημεῖον.

[...]

αὐτὸ δὲ τὸ ἄκρον καὶ προπεπτωκὸς εἰς τὴν θάλατταν Ἀρτεμίδωρος εἰκάζει πλοῖον, γενόμενος, φησὶν, ἐν τῷ τόπῳ, προσλαμβάνειν δὲ τῷ σχήματι νησίδια τρία, τὸ μὲν ἐμβόλου τάξιν ἔχον τὰ δὲ ἐπωτίδων, ὑφόρμους ἔχοντα μετρίους.

Ἡρακλέους δ' οὐθ' ἱερὸν* ἐνταῦθα δείκνυσθαι (ψεύσασθαι δὲ τοῦτο Ἔφορον) οὔτε βωμόν*, οὐδ' ἄλλου τῶν θεῶν, ἀλλὰ λίθους συγκεῖσθαι τρεῖς ἢ τέτταρας κατὰ πολλοὺς τόπους, οὓς ὑπὸ τῶν ἀφικνουμένων στρέφεσθαι κατὰ τι πάτριον καὶ μεταφέρεσθαι σπονδοποιησαμένων· θύειν δ' οὐκ εἶναι νόμιμον, οὐδὲ νύκτωρ ἐπιβαίνειν τοῦ τόπου, θεοὺς φασκόντων κατέχειν αὐτὸν ἐν τῷ τότε χρόνῳ, ἀλλὰ τοὺς ἐπὶ θεῶν ἤκοντας ἐν κόμῃ πλησίον νυκτερεύειν, εἴτ' ἐπιβάλλειν ἡμέρας ὕδωρ ἐπιφερομένους διὰ τὴν ἀνυδρίαν.

Pero describamos ahora cada una de sus partes, comenzando por el Promontorio Sagrado. Éste es el punto de referencia más occidental, no sólo de Europa sino también de toda la tierra habitada.

[...]

Artemidoro, que según afirma estuvo en este lugar, compara el propio cabo que sobresale hacia el mar a un barco, y dice que le proporcionan esta forma tres islotes, uno en la posición del espolón, y los otros dos en la de orejeras de proa; tienen fondeaderos adecuados.

Y afirma que allí no se ve un santuario de Heracles - y en esto miente Éforo - ni un altar, ni de ningún otro de los dioses, sino piedras que yacen agrupadas en grupos de tres o cuatro por muchos lugares, a las que los que llegan hasta allí les dan la vuelta según una costumbre ancestral y luego vuelven a girarlas tras haber realizado libaciones; y añade que no está permitido hacer sacrificios ni acudir de noche al lugar - ya que se dice que los dioses lo ocupan en esos momentos -, sino que los que vienen a

verlo pasan la noche en una aldea de las proximidades para acudir después, durante el día, llevando consigo agua dada su escasez en el lugar.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

Glossário: ἱερὸν; βωμός

III, 1.6

τῆς δὲ συνεχοῦς τῷ ἱερῷ* ἀκρωτηρίῳ παραλίας ἢ μὲν ἐστὶν ἀρχὴ τοῦ ἐσπερίου πλευροῦ τῆς Ἰβηρίας μέχρι τῆς ἐκβολῆς τοῦ Τάγου* ποταμοῦ, ἢ δὲ τοῦ νοτίου μέχρι ἄλλου ποταμοῦ τοῦ Ἄνα* καὶ τῆς ἐκβολῆς αὐτοῦ. φέρεται δ' ἀπὸ τῶν ἐφ' ὧν μερῶν ἐκάτερος, ἀλλ' ὁ μὲν ἐπ' εὐθείας εἰς τὴν ἐσπέραν ἐκδίδωσι πολὺ μείζων ὢν θατέρου, ὁ δ' Ἄνας* πρὸς νότον ἐπιστρέφει τὴν μεσοποταμίαν ἀφορίζων, ἣν Κελτικοὶ νέμονται τὸ πλεόν καὶ τῶν Λυσιτανῶν τινὲς ἐκ τῆς περαιᾶς τοῦ Τάγου* μετοικισθέντες ὑπὸ Ῥωμαίων ἐν δὲ τοῖς ἄνω μέρεσι καὶ Καρπητανοὶ καὶ Ὠρητανοὶ καὶ Οὐεττώνων συχνοὶ νέμονται.

αὕτη μὲν οὖν ἡ χώρα μετρίως ἐστὶν εὐδαίμων, ἢ δ' ἐφεξῆς πρὸς ἔω κειμένη καὶ νότον ὑπερβολὴν οὐκ ἀπολείπει πρὸς ἅπασαν κρινομένη τὴν οἰκουμένην ἀρετῆς χάριν καὶ τῶν ἐκ γῆς καὶ θαλάττης ἀγαθῶν. αὕτη δ' ἐστὶν ἣν ὁ Βαῖτις* διαρρεῖ ποταμός, ἀπὸ τῶν αὐτῶν μερῶν τὴν ἀρχὴν ἔχων ἀφ' ὧν περ καὶ ὁ Ἄνας* καὶ ὁ Τάγος*, μέσος πῶς ἀμφοῖν τούτων ὑπάρχων κατὰ μέγεθος παραπλησίως μέντοι τῷ Ἄνα κατ' ἀρχὰς ἐπὶ τὴν ἐσπέραν ῥυεῖς εἴτ' ἐπιστρέφει πρὸς νότον καὶ κατὰ τὴν αὐτὴν ἐκδίδωσι τούτῳ παραλίαν. καλοῦσι δ' ἀπὸ μὲν τοῦ ποταμοῦ Βαιτικὴν, ἀπὸ δὲ τῶν ἐνοικούντων Τουρδητανίαν τοὺς δ' ἐνοικοῦντας Τουρδητανούς τε καὶ Τουρδούλους προσαγορεύουσιν, οἱ μὲν τοὺς αὐτοὺς νομίζοντες οἱ δ' ἑτέρους ὧν ἐστὶ καὶ Πολύβιος συνοίκους φήσας τοῖς Τουρδητανοῖς πρὸς ἄρκτον τοὺς Τουρδούλους νυνὶ δ' ἐν αὐτοῖς οὐδεὶς φαίνεται διορισμός.

σοφώτατοι δ' ἐξετάζονται τῶν Ἰβήρων οὗτοι καὶ γραμματικῇ χρῶνται καὶ τῆς παλαιᾶς μνήμης ἔχουσι συγγράμματα καὶ ποιήματα καὶ νόμους ἐμμέτρους ἐξακισχιλίων ἐπῶν, ὥς φασιν καὶ οἱ ἄλλοι δ' Ἰβηρες χρῶνται γραμματικῇ, οὐ μὴ δ' ιδέα· οὐδὲ γὰρ γλώττη μὴ. τείνει δὲ ἡ χώρα αὕτη ἢ ἐντὸς τοῦ Ἄνα πρὸς ἔω μὲν μέχρι τῆς Ὠρητανίας, πρὸς νότον δὲ μέχρι τῆς παραλίας τῆς ἀπὸ τῶν ἐκβολῶν τοῦ Ἄνα μέχρι στηλῶν. ἀνάγκη δὲ

διὰ πλειόνων περὶ αὐτῆς εἰπεῖν καὶ τῶν σύνεγγυς τόπων, ὅσα συντείνει πρὸς τὸ μαθεῖν τὴν εὐφυΐαν τῶν τόπων καὶ τὴν εὐδαιμονίαν.

Del litoral adyacente al Promontorio Sagrado, una parte constituye el comienzo del lado occidental de Iberia hasta la desembocadura del río Tajo, y la otra, del meridional, hasta otro río, el Anas, y su desembocadura. Cada uno de ellos procede de las regiones orientales, pero el primero, que es mucho mayor, va a desembocar derecho hacia el oeste, mientras que el Anas se desvía hacia el sur; delimita el territorio entre ríos que habitan en su mayor parte célticos y algunos lusitanos, que habían sido trasladados allí desde el otro lado del Tajo por los romanos. En las regiones más hacia el interior habitan también carpetanos, oretanos y una buena parte de los vetones.

Pues este territorio es moderadamente fértil. Pero el que viene a continuación, situado hacia el este y el sur, no deja lugar a exageración cuando se lo compara con toda la tierra habitada a causa de su cualidad y de los bienes que producen tanto la tierra como el mar. Pues éste es el territorio que atraviesa el río Betis, que tiene sus fuentes en aquellas mismas regiones de donde proceden también el Anas y el Tajo, y que ocupa un lugar intermedio por su tamaño entre estos dos; de la misma manera que el Anas, discurre a principio hacia occidente y luego gira hacia el sur para desembocar en las mismas riberas costeras aque aquel.

Denominan a este territorio Bética a partir del nombre del río, y Turdetania por sus habitantes. A los que habitan allí los denominan turdetanos y túrdulos, unos consideran que se trata del mismo pueblo, otros que de dos diferentes (Polibio es de estos últimos, cuando afirma que los túrdulos son vecinos de los turdetanos hacia el norte); en la actualidad sin embargo no parece que exista diferencia alguna entre ellos.

A los turdetanos se les considera los más sabios de los iberos: pues no sólo utilizan la escritura, sino que poseen crónicas y poemas de antigua tradición, y leyes versificadas de seis mil años, según dicen (también los demás iberos utilizan la escritura, pero no en una única forma; pues no poseen una sola lengua). Este territorio de este lado del Anas se extiende hacia el este hasta la Oretania, hacia el sur hasta el litoral que va desde la desembocadura del Anas hasta las Columnas. Es necesario hablar con mayor extensión

acerca de él y de los territorios vecinos, para contribuir a dar a conocer en su conjunto la buena calidad natural de estas regiones y su prosperidad.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

Glossário: Ἄνας; ἱερόν; Τάγος

III, 2.11

οὐ πολὺ δ' ἄπωθεν τοῦ Καστλῶνος ἔστι καὶ τὸ ὄρος ἐξ οὗ ῥεῖν φασὶ τὸν Βαῖτιν*, ὃ καλοῦσιν Ἀργυροῦν διὰ τὰ ἀργυρεῖα τὰ ἐν αὐτῷ. Πολύβιος δὲ καὶ τὸν Ἄναν καὶ τοῦτον ἐκ τῆς Κελτιβηρίας ῥεῖν φησι, διέχοντας ἀλλήλων ὅσον ἑνακοσίους σταδίου· αὐξηθέντες γὰρ οἱ Κελτίβηρες ἐποίησαν καὶ τὴν πλησιόχωρον πᾶσαν ὁμώνυμον ἑαυτοῖς. εἰκότα δ' οἱ παλαιοὶ καλεῖν τὸν Βαῖτιν Ταρτησσόν*, τὰ δὲ Γάδειρα* καὶ τὰς πρὸς αὐτὴν νήσους Ἐρύθειαν· διόπερ οὕτως εἰπεῖν ὑπολαμβάνουσι Σησίχορον περὶ τοῦ Γηρυόνης βουκόλου διότι γεννηθεῖη

‘σχεδὸν ἀντιπέρας κλεινᾶς Ἐρυθείας Ταρτησσοῦ* ποταμοῦ παρὰ παγὰς ἀπείρονας ἀργυρορίζους, ἐν κευθμῶνι πέτρας.’

δυεῖν δὲ οὐσῶν ἐκβολῶν τοῦ ποταμοῦ πόλιν ἐν τῷ μεταξὺ χώρῳ κατοικεῖσθαι πρότερον φασίν, ἣν καλεῖσθαι Ταρτησσόν* ὁμώνυμον τῷ ποταμῷ, καὶ τὴν χώραν Ταρτησσίδα*, ἣν νῦν Τουρδοῦλοι νέμονται. καὶ Ἐρατοσθένης δὲ τὴν συνεχῇ τῇ Κάλπῃ Ταρτησσίδα* καλεῖσθαι φησι καὶ Ἐρύθειαν νῆσον εὐδαίμονα. πρὸς ὃν Ἀρτεμίδωρος ἀντιλέγων καὶ ταῦτα ψευδῶς λέγεσθαι φησιν ὑπ' αὐτοῦ καθάπερ καὶ τὸ ἀπὸ Γαδείρων* ἐπὶ τὸ ἱερόν* ἀκρωτήριον διάστημα ἀπέχειν ἡμερῶν πέντε πλοῦν, οὐ πλείονων ὄντων ἢ χιλίων καὶ ἑπτακοσίων σταδίων, καὶ τὸ τὰς ἀμπώτεις μέχρι δεῦρο περατοῦσθαι ἀντὶ τοῦ κύκλω περὶ πᾶσαν τὴν οἰκουμένην συμβαίνειν, καὶ τὸ τὰ προσαρκτικὰ μέρη τῆς Ἰβηρίας εὐπαροδώτερα εἶναι πρὸς τὴν Κελτικὴν ἢ κατὰ τὸν ὠκεανὸν πλέουσι, καὶ ὅσα δὴ ἄλλα εἴρηκε Πυθέα πιστεύσας.

No muy lejos de Cástulo se halla también la montaña desde la que según dicen fluye el Betis; la llaman Plateada a causa de las minas de plata que hay en ella. Polibio afirma

que tanto el Anas como el Betis fluyen desde Celtiberia (se hallan separados uno de otro por unos novecientos estadios); pues los celtíberos, como habían acrecentado su poder, hicieron que todos los territorios vecinos recibieran el mismo nombre que ellos. Parece que los antiguos llamaban "Tarteso" al Betis y "Eritía" a Gades y a las islas vecinas; por lo que se supone que Estesícoro dijo acerca del boyero Gerión, que había nacido

*Casi enfrente de la ilustre Eritía junto a las fuentes inagotables del río Tarteso de raíces de plata en la cavidad de una roca*⁹¹.

Como las desembocaduras del río son dos, se dice que en el territorio intermedio se había edificado anteriormente una ciudad, a la que llamaban Tarteso, con el mismo nombre que el río, y Tartésida a la tierra, que los túrdulos habitan en la actualidad. También Eratóstenes afirma que se llamaba Tartésida a la región que linda con Calpe, y a Eritía "isla afortunada". Artemidoro le contradice y afirma que en esto ha incurrido en falsedades, al igual que el que el Promontorio Sagrado dista desde Gades cinco días de navegación, a pesar de que no hay más de mil setecientos estadios, y el que las mareas alcancen sólo hasta aquí en lugar de que tengan lugar en el perímetro de toda la tierra habitada, y el que las partes más septentrionales de Iberia constituyan un camino más accesible hacia la Céltica que si se navega por el Océano, y todas las demás cosas que ha dicho por haber concedido crédito a Piteas a causa de su fanfarronería.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

glossário: ἱερὸν; Γάδαιρα; Ταρτησιδα

III, 1.9

ἑφεξῆς δ' ἐστὶν ὁ Μενεσθέως καλούμενος λιμὴν καὶ ἡ κατὰ Ἄσταν ἀνάχυσις καὶ Νάβρισσαν. λέγονται δὲ ἀναχύσεις αἱ πληρούμεναι τῇ θαλάττῃ κοιλάδες ἐν ταῖς πλημμυρίσι καὶ ποταμῶν δίκην ἀνάπλους εἰς τὴν μεσόγαιαν ἔχουσαι καὶ τὰς ἐπ' αὐταῖς πόλεις. εἴτ' εὐθὺς αἱ ἐκβολαὶ τοῦ Βαίτιος διχῇ σχιζόμεναι· ἡ δὲ ἀπολαμβανομένη νῆσος ὑπὸ τῶν στομάτων ἑκατόν, ὥς δ' ἔνιοι καὶ πλειόνων σταδίων, ἀφορίζει παραλίαν.

⁹¹ Fr. 184 PMG.

ἐνταῦθα δέ που καὶ τὸ μαντεῖον τοῦ Μενεσθέως ἐστί, καὶ ὁ τοῦ Καιπίωνος ἵδρυται πύργος ἐπὶ πέτρας ἀμφικλύστου, θαυμασίως κατεσκευασμένος, ὥσπερ ὁ Φάρος, τῆς τῶν πλοῖζομένων σωτηρίας χάριν. ἢ τε γὰρ ἐκβαλλομένη χοῦς ὑπὸ τοῦ ποταμοῦ βραχέα ποιεῖ καὶ χοιραδῶδης ἐστὶν ὁ πρὸ αὐτοῦ τόπος, ὥστε δεῖ σημείου τινὸς ἐπιφανοῦς.

ἐντεῦθεν δ' ὁ τοῦ Βαίτιος ἀνάπλους ἐστὶ καὶ πόλις Ἐβοῦρα καὶ τὸ τῆς Φωσφόρου ἱερόν, ἣν καλοῦσι Λοῦκεμ δουβίαν· εἴθ' οἱ τῶν ἀναχύσεων τῶν ἄλλων ἀνάπλοι, καὶ μετὰ ταῦτα ὁ Ἄνας ποταμός, δίστομος καὶ οὔτος, καὶ ὁ ἐξ αὐτῶν ἀνάπλους· εἴθ' ὅστανον τὸ ἱερόν ἀκρωτήριον, διέχον τῶν Γαδεῖρων ἐλάττους ἢ δισχιλίους σταδίους· τινὲς δ' ἀπὸ μὲν τοῦ ἱεροῦ ἀκρωτηρίου ἐπὶ τὸ τοῦ Ἄνα στόμα ἐξήκοντα μίλια φασιν, ἐντεῦθεν δ' ἐπὶ τὸ τοῦ Βαίτιος στόμα ἑκατόν, εἴτα εἰς Γάδειρα ἑβδομήκοντα.

A continuación se halla el llamado "Puerto de Menesteo" y el estero de Asta de Nabrisa (se denominan esteros a las depresiones rellenadas por el mar en las pleamares y que a la manera de ríos permiten la navegación hacia las tierras del interior y hacia las ciudades situadas río arriba). Inmediatamente después viene la desembocadura del Betis, que se bifurca en dos ramales; la isla configurada por las bocas delimita un litoral de cien estadios (pero según algunos de un número mucho mayor). Allí en algún lugar se encuentra el Oráculo de Menesteo, también se alza la Torre de Cepión sobre unas rocas batidas por las olas, construida de manera admirable, como el faro, para la salvación de los navegantes: pues los aluviones arrastrados por el río forman bajíos y el espacio situado delante está repleto de escolios, de manera que era necesaria una señal bien visible.

A continuación se encuentra la desembocadura que permite remontar el Betis, la ciudad de Ebury y el santuario de la diosa Fósforo, a la que denominan Lux Dubia. A continuación los cursos que permiten remontar otros esteros y a continuación el río Anas, también éste con dos bocas, y cursos para remontar navegando por cada una de ellas. A continuación, el último de todos, el Promontorio Sagrado, dista de Gades menos de dos mil estadios (pero algunos cuentan sesenta millas desde el Promontorio Sagrado

hasta la boca del Anas, y cien desde allí hasta la boca del Betis, y luego setenta hasta Gades)⁹².

III, 2.13

πρὸς δὲ τὸ βέλτιον ἐκ τούτων ἢ τε γὰρ Ἡρακλέους στρατεία μέχρι δεῦρο προελθοῦσα καὶ τῶν Φοινίκων* υπέγραφεν αὐτῷ πλοῦτόν τινα καὶ ῥαθυμίαν τῶν ἀνθρώπων· οὗτοι γὰρ Φοίνιξιν οὕτως ἐγένοντο σφόδρα ὑποχείριοι ὥστε τὰς πλείους τῶν ἐν τῇ Τουρδητανίᾳ πόλεων καὶ τῶν πλησίον τόπων ὑπ' ἐκείνων νῦν οἰκεῖσθαι. καὶ ἡ τοῦ Ὀδυσσέως δὲ στρατεία δοκεῖ μοι δεῦρο γενηθεῖσα καὶ ἱστορηθεῖσα ὑπ' αὐτοῦ παραδοῦναι πρόφασιν, ὥστε τὴν Ὀδύσσειαν καθάπερ καὶ τὴν Ἰλιάδα ἀπὸ τῶν συμβάντων μεταγαγεῖν εἰς ποίησιν καὶ τὴν συνήθη τοῖς ποιηταῖς μυθοποιίαν.

οὐ γὰρ μόνον οἱ κατὰ τὴν Ἰταλίαν καὶ Σικελίαν τόποι καὶ ἄλλοι τινὲς τῶν τοιούτων σημεῖα ὑπογράφουσιν, ἀλλὰ καὶ ἐν τῇ Ἰβηρίᾳ Ὀδύσσεια πόλις δείκνυται καὶ Ἀθηνᾶς ἱερὸν* καὶ ἄλλα μυρία ἵχνη τῆς τε ἐκείνου πλάνης καὶ ἄλλων τῶν ἐκ τοῦ Τρωικοῦ πολέμου περιγενομένων ἐπ' ἴσης κακώσαντος τούς τε πολεμηθέντας καὶ τοὺς ἐλόντας τὴν Τροίαν· καὶ γὰρ οὗτοι Καδμεῖαν νίκην ἐτύγχανον ἡρμένοι, τῶν τε οἴκων αὐτοῖς κατεφθαρμένων καὶ τῶν λαφύρων ὀλίγων εἰς ἕκαστον ἐληλυθότων· συνέβη δὲ τοῖς περιλειφθεῖσιν ἀπελθοῦσιν ἐκ τῶν κινδύνων κατὰ ληστείας τρέπεσθαι¹, τοῖς μὲν διὰ τὸ ἐκπεπορθηθῆσθαι τοῖς δὲ διὰ τὴν αἰσχύνην, ἐκάστου προλαβόντος

‘αἰσχρὸν τοι δηρὸν τε μένειν’ ἄνευ τῶν οἰκείων ‘κενεὸν τε νέεσθαι’ παρ’ αὐτοὺς πάλιν.

ἢ τε τοῦ Αἰνείου παραδέδοται πλάνη καὶ Ἀντήνορος καὶ ἡ τῶν Ἐνετῶν· ὡσαύτως καὶ ἡ Διομήδους τε καὶ Μενελάου καὶ ἄλλων πλειόνων. ὁ τοίνυν ποιητὴς τὰς τοσαύτας στρατείας ἐπὶ τὰ ἔσχατα τῆς Ἰβηρίας ἱστορηκώς, πυνθανόμενος δὲ καὶ πλοῦτον καὶ τὰς ἄλλας ἀρετὰς (οἱ γὰρ Φοίνικες ἐδήλουν τοῦτο) ἐνταῦθα τὸν τῶν εὐσεβῶν ἔπλασε χῶρον καὶ τὸ Ἠλύσιον πεδίον, οὗ φησιν ὁ Πρωτεὺς ἀποικήσειν τὸν Μενέλαον

⁹² É provável que este texto tenha como base Artemidoro, embora Estrabão não seja explícito. Veja-se o problemático papiro recentemente identificado e discutido, que parece complementar esta informação (Kramer, 2006; Gangutia Elícegui, 2006; Faria, 2009; Alarcão, 2010; Canfora, 2010; Santangelo, 2010).

‘ἀλλά σ’ ἐς Ἡλύσιον πεδῖον καὶ πείρατα γαίης ἀθάνατοι πέμπουσιν, ὅθι ξανθὸς Ῥαδάμανθους τῇ περ ῥήϊστη βιοτὴ πέλει ἀνθρώποισιν· οὐ νιφετὸς οὔτ’ ἄρ χειμῶν πολὺς οὐδὲ ποτ’ ὄμβρος, ἀλλ’ αἰεὶ ζεφύροιο λιγὺ πνείνοντας ἀήτας ὠκεανὸς ἀνίσιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους.’

τό τε γὰρ εὐάερον καὶ τὸ εὖπνουν τοῦ ζεφύρου ταύτης ἐστὶ τῆς χώρας οἰκεῖον ἐσπερίου τε καὶ ἀλεεινῆς οὔσης, τό τε ἐπὶ τοῖς πέρασι τῆς γῆς ἐφ’ οἷς καὶ τὸν Ἄϊδην μεμυθεῖσθαι ἔφαμεν, ὃ τε Ῥαδάμανθους παρατεθεὶς ὑπογράφει τὸν πλησίον τῷ Μίνῳ τόπον, περὶ οὗ φησὶν.

‘ἐνθ’ ἦτοι Μίνῳα ἴδον Διὸς ἀγλαὸν υἱόν, χρύσειον σκῆπτρον ἔχοντα, θεμιστεύοντα νέκυσι.’

καὶ οἱ μετὰ ταῦτα δὲ ποιηταὶ παραπλήσια θρυλοῦσι, τὴν τε ἐπὶ τὰς Γηρυόνου βόας στρατείαν καὶ τὴν ἐπὶ τὰ μῆλα τῶν Ἑσπερίδων τὰ χρύσεια ὡσαύτως, καὶ μακάρων τινὰς νήσους κατονομάζοντες, ἃς καὶ νῦν δεικνυμένας ἴσμεν οὐ πολὺ ἄπωθεν τῶν ἄκρων τῆς Μαυρουσίας τῶν ἀντικειμένων τοῖς Γαδεΐροις.

Por lo que respecta a los mejores pasajes, podríamos partir de los siguientes indicios: pues la expedición de Heracles⁹³ que avanzó hasta aquí y la de los fenicios le sugirió una cierta riqueza y despreocupación de sus habitantes (pues éstos llegaron a estar tan sometidos a los fenicios que la mayor parte de las ciudades de Turdetania y de las regiones vecinas se hallan en la actualidad habitadas por aquéllos). También la expedición de Odiseo me parece que llegó hasta aquí, sirvió como fuente de información a Homero y le proporcionó la excusa, de manera que también la *Odisea*, como la *Ilíada*, a partir de lo que había acontecido, la transformó en poesía y elaboró el tipo de mitos habitual en los poetas.

Pues no sólo las regiones de Italia y Sicilia (y algunas otras) revelan indicios de tales expediciones, sino que también en Iberia se puede ver una ciudad llamada *Odisea*⁹⁴, un santuario de Atenea e innumerables indicios de las andanzas de Odiseo y de los demás

⁹³ Estrabão refere-se ao Décimo Trabalho de Hércules.

⁹⁴ Oducia, no Vale do Guadalquivir (CIL II 1056 e 1182) ou Ulisi, nas proximidades da actual Loja (CIL II, 880; 5498; 5499), segundo Cruz, García & Gómez, 2009, n. 105 *ad loc.*

supervivientes de la guerra de Troya [***]⁹⁵, que sufrieron males por igual, tanto que los que fueron asediados como los que tomaron la ciudad (pues éstos consiguieron una victoria cadmea, ya que sus casas resultaron destruidas y el botín que obtuvo cada uno fue escaso), sucedió que los que se habían salvado, cuando se hallaban lejos de los peligros, se dedicaron a la piratería [***]⁹⁶, también los griegos, los unos por haber sido completamente despojados, los otros por vergüenza, considerando cada uno que

"es vergonzoso estar durante mucho tiempo lejos de los suyos y regresar con las manos vacías"⁹⁷ junto a ellos de nuevo.

Han llegado hasta nosotros las andanzas de Eneas, de Antenor, de los henetos, pero al mismo tiempo también las de Diomedes, Menelao, Odiseo y muchos otros. Así el poeta, dado que había obtenido informaciones a través de sus conocimientos de tantas expediciones hacia los confines de Iberia, conocedor también de su riqueza y de las demás cualidades (pues los fenicios las habían dado a conocer), situó allí la morada de los bienaventurados y la llanura del Elíseo, donde Proteo afirma que había de morar Menelao:

"Pero a ti hacia la llanura del Elíseo y los confines de la tierra te enviarán los inmortales, donde el rubio Radamantis, pues allí es muy fácil la vida para los hombres; ni nevadas, ni largo invierno ni lluvias nunca, sino que siempre las brisas que soplan suaves de Céfiro Océano envía para refrescar a los hombres"⁹⁸.

Pues la pureza y el soplo suave del céfiro es lo propio de este territorio, que está situado en occidente y expuesto al sol y se halla en los confines de la tierra en los que, afirmamos, el mito sitúa también el Hades; el citado Radamantis sugiere un lugar cercano a Minos, sobre el que afirma:

"Allí vi a Minos ilustre hijo de Zeus, con un cetro de oro, impartiendo justicia a los muertos"

Y los poetas posteriores repiten historias similares: la expedición en busca de las vacas de Gerión y las manzanas de oro de las Hespérides, y denominan a algunas islas las de

⁹⁵ Lacuna

⁹⁶ Lacuna

⁹⁷ *Il.* II, 298.

⁹⁸ *Od.* IV, 561-568. A passagem é também mencionada em *Str.* I, 1.4*

los bienaventurados, que en la actualidad sabemos que se sitúan no muy lejos de los cabos de Maurusia que se hallan enfrente de Gades.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

Glossário: Γάδαιρα; ἱερόν; Φοίνικες; Ὠκεανός

III, 2.14

(Ver "Anacreonte").

III 5, 4

Ἐρύθειαν δὲ τὰ Γάδαιρα* ἔοικε λέγειν ὁ Φερεκύδης, ἐν ἧ τὰ περὶ τὸν Γηρυόνην μυθεύουσιν, ἄλλοι δὲ τὴν παραβεβλημένην ταύτη τῇ πόλει νῆσον πορθμῷ σταδιαίῳ διειργομένην, τὸ εὐβοτον ὀρῶντες, ὅτι τῶν νεμομένων αὐτόθι προβάτων τὸ γάλα ὀρὸν οὐ ποιεῖ. τυροποιοῦσί τε πολλῷ ὕδατι μίξαντες διὰ τὴν πύοτητα, ἐν πεντήκοντά τε ἡμέραις πνίγεται τὸ ζῶον, εἰ μὴ τις ἀποσχάζοι τι τοῦ αἵματος. ξηρὰ δὲ ἐστὶν ἣν νέμονται βοτάνην, ἀλλὰ πιαίνει σφόδρα· τεκμαίρονται δ' ἐκ τούτου πεπλάσθαι τὸν μῦθον τὸν περὶ τὰ βουκόλια τοῦ Γηρυόνου... κοινῇ μέντοι συνώκισται πᾶς ὁ αἰγιαλός.

Ferécides parece referirse a Gades como Eritía, donde se sitúan los mitos acerca de Gerión. Otros en cambio se refieren a la isla que se extiende en paralelo a esta ciudad, separada por un estrecho de un estadio, a la vista de sus buenos pastos: porque la leche de los ganados que allí pacen no produce suero; y hacen los quesos mezclando la leche con abundante agua a causa de la grasa; y en treinta días el animal se ahora si no se le practica una incisión para desangrarlo (la hierba que pacen es seca, pero engorda

mucho); se conjetura que por esto se ha inventado el mito de los bueyes de Gerión [***]⁹⁹ sin embargo todo el litoral está ocupado por fundaciones mixtas.

(Trad. F.J. Gómez Espelosín, 2009)

Glossário: Γάδαιρα

III 5, 5

[1] περὶ δὲ τῆς κτίσεως τῶν Γαδείρων* τοιαῦτα λέγοντες μέμνηνται Γαδιτανοὶ* χρησιμοῦ τινος, ὃν γενέσθαι φασὶ Τυρίοις κελεύοντα ἐπὶ τὰς Ἡρακλέους στήλας* ἀποικίαν πέμψαι· τοὺς δὲ πεμφθέντας κατασκοπῆς χάριν, ἐπειδὴ κατὰ τὸν πορθμὸν ἐγένοντο τὸν κατὰ τὴν Κάλπην, νομίσαντας τέρμονας εἶναι τῆς οἰκουμένης καὶ τῆς Ἡρακλέους στρατείας τὰ ἄκρα ποιοῦντα τὸν πορθμὸν, ταῦτα δ' αὐτὰ καὶ στήλας ὀνομάζειν τὸ λόγιον, κατασχεῖν εἰς τι χωρίον ἐντὸς τῶν στενῶν, ἐν ᾧ νῦν ἔστιν ἡ τῶν Ἐξιτανῶν πόλις· ἐνταῦθα δὲ θύσαντας μὴ γενομένων καλῶν τῶν ἱερείων* ἀνακάμψαι πάλιν. χρόνῳ δ' ὕστερον τοὺς πεμφθέντας προελθεῖν ἔξω τοῦ πορθμοῦ περὶ χιλίους καὶ πεντακοσίους σταδίους εἰς νῆσον Ἡρακλέους ἱερὰν* κειμένην κατὰ πόλιν Ὀνόβαν* τῆς Ἰβηρίας, καὶ νομίσαντας ἐνταῦθα εἶναι τὰς στήλας θῦσαι τῷ θεῷ, μὴ γενομένων δὲ πάλιν καλῶν τῶν ἱερείων ἐпанελθεῖν οἴκαδε.

[2] Τῷ δὲ τρίτῳ στόλῳ τοὺς ἀφικομένους Γάδαιρα* κτίσαι καὶ ιδρύσασθαι τὸ ἱερὸν ἐπὶ τοῖς ἑσπερίοις τῆς νήσου, τὴν δὲ πόλιν ἐπὶ τοῖς ἑσπερίοις. διὰ δὲ τοῦτο τοὺς μὲν δοκεῖν τὰ ἄκρα τοῦ πορθμοῦ τὰς στήλας εἶναι, τοὺς δὲ τὰ Γάδαιρα*, τοὺς δ' ἔτι πορρώτερον τῶν Γαδείρων* ἔξω προκεῖσθαι. ἔνιοι δὲ στήλας ὑπέλαβον τὴν Κάλπην καὶ τὴν Ἀβίλυκα, τὸ ἀντικείμενον ὄρος ἐκ τῆς Λιβύης, ὃ φησιν Ἐρατοσθένης ἐν τῷ Μεταγωνίῳ νομαδικῷ ἔθνεϊ* ιδρῦσθαι· οἱ δὲ τὰς πλησίον ἑκατέρου νησιῶδας, ὧν τὴν ἑτέραν Ἥρας νῆσον

⁹⁹ Na edição consultada, os autores assinalam que este texto apresenta, neste ponto, uma lacuna, uma vez que a parte final do capítulo é praticamente ilegível, "ya que el verbo hace alusión a la fusión de dos poblaciones que no aparecen mencionadas, contrastando el borde del mar con la tierra del interior continental" (Cruz, García & Gómez, 2009, n. 25 *ad loc.*).

ὀνομάζουσιν. Ἀρτεμίδωρος δὲ τὴν μὲν τῆς Ἥρας νῆσον καὶ ἱερὸν λέγει αὐτῆς, ἄλλην δὲ φησιν εἶναι τινα, οὐδ' Ἀβίλυκα ὄρος οὐδὲ Μεταγώνιον ἔθνος*.

[3] Καὶ τὰς Πλαγκτὰς δὲ καὶ τὰς Συμπληγάδας ἐνθάδε μεταφέρουσί τινες, ταύτας εἶναι νομίζοντες στήλας, ἃς Πίνδαρος καλεῖ πύλας Γαδειρίδας, εἰς ταύτας ὑστάτας ἀφῆχθαι φάσκων τὸν Ἡρακλέα. Καὶ Δικαίαρχος δὲ καὶ Ἐρατοσθένης καὶ Πολύβιος καὶ οἱ πλεῖστοι τῶν Ἑλλήνων περὶ τὸν πορθμὸν ἀποφαίνουσι τὰς στήλας*. Οἱ δὲ Ἰβηρες καὶ Λίβυες ἐν Γαδεύροις* εἶναι φασίν· οὐδὲν γὰρ εἰσὶν ἐν στήλαις τὰ περὶ τὸν πορθμὸν.

[4] Οἱ δὲ τὰς ἐν τῷ Ἡρακλείῳ τῷ ἐν Γαδεύροις* χαλκᾶς ὀκταπήχεις, ἐν αἷς ἀναγράφονται τὸ ἀνάλωμα τῆς κατασκευῆς τοῦ ἱεροῦ, ταύτας λέγεσθαι φασιν· ἐφ' ἃς ἐρχόμενοι οἱ τελέσαντες τὸν πλοῦν καὶ θύοντες τῷ Ἡρακλεῖ διαβοηθῆναι παρεσκεύασαν, ὥς τοῦτ' εἶναι καὶ γῆς καὶ θαλάττης τὸ πέρας. Τοῦτον δ' εἶναι πιθανώτατον καὶ Ποσειδώνιος ἡγεῖται τὸν λόγον, τὸν δὲ χρησμὸν καὶ τοὺς πολλοὺς ἀποστόλους ψεῦσμα Φοινικικόν*.

[5] Περὶ μὲν οὖν τῶν ἀποστόλων τί ἂν τις δισχυρίσαιτο πρὸς ἔλεγχον ἢ πίστιν, οὐδετέρως παράλογον ὄν; τὸ δὲ τὰς νησιῶν ἢ τὰ ὄρη μὴ φάσκειν εἰσὶν ἐν στήλαις, ἀλλὰ ζητεῖν ἐπὶ τῶν κυρίως λεγομένων στηλῶν τοὺς τῆς οἰκουμένης ὅρους* ἢ τῆς στρατείας τῆς Ἡρακλέους ἔχει μὲν τινα νοῦν· ἔθος γὰρ παλαιὸν ὑπῆρχε τὸ τίθεσθαι τοιούτους ὅρους, καθάπερ οἱ Ῥηγῖνοι τὴν στυλίδα ἔθεσαν τὴν ἐπὶ τῷ πορθμῷ κειμένην, πυργίον τι, καὶ ὁ τοῦ Πελώρου λεγόμενος πύργος ἀντίκειται ταύτῃ τῇ στυλίδι· καὶ οἱ Φιλαίνων λεγόμενοι βωμοί* κατὰ μέσσην που τὴν μεταξὺ τῶν σύρτεων γῆν· καὶ ἐπὶ τῷ ἰσθμῷ τῷ Κορινθιακῷ μνημονεύεται στήλη τις ἰδρυμένη πρότερον, ἣν ἔστησαν κοινῇ οἱ τὴν Ἀττικὴν σὺν τῇ Μεγαρίδι κατασχόντες Ἴωνες ἐξελαθέντες ἐκ τῆς Πελοποννήσου καὶ οἱ κατασχόντες τὴν Πελοπόννησον, ἐπιγράψαντες ἐπὶ μὲν τοῦ πρὸς τῇ Μεγαρίδι μέρους 'τάδ' οὐχὶ Πελοπόννησος ἀλλ' Ἰωνία,' ἐκ δὲ θατέρου 'τάδ' ἐστὶ Πελοπόννησος οὐκ Ἰωνία.'

[6] Ἀλέξανδρος δὲ τῆς Ἰνδικῆς στρατείας ὅρια βωμοὺς* ἔθετο ἐν τοῖς τόποις εἰς οὓς ὑστάτους ἀφίκετο τῶν πρὸς ταῖς ἀνατολαῖς Ἰνδῶν, μιμούμενος τὸν Ἡρακλέα καὶ τὸν Διόνυσον. ἦν μὲν δὴ τὸ ἔθος τοῦτο.

[1] Entre los relatos de esta clase acerca de la fundación de Gades los gaditanos recuerdan un oráculo que según dicen les aconteció a los tirios, y les ordenaba que enviasen una colonia hacia las Columnas de Heracles. Cuando los que fueron enviados para el reconocimiento llegaron al estrecho de Calpe, consideraron que los cabos que conformaban el estrecho eran los límites de la tierra habitada y de la expedición de Heracles, y que éstos eran también las columnas que había mencionado el oráculo; se detuvieron en un lugar más acá de los estrechos donde en la actualidad se encuentra la ciudad de los exitanos, y realizaron allí un sacrificio, y como las víctimas no les resultaron favorables, regresaron de nuevo. Tiempo después, los enviados avanzaron más allá del estrecho en torno a los mil quinientos estadios hacia una isla consagrada a Heracles, situada junto a la ciudad de Onuba de Iberia, consideraban que las Columnas se hallaban allí e hicieron un sacrificio al dios; pero como de nuevo las víctimas no resultaron favorables, regresaron a casa.

[2] Y los que llegaron en la tercera expedición fundaron Gades y erigieron el santuario en la parte oriental de la isla y la ciudad en la occidental. A causa de esto, unos creen que los cabos del estrecho son las columnas, otros que Gades y otros más que se encuentran todavía más lejos que Gades. Algunos supusieron que las Columnas eran Calpe y Abilix (la montaña situada enfrente en la costa de Libia, de la que Eratóstenes afirma que se halla en el territorio de los metagonios, donde habita un pueblo nómada), otros que las islas que se hallan en las proximidades de uno y otro, a una de las cuales dan el nombre de Hera; Artemidoro menciona la isla de Hera y su santuario, y afirma que existe otra más, pero no el monte Abilix ni el pueblo de los metagonios.

[3] También algunos trasladan aquí las Errantes y las Entrechocantes, por considerar que éstas son las Columnas (las que Píndaro llama "Puertas Gadiritas"¹⁰⁰, cuando afirma que Heracles llegó aquí como el último punto de su viaje). También Dicearco, Eratóstenes, Polibio y la mayor parte de los griegos sitúan las Columnas en los alrededores del estrecho. En cambio los iberos y los libios afirman que se hallan en Gades: pues la región del Estrecho no se parece en nada con unas columnas.

[4] Otros dicen que éstas son las columnas de bronce de ocho codos¹⁰¹ del Heracleo de Gades, en las que están inscritos todos los gastos de la construcción del santuario: pues

¹⁰⁰ Frg. 256 Snell, *apud* Cruz Andreotti, 1991a, p. 163.

¹⁰¹ c. 3,70m (Cruz, García & Gómez, 2009, p. 287, n. 33)

los que culminaban su travesía cuando llegaban hasta ellas y hacían un sacrificio a Heracles habrían dispuesto todo para que se propagara la idea de que este era el confín de la tierra y del mar¹⁰². También Posidonio considera esta explicación más convincente; en cambio considera el oráculo y las numerosas expediciones una invención fenicia.

[5] Pues bien, ¿qué se podría afirmar con consistencia como refutación o prueba sobre las expediciones, pues ninguna de las dos es absurda? Y el hecho de afirmar que ni las islitas ni la montaña parecen columnas y buscar en cambio en unas columnas en sentido estricto los límites de la tierra habitada o de la expedición de Heracles posee algún sentido, pues era una costumbre antigua establecer tales límites: como los habitantes de Regio dispusieron una columnita situada sobre el estrecho, una especie de torre fortificada, y la llamada torre de Peloro se encuentra situada enfrente de esta columnita; y los llamados altares de los Filenos se hallan más o menos en medio del territorio entre las Sirtes¹⁰³; y sobre el istmo de Corinto se recuerda una columna que se alzaba antes, que erigieron en común los jonios que ocupaban el Ática junto con la Megáride, después de haber sido expulsados del Peloponeso, y los que ocuparon el Peloponeso inscribieron sobre la parte que da a la Megáride: "esto no es el Peloponeso sino Jonia" y del otro lado: "esto no es el Peloponeso y no Jonia"¹⁰⁴;

[6] Y Alejandro erigió como hitos de su expedición india unos altares en las regiones más alejadas de los indios a las que llegó en dirección hacia oriente, imitando a Heracles y Dioniso¹⁰⁵.

(Trad. Gómez Espelosín, 2009).

Glossário: Γάδειρα; ἔθνος; Ἡρακλέους στήλας; Ὀνόβα; Ὀρος; Φοίνικες; ἱερὸν

¹⁰² De acordo com C. Grottanelli (*apud* Marín, 2001, p. 319-320), estes "gastos" podiam ser as tarifas sacrificiais, como se verifica em Kition (CIS, 1, 86, A-B).

¹⁰³ Cf. Sal., *Jug.* LXXIX*

¹⁰⁴ De acordo com os editores desta tradução, Estrabão descreve as razões para o estabelecimento desta fronteira em IX, 1.6 Cruz, García & Gómez, 2009, p. 289, n. 40).

¹⁰⁵ Sobre as localizações exactas destes exemplos de marcadores territoriais, v. Cruz, García & Gómez, 2009, pp. 287-289, n. 34-40.

IV 1, 1¹⁰⁶

(...) Algunos¹⁰⁷ la dividen en tres pueblos: Aquitanos, Belgas y Celtas. Los Aquitanos les parecen completamente aparte, no sólo por la lengua, sino también por su aspecto físico, más semejantes a los Iberos que los Gálatas. Las demás sí tienen aspecto de Gálatas y hablan, aunque no todos, la misma lengua. Algunos tienen una forma de hablar ligeramente diversa. Los regímenes políticos y los hábitos sociales se diferencian también muy poco. Estos autores llaman Aquitanos y Celtas a los que están junto al Pirene, separados por el Monte Cemenio. Esto es cuanto debemos decir, como geógrafos, sobre la división natural y étnica que parece más notable. Las variadas divisiones administrativas establecidas por los jefes de Estado cambian según las circunstancias y basta referirse brevemente a ellas, pudiéndose encontrar los detalles en otros autores.

(trad. Meana & Piñero, 1992)

IX, 1.6

καὶ δὴ καὶ τῶν ὁρίων ἀμφισβητοῦντες πολλάκις οἱ τε Πελοποννήσιοι καὶ Ἴωνες, ἐν οἷς ἦν καὶ ἡ Κρομμυωνία, συνέβησαν καὶ στήλην ἔστησαν ἐπὶ τοῦ συνομολογηθέντος τόπου περὶ αὐτὸν τὸν Ἴσθμόν, ἐπιγραφὴν ἔχουσαν ἐπὶ μὲν τοῦ πρὸς τὴν Πελοπόννησον μέρους “ τὰδ’ ἐστὶ Πελοπόννησος οὐκ Ἰωνία,” ἐπὶ δὲ τοῦ πρὸς Μέγαρα “ τὰδ’ οὐχὶ Πελοπόννησος ἀλλ’ Ἰωνία. ” οἱ τε δὴ τὴν Ἀτθίδα συγγράψαντες πολλὰ διαφωνοῦντες τοῦτο γε ὁμολογοῦσιν οἱ γε λόγου ἄξιοι, διότι τῶν Πανδιονιδῶν τεττάρων ὄντων, Αἰγέως τε καὶ Λύκου καὶ Πάλλαντος καὶ τετάρτου Νίσου, καὶ τῆς Ἀττικῆς εἰς τέτταρα μέρη διαιρεθείσης, ὁ Νῖσος τὴν Μεγαρίδα λάχοι καὶ κτίσαι τὴν Νίσαιαν. Φιλόχορος μὲν οὖν ἀπὸ Ἴσθμοῦ μέχρι τοῦ Πυθίου διήκειν αὐτοῦ φησι τὴν ἀρχήν, Ἀνδρῶν δὲ μέχρι Ἐλευσίνος καὶ τοῦ Θριασίου πεδίου. τὴν δ’ εἰς τέτταρα μέρη διανομὴν ἄλλων ἄλλως εἰρηκότων ἀρκεῖ ταῦτα παρὰ Σοφοκλέους λαβεῖν· φησὶ δ’ ὁ Αἰγεὺς ὅτι ὁ πατὴρ ὥρισεν ἐμοὶ μὲν ἀπελθεῖν εἰς ἀκτὰς τῆσδε γῆς πρεσβεῖα νείμας· εἶτα Λύκῳ “ τὸν ἀντίπλευρον

¹⁰⁶ O autor refere-se à "Céltica transalpina".

¹⁰⁷ Possidónio e, talvez, Políbio.

κῆπον Εὐβοίας νέμει, Νίσφ δὲ τὴν ὄμαυλον ἐξαίρει χθόνα Σκεῖρωνος ἀκτῆς, τῆς δὲ γῆς τὸ πρὸς νότον ὁ σκληρὸς οὗτος καὶ γίγαντας ἐκτρέφων εἵληχε Πάλλας.

Furthermore, since the Peloponnesians and Ionians were having frequent disputes about their boundaries, on which, among other places, Crommyonia was situated, they made an agreement and erected a pillar in the place agreed upon, near Ishtmus itself, with an inscription on the side facing the Peloponnesus reading: "This is Peloponnesus, not Ionia", and on the side facing Megara, "This is not Peloponnesus, but Ionia". And though the writers of the histories of *The land of Atthis*¹⁰⁸ are at variance on many things, they all agree on this (at least all writers who are worth mentioned, that Pandion had four sons, Aegeus, Lycus, Pallas, and the fourth, Nisus, and that when Attica was divided into four parts, Nisus obtained Megaris as his portion and founded Nisaea. How, according to Philochorus, his rule extended from the Ishtmus to the Pythium, but according to Andron, only as far as Eleusis and the Thriasian Plain. Although different writers have stated the division into four parts in different ways, it suffices to take the following from Sophocles: Aegeus says that his father ordered him to depart the shorelands, assigning to him as the eldest the best portion of the land; then to Lycus "he assigns Euboea's garden that lies side by side therewith; and for Nisus he selects the neighbouring land of Sceiron's shore; and the southerly part of the land fell to his rugged Pallas, breather of giants. These, then, are the proofs which writers use to show that Megaris was a part of Attica.

(Trad. H.L. Jones, 1966)

IX, 1.7

μετὰ δὲ τὴν τῶν Ἡρακλειδῶν κάθοδον καὶ τὸν τῆς χώρας μερισμὸν ὑπ' αὐτῶν καὶ τῶν συγκατελθόντων αὐτοῖς Δωριέων ἐκπεσεῖν τῆς οἰκείας συνέβη πολλοὺς εἰς τὴν Ἀττικὴν, ὧν ἦν καὶ ὁ τῆς Μεσσηνίας βασιλεὺς* Μέλανθος· οὗτος δὲ καὶ τῶν Ἀθηναίων ἐβασίλευσεν ἐκόντων, νικήσας ἐκ μονομαχίας τὸν τῶν Βοιωτῶν βασιλέα Ξάνθον. εὐανδρούσης δὲ τῆς Ἀττικῆς διὰ τοὺς φυγάδας φοβηθέντες οἱ Ἡρακλεῖδαι,

¹⁰⁸ H.L. Jones (trad.), Vol. II, n. 1 – 2: "Androton, Philochorus, and others; only fragmenta of their works remain" (1). Atthis was the old name of Attica, from Atthis, the daughter of the mythical king Cranaus (IX, 1.8)

παροξυνόντων αὐτοὺς μάλιστα τῶν ἐν Κορίνθῳ καὶ τῶν ἐν Μεσσήνῃ, τῶν μὲν διὰ τὴν γειτνίασιν, τῶν δὲ ὅτι Κόδρος τῆς Ἀττικῆς ἐβασίλευε τότε ὁ τοῦ Μελάνθου παῖς, ἐστράτευσαν ἐπὶ τὴν Ἀττικὴν· ἡττηθέντες δὲ μάχῃ τῆς μὲν ἄλλης ἐξέστησαν γῆς, τὴν Μεγαρικὴν δὲ κατέσχον καὶ τὴν τε πόλιν ἔκτισαν τὰ Μέγαρα καὶ τοὺς ἀνθρώπους Δωριέας ἀντὶ Ἴωνων ἐποίησαν· ἠφάνισαν δὲ καὶ [p. 556] τὴν στήλην τὴν ὀρίζουσαν τοὺς τε Ἴωνας καὶ τοὺς Πελοποννησίους.

But after the return of the Heracleidae and partitioning of the country, it came to pass that many of the former inhabitants were driven out of their home-lands into Attica by the Heracleidae and the Dorians who came back with them. Among these was Melanthus, the king of Messenê. And he reigned also over the Athenians, by their consent, after his victory in single combat over Xanthus, the king of the Boeotians. But since Attica was now populous on account of the exiles, the Heracleidae became frightened, and at the instigation chiefly of the former because of their proximity and of the latter because Codrus, the son of Melanthus, was at that time king of Attica – they made an expedition against Attica. But being defeated in battle they retired from the whole of the land except the Megarian territory; this they occupied and not only founded the city Megara but also made its population Dorians instead of Ionians. And they also destroyed the pillar which was the boundary between the Ionians and the Peloponnesians.

(Trad. H.L. Jones, 1966)

Glossário: βασιλεὺς; μετὰ δὲ

Filóstrato

Introdução

Filóstrato é um autor tardio em relação ao período estudado nesta dissertação. Viveu no séc. II d.C. e elaborou uma biografia de Apolónio de Tiana, nascido em c. 98 d.C. (Bernabé, 1999, p. 809). Retiraram-se textos que mencionam Gadir.

Edições consultadas: Kayser, 1870¹⁰⁹; Bernabé, 1999; Jones, 2005

Bibliografia: Tsirkin, 1981; Mierse, 2004

Textos

V.A. II, 33

[...] αὐτὸς γὰρ πεποιήται ὁ Ἡρακλῆς* ὀρίζων τὰ Γάδεια* καὶ τὰ ὄρη στήλας* ποιοῦμενος τὸν τε Ὠκεανὸν* ἐς τὰ ἔσω ἐπισπώμενος, ὅθεν δηλοῦται μὴ τὸν Θηβαῖον Ἡρακλέα, τὸν δὲ Αἰγύπτιον ἐπὶ τὰ Γάδεια* ἐλθεῖν καὶ ὀριστὴν γενέσθαι τῆς γῆς.

For in these Hercules is representing marking the frontier of the world at Gadira, and using the mountains for pillars, and drawing the ocean into the inner sea. Thence it is clear that it was not the Theban Hercules, but the Egyptian one, that came to Gadira, and marked the limits of the world.

(Trad. F.C. Conybeare, 1989)

V.A., V, 1

περὶ δὲ τῶν Στηλῶν*, ἃς ὅρια τῆς γῆς τὸν Ἡρακλέα φασὶ πῆξασθαι, τὰ μὲν μυθώδη ἐῷ, τὰ δ' ἀκοῆς τε καὶ λόγου ἄξια δηλώσω μᾶλλον· Εὐρώπης καὶ Λιβύης ἄκραι σταδίων ἐξήκοντα πορθμὸν ἐπέχουσαι τὸν Ὠκεανὸν ἐς τὰ ἔσω πελάγη φέρουσι, καὶ τὴν μὲν τῆς Λιβύης ἄκραν, ὄνομα δὲ αὐτῇ Ἄβιννα,λέοντες ὑπερνέμονται περὶ τὰς ὀφρῦς τῶν ὀρῶν, ἃ ἔσω ὑπερφαίνεται, ξυνάπτουσιν πρὸς Γαιτούλους καὶ Τίγγας ἄμφω θηριώδη καὶ

¹⁰⁹ O texto grego baseia-se nesta edição, disponível em <http://archive.org/details/opera01eusegoog> [em linha] (cons. 19/10/2012).

Λιβυκὰ ἔθνη*, παρατείνει δὲ ἐσπλέοντι τὸν Ὠκεανὸν* μέχρι μὲν τῶν ἐκβολῶν τοῦ Σάληκος ἐννακόσια στάδια, τὸ δὲ ἐντεῦθεν οὐκ ἂν ξυμβάλῃ τις ὁπόσα, μετὰ γὰρ τὸν ποταμὸν τοῦτον ἄβιος ἡ Λιβύη καὶ οὐκέτι ἄνθρωποι. τὸ δὲ τῆς Εὐρώπης ἀκρωτήριον, ὃ καλεῖται Κάλπις, δεξιὰ μὲν ἐπέχει τοῦ ἔσπλου, σταδίων ἑξακοσίων μῆκος, λήγει δὲ ἐς τὰ ἀρχαῖα Γάδαιρα*.

About the Pillars which Heracles is said to have set up as markers for the world, I pass over the fanciful stories, preferring to point out those worth hearing and telling. The promontories of Europe and Africa are divided by a strait sixty stades wide, through which they admit the Ocean into inner waters. On the African promontory, by name the Abinna, lions roam the ridges of the mountains that rise on the horizon. It connects to the Gaetuli and Tingae, both of which are savage African tribes, and you follow it as you sail into the Ocean for nine hundred stades as far as the mouth of the Salex. You cannot calculate the distance further than that, since beyond that river Africa is deserted and humans are not found. The European promontory, called Calpis, is on the right of the strait, with a length of six hundred stades, ending at Old Gadeira.

(Trad. C. Jones, 2005)

Glossário: Γάδαιρα; ἔθνος; [Ἡρακλέους] στήλας;

V.A., V, 2

τάς δὲ τοῦ Ὠκεανοῦ* τροπὰς καὶ αὐτὸς μὲν περὶ Κελτοὺς εἶδον, ὅποιαί λέγονται, τὴν δὲ αἰτίαν ἐπὶ πολλὰ εἰκάζων, δι' ἣν ἄπειρον οὕτω πέλαγος ἐπιχωρεῖ τε καὶ ἀνασπᾶται, δοκῶ μοι τὸν Ἀπολλώνιον ἐπεσκέφθαι τὸ ὄν. ἐν μιᾷ γὰρ τῶν πρὸς Ἰνδοὺς ἐπιστολῶν τὸν Ὠκεανόν* φησιν ὑφύδροις ἐλαυνόμενον πνεύμασιν ἐκ πολλῶν χασμάτων, ἃ ὑπ' αὐτῷ τε καὶ περὶ αὐτὸν ἡ γῆ παρέχεται, χωρεῖν ἐς τὸ ἔξω καὶ ἀναχωρεῖν πάλιν, ἐπειδὴν ὥσπερ ἄσθμα ὑπονοστήσῃ τὸ πνεῦμα. πιστοῦται δὲ αὐτὸ καὶ τῶν νοσοῦντων περὶ Γάδαιρα* τὸν γὰρ χρόνον, ὃν πλημμυρεῖ τὸ ὕδωρ, οὐκ ἀπολείπουσιν αἱ ψυχαὶ τοὺς ἀποθνήσκοντας, ὅπερ οὐκ ἂν ξυμβαίνειν, εἰ μὴ καὶ πνεῦμα τῇ γῇ ἐπεχώρει. ἃ δὲ περὶ τὴν σελήνην φασὶ φαίνεσθαι τικτομένην τε καὶ πληρουμένην καὶ φθίνουσαν, ταῦτα περὶ

τὸν Ὠκεανὸν* οἶδα, τὰ γὰρ ἐκείνης ἀνισοῖ μέτρα ξυμμινύθων αὐτῇ καὶ
ξυμπληρούμενος.

I myself when I was in the Celtic region saw the tides of the Ocean just as they are described. After many guesses as to why so huge a body of waters advances and retreats, I conclude that Appolonius perceived the answer. In one of his letters to the Indians, he said that the Ocean is pushed by underwater exhalations coming from the many crevices that are situated both below and around the earth, and goes forwards and retreats again as the breathelike exhalation dies away. This is corroborated by sick persons in the Gadeira region. During the time when the waters are on their height, souls do not leave the dying, something which would not occur unless the exhalation was coming towards land. As for what is said about the moon's appearance when it is new, full, and waning, I know that affects the Ocean, which follows the moon's phases by sinking and rising in sympathy with it.

(Trad. C. Jones, 2005)

Glossário: Ὠκεανὸς

V.A., V, 3

ἡμέρα δ' ἐκδέχεται νύκτα καὶ νύξ τὴν ἡμέραν περὶ Κελτοὺς μὲν κατ' ὀλίγον ὑπαπίνοντος τοῦ σκότους ἢ τοῦ φωτός, ὥσπερ ἐνταῦθα, περὶ Γάδειρα* δὲ καὶ στήλας* ἀθρόως λέγονται τοῖς ὀφθαλμοῖς ἐμπίπτειν, ὥσπερ αἱ ἀστραπαί. φασὶ δὲ καὶ τὰς Μακάρων νήσους ὀρίζεσθαι τῷ Λιβυκῷ τέρματι πρὸς τὸ ἀοίκητον ἀνεχούσας ἀκρωτήριον.

The day follows night and night day in the Celtic region, with the darkness and the light retreating gradually, as here, though around Gadeira and the Pillars they say the alteration strikes the eyes suddenly, like lightning. They also say that the Islands of the Blessed lie at the extremity of Africa, rising near the promontory.

(Trad. C. Jones, 2005)

Glossário: Γάδαιρα; στήλας

V.A., V, 4

τὰ δὲ Γάδαιρα* κεῖται μὲν κατὰ τὸ τῆς Εὐρώπης τέρμα, περιττοὶ δὲ εἰσι τὰ θεῖα· γήρως οὖν βωμὸν* ἵδρυνται καὶ τὸν θάνατον μόνοι ἀνθρώπων παιωνίζονται, βωμοὶ* δὲ ἐκεῖ καὶ πενίας καὶ τέχνης καὶ Ἡρακλέους Αἰγυπτίου καὶ ἕτεροι τοῦ Θηβαίου· τὸν μὲν γὰρ ἐπὶ τὴν ἐγγὺς Ἐρύθειαν ἐλάσαι φασίν, ὅτε δὴ τὸν Γηρυόνην τε καὶ τὰς βοῦς ἐλεῖν, τὸν δὲ σοφίᾳ δόντα γῆν ἀναμετρήσασθαι πᾶσαν ἐς τέρμα. καὶ μὴν καὶ Ἑλληνικοὺς εἶναί φασι τὰ Γάδαιρα καὶ παιδεύεσθαι τὸν ἡμεδαπὸν τρόπον· ἀσπάζεσθαι γοῦν Ἀθηναίους Ἑλλήνων μάλιστα καὶ Μενεσθεῖ τῷ Ἀθηναίῳ θύειν καὶ Θεμιστοκλέα δὲ τὸν ναύμαχον σοφίας τε καὶ ἀνδρείας ἀγασθέντες χαλκοῦν ἵδρυνται ἐννοῦν καὶ ὥσπερ χρησμῶ ἐφιστάντα.

Gadeira lies at the end of Europe, and the inhabitants are very zealous in matter of religion. For they have set an altar of Old Age, and are the only people to celebrate Death¹¹⁰, and there are altars there of Poverty and Art, for the Egyptian Heracles, and others for his Theban counterpart. The former, it is said, penetrated as far as nearby Erythya, at the time when he captured Geryon and his cattle, but the other Heracles, as a devotee of science, surveyed the whole world to its boundary. They say that the Gadeirans are Hellenized, and enjoy our kind of culture. Certainly they welcome Athenians more than anyone, sacrifice to Menestheus the Athenian, and admire Themistocles the naval fighter for his intelligence and courage, so that they have erected a bronze statue of him meditating and as it were pondering an oracle.

(Trad. C. Jones, 2005)

Glossário: βωμός; Γάδαιρα*

¹¹⁰ Na tradução de A. Bernabé (1999, THA IIB, 117), a celebração da morte realiza-se através de cantos ou hinos: "[...] son los únicos hombres que entonan himnos a la muerte". Tsirkin (1981) entende também desta forma a passagem.

V.A., V, 5

ιδεῖν καὶ δένδρα φασὶν ἐνταῦθα, οἷα οὐχ ἐτέρωθι τῆς γῆς, καὶ Γηρυόνηα μὲν καλεῖσθαι αὐτά, δύο δὲ εἶναι, φύεσθαι δὲ τοῦ σήματος, ὃ ἐπὶ τῷ Γηρυόνη ἔστηκε, παραλλάττοντα ἐκ πίτυός τε καὶ πεύκης ἐς εἶδος ἕτερον, λείβεσθαι δὲ αἵματι, καθάπερ τῷ χρυσῷ τὴν Ἥλιάδα αἰγείρον. ἡ δὲ νῆσος, ἐν ἣ τὸ ἱερόν*, ἔστι μὲν ὁπόση ὁ νεώς, πετρῶδες δὲ αὐτῆς οὐδέν, ἀλλὰ βαλβίδι ξεστῇ εἵκασται. ἐν δὲ τῷ ἱερῷ* τιμᾶσθαι μὲν ἄμφω τὸ Ἡρακλέε φασὶν, ἀγάλματα δὲ αὐτοῖν οὐκ εἶναι, βωμοὺς* δὲ τοῦ μὲν Αἰγυπτίου δύο χαλκοὺς καὶ ἀσήμους, ἓνα δὲ τοῦ Θηβαίου — τὰς δὲ ὕδρας τε καὶ τὰς Διομήδους ἵππους καὶ τὰ δώδεκα Ἡρακλέους ἔργα ἐκτετυπῶσθαι φασὶ κἀνταῦθα — λίθου ὄντα. ἡ Πυγμαλίωνος δὲ ἐλαία ἡ χρυσῇ, ἀνάκειται δὲ κἀκείνη ἐς τὸ Ἡράκλειον, ἀξία μὲν, ὥς φασὶ, καὶ τοῦ θαλλοῦ θαυμάζειν, ᾧ εἵκασται, θαυμάζεσθαι δ' ἂν ἐπὶ τῷ καρπῷ μᾶλλον, βρῦειν γὰρ αὐτὸν σμαράγδου λίθου.

καὶ Τεύκρου τοῦ Τελαμωνίου ζωστήρα χρυσοῦν φασὶ δείκνυσθαι, πῶς δὲ ἐς τὸν Ὠκεανὸν πλεύσαντος ἢ ἐφ' ὃ τι, οὔτε αὐτὸς ὁ Δάμις ξυνιδεῖν φησὶν οὔτε ἐκείνων ἀκοῦσαι. τὰς δὲ ἐν τῷ ἱερῷ* στήλας χρυσοῦ μὲν πεποιῆσθαι καὶ ἀργύρου ξυντετηκότοις ἐς ἓν χρῶμα, εἶναι δὲ αὐτὰς ὑπὲρ πῆχυν τετραγώνου τέχνης, ὥσπερ οἱ ἄκμονες, ἐπιγεγράφθαι δὲ τὰς κεφαλὰς οὔτε Αἰγυπτίοις οὔτε Ἰνδικοῖς γράμμασιν, οὔτε οἷσις ξυμβαλεῖν. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος, ὡς οὐδὲν οἱ ἱερεῖς* ἔφραζον, ‘οὐ ξυγχωρεῖ μοι’ ἔφη ‘ὁ Ἡρακλῆς ὁ Αἰγύπτιος μὴ οὐ λέγειν, ὁπόσα οἶδα· γῆς καὶ Ὠκεανοῦ* ξύνδεσμοι αἶδε αἱ στήλαι εἰσιν, ἐπεγράψατο δὲ αὐτὰς ἐκεῖνος ἐν Μοιρῶν οἴκῳ, ὡς μήτε νεῖκος τοῖς στοιχείοις ἐγγένοιτο μήτε ἀτιμάσειαν τὴν φιλότητα, ἣν ἀλλήλων ἴσχουσιν.’

They claim to have seen trees there of a kind that exists nowhere else on earth, and are called Geryon's. They are two in number, and grow from the grave that holds Geryon. Each combines the natures of a pine and a fir and drips blood, as we are told the Heliad poplar drips gold. The island on which the sanctuary stands is as large as the temple itself, and is in no way like a rock, but resembles a polished platform. Both the Heracle's are said to be honored in the sanctuary, but there are no statues of them. Instead there are two altars of plain bronze for the Egyptian Heracles, and one for the Theban. They say that the hydras, the horses of Diomedes, and the twelve Labors of Heracles were

also shown in relief, these two in stone¹¹¹. The golden olive tree of Pygmalion, which is also dedicated in the sanctuary of Heracles, is admirable for the verisimilitude of its branches, they say, but even more admirable for its fruit, since it swarms with emeralds.

They also report that the golden belt of Telamonian Teucer is on display, though how he sailed to the Ocean or for what purpose Damys says that he himself could not see, nor could he learn from the locals. The pillars in the sanctuary are made of gold and silver fused into a single color; they are over a cubit high and square in shape, like anvils, and on the capitals are inscribed letters that are neither Egyptian nor Indian, nor such as could be guessed. When the priests could offer no explanation, Appolonius said, "Egyptian Heracles does not allow me to conceal all that I know. Those pillars bind Earth and Ocean together, and he himself inscribed them in the house of the Fates, to ensure that there was no strife between the elements, and that they should not neglect the affection that they feel for each other.

(Trad. C. Jones, 2005)

Glossário: ἱερόν

Flávio Josefo

Introdução

Tanto a *Vida* (= *Vit.*) como a *Guerra dos Judeus* (= *BJ*) são fontes para o conhecimento da biografia de Josefo, mas os dados aí fornecidos não estão isentos de problemas. O objectivo da primeira obra não era, propriamente, apresentar um retrato fiel do autor, mas antes manipular o seu passado para evitar problemas no presente, ou melhor, para favorecê-lo em situações desfavoráveis (note-se que Josefo esteve contra Roma e, mais tarde, viveu nesta cidade). Considera-se, por isso, que *BJ* seria mais fiável, uma vez que não segue os referidos interesses (Vara Donado, 1997, p. 9).

Sabe-se, por exemplo, que nasceu em 37 ou 38 d.C. no seio de uma classe sacerdotal (*Vit.*, 1-4), e que a sua mãe teria sangue real dos Asmoneus ou Macabeus (*Vit.*, 2). A sua vida acabou por ser apresentada de um modo muito similar à de Jesus

¹¹¹ Esta descrição é diferente daquela que é oferecida por Sílio Itálico (*Pun.* III, 32-44*).

representada em São Lucas, segundo J. Vara (1997, p. 10 - 11)¹¹². Parte da sua vida pode ser analisada a partir da relação entre os Judeus e os Romanos, na qual o autor desempenhou um papel activo contra estes últimos (*B.J.*, III, 193; III, 344-355, etc.; cf. Nikiprowetzki, 1989, *passim*). Acabou por apresentar a sua rendição a Roma (*BJ*, III, 387-398) e, depois da conquista de Jerusalém, acompanhou Tito a Roma, onde se estabeleceu (*B.J.*, III, 398-408) e onde obteve terras e favores dos Flávios, de Vespasiano, Tito e Domiciano (*Vit.* 422 - 420). Em Roma, estudou literatura grega, escreveu a sua obra e recebeu o nome de Tito Flávio Josefo. A data da sua morte é incerta, mas é, seguramente, posterior à publicação de *A.J.* (93/ 94 d.C.).

Flávio Josefo é, em relação aos autores que fazem parte das atenções deste trabalho, bastante tardio, mas apresenta textos que complementam os testemunhos veterotestamentários conhecidos (por exemplo, do Livro dos Reis em *Antiguidades dos Judeus* = *AJ*). Por exemplo, em *A.J.*, I, 26, afirmou que algumas informações recolhidas para esta obra, sobretudo para I-X, foram bebidas dos livros sagrados (ἱεραῖς βίβλοις)¹¹³. Aqui, procura sintetizar as tradições judaicas do séc. I d.C. em vinte livros que relatam a história dos Judeus entre a criação do mundo e 66 a.C., terminando onde começa a *B.J.* (escrita em 75-79 a.C.).

Por esta razão, o texto de Josefo é importante para complementar algumas informações que faltam no AT, embora estas devam ser vistas com algumas reservas. Em muitos casos, cita outros autores dos quais não conhecemos as suas obras (por exemplo, *A.J.*, VIII, 144-149*), acrescenta dados aos do AT, mistura dados deste com outros, apresenta interpretações pessoais, anacronismos, etc., etc. (cf. Villalba i Varneda, 1986, p. 268 ss., com uma recolha completa das passagens e dos problemas desta obra; Leiman, 1989, sobre a relação de Josefo com a Bíblia).

Edições consultadas: Thackeray & Marcus, 1950 (*A.J.*)¹¹⁴; Berg & Spilsbury (2005); Vara, 1997 (*A.J.*); Thackeray, 1926 (*Ap.*)¹¹⁵; Rodríguez de Sepúlveda, 2001 (*Vit.*; *Ap.*).

Bibliografia: Vara, 1997 (*AJ*: introdução); Villalba i Varneda, 1986; Leiman, 1989; Nikiprowetzki, 1989.

¹¹² *Vit.* 8-9/ *Lc.* 2, 46; *Vit.* 10-12/ *Lc.* 4, 1-2

¹¹³ "Y tornaré ya a la exposición de la materia en cuestion, aunque antes recordaré lo que Moisés dijo sobre la creación del mundo y que encontré referido en las Sagradas Escrituras (trad. Rodríguez de Sepúlveda, 2001). τρένομαι δὲ ἐπὶ τὴν ἀφήγησιν ἤδη τῶν πραγμάτων μνησθεὶς πρότερον ὧν περὶ τῆς τοῦ κόσμου κατασκευῆς εἶπε Μουσεῖς: ταῦτα δ' ἐν ταῖς ἱεραῖς βίβλοις εὔρον ἀναγεγραμμένα [...]"

¹¹⁴ O texto grego baseia-se nesta edição.

¹¹⁵ O texto grego baseia-se nesta edição.

Textos

A.J., VIII

144. Μέμνηται τούτων τῶν δύο βασιλέων καὶ Μένανδρος ὁ μεταφράσας ἀπὸ τῆς Φοινίκων διαλέκτου τὰ Τυρίων ἀρχεῖα εἰς τὴν Ἑλληνικὴν φωνὴν λέγων οὕτως· ‘τελευτήσαντος δὲ Ἀβιβάλου διεδέξατο τὴν βασιλείαν παρ’ αὐτοῦ υἱὸς Εἵρωμος, ὃς βιώσας ἔτη πεντηκοντατρία ἐβασίλευσε τριάκοντα καὶ τέσσαρα.’

145. ‘οὗτος ἔχωσε τὸ Εὐρύχωρον τόν τε χρυσοῦν κίονα τὸν ἐν τοῖς τοῦ Διὸς ἀνέθηκεν ἔτι τε ὕλην ξύλων ἀπελθὼν ἔκοψεν ἀπὸ τοῦ ὅρους τοῦ λεγομένου Λιβάνου εἰς τὰς τῶν ἱερῶν* στέγας.’

146. ‘καθελὼν τε τὰ ἀρχαῖα ἱερὰ* καὶ ναὸν ᾠκοδόμησε τοῦ Ἡρακλέους* καὶ τῆς Ἀστάρτης*, πρῶτός τε τοῦ Ἡρακλέους* ἔγερσιν ἐποίησατο ἐν τῷ Περιτίῳ* μηνί τοῖς τε Ἰτυκαίοις ἐπεστρατεύσατο μὴ ἀποδιδούσι τοὺς φόρους καὶ ὑποτάξας πάλιν αὐτῷ ἀνέστρεψεν. ἐπὶ τούτου ἦν Ἀβδήμονος παῖς νεώτερος, ὃς αἰεὶ ἐνίκα τὰ προβλήματα, ἃ ἐπέτασσε Σολόμων ὁ Ἱεροσολύμων* βασιλεύς.’

147. μνημονεύει δὲ καὶ Δῖος λέγων οὕτως· ‘Ἀβιβάλου τελευτήσαντος ὁ υἱὸς αὐτοῦ Εἵρωμος ἐβασίλευσεν. οὗτος τὰ πρὸς ἀνατολὰς μέρη τῆς πόλεως προσέχωσε καὶ μεῖζον τὸ ἄστυ ἐποίησε καὶ τοῦ Ὀλυμπίου Διὸς τὸ ἱερὸν* καθ’ ἑαυτὸ ὃν ἐγχώσας τὸν μεταξὺ τόπον συνῆψε τῇ πόλει καὶ χρυσοῖς ἀναθήμασιν ἐκόσμησεν· ἀναβὰς δὲ εἰς τὸν Λίβανον ὑλοτόμησε πρὸς τὴν τῶν ἱερῶν* κατασκευήν.’

148. ‘τὸν δὲ τυραννοῦντα Ἱεροσολύμων Σολόμωνα πέμψαι φησὶ πρὸς Εἵρωμον αἰνίγματα καὶ παρ’ αὐτοῦ λαβεῖν ἀξιοῦντα, τὸν δὲ μὴ δυνηθέντα διακρίναι τῷ λύσαντι χρήματα ἀποτίνειν.’

149. ‘ὁμολογήσαντα δὲ τὸν Εἵρωμον καὶ μὴ δυνηθέντα λύσαι τὰ αἰνίγματα πολλὰ τῶν χρημάτων εἰς τὸ ἐπιζήμιον ἀναλῶσαι· εἶτα δὲ Ἀβδήμονά τινα Τύριον ἄνδρα τὰ προτεθέντα λύσαι καὶ αὐτὸν ἄλλα προβαλεῖν, ἃ μὴ λύσαντα τὸν Σολόμωνα πολλὰ τῷ Εἰρώμῳ προσαποτίσαι χρήματα.’ καὶ Δῖος μὲν οὕτως εἴρηκεν.

144 [Escritores fenícios] – A estos dos reyes [Hiram e Salomão] los menciona también Menandro, quien tradujo los archivos tirios del fenicio al griego, expresándose al respecto así: "a la muerte de Abibal le sucedió en el trono su hijo Hiram, quien de los cincuenta y tres años que vivió, reinó treinta y cuatro.

145. Este levantó el campoancho y erigió la columna de oro que hay en el templo de Zeus [Baal]. Y, además, fue y cortó madera de los troncos del monte de nombre Líbano para los techos de los templos.

146. Y, tras derribar los templos originales, construyó en su lugar otros nuevos dedicados a Heracles y Astarté, y fue el primero en celebrar la recuperación de Heracles en el mes de Piritio¹¹⁶. Y emprendió una expedición militar contra los iticeos por no pagarle los tributos y regresó a su tierra tras imponérselos de nuevo. Durante su reinado vivió Abdemón, un niño demasiado joven, quien resolvía siempre los problemas que le propuso Salomón, rey de Jerusalén."

147. Pero lo menciona también Dio expresándose en los siguientes términos: "muerto Abibal, reinó su hijo Hiram. Este rellenó la parte de la ciudad que caía al Este y, así, agrandó la ciudad, y el templo de Zeus, que estaba aislado, lo enlazó con la ciudad tras rellenar el espacio intermedio, y lo embelleció con ofrendas de oro. Y, subiendo al Líbano, cortó madera para la construcción de los templos. Y cuenta que Salomón, soberano de Jerusalén, propuso a Hiram enviarle y recibir de él enigmas, con la condición de que quien no fuera capaz de acertarlos debía pagar dinero al que lo resolviera, y que Hiram estuvo de acuerdo en la propuesta, pero como no conseguiera resolver los enigmas se vio obligado a gastar una cuantiosa cantidad de dinero como pago, y que de luego, gracias a un tal Abdemón, de Tiro, no sólo había conseguido resolver los enigmas propuestos, sino que él le presentó a Salomón otros más, y que éste, al no poder resolverlos, tuvo que pagar a Hiram, a su vez, cuantiosas sumas de dinero". Esto es lo que dice Dio.

¹¹⁶ Cf. Bonnet, 1988, pp. 33-36; 1996, p. 38, n. 132 (sobretudo a primeira referência), onde a autora expõe argumentos sólidos que lhe permitiram optar pelo uso de um singular e não, como se expõe nesta tradução, de um plural. Tratar-se-ia, portanto, de um único templo dedicado a Astarté – Melqart, e não dois. Na edição a cargo de Steve Mason, com tradução e comentários de Ch. T. Berg e P. Spilsbury (Leiden, Boston: Brill, 2005), a tradução é bastante diferente: "he demolished the old sacred precincts and built new ones for Heracles and for Astarte; he erected that of Heracles, first, in the month of Peritius". Os tradutores seguem a tradução de H.St.J. Thackeray (Loeb, 1926) e não aquela que afirma, *grosso modo*, que Hiram foi o primeiro a celebrar a morte e ressurreição de Melqart no mês de Perítio. Cf. *infra*, "Sílio Itálico" (*Pun.* III, 1-44*)

(Trad. J. Vara Donado, 2001)

Glossário: Ασταρτη; Ίεροσόλυμος; Περίτιος;

A.J., VIII, 316 – 318

316. Ὁ δὲ Ἄχαβος ὁ τῶν Ἰσραηλιτῶν βασιλεὺς κατόκει μὲν ἐν Σαμαρείᾳ, τὴν δ' ἀρχὴν κατέσχευεν ἕως ἐτῶν εἴκοσι καὶ δύο μηδὲν καινίσας τῶν πρὸ αὐτοῦ βασιλέων, εἰ μὴ ὅσα γε πρὸς τὸ χεῖρον καθ' ὑπερβολὴν πονηρίας ἐπενόησεν, ἅπαντα δ' αὐτῶν τὰ κακουργήματα καὶ τὴν πρὸς τὸ θεῖον ὕβριν ἐκμιμησάμενος καὶ μάλιστα τὴν Ἱεροβοάμου ζηλώσας παρανομίαν·

317. καὶ γὰρ οὗτος δαμάλεις τὰς ὑπ' ἐκείνου κατασκευασθείσας προσεκύνησε καὶ τούτοις ἄλλα παράδοξα προσεμηχανήσατο. ἔγημε δὲ γυναῖκα θυγατέρα μὲν Εἰθωβάλου τοῦ Τυρίων καὶ Σιδωνίων βασιλέως Ἰεζαβέλην δὲ ὄνομα, ἀφ' ἧς τοὺς ἰδίους αὐτῆς θεοὺς προσκυνεῖν ἔμαθεν.

318. ἦν δὲ τὸ γύναιον δραστήριόν τε καὶ τολμηρόν, εἰς τοσαύτην δὲ ἀσέλγειαν καὶ μανίαν προέπεσεν, ὥστε καὶ ναὸν τῷ Τυρίων θεῷ ὃν Βελίαν προσαγορεύουσιν ὠκοδόμησε καὶ ἄλλος παντοίων δένδρων κατεφύτευσε· κατέστησε δὲ καὶ ἱερεῖς* καὶ ψευδοπροφήτας τούτῳ τῷ θεῷ· καὶ αὐτὸς δ' ὁ βασιλεὺς πολλοὺς τοιούτους περὶ αὐτὸν εἶχεν ἀνοία καὶ πονηρία πάντας ὑπερβεβληκῶς τοὺς πρὸ αὐτοῦ.

316. Acab, rey de los israelitas, vivió en Samaria, y ocupó el poder durante veinte y dos años, sin introducir novedad alguna que no hubieran introducido los reyes anteriores a él salvo que discurrió siempre lo peor, alcanzando el colmo de la perversidad, para lo que imitó todas las fechorías y las ofensas que aquéllos habían cometido contra la Divinidad y en particular emuló los desafueros de Jeroboam.

317. Pues Acab no sólo rindió culto a las terneras fabricadas por aquél¹¹⁷, sino que, además de éstas, construyó otras criaturas insólitas. Y contrajo matrimonio con la hija de

¹¹⁷ Josefo refiere-se a Jeroboão.

Itobal, el rey de Tiro y Sidón¹¹⁸. Y contrajo matrimonio con la hija de Itobal, el rey de Tiro y Sidón, llamada Jezabel, por la que aprendió a rendir culto a los propios dioses de ella.

318. Esta su joven esposa era enérgica y decidida, y llegó a tal punto de desenfreno y locura que en honor del dios de Tiro a quien llaman Belias construyó incluso un templo y plantó un bosque de todo tipo de árboles. Y al referido dios le asignó también sacerdotes y falsos profetas. Y el propio rey, superando en necedad y maldad a todos los que habían reinado antes que él, se rodeó de muchos individuos de este tenor.

Glossário: ιερόν

A.J. IX, 138

138. οἱ δὲ τοὺς τε ἄνδρας ἅπαντας κατέσφαξαν καὶ τὸν οἶκον τοῦ Βαὰλ ἐμπρήσαντες ἐκάθηραν οὕτως ἀπὸ τῶν ξενικῶν ἐθισμῶν τὴν Σαμάρειαν. οὗτος ὁ Βαὰλ Τυρίων ἦν θεός. Ἀχαβος δὲ τῷ πενθερῷ βουλόμενος χαρίσασθαι Εἰθωβάλῳ Τυρίων ὄντι βασιλεῖ καὶ Σιδωνίων ναόν τε αὐτῷ κατεσκεύασεν ἐν Σαμαρείᾳ καὶ προφήτας ἀπέδειξε καὶ πάσης θρησκείας ἡξίου.

138. Y los soldados mataron a todos aquellos hombres y, prendiendo fuego al templo de Baal, limpiaron de esta manera a Samaria de las costumbres extranjeras. Este Baal era dios de los tirios. Y Acab, en su deseo de halagar a su suegro Itobal, que era rey de Tiro y Sidón, no sólo le construyó un templo en Samaria, sino que le asignó profetas y lo honró con toda suerte de cultos¹¹⁹.

(Trad. J. Vara Donado, 1997)

¹¹⁸ Na tradução Ch. T. Berg e P. Spilsbury (2005), a frase é traduzida por "king of the Tyrians and Sidonians". Esta passagem contradiz, em parte, a informação fornecida por 1Rs. 16, 31*, bem como na própria obra de Josefo (A.J. VIII, 324), que referem este rei como "rei de Sídon" ou "dos Sidónios" (cf. Boyes, 2012, p. 40).

¹¹⁹ cf. 1Rs. 16, 29 - 33*.

Αρ. Ι, 60 - 68

60. Ἡμεῖς τοίνυν οὔτε χώραν οἰκοῦμεν παράλιον οὔτ' ἐμπορίαις χαίρομεν οὐδὲ ταῖς πρὸς ἄλλους διὰ τούτων ἐπιμιξίαις, ἀλλ' εἰσὶ μὲν ἡμῶν αἱ πόλεις μακρὰν ἀπὸ θαλάσσης ἀνφικισμέναι, χώραν δὲ ἀγαθὴν νεμόμενοι ταύτην ἐκπονοῦμεν μάλιστα δὴ πάντων περὶ παιδοτροφίαν φιλοκαλοῦντες καὶ τὸ φυλάττειν τοὺς νόμους καὶ τὴν κατὰ τούτους παραδεδομένην εὐσέβειαν ἔργον ἀναγκαιότατον παντὸς τοῦ βίου πεποιημένοι.

61. προσούσης τοίνυν τοῖς εἰρημένοις καὶ τῆς περὶ τὸν βίον ἡμῶν ιδιότητος οὐδὲν ἐν τοῖς παλαιοῖς χρόνοις ποιοῦν ἡμῖν πρὸς τοὺς Ἑλληνας ἐπιμιξίαν, ὥσπερ Αἰγυπτίοις μὲν τὰ παρ' αὐτῶν ἐξαγόμενα καὶ πρὸς αὐτοὺς εἰσαγόμενα, τοῖς δὲ τὴν παράλιον τῆς Φοινίκης κατοικοῦσιν ἢ περὶ τὰς καπηλείας καὶ

62. περὶ τὰς ἐμπορίας σπουδὴ διὰ τὸ φιλοχρηματεῖν. οὐ μὴν οὐδὲ πρὸς ληστείας, ὥσπερ ἄλλοι τινές, ἢ τὸ πλεόν ἔχειν ἀξιοῦν πολεμοῦντες ἐτράπησαν ἡμῶν οἱ πατέρες καίτοι πολλὰς τῆς χώρας ἐχούσης μυριάδας ἀνδρῶν οὐκ ἀτόλμων.

63. διὰ τοῦτο Φοῖνικες μὲν αὐτοὶ κατ' ἐμπορίαν τοῖς Ἑλλησιν ἐπεισπλέοντες εὐθὺς ἐγνώσθησαν καὶ δι' ἐκείνων Αἰγύπτιοι καὶ πάντες, ἀφ' ὧν τὸν φόρτον εἰς τοὺς Ἑλληνας διεκόμεζον μεγάλα πελάγη διαίροντες.

64. Μῆδοι δὲ μετὰ ταῦτα καὶ Πέρσαι φανεροὶ κατέστησαν τῆς Ἀσίας ἐπάρξαντες, οἱ δὲ καὶ μέχρι τῆς ἡμετέρας ἡπείρου Πέρσαι στρατεύσαντες. Θρᾶκες δὲ διὰ γειτονίαν καὶ τὸ Σκυθικὸν ὑπὸ τῶν εἰς τὸν Πόντον ἐγνώσθη πλεόντων.

65. ὅλως γὰρ ἅπαντες οἱ παρὰ τὴν θάλατταν καὶ τὴν πρὸς ταῖς ἀνατολαῖς καὶ πρὸς τὴν ἐσπέριον κατοικοῦντες τοῖς συγγράφειν τι βουλομένοις γνωριμώτεροι κατέστησαν, οἱ δὲ ταύτης

66. ἀνωτέρω τὰς οἰκῆσεις ἔχοντες ἐπὶ πλεῖστον ἡγνοήθησαν. καὶ τοῦτο φαίνεται καὶ περὶ τὴν Εὐρώπην συμβεβηκός, ὅπου γε τῆς Ῥωμαίων πόλεως, τοιαύτην ἐκ μακροῦ δύναμιν κεκτημένης καὶ τοιαύτας πράξεις κατορθούσης πολεμικάς, οὐθ' ὁ Ἡρόδοτος οὔτε Θουκυδίδης οὔτε τῶν ἅμα τούτοις γενομένων οὐδὲ εἷς ἐμνημόνευκεν, ἀλλ' ὅψε ποτε καὶ μόλις αὐτῶν εἰς τοὺς Ἑλληνας ἢ γνῶσις διεξῆλθεν.

67. περὶ μὲν γὰρ Γαλατῶν τε καὶ Ἰβήρων οὕτως ἠγνόησαν οἱ δοκοῦντες ἀκριβέστατοι συγγραφεῖς, ὧν ἐστὶν Ἑφορος, ὥστε πόλιν οἶται μίαν εἶναι τοὺς Ἰβηρας τοὺς τοσοῦτο μέρος τῆς ἐσπερίου γῆς κατοικοῦντας, καὶ τὰ μήτε γενόμενα παρ' αὐτοῖς ἔθη μήτε λεγόμενα γράφειν ὡς ἐκείνων αὐτοῖς χρωμένων ἐτόλμησαν.

68. αἴτιον δὲ τοῦ μὲν μὴ γινώσκειν τάληθές τὸ λίαν ἀνεπίμικτον, τοῦ δὲ γράφειν ψευδῆ τὸ βούλεσθαι δοκεῖν τι πλεον τῶν ἄλλων ἱστορεῖν. πῶς οὖν ἔτι θαυμάζειν προσῆκεν, εἰ μὴδὲ τὸ ἡμέτερον ἔθνος* πολλοῖς ἐγινώσκετο μὴδὲ τῆς ἐν τοῖς συγγράμμασι μνήμης ἀφορμὴν παρέσχεεν, οὕτως μὲν ἀπωκισμένον τῆς θαλάσσης, οὕτως δὲ βιοτεύειν προηρημένον;

60. Nosotros no habitamos un país costero y no nos atrae el comercio ni el trato con otros pueblos que de él se deriva. Nuestras ciudades han sido edificadas lejos del mar, vivimos en un país fértil que cultivamos con afán, nos dedicamos preferentemente a la educación de nuestros hijos, a la observación de las leyes y las prácticas piadosas que conforme a esas leyes han sido transmitidas, haciendo de ella la tarea más necesaria de toda nuestra vida.

61. Si añadimos a eso nuestra particular forma de vida, en los tiempos antiguos no había nada que pudiera relacionarnos con los griegos, como les ocurría a los egipcios que les exportaban sus productos e importaban los de ellos, o a los habitantes de la costa fenicia, que se dedicaron al tráfico y al comercio por su afición al dinero.

62. Nuestros antepasados tampoco se dedicaron a la piratería como algunos otros, ni a la guerra, pretendiendo dominar más, aunque el país contaba con miríadas de hombres que no carecían de valor.

63. Por eso, los fenicios que iban en sus naves a traficar con los griegos, se dieron a conocer enseguida y por medio de ellos, los egipcios y todos aquellos cuyas mercancías llevaban los fenicios hasta Grecia a través del inmenso mar.

64. Más tarde, los medos y los persas revelaron su existencia por la conquista de Asia, sobre todo estos últimos por su expedición al otro continente. Los tracios se dieron a conocer por su proximidad, y los escitas, por los navegantes que iban al Ponto Euxino.

65. En una palabra, todos los pueblos que habitaban la costa, tanto a Oriente como a Occidente, fueron bien conocidos por los que quisieron escribir algo; en cambio, los que habitaban en el interior permanecieron ignorados mucho tiempo.

66. Y eso ocurrió también en Europa, pues la ciudad de Roma que, desde hacía tiempo, había adquirido tanto poderío y había sido tan afortunada con las armas, no es mencionada ni por Heródoto, ni por Tucídides ni por alguno de sus contemporáneos; mucho después y con dificultad la conocieron los griegos.

67. Respecto a los galos y los iberos, era tal la ignorancia de los historiadores considerados más exactos, entre los que se cuenta Éforo, que éste creía que los iberos habitaban una sola ciudad, cuando en realidad ocupan una zona muy extensa de Occidente. Y estos autores se han atrevido a escribir sobre estos pueblos,

68. atribuyéndoles costumbres que ni tienen ni les han sido atribuidas. La causa de que desconozcan la verdad es su absoluta falta de trato con estos pueblos; y la de que escriban mentiras, el querer aparentar que su historia abarca más que la de los demás. ¿Cómo habría de sorprendernos todavía que nuestro pueblo sea desconocido para muchos autores y no les haya proporcionado la ocasión de mencionarlo en sus escritos, estando situado tan lejos del mar y habiendo escogido semejante género de vida?

(Trad. M.^a Rodríguez de Sepúlveda, 1994)

Ap. I, 106 – 115

106. Βούλομαι τοίνυν ἀπὸ τούτων ἤδη μετελθεῖν ἐπὶ τὰ παρὰ τοῖς Φοίνιξιν ἀναγεγραμμένα περὶ τοῦ γένους ἡμῶν καὶ τὰς ἐξ ἐκείνων μαρτυρίας παρασχεῖν.

107. ἔστι τοίνυν παρὰ Τυρίοις ἀπὸ παμπόλλων ἐτῶν γράμματα δημοσία γεγραμμένα καὶ πεφυλαγμένα λίαν ἐπιμελῶς περὶ τῶν παρ' αὐτοῖς γενομένων καὶ πρὸς ἀλλήλους πραχθέντων μνήμης ἀξίων.

108. ἐν οἷς γέγραπται, ὅτι ὁ ἐν Ἱεροσολύμοις ὠκοδομήθη ναὸς ὑπὸ Σολομῶνος τοῦ βασιλέως ἔτεσι θᾶπτον ἑκατὸν τεσσαρακοντατρισὶν καὶ μηνὶν ὀκτὼ τοῦ κτίσαι Τυρίου Καρχηδόνα.

109. ἀνεγράφη δὲ παρ’ ἐκείνοις οὐκ ἀλόγως ἢ τοῦ ναοῦ κατασκευὴ τοῦ παρ’ ἡμῖν· Εἵρωμος γὰρ ὁ τῶν Τυρίων βασιλεὺς φίλος ἦν τοῦ βασιλέως ἡμῶν Σολομῶνος πατρικὴν πρὸς αὐτὸν φιλίαν διαδεδεγμένος.

110. οὗτος οὖν συμφιλοτιμούμενος εἰς τὴν τοῦ κατασκευάσματος τῷ Σολομῶνι λαμπρότητα χρυσοῦ μὲν εἴκοσι καὶ ἑκατὸν ἔδωκε τάλαντα, τεμὼν δὲ καλλίστην ὕλην ἐκ τοῦ ὄρους, ὃ καλεῖται Λίβανος, εἰς τὸν ὄροφον ἀπέστειλεν. ἀντεδωρήσατο δὲ αὐτῷ ὁ Σολομῶν ἄλλοις τε πολλοῖς καὶ δὴ καὶ χώραν τῆς Γαλιλαίας ἐν τῇ Χαβουλῶν λεγομένη.

111. μάλιστα δὲ αὐτοὺς εἰς φιλίαν ἢ τῆς σοφίας συνῆγεν ἐπιθυμία· προβλήματα γὰρ ἀλλήλοις ἀνταπέστελλον λύειν κελεύοντες, καὶ κρείττων ἐν τούτοις ἦν ὁ Σολομῶν καὶ τᾶλλα σοφώτερος. σώζονται δὲ μέχρι νῦν παρὰ τοῖς Τυρίοις πολλαὶ τῶν

112. ἐπιστολῶν, ἃς ἐκεῖνοι πρὸς ἀλλήλους ἔγραψαν. ὅτι δ’ οὐ λόγος ἐστὶν ὑπ’ ἐμοῦ συγκείμενος ὁ περὶ τῶν παρὰ τοῖς Τυρίοις γραμμάτων, παραθήσομαι μάρτυρα Δῖον ἄνδρα περὶ τὴν Φοινικικὴν ἱστορίαν ἀκριβῆ γεγονέναι πεπιστευμένον. οὗτος τοίνυν ἐν ταῖς

113. περὶ Φοινίκων ἱστορίαις γράφει τὸν τρόπον τοῦτον· “Ἀβιβάλου τελευτήσαντος ὁ υἱὸς αὐτοῦ Εἵρωμος ἐβασίλευσεν. οὗτος τὰ πρὸς ἀνατολὰς μέρη τῆς πόλεως προσέχωσεν καὶ μείζον τὸ ἄστυ ἐποίησεν καὶ τοῦ Ὀλυμπίου Διὸς τὸ ἱερὸν* καθ’ ἑαυτὸ ὄν ἐν νήσῳ χώσας τὸν μεταξὺ τόπον συνῆψε τῇ πόλει καὶ χρυσοῖς ἀναθήμασιν ἐκόσμησεν, ἀναβὰς δὲ εἰς τὸν Λίβανον ὑλοτόμησεν πρὸς τὴν τῶν ἱερῶν* κατασκευήν.

114. τὸν δὲ τυραννοῦντα Ἱεροσολύμων Σολομῶνα πέμψαι φασὶ πρὸς τὸν Εἵρωμον αἰνίγματα καὶ παρ’ αὐτοῦ λαβεῖν ἀξιοῦν, τὸν δὲ μὴ δυνηθέντα διακρίναι τῷ λύσαντι χρήματα ἀποτίνειν.

115. ὁμολογήσαντα δὲ τὸν Εἵρωμον καὶ μὴ δυνηθέντα λῦσαι τὰ αἰνίγματα πολλὰ τῶν χρημάτων εἰς τὸ ἐπιζήμιον ἀναλῶσαι. εἶτα δὲ Ἀβδήμουνόν τινα Τύριον ἄνδρα τὰ τε προτεθέντα λῦσαι καὶ αὐτὸν ἄλλα προβαλεῖν, ἃ μὴ λύσαντα τὸν Σολομῶνα πολλὰ τῷ Εἵρώμῳ προσαποτίσαι χρήματα.” Δῖος μὲν οὕτω περὶ τῶν προειρημένων ἡμῖν μεμαρτύρηκεν.

106. Ahora quiero pasar ya de estos documentos a los escritos de los fenicios que tratan nuestra raza y presentar su testimonio.

107. Existen entre los tirios, desde hace muchísimos años, crónicas redactadas y conservadas cuidadosamente por el Estado sobre los hechos dignos de recuerdo que han sucedido entre ellos y sobre sus relaciones con otros pueblos.

108. En ellos se dice que el Templo de Jerusalén fue construido por el rey Salomón ciento cuarenta y tres años antes de que los tirios fundasen Cartago¹²⁰.

109. Y no sin razón mencionan la fundación de nuestro templo, pues Hiram, rey de Tiro, era amigo de nuestro rey Salomón, amistad que había heredado de su padre.

110. Compartiendo con Salomón el orgullo por el esplendor del edificio, le entregó ciento veinte talentos de oro e hizo cortar las maderas más bellas del monte llamado Líbano y se las envió para techumbre. Salomón le mostró su agradecimiento con muchos regalos, entre otros un territorio de Galilea llamado Kabolón¹²¹.

111. Pero, sobre todo, les unía la pasión por la sabiduría: se intercambiaban enigmas que se invitaban a resolver. Salomón era el más hábil y, en general, resultaba el más sabio. Todavía se conservan entre los tirios muchas cartas que se cruzaron.

112. Para probar que mis afirmaciones sobre las crónicas tirias no son de mi invención, acudiré al testimonio de Díos, absolutamente digno de crédito en lo relativo a la historia fenicia¹²². En su historia de fenicia dice lo siguiente:

113. "a la muerte de Abíbal, ocupó el trono su hijo Hiram. Éste rodeó con un terraplén la parte ortiental de la ciudadela, agrandó la ciudad, unió a ella el templo de Zeus Olímpico que estaba solo en una isla, llenando de tierra el espacio intermedio y lo adornó con ofrendas de oro. Subiendo hasta el monte Líbano, hizo talar árboles para la construcción de otros templos.

114. Se dice que el señor de Jerusalén, Salomón, envió a Hiram enigmas y le pidió otros a él; el que no pudiera resolverlos pagaría una suma de dinero al que lo lograra.

¹²⁰No capítulo 18 desta obra, Josefo apresenta a duração dos reinados de Tiro.

¹²¹ 1Rs, 9, 10 – 13. Neste texto, referem-se vinte cidades que Salomão ofereceu a Hiram na Galileia. Um pouco antes (1Rs. 5, 23 – 25), assinala-se a necessidade, por parte de Hiram, de adquirir trigo para a sua casa, em troca dos cedros do Líbano e da construção do templo em Jerusalém (1Rs. 6).

¹²² Este autor e a sua obra não são conhecidos (Rodríguez de Sepúlveda, nota 46 *ad loc.*)

115. Hiram aceptó, pero, incapaz de resolver los enigmas, hubo de gastar una gran suma de dinero para pagar la multa. Más tarde, con la ayuda de cierto tirio llamado Abdemón resolvió las cuestiones propuestas, y, a su vez, propuso otras que Salomón no pudo resolver, por lo que tuvo que pagar a Hiram una cantidad mayor de la que había recibido.

Ap. I, 116 – 127

116. Ἀλλὰ πρὸς τούτῳ παραθήσομαι καὶ Μένανδρον τὸν Ἐφέσιον. γέγραφεν δὲ οὗτος τὰς ἐφ' ἐκάστου τῶν βασιλέων πράξεις τὰς παρὰ τοῖς Ἑλλησι καὶ βαρβάροις γενομένας ἐκ τῶν παρ' ἐκάστοις ἐπιχωρίων γραμμάτων σπουδάσας τὴν ἱστορίαν μαθεῖν.

117. γράφων τοίνυν περὶ τῶν ἐν Τύρῳ βεβασιλευκότων ἔπειτα γενόμενος κατὰ τὸν Εἵρωμον ταῦτά φησι· “τελευτήσαντος δὲ Ἀβιβάλου διεδέξατο τὴν βασιλείαν αὐτοῦ ὁ υἱὸς Εἵρωμος, ὃς βίωσας

118. ἔτη νγ ἐβασίλευσεν ἔτη λδ. Οὗτος ἔχωσε τὸν Εὐρύχωρον τόν τε χρυσοῦν κίονα τὸν ἐν τοῖς τοῦ Διὸς ἀνέθηκεν, ἐπὶ τε ὕλην ξύλων ἀπελθὼν ἔκοψεν ἀπὸ τοῦ λεγομένου Λιβάνου ὄρους κέδρινα ξύλα εἰς τὰς τῶν ἱερῶν* στέγας, καθελὼν τε τὰ ἀρχαῖα ἱερὰ* καὶ

119. ναοὺς* ὠκοδόμησεν τό τε τοῦ Ἡρακλέους καὶ τῆς Ἀστάρτης, πρῶτόν τε τοῦ Ἡρακλέους ἔγερσιν ἐποιήσατο ἐν τῷ Περιτίῳ μηνί, τοῖς τε Ἰτυκαίοις ἐπεστρατεύσατο μὴ ἀποδιδούσι τοὺς φόρους· οὗς καὶ ὑποτάξας ἑαυτῷ πάλιν ἀνέστρεψεν.

120. ἐπὶ τούτου ἦν Ἀβδήμουνος παῖς νεώτερος, ὃς αἰεὶ ἐνίκα τὰ προβλήματα, ἃ ἐπέταττε Σολομὼν ὁ Ἱεροσολύμων βασιλεύς.”

121. ψηφίζεται δὲ ὁ χρόνος ἀπὸ τούτου τοῦ βασιλέως ἄχρι Καρχηδόνης κτίσεως οὕτως· τελευτήσαντος Εἵρωμου διεδέξατο τὴν βασιλείαν Βαλβάζερος υἱός, ὃς βίωσας ἔτη

122. μγ ἐβασίλευσεν ἔτη ιζ. μετὰ τοῦτον Ἀβδάσταρτος υἱὸς βίωσας ἔτη λθ ἐβασίλευσεν ἔτη θ. τοῦτον οἱ τῆς τροφοῦ αὐτοῦ υἱοὶ τέσσαρες ἐπιβουλεύσαντες ἀπώλεσαν, ὧν ὁ πρεσβύτερος ἐβασίλευσεν Μεθουσάσταρτος ὁ Λεαστάρτου, ὃς βίωσας ἔτη νδ ἐβασίλευσεν

123. ἔτη ιβ. μετὰ τοῦτον ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ Ἀσθάρυμος βιώσας ἔτη νη ἐβασίλευσεν ἔτη θ. οὗτος ἀπώλετο ὑπὸ τοῦ ἀδελφοῦ Φέλλητος, ὃς λαβὼν τὴν βασιλείαν ἥρξεν μῆνας η βιώσας ἔτη ν. τοῦτον ἀνεῖλεν Εἰθώβαλος ὁ τῆς Ἀστάρτης ἱερεὺς*, ὃς βιώσας ἔτη

124. μη ἐβασίλευσεν ἔτη λβ. τοῦτον διεδέξατο Βαλέζωρος υἱός, ὃς

125. βιώσας ἔτη με ἐβασίλευσεν ἔτη ἕξ. τούτου διάδοχος γέγονε Μέττηνος υἱός, ὃς βιώσας ἔτη λβ ἐβασίλευσεν ἔτη κθ. τούτου διάδοχος γέγονεν Πυγμαλίων, ὃς βιώσας ἔτη νη ἐβασίλευσεν ἔτη μζ. ἐν δὲ τῷ ἐπ' αὐτοῦ ἐβδόμῳ ἔτει ἡ ἀδελφὴ αὐτοῦ φυγοῦσα ἐν τῇ Λιβύῃ πόλιν ὑποκόδομησεν Καρχηδόνα.

126. συνάγεται πᾶς ὁ χρόνος ἀπὸ τῆς Εἰρώμου βασιλείας μέχρι Καρχηδόνης κτίσεως ἔτη ρνε μῆνες η. ἐπεὶ δὲ δωδεκάτῳ ἔτει τῆς αὐτοῦ βασιλείας ὁ ἐν Ἱεροσολύμοις ὑποκοδομήθη ναός, γέγονεν ἀπὸ τῆς οἰκοδομήσεως τοῦ ναοῦ μέχρι Καρχηδόνης

127. κτίσεως ἔτη ρμγ μῆνες η. τῆς μὲν οὖν παρὰ Φοινίκων μαρτυρίας τί δεῖ προσθεῖναι πλέον; βλέπεται γὰρ τάληθές ἰσχυρῶς ὡμολογημένον καὶ πολὺ δήπου προάγειν τῆς τοῦ νεῶ κατασκευῆς τὴν τῶν προγόνων ἡμῶν εἰς τὴν χώραν ἄφιξιν· ὅτε γὰρ αὐτὴν πᾶσαν πολέμῳ παρέλαβον, τότε τὸν νεῶν κατεσκεύασαν. καὶ ταῦτα σαφῶς ἐκ τῶν ἱερῶν* γραμμάτων ὑπ' ἐμοῦ δεδήλωται διὰ τῆς ἀρχαιολογίας.

116. Tal es el testimonio que ha aportado Díos a mis declaraciones anteriores. A continuación citaré Menandro de Éfeso. Éste ha referido los sucesos acontecidos en cada reinado, tanto entre los griegos como entre los bárbaros, después de haberse preocupado de conocer la historia en las crónicas nacionales de cada pueblo.

117. Cuando escribe sobre los reyes de Tiro, al llegar a Hiram dice así¹²³: "a la muerte de Abíbal heredó el trono su hijo Hiram, que vivió cincuenta y tres años y reinó treinta e cuatro.

118. Éste levantó de tierra el Eurícoro, dedicó una columna de oro que hay en el templo de Zeus, marchó al bosque del llamado monte Líbano y cortó maderas de cedro para los techos de los templos; demolió los templos antiguos y los edificó/ de nuevo,

¹²³ Desconhece-se a época em que viveu este autor.

119. El de Hércules y el de Astarté, y fue el primero que celebró el despertar de Hércules en el mes de Peritio. Dirigió una campaña contra los iticeos que no pagaban los tributos y no regresó hasta haberlos sometido de nuevo a su dominio.

120. Durante su reinado vivió Abdemón, un joven muchacho que resolvía siempre con éxito las cuestiones planteadas por Salomón, rey de Jerusalén."

121. El tiempo transcurrido entre el reinado de Hiram y la fundación de Cartago se cuenta de la manera siguiente: "a la muerte de Hiram, ocupó el trono su hijo Baleazar, que vivió cuarenta y tres años y reinó diecisiete.

122. Su hijo y sucesor Abdástrato, vivió veintinueve años y reinó nueve. Los cuatro hijos de su nodriza conspiraron contra él y lo asesinaron. Ocupó el trono el mayor de ellos, Metusástrato, hijo de Leástrato, que vivió cincuenta y cuatro años y reinó doce.

123. Le sucedió su hermano Astárimo que vivió cincuenta y cuatro años y reinó nueve. Fue asesinado por su hermano Feles, que se apoderó del trono y gobernó ocho meses, habiendo vivido cincuenta años. A éste le asesinó Itóbal, sacerdote de Astarté, quien vivió sesenta y ocho años y reinó treinta y dos.

124. Le sucedió su hijo Balezor, que vivió cuarenta y cinco años y reinó seis. Su sucesor fue su hijo Meteno, que vivió cuarenta y cinco años y reinó treinta y dos.

125. El sucesor de éste fue Pigmalión, que vivió cincuenta y seis años y reinó cuarenta y siete; en el séptimo año de su reinado, su hermana huyó a Libia donde fundó la ciudad de Cartago."

126. Así pues, el tiempo transcurrido desde la subida al trono de Hiram hasta la fundación de Cartago hace un total de ciento cincuenta y cinco años y ocho meses. Como el Templo de Jerusalén fue construido en el año duodécimo del reinado de Hiram, desde la construcción del templo hasta la fundación de Cartago transcurrieron ciento cuarenta y tres años y ocho meses.

127 ¿hace falta añadir más a los testimonios aportados por los fenicios? Vemos que la verdad está sólidamente fundada en el acuerdo entre los autores y que la llegada de nuestros antepasados al país es muy anterior a la construcción del templo, pues lo

construyeron después de haber conquistado enteramente el país. Estos hechos los he demostrado con toda claridad en mis *Antigüedades*¹²⁴ a partir de los libros sagrados.

(Trad. M. Rodríguez de Sepúlveda, 1994)

Glossário: ἱερόν; ἱερεὺς

Hecateu de Mileto

Introdução

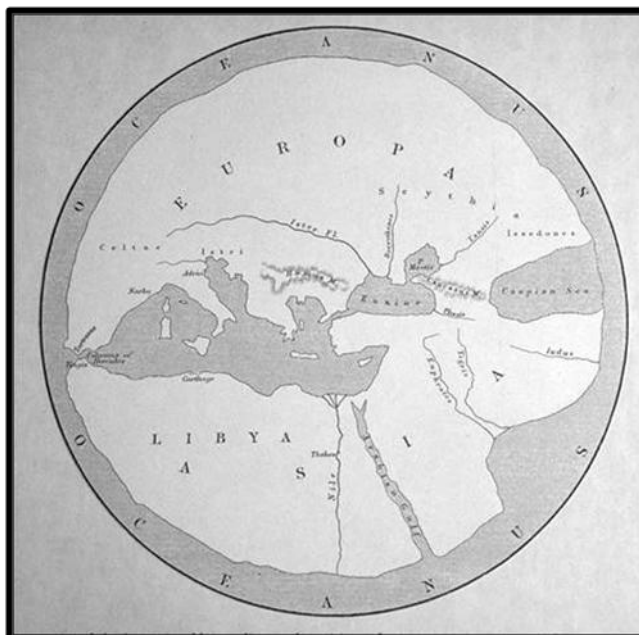
Não se identificou, até aos nossos dias, um texto completo ou parcial de Hecateu de Mileto. Deste autor, conhecem-se referências indirectas que foram compiladas por F. Jacoby (1957 = *FGrH*, 1) e G. Nenci (1954).

Destas referências indirectas, destacam-se, em primeiro lugar, aquelas que transmitem, com maior ou menor grau de precisão, dados sobre a cronologia dos trabalhos do autor milésio. Através do cruzamento destes dados, concluiu-se que a sua obra é anterior a 480 a.C., mais concretamente de c. 520 - 516 (65^a Olimpíada), segundo a *Suda* (*ibid.*, p. IX - X). As menções ao seu nome por parte de Heraclito (fr. 22 B 40 Diels/ *FGrH* 1, fr. 21*) e Heródoto (II, 143/ fr. 2 Nenci; V, 36/ fr. 3 Nenci; V, 124/ fr. 4 Nenci) provam que o autor de *Periegesis* (Περιήγησις) é anterior. Este texto foi também dividido em duas partes: Europa e Ásia (por exemplo, St. Byz., s.v. Ἑλιβύργη/ *FGrH* 1, fr. 38*). Porém, os nomes da sua obra variam consoante os autores que a mencionam: *Genealogia*, *Histórias*, *Erologia* e *Periodos Gês* (Περίοδος γῆς). *Periegesis* é o nome mais citado (Nenci, 1954, pp. XV-XVI). Para Nenci, *Περίοδος γῆς* é o título da carta geográfica de Hecateu, enquanto que *Περιήγησις* seria a obra geográfica. Note-se que esta, segundo o próprio Hecateu, terá sido escrita (*FGrH* 1, fr. 1*). No entanto, *Περίοδος γῆς*, referido por Aristóteles (*Rh.* I, 4.13/ 1360a*), é traduzido por "viajes por el mundo" (trad. Q. Racionero, 2007), o que pode contradizer aquela informação.

Uma passagem de Heródoto (V, 49.1*) pode ser interpretada como uma menção indirecta a Hecateu. Neste texto, o tirano de Mileto, Aristágoras, chegou a Esparta com uma placa de bronze onde estava desenhado um mapa da Terra com a representação do

¹²⁴ VIII, 31ss., *apud* Rodríguez de Sepúlveda, n. 52 *ad loc.*

mar que a circundava e dos rios. De acordo com vários investigadores (Schrader, 2006, n. 208 *ad loc.*, com bibliografia; Braun, 2004, p. 288 - 289), trata-se de Περίοδος γῆς, o mapa elaborado por Hecateu, reproduzido na figura.



Reconstrução aproximada do mapa de Hecateu (<http://www.henry-davis.com/MAPS/Ancient%20Web%20Pages/108.html>. [em linha]. Cons. 16/01/2013)

À parte desta questão, que não é aqui discutida, a teoria da circularidade do Oceano (Ὠκεανὸς*) foi criticada por Heródoto noutras ocasiões (II, 21 e 23; IV, 8.2*). Num interessante excerto, transmitido por Arriano (*An.* II, 16.5; *FGrH* 1, fr. 26/ *THA* IIA, 22), se as palavras são, de facto, de Hecateu, não há uma referência ao Ὠκεανὸς, mas sim ao "grande mar" (megálês thalassês/ μεγάλης θαλάσσης).

Parte da obra de Hecateu de Mileto foi transmitida em *Ethniká* de Estêvão de Bizâncio. Conhecido por Heródoto (cf. St. West. 1991), Hecateu escreveu uma *periegesis* que adquire enorme importância para a questão de Tartessos, na medida em que assinala uma região com esse nome (*FGrH* 1, fr. 38* e fr. 45 Nenci*). Estêvão de Bizâncio, por seu turno, referiu Tartessos como uma cidade (s.v. Ταρτησσός*).

Edições consultadas: Nenci, 1954; Jacoby, 1957¹²⁵; Gangutia, 1998; Meineke, 1958¹²⁶

Bibliografia: Gangutia, 1998; Braun, 2004.

¹²⁵ Os textos gregos baseiam-se nestes dois autores.

¹²⁶ Textos de Estêvão de Bizâncio que referem Hecateu (v. *infra*, "Estêvão de Bizâncio").

Textos

FGrH 1, fr. 1

Ἑκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται · τάδε γράφω¹²⁷, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι · οἱ γάρ λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὥς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν.

Hécatee de Milet raconte ainsi: ce que j'écris ici, c'est comme se me semble vrai; car les récits des Grecs sont, à ce qu'ils me paraissent, à moi, multiples et ridicules.

Trad. M. Casevitz (Hartog & Casevitz, 1999, pp.42-43)

FGrH 1, fr. 21/ fr. 1 Nenci (D.L. IX, 1)/ Heraclito, fr. 22 B 40 Diels/

πολυμαθὴν νόον ἔχειν οὐ διδάσκει Ἡσίοδον γὰρ ἂν ἐδίδαξε καὶ Πυθαγόρην αὐτίς τε Ξενοφάνεά τε καὶ Ἑκαταῖον.

Mucha erudición no enseña comprensión; si no, la habría enseñado a Hesíodo y a Pitágoras, y a su turno tanto a Jenófanes como a Hecateo¹²⁸.

(Trad. Lisi *et al.*, 2006)

FGrH 1, fr. 38/ St. Byz., s.v. Ἐλιβύργη

Ἐλιβύργη πόλις Ταρτησοῦ*. Ἑκαταῖος Εὐρώπῃ¹²⁹. τὸ ἐθνικὸν Ἐλιβύργιος.

¹²⁷ Compare-se este termo γράφω com ἀπόδεξις de Heródoto (I, 1*). A obra de Hecateu, a julgar pela palavra empregue, destinava-se a ser lida, enquanto que a de Heródoto seria escutada.

¹²⁸ Para uma análise epistemológica do referido fragmento de Heraclito, veja-se, entre outros, Leshner, 1983; para uma bibliografia básica do autor: Lisi *et al.* 2006.

¹²⁹ Sigo a transcrição de Jacoby de Εὐρώπῃ. Nos *THA*, a transcrição é Εὐρώπη.

Elibirge: ciudad de Tarteso. Hecateo en “Europa”. El étnico es elibirgio.

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA IIA, 23g)

Glossário: Ταρτησσός; ἐθνικός

FGrH 1, Fr. 39/ s.v. Ἐλιβύργη St. Byz.)

Καλάθη ἡ πόλις οὐ πόρρω τῶν Ἡρακλείων* στηλῶν*. Ἐκαταῖος Εὐρώπηι. Ἐφορος δὲ Καλάθουσαν αὐτὴν φησιν. Ἔστι καὶ τοῦ Πόντου Καλάθουσα. Ὁ πολίτης τῆς Καλάθης Καλάθινος ὡς Ἀγαθῖνος, τῆς δὲ Καλάθουσης Καλάθούσιος ὡς Νύσιος.

Calate: ciudad no lejos de las Columnas de Heracles. Hecateo en “Europa”. Éforo¹³⁰ la llama Calatusa. También hay una Calatusa en el Ponto. El ciudadano de Calate se llama calatino, como “agatino” y el de Calatusa, calatusio, como “nisio”.

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA IIA, 23a)

Glossário: Ἡρακλείων στηλῶν;

FGrH 1, fr. 40/ St. Byz., s.v. Ἐλβέστιοι

Ἐλβέστιοι ἔθνος* Λιβύης. Φίλιστος ἢ (III) ἑπεὶ δὲ τοὺς Λιβύας [**] Ἐκαταῖος Εὐρώπηι "Ἐλβέστιοι καὶ Μαστιηνοὶ".

Elbestios: pueblo libio. Filisto, Libro VIII (fragmento 30) "en la proximidad de los libios"¹³¹ [**] Hecateo en "Europa": "Elbestios y Mastienos".

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA 23b)

¹³⁰ FGrH, 70, fr. 171.

¹³¹ A expressão *περὶ δὲ* (= *peri dé*) é a primeira do texto de Estrabão III 5. 5*, traduzindo-se por "entre os relatos". Poder-se-ia traduzir o texto *περὶ δὲ τοὺς Λιβύας* por "entre os Líbios"? Esta proposta pode fazer sentido, já que os Líbios são apresentados como um conjunto de povos.

Glossário: ἔθνος

FGrH 1, fr. 41/ St. Byz., s.v. Μαστιανοὶ

Μαστιανοὶ ἔθνος* πρὸς ταῖς Ἑρακλείας στήλαις. Ἑκαταῖος Εὐρώπηι. εἴρηται δὲ ἀπὸ Μαστίας πόλεως*.

Mastienos: pueblo hacia las Columnas de Heracles. Hecateo en "Europa". Se llama así por la ciudad de Mastia¹³².

Glossário: ἔθνος; Ἑρακλέους στήλας

FGrH 1, fr. 42 (St. Byz.)

Μαινοβώρα πόλις Μαστινηῶν. Ἑκαταῖος Εὐρώπηι. τὸ ἐθνικὸν Μαινοβωραῖος.

Menobora: ciudad de los mastienos. Hecateo en "Europa". El étnico, menoboreo.

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA 23e)

Glossário: ἐθνικός

FGrH 1, fr. 43 (St. Byz.)

Σίξος ἡ πόλις Μαστινηῶν. Ἑκαταῖος "μετὰ δὲ Σίξος πόλις"

Sixo: ciudad de los mastienos. (Dice) Hecateo: *después, la ciudad de Sixo*.

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA 23f)

¹³² Sobre a discussão da cidade de Mastia e do povo Mastieno, cf. E. Ferrer Albelda (2006; 2008), com bibliografia.

Glossário: μετὰ δέ

FGrH 1, fr. 45 (St. Byz.)

Σικάνη· πόλις Ἰβηρίας. ὡς Ἑκαταῖος Εὐρώπηι. τὸ ἐθνικὸν Σικάνιος.

Sicane: ciudad de Iberia. Según Hecateo en "Europa". El étnico es Sicanio.

(Trad. E. Gangutia, 1998, THA IIA, 23j)

Glossário: ἐθνικός

FGrH 1, fr. 46 (St. Byz.)

Κραβασία· πόλις Ἰβηρῶς, Ἑκαταῖος Εὐρώπηι. τὸ ἐθνικὸν* Κραβάσιος καὶ Κραβασιεύς καὶ Κραβασιάτης, καὶ Κραβασιανός διὰ τὴν χώραν*.

Crabasia: ciudad de los iberos. Hecateo en "Europa". El étnico es crabasio, crabasieo, crabasiates; crabasiano en la región.

(Trad. E. Gangutia, 1998, THA IIA, 23k)

Glossário: ἐθνικός; χώρα

Fr. 45 Nenci (St. Byz.)

Ἰβυλλα· πόλις Ταρτησιᾶς*, τὸ ἐθνικὸν* Ἰβυλλῖνος, παρ' οἷς μέταλλα χρυσοῦ καὶ ἀργύρου < Ἑκαταῖος Εὐρώπη>

Ibila: ciudad de Tartesia; el étnico es ibilino; tienen minas de oro y de plata. Hecateo en "Europa"¹³³

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA IIA, 23i)

Glossário: Ταρτησσός; ἔθνικός

Herodoro de Heracleia

Introdução

Do ponto de vista arqueológico, as escavações em Heracleia denotam relações entre esta cidade e Atenas a partir do último terço do séc. VI a.C., intensificando-se na centúria seguinte. Este dado enquadra, em parte, a presença do filho de Herodoro, Brisão, na escola socrática (Desiderio, 1991, p. 9). As referências a este indivíduo permitiram uma aproximação à cronologia de Herodoro, fixando-a no último terço do séc. V a.C.; Heracleia entrou na Liga Ateniense durante a Guerra do Peloponeso, pagando tributo a Atenas (425-424 a.C.; *ibid.*, p. 9 - 10).

Herodoro parece, pois, pertencer a um contexto em que a sua cidade entra "nel circuito della cultura nazionale greca" (*ibid.*, p. 10), mas a sua obra só foi conhecida em Atenas através do seu filho. A obra herodorianana foi, essencialmente, mitográfica, a julgar pelos títulos apresentados nos fragmentos que assinalam o autor. Nestes, nota-se que a *História de Héracles* ou os *Tratados sobre Héracles* (v. textos) constituem uma das fontes para a Península Ibérica em autores posteriores (Estêvão de Bizâncio e Constantino Porfiriogénito). Aqui, identificaram-se etnónimos (*FGrH* 31, fr. 2a*; St. Byz., s.v. Γλητες*) e topónimos (St. Byz., s.v. Κυνητικόν*)¹³⁴. Esta afirmação é plausível, uma vez que outras obras do autor (monografias dedicadas a Pelops, Édipo, etc.) não são sequer mencionadas nestes contextos (Graf, 2005, p. 263).

A julgar também pelos fragmentos, A. Lesky afirma que o autor "parece ter empregue, na sua apresentação dos mitos, os elementos mais variados tomados da etnografia e da ciência natural jónica" (1995, p. 360). A relação com Atenas parece

¹³³ <Ἑκαταῖος Εὐρώπῃ> não se encontra na edição de 1958.

¹³⁴ Na obra de Estêvão de Bizâncio, Herodoro é mencionado, para além dos textos mencionados neste anexo, em: s.v. Ἄργος (*Argos*), Δρυόπη (*Dryopê*; étnico Δρυοπαῖος/ *Dryopaios*, segundo Herodoro); Κασσώπη (*Kassôpê*) e Πευκέτιοι (*Peukétioi*).

estar patente na possível influência que tanto Ferécides como Helânico exerceram sobre o autor (*ibid.*, p. 263).

Estas considerações são fundamentais para compreender as referências aos povos peninsulares na obra de Herodoro de Heracleia, percebendo-se que terá tentado conferir às aventuras de Héracles um conteúdo geográfico.

Edições consultadas: Gangutia Elícegui, 1998; Meineke, 1958 (fragmentos).

Bibliografia: Lagneau, 1881; Desiderio, 1991; Gangutia Elícegui, 1998; Graf, 2005; Martí-Aguilar, 2009

Textos

FGrH 31, fr. 2a (Const. Porph. Adm. Imp. 23/ St. Byz. s.v. Ἰβηρία)

ταύτης δὲ πολλά φασσιν ἔθνη* διαιρεῖσαι, καθάπερ Ἡρόδωρος ἐν τῇ δεκάτῃ τῶν καθ' Ἡρακλέα γέγραφεν ἱστορῶν οὕτως·

τὸ δὲ Ἰβηρικὸν γένος* τοῦτο, ὅπερ φημὶ οἰκεῖν τὰ παράλια τοῦ διάπλου, διώρισται ὀνόμασιν ἐν γένος ἐὼν κατὰ φύλα. πρῶτον μὲν οἱ ἐπὶ τοῖς ἐσχάτοις οἰκοῦντες τὰ <πρὸς> δυσμέων Κύνητες ὀνομάζονται (ἀπ' ἐκείνων δὲ ἤδη πρὸς βορέαν ἰόντι Γλήτες)· μετὰ δὲ* Ταρτήσιοι*· μετὰ δὲ* Ἐλβυσίνιον· μετὰ δὲ* Μαστι<η>νοί, μετὰ δὲ Κελκιανοί· ἔπειτα δὲ *** ηδιοροδανος.

Dicen de ésta (Iberia) que está dividida en muchos pueblos, así como historió Herodoro en el libro X de los *Tratados sobre Heracles*:

"Este pueblo ibérico, el que digo habita las costas del Estrecho, siendo un sólo pueblo se distingue por nombres según las tribus: primero están los que habitando las tierras extremas de Occidente se llaman Cinetes (a partir de aquellos, para el que va ya hacia el norte están los gletes); luego los tartesios; luego los elbisinos; luego los masti[e]nos; luego los celcianos; y después, *** ya el Ródano".

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA IIA 46, i)

Glossário: ἔθνος; ἐσχάτια; Φυλή; μετὰ δὲ; Ταρτήσσιοι

St. Byz. s.v. Κυνητικόν

Κυνητικόν Ἰβηρίας τόπος πλησίον Ὠκεανοῦ*. Ἡρόδοτος ι'¹³⁵ καθ' Ἡρακλέα. οἱ οἰκοῦντες Κύνητες καὶ Κυνήσοι.

Cinético: lugar de Iberia cerca del Océano. Herodoto en el libro X de los tratados sobre Heracles. Los habitantes, cinetes y cinesios.

Glossário: Ὠκεανός

St. Byz. s.v. Γληῖτες

Γληῖτες. ἔθνος Ἰβηρικὸν μετὰ τοὺς Κύνητας. Ἡρόδοτος ι'¹³⁶

Gletes: nación ibérica después de los cinetes. Herodoto en el libro X.

(Trad. E. Gangutia, 1998/ THA IIA 46)

Heródoto

Introdução

Heródoto nasceu, provavelmente, em Halicarnasso entre 485 e 484 a.C.; nesta cidade, participou activamente na luta contra a tirania de Lígdamis. Este episódio motivou o seu exílio em Samos, cidade onde iniciou, em 454 a.C., uma viagem de dez anos que passou por várias partes do mundo: Egipto (c. 449 a.C.: III, 15), Fenícia (II, 44), Mesopotâmia, Babilónia (I, 178 e 181)¹³⁷, Cítia (Ístria, IV, 50; Olbia, IV, 76), Magna Grécia (IV, 99), Sicília (VII, 156-157) e Cirenaica (IV, 168 ss.). Durante esta viagem, Heródoto ter-se-á apercebido da extraordinária diversidade do género humano,

¹³⁵ Ed. Meinke (1958): Ἡρόδοτος δεκάτω: Livro X.

¹³⁶ Ed. Meinke (1958): Ἡρόδοτος δεκάτω: Livro X.

¹³⁷ A sua visita a estes lugares não é segura (Rood, 2006, p. 291).

ao mesmo tempo que adquiriu informações sobre as vivências colectivas das comunidades que teve oportunidade de conhecer. O facto de não ter viajado para o Mediterrâneo Ocidental (cf. III, 115 e IV, 184-185) é um dado que deve ser considerado quando a análise recai sobre as referências que faz a estas realidades.

Em Samos, Heródoto terá adquirido um conjunto significativo de informações (III, 44-49; Immerwahr, 1956-57; Mitchell, 1975; Gómez Espelosín, 1993; Albuquerque, 2010, p. 37), em parte transmitidas por uma aristocracia sâmia cuja ideologia era anti-tirânica (Schrader, 2006, n. III, 228; Mitchell, 1975). Este dado é de extrema importância, na medida em que terá sido através desta aristocracia que Heródoto ouviu falar de Polícrates e, por conseguinte, de Anacreonte (Hdt. III, 121; Schrader, 2006, p. XIX e n. III, 623). Polícrates foi mecenas dos poetas até 523, antecedendo Hiparco na organização dos festivais de poesia onde participaram os "Homéridas" (*infra*, "Homero"; Lourenço, 2006, p. 34 - 35; Albuquerque, 2010, p. 37).

Para além de ser o "pai" da História (Cícero, *De Legibus* I, 5), Heródoto é também o "pai" da etnografia, uma vez que procura descrever, com maior ou menor detalhe, os povos submetidos pelo império persa (Rood, 2006; Darbo-Peschanski, 2007, p. 27ss.; García Quintela, 2009, pp. 68-69)¹³⁸. Do ponto de vista qualitativo, o panorama apresentado pelo autor está longe de ser uniforme: nem todas as informações derivam de uma observação directa dessas sociedades. Por vezes, recorreu a informadores, o que lhe permitiu apresentar, em várias ocasiões, distintas versões de um mesmo relato. Em várias situações que não interessa mencionar exaustivamente, refere os seus informadores directos ou indirectos (por exemplo, II, 44.2*; Rood, 2006, p. 291).

Em 1995, a identificação *in situ* de uma inscrição com sessenta linhas (duas colunas) numa antiga muralha no promontório de Kaplan Kalesi (ou Salmakis) transmite a imagem de Heródoto como um "Homero da historiografia em prosa"¹³⁹. O texto foi publicado por S. Isager (1998) e comentado por H. Lloyd-Jones (1999; cf. Griffiths, 2006, p. 135)¹⁴⁰. A inscrição foi datada entre meados e finais do séc. II a.C. (Isager, 1998, p. 6), surgindo ecos desta ideia em textos posteriores, como Dionísio de Halicarnasso (*De Thucydides*, XXIII) ou Longino (*De Subimitate* XIII.3)¹⁴¹.

¹³⁸ Sobre a relação entre Heródoto e Tucídides, cf. Rood, 1999.

¹³⁹ Ἡρόδοτον τὸν πεζὸν ἐν ἱστορίαισιν Ὅμηρον (*apud* Isager, 1998, p. 8 e Lloyd - Jones, 1999, p. 2)

¹⁴⁰ Hugh Lloyd - Jones apresenta neste trabalho uma interessante reflexão sobre a intertextualidade desta inscrição, associando-a a excertos de autores como Pausânias (II, 32.6), que assinala um culto a Afrodite em Halicarnasso, entre outros.

¹⁴¹ Ἡρόδοτος Ὅμηρικώτατος ("the most homeric", segundo Boedeker, 2002, p. 98; cf. Lloyd-Jones, 1999, pp. 10-11).

Este dado é importante para analisar o reconhecimento de algumas relações entre Heródoto e a figura de Homero em vários níveis, trabalho que foi iniciado por Aristóteles em *Poética* (IX, 1451a-b e XXIII, 1459a) ao assinalar as diferenças entre a Poesia e a Prosa, ou entre a Épica e a História (*apud* Boedeker, 2002, p. 98)¹⁴².

A influência homérica sobre o discurso heroditano parece manifestar-se, em primeiro lugar, na valorização da figura do viajante como homem que conhece modos de pensar diferentes do seu e que adquire, com isto, grandes conhecimentos (Hartog, 1996, p. 15; Boedeker, 2002, p. 99; Griffiths, 2006, p. 135). Em segundo lugar, na própria imagem da morte honrosa como sinónimo de glória e de recordação na memória colectiva (*ibid.*, p. 135; *Od.* IV, 710, *apud* Boedeker, 2002, p. 99; Soares, 2003); podemos inserir neste contexto a valorização da incineração como ritual por excelência¹⁴³. Em terceiro lugar, no uso de algumas frases, embora esta proposta deva ser encarada com algumas reservas, pois não se sabe ao certo se este uso deriva de uma leitura (ou audição) directa do discurso homérico (Boedeker, 2002, p. 109) ou se é inconsciente¹⁴⁴.

Os dois primeiros aspectos são, claramente, enunciados em I, 30*-31. Sólon é apresentado como um homem sábio, viajante e conhecedor de várias realidades, à semelhança do viajante Odisseu e, por conseguinte, do próprio Heródoto (*Od.* I, 3, *apud* Griffiths, 2006, p. 135; Peeling, 2006, pp. 104-106)¹⁴⁵. É através desta imagem criada em torno de Sólon que sobressai o resultado da sua interpretação "homérica" sobre a riqueza, a prosperidade, a felicidade e a glória. Quando Cresos lhe pergunta qual é, na sua opinião, o homem mais próspero, Sólon aponta os exemplos de Telo (I, 30*) e de Cleóbis e Bítón (I, 31). A morte honrosa garante ao Homem, no seu discurso, um lugar de destaque na memória colectiva. Este pensamento lembra o diálogo entre Aquiles e Tétis (*infra*, "Homero"), bem como entre Calíroé e Gérion (*supra*, "Estesícoro").

¹⁴² Em 1451b, Aristóteles afirmou que "o historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso: "se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente nada o seu carácter de História" (trad. Pereira & Valente, 2008³)

¹⁴³ Aliás, logo no prómio*, Heródoto afirma que o seu texto pretende preservar a memória dos feitos humanos.

¹⁴⁴ Em Hdt. VII, 159 e *Il.* VII, 125, surge, entre outros exemplos, a expressão ἡ κε μέγ' οἰμώξειε (ê ke még' oimôxeie), segundo a sugestão de D. Boedeker (2002, pp. 101-109). Nas palavras desta autora (2002, p. 108), "Herodotus deserves his ancient epithet homērikōtatos: his text again and again recalls the language, style, structure, mimetic quality, and sometimes even metre of Homeric epic". Veja-se também o artigo de M. Gireaud (1984) sobre esta questão. Esta autora afirma, por exemplo, que "l'ionien même d'Hérodote est quelque peu homérisé" (1984, p. 4)

¹⁴⁵ O trabalho de Christopher Peeling (2006) assinala a função destes discursos na transmissão do pensamento de Heródoto. O autor interpretou este excerto como uma relação entre sabedoria e poder, utilizando o diálogo entre as duas personagens para assinalar as diferenças culturais entre Sólon e o seu interlocutor. Esta questão é também tratada por Carmen Leal Soares (2003, p. 48ss.)

Como teremos oportunidade de expor, os Poemas Homéricos seguem, aparentemente, fórmulas que facilitam a transmissão *oral* destes relatos (Sifakis, 1997), podendo não ser exclusivas da poesia homérica. É caso para questionar se, neste contexto, a vida influencia a poesia ou, pelo contrário, se a poesia inspira a vida. O pensamento de Heródoto lembra, em certas ocasiões, a influência das mensagens morais que os Poemas Homéricos transmitem, sobretudo no modo como os principais intervenientes são apresentados. Ou, nas palavras de O. Murray, "for Herodotus was well aware that in his *Histories* he was following the example of Homer, in recording a great war and singing of a new generation of heroes" (2007, p. 34). Mas este apontamento é válido também para a Tragédia, quando Heródoto descreve o percurso de vida de Polícrates (cf. Albuquerque, 2010, pp. 37-38). Veremos também o enquadramento dos Poemas Homéricos nos festivais de poesia.

A oralidade deve ser, neste contexto, valorizada (Hartog, 1991, p. 395ss.; Griffiths, 2006, pp. 136-140; Murray, 2007a; b), uma vez que no prólogo das *Histórias* surge a expressão "apódexis" (ἀπόδειξις, "exposição") que, segundo F. Hartog (1991, p. 415), pode remeter para este campo¹⁴⁶; tal proposta deve, porém, ser encarada com muita cautela, uma vez que, também no prólogo, o autor afirma que pretendia transmitir informações para a posteridade, e não apenas para uma audiência contemporânea (Van Wees, 2002, p. 322). ἀπόδειξις pode também significar "demonstração" ou "apresentar uma prova", o que talvez seria mais condizente com a afirmação de Van Wees. Em todo o caso, o uso de determinadas expressões das fórmulas poéticas pode ser uma opção de estilo e não tanto uma reprodução (ou imitação) de poemas cuja autoria pode ser discutida (cf. *infra*, "Homero").

Um interessante estudo, publicado em 1987 e revisto em 2001, de O. Murray (2007a; b), baseia-se no contributo de Jan Vansina (2006) para a delimitação de uma metodologia de estudo das tradições orais enquanto ferramenta de análise histórica¹⁴⁷. Tanto nos exemplos analisados por Vansina como naqueles que Murray assinalou, a memória transmitida oralmente corresponde a períodos anteriores em cerca de dois séculos, como limite máximo, à data da fixação destes testemunhos, definidos como "free not fixed texts" (Vansina, *apud* Murray, 2007, p.19; 23; cf. Burkert, 1998, p. 139)

¹⁴⁶ Em oposição ao texto de Hecateu (*FGrH*, 1, fr. 1, *apud* Hartog & Casevitz, 2001, p. 43), onde pode ler-se γράφω (graphô: "escrevo"). F. Hartog acrescenta, mais adiante (1991, p. 416ss.), que este último verbo é utilizado noutras ocasiões das *Histórias*.

¹⁴⁷ O ano da publicação desta obra, consultada por Murray, é 1973. A referência aqui apresentada é de uma tradução inglesa publicada mais recentemente. Para os princípios metodológicos de J. Vansina, bem como para a história deste tipo de investigação, cf. Vansina, 2006, p. 1 - 18.

e que podem estar sujeitos às mesmas regras que presidiram à elaboração de poemas como *Ilíada* e *Odisseia*. Neste sentido, o texto herodotiano constitui uma novidade, distanciando-se dos seus informadores no modo como expõe as informações, assumindo um papel preponderante na "cadeia de transmissão" definida por J. Vansina (2006, p. 21), cujo esquema é reproduzido na fig. 3.1 (i.e., "recorder"), desempenhando-o com um apurado sentido crítico.

Não obstante, é inegável que Heródoto conhecia Homero. Em II, 23, questiona a existência de um rio Oceano (ποταμὸς Ὠκεανὸς*), afirmando que "Homero, o alguno de los poetas que ha habido hasta la fecha, inventó ese nombre y lo introdujo en la poesía"¹⁴⁸. Mais adiante, em II, 53, nega a existência de poetas anteriores a Hesíodo e a Homero (II, 53.3), afirmando que estes tinham vivido não mais de quatrocentos anos antes (II, 53.2) e que tinham sido responsáveis pela criação da teogonia grega e pela descrição física e epítetos das divindades. Em II, 116 - 117 cita versos da *Ilíada* (VI, 289-292) e da *Odisseia* (IV, 227-230; 251-252) para se referir a Proteu (cf. II, 112*) e ao rapto de Helena (II, 113ss.). Em IV, 29, assinala novamente uma passagem de *Odisseia* (IV, 85), desta vez para se referir aos cordeiros líbios. Finalmente, em IV, 32, o nome de Homero surge como autor de uma obra intitulada *Epígonos*, dado que não é corroborado com segurança por Heródoto. Assim, pelo que podemos ver, a representação explícita de Homero nas *Histórias* resume-se ao uso de uma fonte cujas informações são úteis para o seu discurso.

Voltemos ao diálogo entre Sólon e Creso. Parece evidente que tanto em Heródoto como nos Poemas Homéricos, ou mesmo em Estesícoro, o diálogo serve para transmitir informações e modos de pensar. Isto, por sua vez, faz parte da própria estrutura narrativa, na medida em que as personagens intervenientes representam um pensamento, próximo ou distante do autor e da sua audiência, desempenhando, consequentemente, uma *função* no conjunto do relato (cf. Propp, 2006; Bremond, 1966). Existem grandes dúvidas sobre a veracidade do encontro entre Sólon e Creso (Soares, 2003, p. 48 - 49), mas esta questão é secundária, atendendo à função que desempenha na transmissão do pensamento herodotiano (a exposição das diferenças culturais entre Gregos e Bárbaros).

São estas diferenças culturais que, segundo Heródoto, justificam a oposição entre Gregos e Bárbaros, bem como o tratamento etnográfico dos povos submetidos pelos Persas (Hdt. I, 4. 3-4; Rood, 2006, p. 290). A introdução do tema da morte no discurso

¹⁴⁸ Trad. C. Schrader (2006). οὐ γὰρ τινὰ ἔγωγε οἶδα ποταμὸν Ὠκεανὸν ἔόντα, Ὅμηρον δὲ ἢ τινὰ τῶν πρότερον γενομένων ποιητέων δοκέω τὸ οὖνομα εὐρόντα ἐς ποιήσιν ἐσενεῖκασθαι.

do autor de Halicarnasso ou Túrios faz, portanto, sentido na medida em que é um tema que, aos seus olhos, diferencia as comunidades entre si (cf. Soares, 2003). A análise deste viajante sobre aquilo que observou ou sobre as informações que recolheu foi importante para as reflexões, apresentadas no cap. 6, sobre a complexidade da relação entre inumação e incineração nas necrópoles proto-históricas.

Quer isto dizer que a análise das *Histórias* na perspectiva da "estética da representação" (García Quintela, 2009) ou da "retórica da alteridade" (Hartog, 1991; Gray, 2002) é importante para compreender a (des)valorização dos elementos culturais que o autor assinala, ou não, no seu discurso. Para dar um exemplo, quando descreve os Lídios (I, 93 - 94), Heródoto limita-se a apontar as diferenças que os separam dos Gregos (a prostituição das "filhas dos Lídios") e o monumento funerário de Aliates, pai de Cresos, em I, 93. 2-3. De resto, aponta que são muito semelhantes aos Gregos. Mas o olhar herodotiano não se limita a estas descrições: procura saber o modo como as comunidades observam os seus próprios costumes (Rood, 2006, p. 292) e apresenta, quando possível, mais de uma versão dos acontecimentos. Por outras palavras: Heródoto "tried to find the truth about the past" (van Wees, 2002, p. 323).

O panorama aqui apresentado, ainda que de um modo muito resumido, permite compreender a ausência de informações detalhadas sobre Tartessos. Trata-se, em primeiro lugar, de uma realidade que o autor desconhece e que refere em ocasiões que lhe parecem importantes. Em I, 163*, Tartessos surge no contexto de uma viagem dos Focenses em busca de apoio para a construção de uma muralha Heródoto conheceu, surgindo como um breve desvio na narrativa para relatar um acontecimento associado a essa comunidade. Por seu turno, em IV, 152*, associa o nome a um porto desconhecido para os Sâmios no contexto da fundação de Cirene, bem como a um *krater* de bronze, decorado com grifos, que estaria depositado no santuário de Hera em Samos.

É possível identificar no primeiro relato outras semelhanças com os Poemas Homéricos: apresenta um rei (Argantónio) cuja função na narrativa é muito similar à de Alcínoo na *Odisseia* (Albuquerque, 2009; 2010; 2011), de Circe na *Eneida* e do rei de Melinde n'Os *Lusíadas* (*id.*, 2008). É esta personagem que "ouve" o percurso do protagonista até à sua última etapa, onde se encontra este "ajudante". A forma destes relatos pode reproduzir-se em tradições orais como aquelas que Heródoto conheceu e adaptou ao seu discurso. Estes aspectos foram desenvolvidos no Cap. 4.

A quantidade de excertos apresentados neste anexo traduz a importância que o testemunho de Heródoto teve na elaboração desta dissertação. Ao longo da sua obra

surgem elementos de extrema importância. Em primeiro lugar, a aplicação do termo ἔθνος, analisada no Cap. 3, revelou-se útil para questionar o seu alcance e complexidade nas referências ao suposto ἔθνος tartéssico. Em segundo, a descrição de vários santuários permitiu a elaboração de propostas sobre a sua função na estruturação da identidade de uma comunidade, como marcadores territoriais, no Cap. 5. Em terceiro, a representação da morte nesta obra permite assinalar a complexidade deste tema quando se pretende apresentar uma interpretação para as diferenças verificadas no registo arqueológico (Cap. 6).

Estes aspectos, dos quais se assinala uma pequena parte, fazem com que a obra de Heródoto seja central na linha de investigação proposta, com todas as condicionantes e limitações da leitura de um documento desta natureza.

Edições consultadas: Ferreira e Silva, 2002; Schrader, 2006; Godley, 1960¹⁴⁹; Legrand, 1995;

Bibliografia: How e Wells, 2008; Immerwahr, 1956 - 1957; Mitchell, 1975; Gireaudau, 1984; Gómez Espelosín, 1993; 2005; Hartog, 1991; Hartog e Casevitz, 1999; Cruz Andreotti, 1991a; Burkert, 1998; Boedeker, 2002; Soares, 2003; Peeling, 2006; Griffiths, 2006; Rood, 1999; 2006; Albaladejo Vivero, 2007; Albuquerque, 2009; 2010; 2011.

Textos

I, Prólogo (Πρόλογος)

Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε, ὥς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροισι* ἀποδεχθέντα, ἀκλεᾶ γένηται, τὰ τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

Ésta es la exposición del resultado de las investigaciones de Heródoto de Halicarnasso¹⁵⁰ para evitar que, con el tiempo, los hechos humanos queden en el olvido

¹⁴⁹ O texto grego baseia-se nesta edição.

¹⁵⁰ No texto, Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος (Heródoto de Halicarnasso) é apresentado por F. Hartog e M. Casevitz (1999, p.44) como Ἡροδότου Θουρίου (Heródoto de Túrios), ao contrário da edição de A.D. Godley (1960), na qual se baseou o texto grego: "Herodotus the Halicarnassian".

y que las notables y singulares empresas realizadas, respectivamente, por griegos y *bárbaros* – y, en especial, el motivo de su mutuo enfrentamiento – queden sin realce.

(Trad. C. Schrader)

Glossário: βάρβαρος

I, 30

2. ‘Ξεῖνε Ἀθηναῖε, παρ’ ἡμέας γὰρ περὶ σέο λόγος ἀπῖκται πολλὸς καὶ σοφίης εἵνεκεν ἰ τῆς σῆς καὶ πλάνης, ὥς φιλοσοφέων γῆν πολλὴν θεωρίας εἵνεκεν ἐπελήλυθας· νῦν ὧν ἐπειρέσθαι με ἵμερος ἐπῆλθέ σε εἴ τινα ἤδη πάντων εἶδες ὀλβιώτατον’

3. ὁ μὲν ἐλπίζων εἶναι ἀνθρώπων ὀλβιώτατος ταῦτα ἐπειρώτα· Σόλων δὲ οὐδὲν ὑποθωπεύσας ἀλλὰ τῷ ἐόντι χρησάμενος λέγει ‘ὦ βασιλεῦ, Τέλλον Ἀθηναῖον.’

4. [...] ὁ δὲ εἶπε Τέλλω τοῦτο μὲν τῆς πόλιος εὖ ἡκούσης παῖδες ἦσαν καλοὶ τε καὶ ἀγαθοί, καὶ σφι εἶδε ἅπασι τέκνα ἐκγενόμενα καὶ πάντα παραμείναντα· τοῦτο δὲ τοῦ βίου εὖ ἤκοντι, ὥς τὰ παρ’ ἡμῖν, τελευτὴ τοῦ βίου λαμπροτάτη ἐπεγένετο’

5. γενομένης γὰρ Ἀθηναίοισι μάχης πρὸς τοὺς ἀστυγείτονας ἐν Ἐλευσῖνι, βοηθήσας καὶ τροπὴν ποιήσας τῶν πολεμίων ἀπέθανε κάλλιστα, καὶ μιν Ἀθηναῖοι δημοσίῃ τε ἔθαψαν αὐτοῦ τῇ περ ἔπεσε καὶ ἐτίμησαν μεγάλως.’

2. [...] "Amigo ateniense"¹⁵¹, hasta nosotros ha llegado sobre tu persona una gran fama en razón de tu sabiduría y de tu espíritu viajero, ya que por tu anhelo de conocimientos has visitado muchos países; por ello me ha asaltado ahora el deseo de preguntarte si has visto el hombre más dichoso del mundo".

3. Creso le formulaba esta pregunta en la creencia de que él era el hombre más dichoso, pero Solón, sin ánimo alguno de adulación, sino ateniéndose a la verdad, le contestó: "Sí, majestad, a Telo de Atenas".

¹⁵¹ Embora não considere que a tradução de C. Schrader afecta o sentido do texto, creio que ‘ξεῖνε Ἀθηναῖε’ pode ser traduzido por "hóspede ateniense".

4. [...] "Ante todo, Telo tuvo, en una próspera ciudad, hijos que eran hombres de pro y llegó a ver que a todos les nacían hijos y que en su totalidad llegaban a mayores; además, después de haber gozado, en la medida de nuestras posibilidades, de una vida afortunada, tuvo para ella el fin más brillante.

5. En efecto, prestó su concurso en una batalla librada en Eleusis entre los atenienses y sus vecinos, puso en fuga el enemigo y murió gloriosamente; y los atenienses, por su parte, le dieron pública sepultura en el mismo lugar en que había caído y le tributaron grandes honores."

I, 56

2. Ἱστορέων δὲ εὗρισκε Λακεδαιμονίους καὶ Ἀθηναίους προέχοντας τοὺς μὲν τοῦ Δωρικοῦ γένεος τοὺς δὲ τοῦ Ἰωνικοῦ. ταῦτα γὰρ ἦν τὰ προκεκριμένα, ἐόντα τὸ ἀρχαῖον τὸ μὲν Πελασγικὸν τὸ δὲ Ἑλληνικὸν ἔθνος. καὶ τὸ μὲν οὐδαμῇ κω ἐξεχώρησε, τὸ δὲ πολυπλάνητον κάρτα.

2. Y en sus averiguaciones, [Creso] descubrió que descollaban lacedemonios y atenienses, aquéllos entre la raza dórica y éstos entre la jónica. En efecto, éstos eran los pueblos¹⁵² que más sobresalían, siendo el ateniense de origen pelásgico y el lacedemónio de origen helénico.

Trad. C. Schrader, 2006

Glossário: γένος; ἔθνος

¹⁵² A. D. Godley, 1960, traduz este termo por "races".

I, 57

1. ἦντινα δὲ γλῶσσαν* ἴεσαν οἱ Πελασγοί, οὐκ ἔχω ἀτρεκέως εἰπεῖν. εἰ δὲ χρεόν ἐστι τεκμαιρόμενον λέγειν τοῖσι νῦν ἔτι ἐοῦσι Πελασγῶν τῶν ὑπὲρ Τυρσηνῶν Κρηστῶνα πόλιν* οἰκεόντων, οἱ ὅμουροι κοτὲ ἦσαν τοῖσι νῦν Δωριεῦσι καλεομένοισι (οἴκεον δὲ τηνικαῦτα γῆν τὴν νῦν Θεσσαλιῶτιν καλεομένην),

2. καὶ τῶν Πλακίην τε καὶ Σκυλάκην Πελασγῶν οἰκησάντων ἐν Ἑλλησπόντῳ, οἱ σύνοικοι ἐγένοντο Ἀθηναίοισι, καὶ ὅσα ἄλλα Πελασγικὰ ἔοντα πολίσματα τὸ οὖνομα μετέβαλε· εἰ τούτοις τεκμαιρόμενον δεῖ λέγειν, ἦσαν οἱ Πελασγοὶ βάρβαρον* γλῶσσαν* ἰέντες.

3. εἰ τοίνυν ἦν καὶ πᾶν τοιοῦτο τὸ Πελασγικόν, τὸ Ἀττικὸν ἔθνος* ἐὸν Πελασγικὸν ἅμα τῇ μεταβολῇ τῇ ἐς Ἑλληνας καὶ τὴν γλῶσσαν* μετέμαθε. καὶ γὰρ δὴ οὔτε οἱ Κρηστωνιῆται οὐδαμοῖσι τῶν νῦν σφέας περιοικεόντων εἰσὶ ὁμόγλωσσοι* οὔτε οἱ Πλακιηνοί, σφίσι δὲ ὁμόγλωσσοι*. δηλοῦσί τε ὅτι τὸν ἠνεύκοντο γλώσσης* χαρακτῆρα μεταβαίνοντες ἐς ταῦτα τὰ χωρία, τοῦτον ἔχουσι ἐν φυλακῇ.

1. Ahora bien, no puedo determinar categóricamente qué tipo de lengua hablaban los pelasgos; si puede aventurarse un juicio a partir de los pelasgos existentes todavía hoy, que habitan la ciudad de Crestona, al norte de los tirrenios¹⁵³ - pelasgos que antaño fueron vecinos de los que en la actualidad se llaman doios y que, a la sazón, moraban en la región que hoy día se llama Tesalióte -, a partir de los pelasgos que fueron vecinos de los atenienses

2. y que colonizaron Placia y Escílaca, en el Helesponto, y del resto de los establecimientos que eran pelásgicos pero que cambiaron de nombre, si a partir de estas poblaciones hay que aventurar un juicio, los pelasgos hablaban una lengua bárbara.

3. Por lo tanto, si todo el pueblo pelásgico se convertía en griego debió, asimismo, cambiar de lengua. Tanto es así que ni los crestoniatas ni los placianos tienen la misma

¹⁵³ Legrand propõe a leitura de Κρότωνα (Krótōna), uma vez que estaria mais de acordo com uma localização a norte dos Tirrenos (Etruscos). Crestona é, provavelmente, uma cidade localizada na Macedónia (Hdt. VII, 124; Th. II, 99; Schrader, 2006, n. 139 e 140).

lengua que sus actuales vecinos; la suya, en cambio, es la misma, evidenciando con ello que conservan el carácter lingüístico que se llevaron al trasladarse a esas regiones.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: βάρβαρος; γλῶσσα; ἔθνος; ὁμόγλωσσος

I, 58

Τὸ δὲ Ἑλληνικὸν γλῶσση μὲν ἐπεῖτε ἐγένετο αἰεὶ κοτε τῇ αὐτῇ διαχρᾶται, ὥς ἐμοὶ καταφαίνεται εἶναι· ἀποσχισθὲν μέντοι ἀπὸ τοῦ Πελασγικοῦ ἔὸν ἀσθενές, ἀπὸ μικροῦ τεο τὴν ἀρχὴν ὀρμώμενον αὔξεται ἐς πλῆθος τῶν ἐθνέων*, Πελασγῶν μάλιστα προσκεχωρηκότων αὐτῷ καὶ ἄλλων ἐθνέων* βαρβάρων* συχνῶν. πρόσθε δὲ ὧν ἔμοιγε δοκέει οὐδὲ τὸ Πελασγικὸν ἔθνος*, ἐὼν βάρβαρον*, οὐδαμὰ μεγάλως αὐξηθῆναι.

Por su parte, se me antoja que el pueblo helénico ha venido utilizando ininterrumpidamente, desde que existe, la misma lengua. Este pueblo, tras haberse separado del pelásgico, era, a no dudar, irrelevante, pero, a partir de unos orígenes insignificantes, creció hasta alcanzar el número actual de pueblos, merced, sobre todo, a que se le agregaron los pelasgos y otros muchos pueblos bárbaros. Justamente por ello me da la impresión de que ningún pueblo pelásgico, mientras fue bárbaro, hizo nunca grandes progresos.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: βάρβαρος; ἔθνος;

I, 64

1. πειθομένων δὲ τῶν Ἀθηναίων, οὕτω δὴ Πεισίστρατος τὸ τρίτον σχὼν Ἀθήνας ἐρρίζωσε τὴν τυραννίδα ἐπικούροισί τε πολλοῖσι καὶ χρημάτων συνόδοισι, τῶν μὲν αὐτόθεν τῶν δὲ ἀπὸ Στρυμόνος ποταμοῦ συνιόντων, ὁμήρους τε τῶν παραμεινάντων Ἀθηναίων καὶ μὴ αὐτίκα φυγόντων παῖδας λαβὼν καὶ καταστήσας ἐς Νάξον

2. (καὶ γὰρ ταύτην ὁ Πεισίστρατος κατεστρέψατο πολέμῳ καὶ ἐπέτρεψε Λυγδάμῳ) πρὸς τε ἔτι τούτοις τὴν νῆσον Δῆλον καθήρας ἐκ τῶν λογίων καθήρας δὲ ὧδε· ἐπ' ὅσον ἔποψις τοῦ ἱεροῦ* εἶχε, ἐκ τούτου τοῦ χώρου παντὸς ἐξορύξας τοὺς νεκροὺς μετεφόρεε ἐς ἄλλον χώρον τῆς Δήλου.

1. Los atenienses obedecieron y, así, Pisístrato se apoderó por tercera vez de Atenas¹⁵⁴ y logró arraigar la tiranía, merced de sus muchos mercenarios y a la afluencia de fondos, procedentes, en parte, del Ática y, en parte del río Estrimón¹⁵⁵; asimismo, tomó como rehenes a los hijos de los atenienses que habían resistido y que no habían huido en seguida y los condujo a Naxos.

2. (pues Pisístrato había conquistado también la isla por fuerza de las armas y había confiado su gobierno a Lígdamis). Además de estas medidas, purificó, conforme a los oráculos, la isla de Delos¹⁵⁶; la purificó como sigue: hizo exhumar los cadáveres en toda la extensión de terreno que desde el santuario alcanzaba la vista y los trasladó a otro lugar de Delos.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἱερόν

I, 142

1. οἱ δὲ Ἴωνες οὗτοι, τῶν καὶ τὸ Πανιώνιον ἐστί, τοῦ μὲν οὐρανοῦ καὶ τῶν ὠρέων ἐν τῷ καλλίστῳ ἐτύγγανον ἰδρυσάμενοι πόλιας* πάντων ἀνθρώπων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν·

2. οὔτε γὰρ τὰ ἄνω αὐτῆς χωρία τώντῳ ποιεῖ τῇ Ἰωνίῃ οὔτε τὰ κάτω οὔτε τὰ πρὸς τὴν ἡῶ οὔτε τὰ πρὸς τὴν ἐσπέρην, τὰ μὲν ὑπὸ τοῦ ψυχροῦ τε καὶ ὑγροῦ πιεζόμενα, τὰ δὲ ὑπὸ τοῦ θερμοῦ τε καὶ ἀρχμώδους.

¹⁵⁴ 539 a.C. Cf. Schrader, n. 157 a este texto.

¹⁵⁵ Minas de prata e ouro, respectivamente (*ibid.*, n. 158 e 159).

¹⁵⁶ *Vid.* Tucídides I, 8.1*

3. γλῶσσαν* δὲ οὐ τὴν αὐτὴν οὗτοι νενομίκασι, ἀλλὰ τρόπους τέσσερας παραγωγέων. Μίλητος μὲν αὐτέων πρώτη κέεται πόλις πρὸς μεσαμβρίην, μετὰ δὲ Μυοῦς τε καὶ Πριήνη.

4. αὐται μὲν ἐν τῇ Καρίῃ κατοίκηνται κατὰ ταῦτα διαλεγόμεναι σφίσι, αἶδε δὲ ἐν τῇ Λυδίῃ, Ἐφεσος Κολοφὼν Λέβεδος Τέως Κλαζομεναὶ Φώκαια· αὐται δὲ αἱ πόλεις τῇσι πρότερον λεχθείησι ὁμολογέουσι κατὰ γλῶσσαν* οὐδέν, σφισι δὲ ὁμοφωνέουσι. ἔτι δὲ τρεῖς ὑπόλοιποι Ἰάδες πόλεις*, τῶν αἱ δύο μὲν νήσους οἰκέαται, Σάμον τε καὶ Χίον, ἡ δὲ μία ἐν τῇ ἡπείρῳ ἱδρυται, Ἐρυθραί. Χῖοι μὲν νυν καὶ Ἐρυθραῖοι κατὰ τούτῳ διαλέγονται, Σάμιοι δὲ ἐπ' ἐωυτῶν μούνοι. οὗτοι χαρακτηῖρες γλώσσης* τέσσερες γίνονται.

1. Estos Jonios a quienes pertenece el Panionio¹⁵⁷ son, que sepamos, los hombres que, en su totalidad, han acertado a eregir sus ciudades en la zona que goza de un cielo y de un clima más favorable,

2. pues ni las regiones situadas al norte ni las del sur tienen condiciones semejantes a Jonia; y tampoco las de oriente ni de occidente; pues unas sufren los rigores del frío y de la humedad y otras, los del calor y de la sequía.

3. Por cierto que estos Jonios no emplean la misma lengua, sino cuatro formas dialectales. Mileto¹⁵⁸, su ciudad más importante, se halla hacia el sur y, a continuación, están Miunte y Priene; estas ciudades se asientan en Caria y hablan el mismo dialecto. En Lidia se encuentran las siguientes: Éfeso, Colofón, Lébedos, Teos, Clazómenas y Focea;

¹⁵⁷ O Monte Micalé é um aparente marcador natural de fronteira entre o Norte e o Sul da Iónia (Lohmann, 2012, p. 32-33). Na *Ilíada* (II, 867-869, e não em II, 268, como propõe Lohmann, 2012, p. 33), o nome surge associado aos *barbaraphônôn* (βαρβαροφώνων) Cários, liderados por Nastes. Estes, segundo o poema, tinham em seu poder Mileto, o monte dos Ftiros e "os escarpados cumes do Micalé" (ῥοὰς Μυκάλης τ' αἰπεινὰ κάρηνα). Note-se que aqui não há qualquer referência a um edifício (o termo utilizado é *ἱερὸν**/ *ἱρὸν*), pressupondo-se assim que este espaço não pertenceu sempre aos Iónios. A identificação deste sítio permitiu, de algum modo, questionar a etnogénese dos Iónios e verificar que o Paniónio é o resultado visível de um controlo territorial pelo qual competiam Cários e Iónios. Antes das escavações arqueológicas de 2005 a 2007 (Lohmann, 2012, *passim*), identificou-se um altar do séc. VI a.C. neste sítio (cf. Asheri, Lloyd & Corcella, 2007, p. 178), mas a associação entre o sítio e o Paniónio referido por Heródoto, segundo Alan M. Greaves (2010, p. 220 e n.3) carece de provas consistentes, uma vez que não se identificaram aqui elementos que possam ser relacionados com o culto a Possídon.

¹⁵⁸ Cf. I, 147*, sobre a colonização de Mileto

4. Ciudades éstas que, lingüísticamente, no coinciden lo más mínimo con las citadas anteriormente, si bien ellas hablan un dialecto común. Y todavía quedan tres ciudades jónicas, dos de las cuales están sitas en las islas, Samos y Quíos, y la tercera se asienta en el continente, Eritras. Ahora bien, mientras Quiotas y eritreos hablan el mismo dialecto, los samios tienen el suyo propio. Éstos son los cuatro tipos lingüísticos.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: γλῶσσα; πόλις

I, 143

2. Απεσχίσθησαν δὲ ἀπὸ τῶν ἄλλων Ἰώνων οὗτοι κατ' ἄλλο μὲν οὐδέν, ἀσθενέος δὲ ἐόντος τοῦ παντὸς τότε Ἑλληνικοῦ γένεος*¹⁵⁹, πολλῶ δὴ ἦν ἀσθενέστατον τῶν ἐθνέων* τὸ Ἰωνικὸν καὶ λόγου ἐλαχίστου· ὅτι γὰρ μὴ Ἀθῆναι, ἦν οὐδὲν ἄλλο πόλισμα λόγιμον.

3. οἱ μὲν νυν ἄλλοι Ἴωνες καὶ οἱ Ἀθηναῖοι ἔφυγον τὸ οὖνομα, οὐ βουλόμενοι Ἴωνες κεκληθῆσθαι, ἀλλὰ καὶ νῦν φαίνονται μοι οἱ πολλοὶ αὐτῶν ἐπαισχύνεσθαι τῷ οὐνόματι· αἱ δὲ δωδέκα πόλεις αὗται τῷ τε οὐνόματι ἡγάλλοντο καὶ ἱρὸν* ἰδρύσαντο ἐπὶ σφέων αὐτέων, τῷ οὖνομα ἔθεντο Πανιώνιον, ἐβουλεύσαντο δὲ αὐτοῦ μεταδοῦναι μηδαμοῖσι ἄλλοισι Ἰώνων (οὐδ' ἐδεήθησαν δὲ οὐδαμοὶ μετασχεῖν ὅτι μὴ Σμυρναῖοι).

2. Ahora bien, los jonios de Asia no se habían separado de los demás jonios por ninguna razón específica, sino porque dentro de la debilidad general del mundo griego por aquel entonces, los pueblos más débiles y los menos considerados, pues, a excepción de Atenas, no tenían ninguna ciudad destacable.

3. Así, los demás jonios, incluidos los atenienses, evitaban ese nombre y no querían ser llamados jonios; es más, me da la impresión que, aun hoy en día, la mayoría de ellos se avergüenza de ese nombre¹⁶⁰. En cambio, las doce ciudades en cuestión¹⁶¹ se sentían

¹⁵⁹ A.D. Godley traduz Ἑλληνικοῦ γένεος por "Hellenic race".

¹⁶⁰ De acordo com C. Schrader (2006, n. 354), em época arcaica, Atenas estabelecia uma relação de pertença com os Iónios asiáticos; este panorama parece ter mudado no século V a.C., em que se "muestra un desprecio generalizado hacia ellos" (cf. IV, 142*; V, 87.3; Th. V, 9.1; VI, 77 e VIII, 25.5", uma vez

orgullosas de él y erigieron un santuario para ellas solas, al que pusieron por nombre Panionio y decidieron no compartirlo con ningún otro pueblo jonio (por lo demás, nadie solicitó su admisión salvo los de Esmirna).

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: γένος; ἔθνος; ἱερόν (= ἱρόν)

I, 144

1. κατά περ οἱ ἐκ τῆς πενταπόλιος νῦν χώρας* Δωριέες, πρότερον δὲ ἑξαπόλιος τῆς αὐτῆς ταύτης καλεομένης, φυλάσσονται ὧν μηδαμοὺς ἐσδέξασθαι τῶν προσοίκων Δωριέων ἐς τὸ Τριοπικὸν ἱρόν*, ἀλλὰ καὶ σφέων αὐτῶν τοὺς περὶ τὸ ἱρόν* ἀνομήσαντας ἐξεκλήισαν τῆς μετοχῆς,

1. [continuação de I, 143.3] exactamente igual que los dorios de la actual región de Pentápolis - la misma que anteriormente se llamaba Hexápolis - se guarda muy bien de admitir en el santuario triópico a ninguno de los dorios vecinos y hasta llegaron a excluir de la comunidad a aquellos de entre sus miembros que habían conculcado las leyes del santuario.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: χώρα; ἱερόν (= ἱρόν)

I, 146

1. τούτων δὴ εἵνεκα καὶ οἱ Ἴωνες δωδέκα πόλιας ἐποιήσαντο· ἐπεὶ ὥς γέ τι μᾶλλον οὗτοι Ἴωνες εἰσὶ τῶν ἄλλων Ἰόνων ἢ κάλλιόν τι γεγόνاسι, μωρὴ πολλὴ λέγειν· τῶν Ἀβαντες μὲν ἐξ Εὐβοίης εἰσὶ οὐκ ἐλαχίστη μοῖρα, τοῖσι Ἰωνίης μέτα οὐδὲ τοῦ οὐνόματος οὐδέν, Μινύαι δὲ Ὀρχομένιοι σφι ἀναμεμίχεται καὶ Καδμεῖοι καὶ Δρύοπες

que haviam sido "esclavizados por los bárbaros" e apresentariam um caráter "orientalizante". Por razões de propaganda, Atenas afirmava-se como líder dos Iónios (IX, 106.3; Th. III, 86. 3-4; VI, 82).

¹⁶¹ Citadas em I, 142*

καὶ Φωκέες ἀποδάσμιοι καὶ Μολοσσοὶ καὶ Ἀρκάδες Πελασγοὶ καὶ Δωριέες Ἐπιδαύριοι, ἄλλα τε ἔθνηα πολλὰ ἀναμεμίσχεται·

2. οἱ δὲ αὐτῶν ἀπὸ τοῦ πρυτανίου τοῦ Ἀθηναίων ὀρμηθέντες καὶ νομίζοντες γενναιότατοι εἶναι Ἰώνων, οὗτοι δὲ οὐ γυναῖκας ἡγάγοντο ἐς τὴν ἀποικίην ἀλλὰ Καεῖρας ἔσχον, τῶν ἐφόνευσαν τοὺς γονέας.

3. διὰ τοῦτον δὲ τὸν φόνον αἱ γυναῖκες αὗται νόμον θέμεναι σφίσι αὐτῇσι ὅρκους ἐπήλασαν καὶ παρέδωκαν τῇσι θυγατράσι, μή κοτε ὁμοσιτῆσαι τοῖσι ἀνδράσι μηδὲ οὐνόματι βῶσαι τὸν ἐωυτῆς ἄνδρα, τοῦδε εἵνεκα ὅτι ἐφόνευσαν σφέων τοὺς πατέρας καὶ ἄνδρας καὶ παῖδας καὶ ἔπειτα ταῦτα ποιήσαντες αὐτῇσι συνοίκεον.

1. Éstos son, en la actualidad, los doce distritos de los aqueos que, entonces, lo eran de los jonios. Ése es justamente el motivo por el que los jonios formaron, asimismo, una confederación de doce ciudades, porque, desde luego, es una solemne estupidez pretender que éstos son más jonios que los demás jonios o de más noble origen, dado que, entre ellos, hay un núcleo no despreciable de abantes de Eubea, que nada tienen en común con Jonia, ni siquiera el nombre; también hay mezclados con ellos minias orcomenios, cadmeos, dríopes, focenses disidentes, molosos, árcades pelasgos, dorios epidauros y otros muchos pueblos.

2. Por cierto que aquellos jonios que partieron del Pritaneo de Atenas y creen ser los jonios más nobles no se llevaron mujeres en su colonización, sino que tomaron por esposas a unas carias cuyos padres habían dado muerte.

3. En razón de ese asesinato, las mujeres en cuestión se impusieron el precepto - que sancionaron con juramentos y transmitieron a sus hijas - de no comer nunca en compañía de sus esposos ni llamar a sus respectivos maridos por su nombre, dado que habían asesinado a sus padres, esposos e hijos y, después de haber cometido esos crímenes, estaban conviviendo con ellas.

(Trad. C. Schrader, 2006)

I, 147

1. ταῦτα δὲ ἦν γινόμενα ἐν Μιλήτῳ. βασιλέας δὲ ἐστήσαντο οἱ μὲν αὐτῶν Λυκίους ἀπὸ Γλαύκου τοῦ Ἴππολόχου γεγονότας, οἱ δὲ Καύκωνας Πυλίου ἀπὸ Κόδρου τοῦ Μελάνθου, οἱ δὲ καὶ συναμφοτέρους. ἀλλὰ γὰρ περιέχονται τοῦ οὐνόματος μᾶλλον τι τῶν ἄλλων Ἰώνων, ἔστωσαν δὴ καὶ οἱ καθαρῶς γεγονότες Ἴωνες.

2. εἰσὶ δὲ πάντες Ἴωνες ὅσοι ἀπ' Ἀθηνέων γεγονάσι καὶ Ἀπατούρια ἄγουσι ὀρτήν. ἄγουσι δὲ πάντες πλὴν Ἐφεσίων καὶ Κολοφωνίων· οὗτοι γὰρ μοῦνοι Ἰώνων οὐκ ἄγουσι Ἀπατούρια, καὶ οὗτοι κατὰ φόνου τινὰ σκῆψιν.

1. Estos hechos ocurrieron en Mileto¹⁶². Los Jonios de Asia tomaron por reyes, unos a licios descendientes de Glauco¹⁶³, hijo de Hipóloco, otros a caucones pilios, descendientes de Codro¹⁶⁴, hijo de Melanto, y aun otros a miembros de ambas estirpes. Pero, en fin, ya que se precian de su nombre más que el resto de los jonios, admitamos, pues, que sean, asimismo, los jonios de pura sangre.

2. De hecho son jonios todos los que son originarios de Atenas y celebran las fiestas de Apaturias, que celebran todos, excepto efesios y colofonios; en efecto, éstos son los únicos jonios que no celebran las Apaturias; y no lo hacen en razón de cierto delito de sangre.

(Trad. C. Schrader, 2006)

I, 148

1. τὸ δὲ Πανιώνιον ἐστὶ τῆς Μυκάλης χῶρος ἱρὸς* πρὸς ἄρκτον τετραμμένος, κοινῇ ἐξαραιρημένος ὑπὸ Ἰώνων Ποσειδέωνι Ἑλικωνίῳ. ἡ δὲ Μυκάλη ἐστὶ τῆς ἡπείρου ἄκρη πρὸς ζέφυρον ἄνεμον κατήκουσα Σάμῳ καταντίον, ἐς τὴν συλλεγόμενοι ἀπὸ τῶν πολίων Ἴωνες ἄγεσκον ὀρτήν τῇ ἔθεντο οὔνομα Πανιώνια.

¹⁶² Na tradução de C. Schrader, esta frase é integrada em I, 146.3. No entanto, na edição bilingue de A.D. Godley, inicia o cap. 147.

¹⁶³ Líder dos Lícios *Ilíada* (VI, 119ss.)

¹⁶⁴ Segundo C. Schrader, "una antigua tribu establecida al SO del Peloponeso. Eran súbditos de Nestor en la guerra de Troya" (n. 365). Em V, 65.3, Heródoto afirma que Codro é um rei mítico de Atenas que descende de Nestor.

1. El Panionio, por su parte, es un lugar sagrado de Mícale, orientado hacia el norte, que se halla consagrado, por común iniciativa de los jonios, a Posidón Heliconio¹⁶⁵. Mícale es un promontorio de tierra firme que se extiende hacia poniente en dirección a Samos, en el que solían reunirse los jonios de las ciudades para celebrar una fiesta a la que dieron el nombre de Panionia.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ιερός (= ιρός)

I, 163

1. Πρώτη δὲ Φωκαίῃ Ἰωνίης ἐπεχείρησε. οἱ δὲ Φωκαῖες οὗτοι ναυτιλίῃσι μακρῇσι πρῶτοι Ἑλλήνων ἐχρήσαντο, καὶ τὸν τε Ἀδρίην καὶ τὴν Τυρσηνίην καὶ τὴν Ἰβηρίην καὶ τὸν Ταρτησσὸν* οὗτοι εἰσὶ οἱ καταδέξαντες·

2. Ἐναυτίλλοντο δὲ οὐ στρογγύλῃσι νηυσὶ ἀλλὰ πεντηκοντέροισι. ἀπικόμενοι δὲ ἐς τὸν Ταρτησσὸν προσφιλέες ἐγένοντο τῷ βασιλεί* τῶν Ταρτησίων*, τῷ οὖνομα μὲν ἦν, Ἀργανθώνιος*, ἐτυράννευσε δὲ Ταρτησσοῦ ὀγδώκοντα ἔτεα, ἐβίωσε δὲ πάντα εἴκοσι καὶ ἑκατόν.

3. Τούτῳ δὴ τῷ ἀνδρὶ προσφιλέες οἱ Φωκαῖες οὕτω δὴ τι ἐγένοντο ὥς τὰ μὲν πρῶτα σφέας ἐκλιπόντας Ἰωνίην ἐκέλευε τῆς ἐωυτοῦ χώρας οἰκῆσαι ὅκου βούλονται· μετὰ δέ, ὥς τοῦτό γε οὐκ ἔπειθε τοὺς Φωκαῖας, ὁ δὲ πυθόμενος τὸν Μῆδον παρ' αὐτῶν ὥς αὔξοιτο, ἐδίδου σφι χρήματα τεῖχος περιβαλέσθαι τὴν πόλιν,

4. ἐδίδου δὲ ἀφειδέως· καὶ γὰρ καὶ ἡ περίοδος τοῦ τείχεος οὐκ ὀλίγοι στάδιοι εἰσὶ, τοῦτο δὲ πᾶν λίθων μεγάλων καὶ εὖ συναρμοσμένων.

1. La primera ciudad de Jonia que [Hárpago] atacó fue Focea. Los habitantes de Focea, por cierto, fueron los primeros griegos que realizaron largos viajes por mar y son ellos quienes descubrieron el Adriático, Tirrenia, Iberia y Tarteso.

¹⁶⁵ Epíteto derivado do monte Helicon, na Beócia (C. Schrader, 2006, n. 368 *ad loc.*)

2. No navegaban en naves mercantes, sino en penteconteros. Y, al llegar a Tarteso, se hicieron muy amigos del rey de los tartesios¹⁶⁶, cuyo nombre era Argantonio, que gobernó Tarteso durante ochenta años y vivió en total ciento veinte.

3. Pues bien, los foceos se hicieron tan amigos de este hombre que, primero, les animó a abandonar Jonia y a establecerse en la zona de sus dominios que prefiriesen; y, posteriormente, al no lograr persuadir los foceos sobre el particular, cuando se enteró por ellos de cómo progresaba el medo, les dio dinero para circundar su ciudad con un muro.

4. Y se lo dio a discreción, pues el perímetro de la muralla mide, efectivamente, no pocos estadios y toda ella es de bloques de piedra grandes y bien ensamblados.

(trad. C. Schrader, 2006)¹⁶⁷

Glossário: Ἀργανθώνιος; βασιλεύς; Ταρτησός; Ταρτήσιοι

I, 167

1. τῶν δὲ διαφθαρεισέων νεῶν τοὺς ἄνδρας οἱ τε Καρχηδόνιοι καὶ οἱ Τυρσηνοὶ διέλαχον, τῶν δὲ Τυρσηνῶν οἱ Ἀγυλλαῖοι ἔλαχόν τε αὐτῶν πολλῷ πλείστους καὶ τούτους ἐξαγαγόντες κατέλευσαν. μετὰ δὲ Ἀγυλλαίοισι πάντα τὰ παριόντα τὸν χῶρον, ἐν τῷ οἱ Φωκαῖες καταλευσθέντες ἐκέατο, ἐγίνετο διάστροφα καὶ ἔμπηρα καὶ ἀπόπληκτα, ὁμοίως πρόβατα καὶ ὑποζύγια καὶ ἄνθρωποι.

2. οἱ δὲ Ἀγυλλαῖοι ἐς Δελφοὺς ἔπεμπον βουλόμενοι ἀκέσασθαι τὴν ἀμαρτάδα. ἡ δὲ Πυθίη σφέας ἐκέλευσε ποιέειν τὰ καὶ νῦν οἱ Ἀγυλλαῖοι ἔτι ἐπιτελέουσι· καὶ γὰρ ἐναγίζουσί σφι μέγας καὶ ἀγῶνα γυμνικὸν καὶ ἵππικὸν ἐπιστᾶσι.

1. Y por cierto que a los marineros de las naves destruidas¹⁶⁸, los cartagineses y los tirrenios <se los sortearon; y entre éstos fueron los ágiles quienes>¹⁶⁹ en el sorteo

¹⁶⁶ Na tradução de M.^a F. Silva e J.R. Ferreira (2002), lê-se "travaram relações de amizade com o rei local". Esta opção compromete, na leitura da versão portuguesa, uma correcta interpretação do original.

¹⁶⁷ As traduções de A.D. Godley (1960) e Ph.-E. Legrand (1995) não diferem muito da de C. Schrader.

obtuvieron el mayor número de ellos; luego, los sacaron a las afueras de su ciudad y los lapidaron. Desde aquel momento, en Agila, todo cuanto pasaba por el lugar en el que yacían los focos lapidados - fuesen rebaños, bestias de carga o personas - quedaba contrahecho, tullido e impotente.

2. Entonces, con ánimo de reparar su falta, los ágileos despacharon emisarios a Delfos. Y la Pitia les ordenó hacer las ceremonias que todavía en la actualidad realizan los ágileos; en efecto, ofrecen a los focos espléndidos sacrificios y celebran en su honor un certamen gimnástico y ecuestre.

(Trad. C. Schrader, 2006)

I, 171

2. εἰσὶ δὲ τούτων Κᾶρες μὲν ἀπιγμένοι ἐς τὴν ἡπειρον ἐκ τῶν νήσων. τὸ γὰρ παλαιὸν ἔόντες Μίνω κατήκοοι καὶ καλεόμενοι Λέλεγες εἶχον τὰς νήσους, φόρον μὲν οὐδένα ὑποτελέοντες, ὅσον καὶ ἐγὼ δυνατός εἰμι ἐπὶ μακρότατον ἐξικέσθαι ἀκοῇ· οἱ δέ, ὅκως Μίνως δέοιτο, ἐπλήρουν οἱ τὰς νέας.

3. ἅτε δὴ Μίνω τε κατεστραμμένου γῆν πολλὴν καὶ εὐτυχέοντος τῷ πολέμῳ, τὸ Καρικὸν ἦν ἔθνος λογιμώτατον τῶν ἐθνέων ἀπάντων κατὰ τοῦτον ἄμα τὸν χρόνον μακρῷ μάλιστα.

4. καὶ σφι τριζὰ ἐξευρήματα ἐγένετο, τοῖσι οἱ Ἕλληνες ἐχρήσαντο· καὶ γὰρ ἐπὶ τὰ κράνεα λόφους ἐπιδέεσθαι Κᾶρες εἰσὶ οἱ καταδέξαντες καὶ ἐπὶ τὰς ἀσπίδας τὰ σημήια ποιέεσθαι, καὶ ὄχανα ἀσπίσι οὗτοι εἰσὶ οἱ ποιησάμενοι πρῶτοι· τέως δὲ ἄνευ ὀχάνων ἐφόρεον τὰς ἀσπίδας πάντες οἱ περ ἐώθεσαν ἀσπίσι χρᾶσθαι, τελαμῶσι σκυτίνοισι οἰκίζοντες, περὶ τοῖσι αὐχέσι τε καὶ τοῖσι ἀριστεροῖσι ὥμοισι περικείμενοι.

5. μετὰ δὲ τοὺς Κᾶρας χρόνῳ ὕστερον πολλῷ Δωριεὺς τε καὶ Ἴωνες ἐξανέστησαν ἐκ τῶν νήσων, καὶ οὕτω ἐς τὴν ἡπειρον ἀπίκοντο. κατὰ μὲν δὴ Κᾶρας οὕτω Κρηῖτες λέγουσι γενέσθαι· οὐ μέντοι αὐτοὶ γε ὁμολογεῖνσι τούτοις οἱ Κᾶρες, ἀλλὰ νομίζουσι

¹⁶⁸ Este texto está enquadrado na descrição da chegada dos Focenses à Córsega (Hdt, I, 166), onde viveram durante cinco anos e construíram santuários. As constantes pilhagens aos seus vizinhos, ameaçando os interesses de Cartago e dos Etruscos nesta região (cf. Schrader, 2006, n. 412 a Hdt. I, 166). Estes juntaram-se para levar a cabo uma guerra contra os Focenses, vencendo-a num combate naval. Alguns destes Focenses voltaram para Regio, abandonando a Córsega. O texto aqui exposto assinala a sorte dos marinheiros que ficaram para trás.

¹⁶⁹ Aqui existe uma pequena lacuna, preenchida deste modo pela ausência dos habitantes de Ágila anteriormente.

αὐτοὶ ἐωντοὺς εἶναι αὐτόχθονας ἡπειρώτας, καὶ τῷ οὐνόματι τῷ αὐτῷ αἰεὶ διαχρεωμένους τῷ περ νῦν.

6. ἀποδείκνῦσι δὲ ἐν Μυλάσοισι Διὸς Καρίου ἱρὸν ἀρχαῖον, τοῦ Μυσοῖσι μὲν καὶ Λυδοῖσι μέτεστι ὡς κασιγνήτοισι ἐοῦσι τοῖσι Καρσί· τὸν γὰρ Λυδὸν καὶ τὸν Μυσὸν λέγουσι εἶναι Καρὸς ἀδελφεοῦς. τούτοισι μὲν δὴ μέτεστι, ὅσοι δὲ ἐόντες ἄλλου ἔθνεος* ὁμόγλωσσοι* τοῖσι Καρσί ἐγένοντο, τούτοισι δὲ οὐ μέτα.

2. De estos pueblos¹⁷⁰, los carios llegaron al continente desde las islas, pues antiguamente, como súbditos de Minos y con el nombre de léleges, ocupaban las islas sin satisfacer tributo alguno - por lo menos durante todo el tiempo a que las tradiciones más antiguas me permiten remontarme -, si bien, siempre que Minos lo requería, contribuían a equiparle sus naves.

3. Por ello, como Minos había conquistado muchas tierras y tenía éxito en la guerra, el pueblo cario, por aquellas mismas fechas, era, con gran ventaja, el más famoso de todos los pueblos.

4. Además, a ellos se deben tres inventos que adoptaron los griegos¹⁷¹: fueron, efectivamente, los carios quienes enseñaron a fijar penachos sobre los yelmos, a grabar emblemas en los escudos y ellos fueron los primeros que los dotaron de brazales, ya que hasta entonces todos los que solían emplear escudos los llevaban sin brazales, manejándoles mediante tahalíes de cuero que se ceñían alrededor del cuello y del hombro izquierdo.

5. Pero posteriormente - mucho tiempo después¹⁷² - dorios y jonios los expulsaron de las islas y así llegaron los carios al continente. Eso es lo que, por lo menos al decir de los cretenses, sucedió con los carios; sin embargo, los propios carios no están de acuerdo con los cretenses, sino que, por lo que a ellos se refiere, pretenden ser

¹⁷⁰ Heródoto refere-se aos Cários, aos Cáunios e aos Lícios. Descreve os primeiros neste excerto, os segundos em I, 172* e os últimos em I, 173.

¹⁷¹ Esta referência parece fazer eco das actividades militares dos mercenários cários, responsáveis pela renovação do armamento grego nos séculos VII e VI a.C. (II, 154; V, 111.1), segundo C. Schrader (2006, n. 432). Veja-se, a respeito do armamento, Th. I, 8.1*.

¹⁷² Na época das colonizações.

originarios del continente y haber llevado siempre el mismo nombre que en la actualidad¹⁷³.

6. Y aducen como prueba un antiguo santuario de Zeus en Milasa, que es compartido por misios y carios, pues dicen que Lido y Miso eran hermanos de Car. La verdad es que estos pueblos comparten el santuario y, en cambio, no lo comparten todos aquellos que, pese a hablar una misma lengua, son de otra raza.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Ἔθνος; μετὰ δὲ, ὁμόγλωσσος

I, 172

1. οἱ δὲ Καύνιοι αὐτόχθονες* δοκέειν ἐμοὶ εἰσί, αὐτοὶ μέντοι ἐκ Κρήτης φασὶ εἶναι. προσκεχωρήκασι δὲ γλῶσσαν* μὲν πρὸς τὸ Καρικὸν ἔθνος*, ἢ οἱ Κᾶρες πρὸς τὸ Καυνικόν (τοῦτο γὰρ οὐκ ἔχω ἀτρεκέως διακρίναι), νόμοισι δὲ χρέωνται κεχωρισμένοισι πολλὸν τῶν τε ἄλλων ἀνθρώπων καὶ Καρῶν. τοῖσι γὰρ κάλλιστον ἐστὶ κατ' ἡλικίην τε καὶ φιλότητα εἰλαδὸν συγγίνεσθαι ἐς πόσιν, καὶ ἀνδράσι καὶ γυναῖξιν καὶ παισίν.

2. ἰδρυθέντων δὲ σφι ἱρῶν* ξεινικῶν, μετέπειτα ὥς σφι ἀπέδοξε, ἔδοξε δὲ τοῖσι πατρίοισι μοῦνον, χέασθαι θεοῖσι, ἐνδύντες τὰ ὅπλα ἅπαντες Καύνιοι ἠβηδόν, τύπτοντες δόρασι τὸν ἥερα, μέχρι οὖρων τῶν Καλυνδικῶν εἶποντο, καὶ ἔφασαν ἐκβάλλειν τοὺς ξεινικοὺς θεοὺς.

1. Por su parte, los caunios son, en mi opinión, autóctonos, pese a que ellos pretenden proceder de Creta; respecto a su lengua, se han asimilado a la del pueblo cario (o bien los carios a la del caunio, pues este punto no puedo precisarlo taxativamente), pero tienen costumbres muy diferentes a las de los demás pueblos, incluidos los carios; para ellos, por ejemplo, es plenamente correcto que hombres, mujeres y niños, según la edad y los lazos de amistad, se reúnan en grupo para beber.

¹⁷³ Na *Ilíada*, os Cários são um povo diferente dos Léleges (*Il.* X, 428 429; XI, 86, *apud* C. Schrader, 2006, n. 434).

2. En un principio habían erigido santuarios a dioses extranjeros, pero posteriormente, cuando cambiaron de opinión (pues decidieron adorar únicamente a los dioses de sus antepasados), todos los caunios de edad militar vistieron sus armas y marcharon hasta los confines de Calinda, batiendo el aire con sus lanzas y diciendo que expulsaban a los dioses extranjeros.

Glossário: Αὐτόχθων; Ἔθνος; γλῶσσα; ἱερόν

I, 191

Δηϊόκης μὲν νυν τὸ Μηδικὸν ἔθνος* συνέστρεψε μόνον καὶ τοῦτον ἥρξε· ἔστι δὲ Μήδων τοσάδε γένεα*, Βοῦσαι Παρητακηνοὶ Στρούχατες Ἀριζαντοὶ Βούδιοι Μάγοι. Γένεα* μὲν δὴ Μήδων ἔστι τοσάδε.

Ahora bien, Deyoces unificó y rigió el pueblo medo, que comprende las siguientes tribus: busas, paretacenos, estrucates, arizantos, budios y magos. Éstas son, pues, las tribus de los medos.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Ἔθνος; γένος

II, 32

1. ἀλλὰ τάδε μὲν ἤκουσα ἀνδρῶν Κυρηναίων φαμένων ἐλθεῖν τε ἐπὶ τὸ Ἄμμωνος χρηστήριον καὶ ἀπικέσθαι ἐς λόγους Ἑτέαρχῳ τῷ Ἀμμωνίων βασιλεί, καὶ κως ἐκ λόγων ἄλλων ἀπικέσθαι ἐς λέσχην περὶ τοῦ Νείλου, ὥς οὐδεὶς αὐτοῦ οἶδε τὰς πηγὰς, καὶ τὸν Ἑτέαρχον φάναι ἐλθεῖν κοτε παρ' αὐτὸν Νασαμῶνας ἄνδρας.

2. τὸ δὲ ἔθνος* τοῦτο ἔστι μὲν Λιβυκόν, νέμεται δὲ τὴν Σύρτιν τε καὶ τὴν πρὸς ἡῶ χώραν τῆς Σύρτιος οὐκ ἐπὶ πολλόν.

3. ἀπικομένους δὲ τοὺς Νασαμῶνας καὶ εἰρωτωμένους εἴ τι ἔχουσι πλέον λέγειν περὶ τῶν ἐρήμων τῆς Λιβύης, φάναι παρὰ σφίσι γενέσθαι ἀνδρῶν δυναστέων παῖδας ὕβριστάς, τοὺς ἄλλα τε μηχανᾶσθαι ἀνδρωθέντας περισσὰ καὶ δὴ καὶ ἀποκληρῶσαι πέντε ἐωυτῶν ὀνομαζόμενους τὰ ἔρημα τῆς Λιβύης, καὶ εἴ τι πλέον ἴδοιεν τῶν τὰ μακρότατα ἰδομένων.

4. τῆς γὰρ Λιβύης τὰ μὲν κατὰ τὴν βορρῆν θάλασσαν ἀπ' Αἰγύπτου ἀρξάμενοι μέχρι Σολόεντος ἄκρης, ἣ τελευτᾷ τῆς Λιβύης, παρήκουσι παρὰ πᾶσαν Λίβυες καὶ Λιβύων ἔθνεα πολλά, πλὴν ὅσον Ἑλληγες καὶ Φοίνικες ἔχουσι· τὰ δὲ ὑπὲρ θαλάσσης τε καὶ τῶν ἐπὶ θάλασσαν κατηκόντων ἀνθρώπων, τὰ κατύπερθε θηριώδης ἐστὶ ἡ Λιβύη· τὰ δὲ κατύπερθε τῆς θηριώδεος ψάμμος τε ἐστὶ καὶ ἄνυδρος δεινῶς καὶ ἔρημος πάντων.

5. εἶπαι ὧν τοὺς νεηνίας ἀποπεμπομένους ὑπὸ τῶν ἡλίκων, ὕδασι τε καὶ σιτίοισι εὖ ἐξηρτυμένους, ἰέναι τὰ πρῶτα μὲν διὰ τῆς οἰκεομένης, ταύτην δὲ διεξελθόντας ἐς τὴν θηριώδεα ἀπικέσθαι, ἐκ δὲ ταύτης τὴν ἔρημον διεξιέναι, τὴν ὁδὸν ποιευμένους πρὸς ζέφυρον ἄνεμον,

6. διεξελθόντας δὲ χῶρον πολλὸν ψαμμώδεα καὶ ἐν πολλῇσι ἡμέρησι ἰδεῖν δὴ κοτε δένδρεα ἐν πεδίῳ πεφυκότα, καὶ σφεας προσελθόντας ἄπτεσθαι τοῦ ἐπεόντος ἐπὶ τῶν δενδρέων καρποῦ, ἀπτομένοισι δὲ σφι ἐπελθεῖν ἄνδρας μικροῦς, μετρίων ἐλάσσονας ἀνδρῶν, λαβόντας δὲ ἄγειν σφέας· φωνῆς δὲ οὔτε τι τῆς ἐκείνων τοὺς Νασαμῶνας γινώσκειν οὔτε τοὺς ἄγοντας τῶν Νασαμῶνων·

7. ἄγειν τε δὴ αὐτοὺς δι' ἐλέων μεγίστων, καὶ διεξελθόντας ταῦτα ἀπικέσθαι ἐς πόλιν ἐν τῇ πάντας εἶναι τοῖσι ἄγουσι τὸ μέγαθος ἴσους, χρῶμα δὲ μέλανας. παρὰ δὲ τὴν πόλιν ῥέειν ποταμὸν μέγαν, ῥέειν δὲ ἀπὸ ἐσπέρης αὐτὸν πρὸς ἥλιον ἀνατέλλοντα, φαίνεσθαι δὲ ἐν αὐτῷ κροκοδείλους.

1. Sin embargo, he aquí lo que oí de labios de unos individuos de Cirene: afirmaban que habían ido al oráculo de Amón, y que habían entablado conversaciones con Etarco, el rey de los amonios; y, después de abordar otros varios temas, acabaron charlando sobre el Nilo, diciendo que nadie conocía sus fuentes. Y Etearco contó que, en cierta ocasión, habían llegado hasta sus dominios unos Nasamones

2. (se trata de un pueblo libio que habita la Sirte y, en un corto trecho, el territorio al este de la Sirte).

3. Pues bien, a la llegada de los nasamones, y ante sus preguntas sobre si podían decirle algo nuevo acerca de los desiertos de LÍBIA, le contaron que en su país había habido unos jóvenes osados, pertenecientes a familias pudientes, que, al hacerse hombres, entre otras extravagancias que llevaron a cabo, eligieron a cinco de ellos para que exploraran los desiertos de Libia y trataran de abarcar en su inspección más espacio que quienes habían explorado las tierras más remotas.

4. Pues la costa septentrional de Libia, desde Egipto hasta la costa setentrional de Libia, desde Egipto hasta el cabo Solunte la pueblan, en toda su extensión, libios (más exactamente diversos pueblos de libios), excepción hecha de los establecimientos griegos y fenicios; en cambio, al sur de la zona marítima y de los *pueblos* asentados en la costa, Libia está plagada de fieras; y al sur de la zona de las fieras, es un arenal terriblemente árido y totalmente desierto.

5. En fin, que aquellos jóvenes que habían sido enviados por sus camaradas, bien provistos de agua y víveres, atravessaron, primero, la zona habitada; una vez rebasada, llegaron a la de las fieras y, al salir de ella, cruzaron el desierto, dirigiendo su marcha hacia el oeste.

6. Y cuando, al cabo de muchas jornadas, habían atravesado una gran extensión de terreno desértico, vieron al fin árboles que crecían en una llanura, se acercaron y se pusieron a coger la fruta que había en los árboles; pero, mientras la estaban cogiendo, cayeron sobre ellos unos hombres de pequeña estatura, inferior a la de un hombre de talla media, que los apresaron y se los llevaron; y ni los nasamones entendían lo más mínimo la lengua de sus raptos ni éstos la de los nasamones.

7. Luego, los condujeron por extensas marismas y, una vez atravesadas, llegaron a una ciudad en la que todos eran de la estatura de sus raptos y de piel negra. Por la ciudad corría un gran río; lo hacía de oeste a este, y en él se veían cocodrilos¹⁷⁴.

(Trad. C. Schrader, 2006)

¹⁷⁴ Esta ideia foi fundamental para que Alexandre pensasse que havia encontrado a nascente do Nilo (cf. Arr., An. VI, 1.2, *apud* Schrader, 2006, n. 127 *ad loc*).

Glossário: Ἔθνος

II, 44

1. καὶ θέλων δὲ τούτων πέρι σαφές τι εἰδέναι ἐξ ὧν οἶόν τε ἦν, ἔπλευσα καὶ ἐς Τύρον τῆς Φοινίκης*, πυνθανόμενος αὐτόθι εἶναι ἱρὸν* Ἡρακλέος ἁγίον.

2. καὶ εἶδον πλουσίως κατεσκευασμένον ἄλλοισι τε πολλοῖσι ἀναθήμασι, καὶ ἐν αὐτῷ ἦσαν στῆλαι δύο, ἡ μὲν χρυσοῦ ἀπέφθου, ἡ δὲ σμαράγδου λίθου λάμποντος τὰς νύκτας μέγαθος. ἐς λόγους δὲ ἐλθὼν τοῖσι ἱρεῦσι τοῦ θεοῦ εἰρόμην ὁκόσος χρόνος εἴη ἐξ οὗ σφι τὸ ἱρὸν ἱδρυται.

3. εὗρον δὲ οὐδὲ τούτους τοῖσι Ἑλλήσι συμφερομένους· ἔφασαν γὰρ ἅμα Τύρῳ οἰκίζομένη καὶ τὸ ἱρὸν τοῦ θεοῦ ἱδρυθῆναι, εἶναι δὲ ἔτεα ἀπ' οὗ Τύρον οἰκέουσι τριηκόσια καὶ δισχίλια. εἶδον δὲ ἐν τῇ Τύρῳ καὶ ἄλλο ἱρὸν Ἡρακλέος ἐπωνυμίην ἔχοντος Θασίου εἶναι·

4. ἀπικόμην δὲ καὶ ἐς Θάσον, ἐν τῇ εὗρον ἱρὸν* Ἡρακλέος ὑπὸ Φοινίκων ἱδρυμένον, οἷ κατ' Εὐρώπης ζήτησιν ἐκπλώσαντες Θάσον ἔκτισαν· καὶ ταῦτα καὶ πέντε γενεῇσι ἀνδρῶν πρότερα ἐστὶ ἢ τὸν Ἀμφιτρύωνος Ἡρακλέα ἐν τῇ Ἑλλάδι γενέσθαι.

5. τὰ μὲν νυν ἱστορημένα δηλοῖ σαφέως παλαιὸν θεὸν Ἡρακλέα ἐόντα, καὶ δοκέουσι δέ μοι οὗτοι ὀρθότατα Ἑλλήνων ποιέειν, οἳ διζὰ Ἡράκλεια ἱδρυσάμενοι ἔκτηνται, καὶ τῷ μὲν ὡς ἀθανάτῳ Ὀλυμπίῳ δὲ ἐπωνυμίην θύουσι, τῷ δὲ ἐτέρῳ ὡς ἥρῳι ἐναγίζουσι.

1. Y, con ánimo de obtener sobre el particular alguna información precisa de quienes podían proporcionármela, navegué hasta Tiro de Fenicia, al enterarme de que allí había un santuario consagrado a Heracles¹⁷⁵.

2. Lo vi ricamente adornado y, entre otras muchas ofrendas, en él había dos estelas, la una de oro puro y la otra de esmeralda que de noche refulgía extraordinariamente. Y, al

¹⁷⁵ Este texto vem na sequência da dúvida, expressa por Heródoto, sobre a origem de Héracles egípcio e grego (II, 43), e é referido por Arriano (*An.* III, 16.3*)

entrar en conversaciones con los sacerdotes del dios, les pregunté cuánto tiempo hacía que habían erigido el santuario

3. y comprobé que ellos tampoco coincidían con los griegos, pues sostenían que el santuario del dios había sido erigido al tiempo de fundarse Tiro y que hacía dos mil trescientos años que habitaban la ciudad. En Tiro, por cierto, vi también otro santuario dedicado a Heracles bajo la advocación de Tasio.

4. Y me llegué, asimismo, a Tasos, en donde encontré un santuario de Heracles erigido por los fenicios que zarparon en busca de Europa y fundaron Tasos; y estos hechos son anteriores, por lo menos en cinco generaciones, al nacimiento de Heracles, hijo de Anfitrión, en Grecia.

5. Mis averiguaciones, pues, demuestran palpablemente que Heracles es un dios antiguo; y, en mi opinión, obran muy acertadamente los griegos que han erigido, a título personal, templos a dos Heracles; a uno le ofrecen sacrificios como a un mortal bajo la advocación de Olímpico, mientras que al otro le tributan honores como a un héroe.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἱερόν (= ἱρόν); Φοινίκης

II, 49

1. ἤδη ὧν δοκεῖ μοι Μελάμπους ὁ Ἀμυθέωνος τῆς θυσίης ταύτης οὐκ εἶναι ἀδαής ἀλλ' ἔμπειρος. Ἑλλησι γὰρ δὴ Μελάμπους ἐστὶ ὁ ἐξηγησάμενος τοῦ Διονύσου τό τε οὔνομα καὶ τὴν θυσίην καὶ τὴν πομπὴν τοῦ φαλλοῦ· ἀτρεκέως μὲν οὐ πάντα συλλαβὼν τὸν λόγον ἔφηνε, ἀλλ' οἱ ἐπιγενόμενοι τούτῳ σοφισταὶ μεζόνως ἐξέφηναν· τὸν δ' ὧν φαλλὸν τὸν τῷ Διονύσῳ πεμπόμενον Μελάμπους ἐστὶ ὁ κατηγοσάμενος, καὶ ἀπὸ τούτου μαθόντες ποιεῦσι τὰ ποιεῦσι Ἑλληνες.

2. ἐγὼ μὲν νυν φημὶ Μελάμποδα γενόμενον ἄνδρα σοφὸν μαντικὴν τε ἐωυτῷ συστήσαι καὶ πυθόμενον ἀπ' Αἰγύπτου ἄλλα τε πολλὰ ἐσηγήσασθαι Ἑλλησι καὶ τὰ περὶ τὸν Διόνυσον, ὀλίγα αὐτῶν παραλλάξαντα. οὐ γὰρ δὴ συμπεσεῖν γε φήσω τά τε ἐν Αἰγύπτῳ

ποιεύμενα τῷ θεῷ καὶ τὰ ἐν τοῖσι Ἑλλήσι· ὁμότροπα γὰρ ἂν ἦν τοῖσι Ἑλλήσι καὶ οὐ νεωστὶ ἐσηγμένα.

3 οὐ μὲν οὐδὲ φήσω ὅκως Αἰγύπτιοι παρ' Ἑλλήνων ἔλαβον ἢ τοῦτο ἢ ἄλλο κού τι νόμαιοι. πυθέσθαι δέ μοι δοκείει μάλιστα Μελάμπους τὰ περὶ τὸν Διόνυσον παρὰ Κάδμου τε τοῦ Τυρίου καὶ τῶν σὺν αὐτῷ ἐκ Φοινίκης ἀπικομένων ἐς τὴν νῦν Βοιωτὴν καλεομένην χώραν.

Por ello, me parece que ya Melampo¹⁷⁶, hijo de Amitaón, no ignoraba el susodicho ritual; al contrario, lo debía de conocer bastante bien. Como es sabido, fue, en efecto, Melampo quien dio a conocer a los griegos el nombre de Dioniso, su ritual y la procesión del falo. A decir verdad, no debió de comprender todos los aspectos del ceremonial ni explicarlo con precisión - sino que los sabios que vivieron con posterioridad a él lo explicitaron más detalladamente -, pero, en todo caso, fue Melampo quien introdujo la procesión del falo en honor de Dioniso y, merced a él, los griegos aprendieron a hacer lo que hacen.

Por eso, yo sostengo que Melampo, que fue un sabio que se hizo experto en adivinación, enseñó a los griegos, entre otras muchas cosas que aprendió en Egipto, las ceremonias relativas al ritual de Dioniso con unas ligeras modificaciones; pues, desde luego, no puedo admitir que el culto que se rinde al dios en Egipto y el vigente entre los griegos coincidan por casualidad; ya que, en ese caso, armonizaría con las costumbres griegas y no sería de reciente introducción.

Asimismo, tampoco puedo admitir que los egipcios hayan tomado ese ritual u otra costumbre cualquiera de los griegos. Más bien, se me antoja que Melampo debió de aprender el ritual dionisiaco de Cadmo de Tiro y de los que con él llegaron, procedentes de Fenicia, a la región que en la actualidad se llama Beocia.

(Trad. C. Schrader, 2006)

II, 112

¹⁷⁶ A lenda de Melampo é descrita por Heródoto em IX, 34; o seu nome aparece também em *Od.* XV, 225 (*apud* Schrader, 2006, n. 96 *ad loc*).

1. τούτου δὲ ἐκδέξασθαι τὴν βασιλῆϊν ἔλεγον ἄνδρα Μεμφίτην, τῷ κατὰ τὴν Ἑλλήνων γλῶσσαν* οὐνομα Πρωτέα εἶναι· τοῦ νῦν τέμενος* ἐστὶ ἐν Μέμφι κάρτα καλόν τε καὶ εὖ ἐσκευασμένον, τοῦ Ἥφαιστειοῦ πρὸς νότον ἄνεμον κείμενον.

2. περιοικέουσι δὲ τὸ τέμενος* τοῦτο Φοίνικες Τύριοι, καλέεται δὲ ὁ χώρος οὗτος ὁ συνάπας Τυρίων στρατόπεδον*. ἔστι δὲ ἐν τῷ τεμένει τοῦ Πρωτέος ἱρόν* τὸ καλέεται ξείνης Ἀφροδίτης· συμβάλλομαι δὲ τοῦτο τὸ ἱρόν* εἶναι Ἑλένης τῆς Τυνδάρεω, καὶ τὸν λόγον ἀκηκοὺς ὡς διαιτήθη Ἑλένη παρὰ Πρωτεί, καὶ δὴ καὶ ὅτι ξείνης Ἀφροδίτης ἐπώνυμον ἐστὶ· ὅσα γὰρ ἄλλα Ἀφροδίτης ἱρά* ἐστι, οὐδαμῶς ξείνης ἐπικαλέεται.

1. De él - decían los sacerdotes - heredó el reino un individuo de Menfis, cuyo nombre, en lengua griega, sería Proteo; en la actualidad hay, en Menfis, un recinto sagrado suyo, muy hermoso y artísticamente decorado, que se halla situado al sur del santuario de Hefesto.

2. En los alrededores de ese recinto habitan fenicios de Tiro y el conjunto de ese lugar se llama "barrio de los tirios"¹⁷⁷. Pues bien, en el recinto de Proteo¹⁷⁸ hay un santuario que lleva el nombre de Afrodita Extranjera¹⁷⁹, pero yo presumo que este santuario pertenece a Helena, hija de Tindáreo, no sólo porque he oído decir que Helena vivió en la corte de Proteo, sino, además, porque recibe la advocación de Afrodita Extranjera, cuando todos los demás santuarios consagrados a Afrodita en ningún caso llevan el sobrenombre de Extranjera.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Ἀφροδίτη; στρατόπεδον; τέμενος; ἱρόν (= ἱρόν; ἱρά)

II, 169

¹⁷⁷ Τυρίων στρατόπεδον.

¹⁷⁸ Proteu pode ser associado, eventualmente, a Baal-Saphon, protector dos navegantes (Bonnet, 1996, p. 63).

¹⁷⁹ Muito provavelmente Astarté, que através da designação ξείνης Ἀφροδίτης se distingue da egípcia Hathor (cf. Bonnet, 1996, pp. 63-64 e 128; Schrader, 2006, n. 406 a II, 122). Pode referir-se a Astarté Hurrita, mencionada na estatueta de El Carambolo, com uma dedicatória a Astarté ἡρ. Cf. Bonnet, 1996, p. 128ss., para a discussão sobre a tradução desta inscrição.

1. ἐπείτε δὲ συνιόντες ὁ τε Ἀπρίης ἄγων τοὺς ἐπικούρους καὶ ὁ Ἄμασις πάντας Αἰγυπτίους ἀπίκοντο ἐς Μώμεμφιν πόλιν, συνέβαλον· καὶ ἐμαχέσαντο μὲν εὖ οἱ ξεῖνοι, πλήθει δὲ πολλῶ ἐλάσσονες ἐόντες κατὰ τοῦτο ἐσώθησαν.

2. Ἀπρίεω δὲ λέγεται εἶναι ἥδε διάνοια, μὴδ' ἂν θεὸν μιν μηδένα δύνασθαι παῦσαι τῆς βασιληΐης· οὕτω ἀσφαλέως ἐωυτῷ ἰδρῦσθαι ἐδόκεε. καὶ δὴ τότε συμβαλὼν ἐσώθη καὶ ζωγρηθεὶς ἀπήχθη ἐς Σάιν πόλιν, ἐς τὰ ἐωυτοῦ οἰκία πρότερον ἐόντα, τότε δὲ Ἀμάσιος ἤδη βασιληία.

3. ἐνθαῦτα δὲ τέως μὲν ἐτρέφετο ἐν τοῖσι βασιληίοισι, καὶ μιν Ἄμασις εὖ περιεῖτε· τέλος δὲ μεμφομένων Αἰγυπτίων ὥς οὐ ποίεοι δίκαια τρέφων τὸν σφίσι τε καὶ ἐωυτῷ ἔχθιστον, οὕτω δὴ παραδίδοι τὸν Ἀπρίην τοῖσι Αἰγυπτίοισι. οἱ δὲ μιν ἀπέπνιζαν καὶ ἔπειτα ἔθαψαν ἐν τῇσι πατρωίῃσι ταφῇσι·

4. αἱ δὲ εἰσὶ ἐν τῷ ἱρῶ* τῆς Ἀθηναίης, ἀγχοτάτω τοῦ μεγάρου*, ἐσιόντι ἀριστερῆς χειρός. ἔθαψαν δὲ Σαῖται πάντας τοὺς ἐκ νομοῦ τούτου γενομένους βασιλέας ἔσω ἐν τῷ ἱρῶ*.

5. καὶ γὰρ τὸ τοῦ Ἀμάσιος σῆμα ἐκαστέρω μὲν ἐστὶ τοῦ μεγάρου* ἢ τὸ τοῦ Ἀπρίεω καὶ τῶν τούτου προπατόρων, ἔστι μέντοι καὶ τοῦτο ἐν τῇ αὐλῇ τοῦ ἱροῦ*, παστὰς λιθίνη μεγάλη καὶ ἡσκημένη στύλοισι τε φοίνικας* τὰ δένδρεα μεμιμημένοισι καὶ τῇ ἄλλῃ δαπάνῃ· ἔσω δὲ ἐν τῇ παστάδι διζὰ θυρώματα ἔστηκε, ἐν δὲ τοῖσι θυρώμασι ἡ θήκη ἐστί.

1. Cuando Apries con sus mercenarios y Amasis con todos los egipcios, al marchar, pues, a su mutuo encuentro, llegaron a la ciudad de Momenfis, trabaron combate. Los extranjeros se batieron bien, pero, como eran muy inferiores en número, esa fue la causa que dictaminó su derrota.

2. Por cierto que, según dicen, Apries tenía la convicción de que nadie, ni siquiera un dios, podría desposeerlo del trono; tan firmemente establecido creía tenerlo. Y resulta que, con ocasión de esa batalla, fue derrotado y, capturado con vida, conducido a la ciudad de Sais, al palacio que antes era suyo y que, a partir de entonces, iba a ser la residencia real de Amasis.

3. Allí, en el palacio, vivió cierto tiempo y Amasis lo trató con deferencia; pero al fin, como los egipcios le echaban en cara que no obrara con justicia al mantener con vida al peor enemigo que ellos y el propio Amasis habían tenido, acabó por entregarles a Apries. Los egipcios, entonces, lo estrangularon y, luego, lo enterraron en la tumba de sus antepasados,

4. que se halla en el santuario de Atenea, muy cerca del templo, a mano izquierda según se entra. Los saítas han enterrado a todos los reyes oriundos de ese nomo dentro del santuario,

5. pues aunque la sepultura de Amasis está más alejada del templo que la de Apries y la de los antepasados de este último, con todo se halla también en el patio del santuario, que consiste en un gran pórtico de piedra adornado con columnas que imitan troncos de palmeras y con otros suntuosos ornamentos. Y en el interior del pórtico se alza una doble puerta tras de la cual está la cámara funeraria.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: μέγαρον; ἱερόν [= ἱερός]; Φοίνικες, em relação com o etnónimo através de φοίνικας (i.e., palmeiras).

II, 170

1. εἰσὶ δὲ καὶ αἱ ταφαὶ τοῦ οὐκ ὅσιον ποιεῖσθαι ἐπὶ τοιούτῳ πράγματι ἐξαγορεύειν τὸ οὔνομα ἐν Σάι, ἐν τῷ ἱρῷ τῆς Ἀθηναίης, ὅπισθε τοῦ νηοῦ, παντὸς τοῦ τῆς Ἀθηναίης ἐχόμενοι τοίχου.

2. καὶ ἐν τῷ τεμένει* ὀβελοὶ ἐστᾶσι μεγάλοι λίθινοι, λίμνη τε ἐστὶ ἐχομένη λιθίνῃ κρητῖδι κεκοσμημένη καὶ ἐργασμένη εὖ κύκλῳ καὶ μέγαθος, ὥς ἐμοὶ ἐδόκεε, ὅση περ ἢ ἐν Δήλῳ ἢ τροχοειδὲς καλεομένη.

1. También se encuentra en el santuario de Atenea, en Sais - lindando, en la parte posterior del templo, justo con el muro de dicho santuario -, el sepulcro de aquel cuyo nombre no considero piadoso mencionar en circunstancias semejantes.

2. En el recinto sagrado se levantan, asimismo, unos grandes obeliscos de piedra y, contiguo a ellos, hay un lago adornado con un pretil de piedra y trazado en perfecta estructura circular, que, en mi opinión, es tan grande como el lago de Delos que se llama Trocoide¹⁸⁰.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: τέμενος

III, 38

1. πανταχῇ ὧν μοι δῆλα ἐστὶ ὅτι ἐμάνη μεγάλως ὁ Καμβύσης· οὐ γὰρ ἂν ἱροῖσί τε καὶ νομαίοισι ἐπεχείρησε καταγελᾶν. εἰ γάρ τις προθείη πᾶσι ἀνθρώποισι ἐκλέξασθαι κελεύων νόμους τοὺς καλλίστους ἐκ τῶν πάντων νόμων, διασκεψάμενοι ἂν ἐλοίατο ἕκαστοι τοὺς ἐωυτῶν· οὕτω νομίζουσι πολλόν τι καλλίστους τοὺς ἐωυτῶν νόμους ἕκαστοι εἶναι.

2. οὐκὼν οἶκός ἐστι ἄλλον γε ἢ μαινόμενον ἄνδρα γέλωτα τὰ τοιαῦτα τίθεσθαι· ὥς δὲ οὕτω νενομίκασι τὰ περὶ τοὺς νόμους πάντες ἄνθρωποι, πολλοῖσί τε καὶ ἄλλοισι τεκμηρίοισι πάρεστι σταθμώσασθαι, ἐν δὲ δὴ καὶ τῷδε.

3. Δαρεῖος ἐπὶ τῆς ἐωυτοῦ ἀρχῆς καλέσας Ἑλλήνων τοὺς παρεόντας εἵρετο ἐπὶ κόσῳ ἂν χρήματι βουλοίατο τοὺς πατέρας ἀποθνήσκοντας κατασιτέεσθαι· οἱ δὲ ἐπ' οὐδενὶ ἔφασαν ἔρδειν ἂν τοῦτο.

4. Δαρεῖος δὲ μετὰ ταῦτα καλέσας Ἰνδῶν τοὺς καλεομένους Καλλατίας, οἱ τοὺς γονέας κατεσθίουσι, εἵρετο, παρεόντων τῶν Ἑλλήνων καὶ δι' ἐρμηνέος μανθανόντων τὰ λεγόμενα, ἐπὶ τίνι χρήματι δεξαίατ' ἂν τελευτῶντας τοὺς πατέρας κατακαίειν πυρί· οἱ δὲ ἀμβώσαντες μέγα εὐφημέειν μιν ἐκέλευον. οὕτω μὲν νυν ταῦτα νενόμισται, καὶ ὀρθῶς μοι δοκεῖ Πίνδαρος ποιῆσαι νόμον πάντων βασιλέα φήσας εἶναι.

¹⁸⁰ Literalmente, "circular". Heródoto refiere-se ao lago sagrado de Delos, com forma elíptica, onde se encontravam os cisnes sagrados de Apolo. "Los lagos artificiales eran frecuentes en los templos egipcios para representar en ellos la ceremonia en que la barca sagrada del sol se dirigía al más allá" (Schrader, 2006, n. 598 *ad loc.*).

1. A mi juicio, pues, es del todo punto evidente que Cambises estaba rematadamente loco, pues, de lo contrario, no hubiera pretendido burlarse de cosas sagradas y sancionadas por la costumbre¹⁸¹. En efecto, si a todos los hombres se les diera a elegir entre todas las costumbres, evitándoles a escoger las más perfectas, cada cual, después de una detenida reflexión, escogería para sí las suyas; tan sumamente convencido está cada uno de que sus propias costumbres son las más perfectas.

Por consiguiente, no es normal que un hombre, a no ser que sea un demente, haga mofa de semejantes cosas. Y que todas las personas tienen esa convicción a propósito de las costumbres, puede demostrarse, ente otros muchos ejemplos, en concreto por el siguiente:

durante el reinado de Darío, este monarca convocó a los griegos que estaban en su corte y les preguntó por cuanto dinero accederían a comerse los cadáveres de sus padres. Ellos respondieron que no lo harían a ningún precio.

Acto seguido Darío convocó a los indios llamados Calatias, que devoran a sus progenitores, y les preguntó, en presencia de los griegos, que seguían la conversación por medio de un intérprete, que por qué suma consentirían en quemar en una hoguera los restos mortales de sus padres; ellos entonces se pusieron a vociferar, rogándole que no blasfemara. Esta es, pues, la creencia general; y me parece que Píndaro hizo bien al decir que la costumbre es reina del mundo.

(Trad. C. Schrader, 2006)

III, 115

1. αὐται μὲν νυν ἔν τε τῇ Ἀσίῃ ἐσχατιαί εἰσι καὶ ἐν τῇ Λιβύῃ. περὶ δὲ τῶν ἐν τῇ Εὐρώπῃ τῶν πρὸς ἐσπέρην ἐσχατιέων ἔχω μὲν οὐκ ἀτρεκέως λέγειν· οὔτε γὰρ ἔγωγε ἐνδέκομαι Ἥριδανὸν καλέεσθαι πρὸς βαρβάρων* ποταμὸν ἐκδιδόντα ἐς θάλασσαν τὴν πρὸς βορέην ἄνεμον, ἀπ' ὅτεν τὸ ἤλεκτρον φοιτᾷν λόγος ἐστί, οὔτε νήσους οἶδα Κασσιτερίδας ἐούσας, ἐκ τῶν ὁ κασσίτερος ἡμῖν φοιτᾷ.

¹⁸¹ cf. Hdt. III, 37, com vários sacrilégios de Cambises em necrópoles e santuários.

2. τοῦτο μὲν γὰρ ὁ Ἡριδανὸς αὐτὸ κατηγορεῖ τὸ οὖνομα ὥς ἔστι Ἑλληνικὸν καὶ οὐ βάρβαρον, ὑπὸ ποιητέῳ δὲ τινὸς ποιηθέν· τοῦτο δὲ οὐδενὸς αὐτόπτεω γενομένου δύναμαι ἀκοῦσαι, τοῦτο μελετῶν, ὅπως θάλασσα ἐστὶ τὰ ἐπέκεινα Εὐρώπης. ἐξ ἐσχάτης δ' ὧν ὁ κασσίτερος ἡμῖν φοιτᾷ καὶ τὸ ἤλεκτρον

1. Estos son, en suma, los confines del mundo en Asia y en Libia. En cambio, sobre los límites occidentales de Europa no puedo hablar a ciencia cierta; pues, por lo que a mí respecta, no admito la existencia de un cierto río, llamado por los bárbaros *Erídano*, que desemboque en el mar del norte - río que, según cuentan, procede el ámbar -, ni tengo noticia de la verdadera existencia de unas islas *Casitérides*, de las que procedería nuestro estaño.

2. En efecto, en el primer caso, el mismo nombre de *Erídano* - que debió de ser creado por algún poeta - revela que es griego y no bárbaro. En el segundo caso, y pese a que me he preocupado de la cuestión, no he podido escuchar de labios de ningún testigo ocular que los confines occidentales de Europa estén constituidos por un mar. Sea como fuere, lo cierto es que el estaño y el ámbar nos llegan de un extremo del mundo.

(Trad. C. Schrader, 2006)

IV, 1

3. Τοὺς δὲ Σκύθας ἀποδημήσαντας ὀκτὼ καὶ εἴκοσι ἔτεα καὶ διὰ χρόνου τοσούτου κατιόντας ἐς τὴν σφετέρην ἐξεδέξατο οὐκ ἐλάσσων πόνος τοῦ Μηδικοῦ· εὖρον γὰρ ἀντιουμένην σφίσι στρατιήν οὐκ ὀλίγην. αἱ γὰρ τῶν Σκυθέων γυναῖκες, ὥς σφι οἱ ἄνδρες ἀπῆσαν χρόνον πολλόν, ἐφοίτεον παρὰ τοὺς δούλους*.

3. Ahora bien, tras haber estado ausentes de su patria durante veintiocho años, y cuando, después de tan prolongado espacio de tiempo, pretendían regresar a ella, a los escitas les esperaba una dificultad no menos ardua que la superada en Media: se encontraron con que un nutrido ejército salía a hacerles frente, pues las mujeres de los escitas, debido a que sus maridos habían estado ausentes durante mucho tiempo, convivían con los esclavos.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Δοῦλος

IV, 3

1. ἐκ τούτων δὴ ὧν σφι τῶν δούλων* καὶ τῶν γυναικῶν ἐτράφη νεότης· οἱ ἐπεῖτε ἔμαθον τὴν σφετέρην γένεσιν, ἠντιοῦντο αὐτοῖσι κατιοῦσι ἐκ τῶν Μήδων.

2. καὶ πρῶτα μὲν τὴν χώραν ἀπετάμοντο, τάφρον ὀρυζάμενοι εὐρέαν κατατείνουσιν ἐκ τῶν Ταυρικῶν ὁρέων ἐς τὴν Μαιῆτιν λίμνην, τῇ περ ἐστὶ μεγίστη· μετὰ γε πειρωμένοισι ἐσβάλλειν τοῖσι Σκύθησι ἀντικατιζόμενοι ἐμάχοντο.

3. γινομένης δὲ μάχης πολλάκις καὶ οὐ δυναμένων οὐδὲν πλέον ἔχειν τῶν Σκυθέων τῇ μάχῃ, εἷς αὐτῶν ἔλεξε τάδε. "οἷα ποιεῦμεν, ἄνδρες Σκύθαι· δούλοισι* τοῖσι ἡμετέροισι μαχόμενοι αὐτοὶ τε κτεινόμενοι ἐλάσσονες γινόμεθα καὶ ἐκείνους κτείνοντες ἐλασσόνων τὸ λοιπὸν ἄρξομεν.

4. νῦν ὧν μοι δοκεῖ αἰχμὰς μὲν καὶ τόξα μετεῖναι, λαβόντα δὲ ἕκαστον τοῦ ἵππου τὴν μάλιστα ἰέναι ἄσπον αὐτῶν. μέχρι μὲν γὰρ ὥρων ἡμέας ὅπλα ἔχοντας, οἱ δὲ ἐνόμιζον ὅμοιοί* τε καὶ ἐξ ὁμοίων* ἡμῖν εἶναι· ἐπεὰν δὲ ἴδωνται μάλιστα ἀντὶ ὅπλων ἔχοντας, μαθόντες ὥς εἰσὶ ἡμέτεροι δοῦλοι* καὶ συγγνόντες τοῦτο. οὐκ ὑπομενέουσι."

1. Pues bien, precisamente de estos esclavos de los escitas y de sus mujeres surgió con el tiempo una joven generación que, al conocer su origen, hizo frente a los escitas cuando regresaban de Media.

2. Y, ante todo, cortaron el acceso a su país abriendo un amplio foso que se extendía desde los montes Táuricos hasta el lago Mayátide, justamente en la zona en que mayor anchura tiene. Posteriormente, tomaron posiciones frente a los escitas, cuando éstos pretendían forzar el paso, y les presentaron batalla.

3. Pero, en vista de que las escaramuzas eran frecuentes y de que en ellas los escitas no lograban obtener superioridad alguna, uno de ellos se expresó en los siguientes términos: "¿Qué estamos haciendo, Escitas? Al luchar contra nuestros esclavos disminuimos nuestros efectivos, cuando los nuestros pierden la vida; y, si los matamos a ellos, en el futuro imperaremos sobre un número inferior de súbditos.

4. Por consiguiente, en las presentes circunstancias soy de la opinión de dejar a un lado picas y arcos, y de marchar a su encuentro provistos cada uno de nosotros del látigo de su caballo. Pues, mientras nos verían con las armas en la mano, creían ser iguales a nosotros y de nuestra misma alcurnia; pero, cuando nos vean con látigos en lugar de armas, comprenderán que son nuestros esclavos y, en ese convencimiento, dejarán de ofrecer resistencia".

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Δούλος; ὅμοιοί

IV, 8

1. Σκύθαι μὲν ὧδε ὑπὲρ σφέων τε αὐτῶν καὶ τῆς χώρας τῆς κατύπερθε λέγουσι, Ἑλλήνων δὲ οἱ τὸν Πόντον οἰκέοντες ὧδε. Ἡρακλέα ἐλαύνοντα τὰς Γηρυόνηω βοῦς ἀπικέσθαι ἐς γῆν ταύτην ἐοῦσαν ἐρήμην, ἦντινα νῦν Σκύθαι νέμονται.

2. Γηρυόνηα δὲ οἰκεῖν ἔξω τοῦ Πόντου, κατοικημένον τὴν Ἑλληνέες λέγουσι Ἐρύθειαν νῆσον τὴν πρὸς Γαδείροις τοῖσι ἔξω Ἡρακλέων στηλέων ἐπὶ τῷ Ὠκεανῷ. τὸν δὲ Ὠκεανὸν λόγῳ μὲν λέγουσι ἀπὸ ἡλίου ἀνατολέων ἀρξάμενον γῆν περὶ πᾶσαν ῥέειν, ἔργῳ δὲ οὐκ ἀποδεικνῦσι.

1. Eso es lo que cuentan los escitas de sí mismos y de la región que hay al norte; en cambio, los griegos que habitan el Ponto¹⁸² cuentan lo siguiente: cuando Heracles arreaba las vacas de Geriones llegó a esa tierra que en la actualidad ocupan los escitas y que a la sazón se encontraba desierta.

¹⁸² Mar Negro

2. Geriones, empero, residía lejos del Ponto: tenía su morada en una isla que los griegos denominan Eritía, que se encuentra cerca de Gadir, ciudad ésta situada más allá de las Columnas de Heracles, a orillas del Océano¹⁸³. (Por cierto que, en teoría, pretenden que el Océano tiene su principio en el Levante, y que sus aguas rodean toda la tierra, pero de hecho no pueden demostrarlo).

(Trad. C. Schrader, 2006)

IV, 71

1. Ταφαὶ δὲ τῶν βασιλέων* ἐν Γέρροισι εἰσὶ ἐς ὃ ὁ Βορυσθένης ἐστὶ προσπλωτός· ἐνθαῦτα, ἐπεὰν σφι ἀποθάνῃ ὁ βασιλεύς*, ὄρυγμα γῆς μέγα ὀρύσσουσι τετράγωνον, ἔτοιμον δὲ τοῦτο ποιήσαντες ἀναλαμβάνουσι τὸν νεκρόν, κατακεκρωμένον μὲν τὸ σῶμα, τὴν δὲ νηδὺν ἀνασχισθεῖσαν καὶ καθαρθεῖσαν, πλέην κυπέρου κεκομμένου καὶ θυμῆματος καὶ σελίνου σπέρματος καὶ ἀννήσου, συνερραμμένην ὀπίσω, καὶ κομίζουσι ἐν ἀμάξῃ ἐς ἄλλο ἔθνος*.

2. Οἱ δὲ ἂν παραδέξωνται κομισθέντα τὸν νεκρόν, ποιέῃσι τά περ οἱ βασιλῆιοι Σκύθαι· τοῦ ὥτος ἀποτάμνονται, τρίχας περικεῖρονται, βραχίονας περιτάμνονται, μέτωπον καὶ ῥῖνα καταμύσσονται, διὰ τῆς ἀριστερῆς χειρὸς ὀιστοὺς διαβυνέονται.

3. Ἐνθεῦτεν δὲ κομίζουσι ἐν τῇ ἀμάξῃ τοῦ βασιλέως τὸν νέκυν ἐς ἄλλο ἔθνος* τῶν ἄρχουσι· οἱ δὲ σφι ἔπονται ἐς τοὺς πρότερον ἦλθον. ἐπεὰν δὲ πάντας περιέλθωσι τὸν νέκυν κομίζοντες, ἔν τε Γέρροισι ἔσχατα κατοικημένοισι εἰσὶ τῶν ἐθνέων* τῶν ἄρχουσι καὶ ἐν τῇσι ταφῇσι.

4. Καὶ ἔπειτα, ἐπεὰν θέωσι τὸν νέκυν ἐν τῇσι θήκησι ἐπὶ στιβάδος, παραπήξαντες αἰχμὰς ἐνθεν καὶ ἐνθεν τοῦ νεκροῦ ξύλα ὑπερτείνουσι καὶ ἔπειτα ῥίψι καταστεγάζουσι, ἐν δὲ τῇ λοιπῇ εὐρυχωρίῃ τῆς θήκης τῶν παλλακέων τε μίαν ἀποπνίξαντες θάπτουσι καὶ τὸν οἰνοχόον καὶ μάγειρον καὶ ἵπποκόμον καὶ διήκονον καὶ ἀγγελιηφόρον καὶ ἵππους καὶ τῶν ἄλλων πάντων ἀπαρχὰς καὶ φιάλας χρυσέας· ἀργύρῳ δὲ οὐδὲν οὐδὲ χαλκῷ χρέωνται.

¹⁸³ Eritía (Ερύθεια) significa "a ilha vermelha", associando-se, provavelmente, ao sol poente. É provável que Heródoto refira Γαδεῖροις como um plural (i.e., um conjunto de "ilhas"), segundo G. Cruz Andreotti (1991a, p. 157), baseando-se também nesta tradução de C. Schrader.

5. Ταῦτα δὲ ποιήσαντες χοῦσι πάντες χῶμα μέγα, ἀμιλλώμενοι καὶ προθυμεόμενοι ὡς μέγιστον ποιῆσαι.

1. Las tumbas de los reyes se hallan en el territorio de los gerros, hasta donde es navegable es Borístenes. En ese paraje, cuando muere su rey, abren en el suelo una gran fosa cuadrada¹⁸⁴; y, después de acondicionarla, se hacen cargo del cadáver (el cuerpo, por cierto, está totalmente impregnado de cera, y el vientre, que previamente ha sido abierto y limpiado, está lleno de juncia machacada, productos aromáticos, semilla de apio y eneldo; y se encuentra cosido novamente) y lo transportan en un carro a otra tribu¹⁸⁵.

2. Entonces, los que, en el curso de la conducción, reciben el cadáver hacen lo mismo que los escitas reales: se cortan un trozo de oreja, se afeitan el cabello en redondo, se hacen cortes en los brazos, se desgarran la frente y la nariz y se clavan flechas a través de la mano izquierda.

3. Posteriormente, conducen en el carro el cadáver [del rey] a otro pueblo de sus dominios, acompañados de las gentes a cuyo territorio llegaron en último término. Y cuando, en el curso de la conducción del cadáver, han recorrido ya todas las tribus, llegan al territorio de los guerros, gentes que están asentadas en los últimos confines de su imperio, y en consecuencia al lugar de las sepulturas.

4. Acto seguido, una vez depositado el cuerpo en la cámara funeraria sobre un lecho de follaje, clavan unas lanzas a uno y otro lado del cadáver, tienden sobre ellas unas maderas y luego las recubren con unos cañizos; y, en el amplio espacio que queda libre en la cámara funeraria, entierran a una de sus concubinas – a la que previamente han estrangulado –, y, asimismo, a su copero, a un cocinero, a un palafrenero, a un criado, a un introductor de mensajes, caballos, primicias de todas sus restantes pertenencias y copas de oro (pues la plata y el cobre no los utilizan para nada).

5. Y una vez hecho esto, todos se dedican a levantar un gran túmulo, porfiando por empeño por hacerlo lo más grande posible.

¹⁸⁴ "four – cornered pit in the ground" (trad. A.D. Godley, 1960)

¹⁸⁵ A.D. Godley (1960) también traduce ἔθνος por "tribe". C.L. Soares (2003: 185) traduce o termo por "povo".

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: βασιλεύς; ἔθνος

IV, 108

1. Βουδῖνοι δὲ ἔθνος* ἐὼν μέγα καὶ πολλὸν γλαυκὸν τε πᾶν ἰσχυρῶς ἐστὶ καὶ πυρρόν· πόλις δὲ ἐν αὐτοῖσι πεπόλισται ξυλίνη, οὖνομα δὲ τῇ πόλι ἐστὶ Γελωνός. τοῦ δὲ τείχεος μέγαθος κῶλον ἕκαστον τριήκοντα σταδίων ἐστί, ὑψηλὸν δὲ καὶ πᾶν ξύλινον, καὶ αἰ οἰκίαι αὐτῶν ξύλιναι καὶ τὰ ἱρά*.

2. ἔστι γὰρ δὴ αὐτόθι Ἑλληνικῶν θεῶν ἱρά* Ἑλληνικῶς κατεσκευασμένα ἀγάλμασί τε καὶ βωμοῖσι* καὶ νηοῖσι* ξυλίνοισι, καὶ τῷ Διονύσῳ τριετηρίδας ἀνάγουσι καὶ βακχεύουσι. εἰσὶ γὰρ οἱ Γελωνοὶ τὸ ἀρχαῖον Ἑλληνες, ἐκ τῶν δὲ ἐμπορίων ἐξαναστάντες οἰκησαν ἐν τοῖσι Βουδίνοισι· καὶ γλώσση* τὰ μὲν Σκυθικῇ, τὰ δὲ Ἑλληνικῇ χρέωνται.

1. Por su parte, los budinos, que constituyen un pueblo potente y numeroso, tienen todos los ojos intensamente azules y la tez rubicunda. En su país hay edificada una ciudad de madera, cuyo nombre es Gelono. Cada lado de su perímetro defensivo tiene una longitud de treinta estadios; es, además, alto y todo él de madera, al igual que las casas y los santuarios de sus habitantes¹⁸⁶;

2. pues resulta que en esa ciudad hay santuarios consagrados a dioses griegos y contruidos según los modelos griegos, con imágenes, altares y templos de madera. Y cada dos años celebran fiestas en honor de Dioniso, así como los ritos báquicos, ya que, por su origen, los gelonos son griegos que se vieron obligados a abandonar sus emporios y se establecieron entre los budinos. Estas gentes hablan una lengua medio escita medio griega.

(Trad. C. Schrader, 2006)

¹⁸⁶ Segundo C. Schrader, nas margens do Bug e do Dnieper identificaram-se construções que intercalavam pedra e troncos de árvores (A. Mongait, *apud* Schrader, 2006, n. 399).

Glossário: βωμός; ἔθνος; γλῶσσα; ναός [= νηός]

IV, 109

1. Βουδῖνοι δὲ οὐ τῇ αὐτῇ γλῶσση* χρέωνται καὶ Γελωνοί, οὐδὲ δίαίτα ἢ αὐτή. οἱ μὲν γὰρ Βουδῖνοι ἐόντες αὐτόχθονες νομάδες τε εἰσὶ καὶ φθειροτραγέουσι μοῦνοι τῶν ταύτη, Γελωνοὶ δὲ γῆς τε ἐργάται καὶ σιτοφάγοι καὶ κήπους ἐκτημένοι, οὐδὲν τὴν ἰδέην ὅμοιοι οὐδὲ τὸ χρῶμα. ὑπὸ μέντοι Ἑλλήνων καλέονται καὶ οἱ Βουδῖνοι Γελωνοί, οὐκ ὀρθῶς καλεόμενοι.

2. ἢ δὲ χώρα* σφέων πᾶσα ἐστὶ δασέα ἴδησι παντοίησι· ἐν δὲ τῇ ἴδῃ τῇ πλείεσθι ἐστὶ λίμνη μεγάλη τε καὶ πολλή καὶ ἔλος καὶ κάλαμος περὶ αὐτήν. ἐν δὲ ταύτῃ ἐνύδριες ἀλίσκονται καὶ κάστορες καὶ ἄλλα θηρία τετραγωνοπρόσωπα, τῶν τὰ δέρματα παρὰ τὰς σισύρνας παραρράπτεται, καὶ οἱ ὄρχεις αὐτοῖσι εἰσὶ χρήσιμοι ἐς ὑστερέων ἄκεσιν.

1. Los budinos, en cambio, no hablan la misma lengua que los gelonos ni tienen su mismo género de vida, ya que aquéllos, que constituyen un pueblo autóctono, son nómadas y, además, los únicos habitantes de esta región que comen piñones, mientras que los gelonos trabajan la tierra, se alimentan de pan, poseen huertos y no se les parecen ni en el físico, ni en el color de la piel. No obstante, los griegos también dan a los budinos el nombre de gelonos, denominación que no es correcta.

2. Su territorio está totalmente cubierto de bosques con toda clase de árboles; en el mayor de dichos bosques hay un lago extenso y profundo y, a su alrededor, un cañaveral pantanoso. En ese lago se capturan nutrias, castores y otros animales de hocico cuadrado, cuyas pieles sirven para ribetear las pellizas y sus testículos son utilizados por los habitantes de la región para tratar las afecciones de la matriz.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: γλῶσσα; χώρα

IV, 147

(1) τὸν δὲ αὐτὸν τοῦτον χρόνον Θήρας ὁ Αὐτεσίωνος τοῦ Τισαμενοῦ τοῦ Θερσάνδρου τοῦ Πολυνείκεος ἔστελλε ἐς ἀποικίην ἐκ Λακεδαίμονος.

(2) ἦν δὲ ὁ Θήρας οὗτος, γένος* ἐὼν Καδμεῖος, τῆς μητρὸς ἀδελφεὸς τοῖσι Ἀριστοδήμου παισὶ Εὐρυσθένει καὶ Προκλῆς. ἐόντων δὲ ἔτι τῶν παίδων τούτων νηπίων ἐπιτροπαίην εἶχε ὁ Θήρας τὴν ἐν Σπάρτῃ βασιλίην.

(3) αὐξηθέντων δὲ τῶν ἀδελφιδέων καὶ παραλαβόντων τὴν ἀρχήν, οὕτω δὴ ὁ Θήρας δεινὸν ποιούμενος ἄρχεσθαι ὑπ' ἄλλων ἐπεῖτε ἐγεύσατο ἀρχῆς, οὐκ ἔφη μένειν ἐν τῇ Λακεδαίμονι ἀλλ' ἀποπλεύσεσθαι ἐς τοὺς συγγενέας.

(4) ἦσαν δὲ ἐν τῇ νῦν Θήρῃ καλεομένη νήσῳ, πρότερον δὲ Καλλίστῃ τῇ αὐτῇ ταύτῃ, ἀπόγονοι Μεμβλίου τοῦ Ποικίλεω ἀνδρὸς Φοίνικος. Κάδμος γὰρ ὁ Ἀγήνορος Εὐρώπην διζήμενος προσέσχε ἐς τὴν νῦν Θήρην καλεομένην· προσσχόντι δὲ εἶτε δὴ οἱ ἡ χώρα ἤρесе, εἶτε καὶ ἄλλως ἠθέλησε ποιῆσαι τοῦτο· καταλείπει γὰρ ἐν τῇ νήσῳ ταύτῃ ἄλλους τε τῶν Φοινίκων καὶ δὴ καὶ τῶν ἐωυτοῦ συγγενέων Μεμβλίαν.

(5) οὗτοι ἐνέμοντο τὴν Καλλίστην καλεομένην ἐπὶ γενεάς*, πρὶν ἢ Θήραν ἐλθεῖν ἐκ Λακεδαίμονος, ὁκτὼ ἀνδρῶν.

(1) Por esas mismas fechas, Teras, hijo de Autesión, nieto de Tisámeno, bisneto de Tersandro y tataranieto de Polinices, se disponía a partir de Lacedemonia para fundar una colonia.

(2) El tal Teras, que era de raza cadmea, era tío materno de los hijos de Aristodemo, Eurístenes y Procles. Mientras dichos muchachos eran todavía menores de edad, Teras desempeñó la regencia del trono de Esparta;

(3) pero cuando sus sobrinos crecieron y asumieron el poder, en ese momento Teras, considerando poco decoroso verse a las órdenes de otros después de haber gustado el placer del mando, anunció que no pensaba quedarse en Lacedemonia, sino que iba a zarpar para reunirse con las gentes de la misma raza.

(4) Por cierto que en la isla que en la actualidad recibe el nombre de Tera - la misma que antes se llamaba Caliste -, vivían unos descendientes del fenicio Membliarao, hijo de Pecilas. Resulta que Cadmo, hijo de Agenor, cuando buscaba a Europa, arribó a la isla que en la actualidad se llama Tera. Y al arribar a dicho lugar, ya fuera que el terreno le agradara o que, por algún otro motivo, le viniera en gana hacer lo que hizo, el caso es que en esa isla dejó a varios fenicios y, entre ellos, a Membliarao, uno de sus parientes.

(5) Esas gentes habitaron la isla llamada Caliste por espacio de ocho generaciones antes que Teras llegara procedente de Lacedemonia.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: γένος

IV, 148

(1) ἐπὶ τούτους δὴ ὧν ὁ Θήρας λεὼν ἔχων ἀπὸ τῶν φυλέων* ἔστελλε, συνοικήσων τούτοις καὶ οὐδαμῶς ἐξελῶν αὐτοὺς ἀλλὰ κάρτα οἰκηιούμενος.

(2) ἐπεῖτε δὲ καὶ οἱ Μινύαι ἐκδράντες ἐκ τῆς ἐρκτῆς ἴζοντο ἐς τὸ Τηϋγετον, τῶν Λακεδαιμονίων βουλευομένων σφέας ἀπολλύναι παραιτέται ὁ Θήρας, ὅπως μήτε φόνος γένηται, αὐτὸς τε ὑπεδέκετο σφέας ἐξάξειν ἐκ τῆς χώρας.

(3) συγχωρησάντων δὲ τῇ γνώμῃ τῶν Λακεδαιμονίων, τρισὶ τριηκοντέροισι ἐς τοὺς Μεμβιάρου ἀπογόνους ἔπλωσε, οὐτι πάντας ἄγων τοὺς Μινύας ἀλλ' ὀλίγους τινάς.

(4) οἱ γὰρ πλεῦνες αὐτῶν ἐτράποντο ἐς τοὺς Παρωρεάτας καὶ Καύκωνας, τούτους δὲ ἐξέλασαντες ἐκ τῆς χώρας σφέας αὐτοὺς ἐξ μοίρας διεῖλον, καὶ ἔπειτα ἔκτισαν πόλιος τάσδε ἐν αὐτοῖσι, Λέπρεον Μάκιστον Φρίξας Πύργον Ἐπιον Νούδιον. τουτέων δὲ τὰς πλεῦνας ἐπ' ἐμέο Ἥλεῖοι ἐπόρθησαν. τῇ δὲ νήσῳ ἐπὶ τοῦ οἰκιστέῳ Θήρα ἢ ἐπωνυμία ἐγένετο.

(3) Pues bien, tomando consigo gente de las tribus, Teras se dispuso a partir hacia dicha isla con la intención de formar una misma comunidad con sus habitantes y sin ánimo alguno de expulsarlos, sino ansiando ganarse su amistad sinceramente.

(2) Y como, por su parte, los minias que habían escapado de la prisión estaban asentados en el Taigeto y los lacedemonios tenían el propósito de matarlos, Teras intercedió para que no se produjera una carnicería y se comprometió a sacarlos personalmente del país.

(3) Los lacedemonios se mostraron de acuerdo con esta proposición y Teras zarpó en tres triconteros para reunirse con los descendientes de Membliarao, aunque no llevó a todos los minias, sino a unos pocos,

(4) ya que la mayoría de ellos se dirigieron al país de los paroreatas y los caucones; y después de haberlos expulsado de su territorio, se dividieron en seis grupos fundando acto seguido las siguientes ciudades: Lépreo, Macisto, Frixas, Pirgo, Epio y Nudio. (Los eleos, por cierto, asolaron en mis días la mayoría de ellas.) Y por su parte la isla recibió la denominación de Tera en honor de su colonizador.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: φῶλή

IV, 152

1. ἀποδημεόντων δὲ τούτων πλέω χρόνον τοῦ συγκειμένου τὸν Κορώβιον ἐπέλιπε τὰ πάντα, μετὰ δὲ ταῦτα νηῦς Σαμίη, τῆς ναύκληρος ἦν Κωλαῖος, πλέουσα ἐπ' Αἰγύπτου ἀπηνείχθη ἐς τὴν Πλατέαν ταύτην· πυθόμενοι δὲ οἱ Σάμιοι παρὰ τοῦ Κορωβίου τὸν πάντα λόγον, σιτία οἱ ἐνιαυτοῦ καταλείπουσι.

2. αὐτοὶ δὲ ἀναχθέντες ἐκ τῆς νήσου καὶ γλιχόμενοι Αἰγύπτου ἔπλεον, ἀποφερόμενοι ἀπηλιώτη ἀνέμῳ· καὶ οὐ γὰρ ἀνίει τὸ πνεῦμα, Ἡρακλέας στήλας* διεκπερήσαντες ἀπίκοντο ἐς Ταρτησσόν*, θείη πομπῇ χρεώμενοι.

3. Τὸ δὲ ἐμπόριον τοῦτο ἦν ἀκήρατον τοῦτον τὸν χρόνον, ὥστε ἀπονοστήσαντες οὗτοι ὀπίσω μέγιστα δὴ Ἑλλήνων πάντων τῶν ἡμεῖς ἀτρεκείην ἴδμεν ἐκ φορτίων ἐκέρδησαν, μετὰ γε Σώστρατον τὸν Λαοδάμαντος Αἰγινήτην· τούτῳ γὰρ οὐκ οἶά τε ἐστὶ ἐρίσαι ἄλλον.

4. οἱ δὲ Σάμιοι τὴν δεκάτην τῶν ἐπικερδίων ἐξελόντες ἐξ τάλαντα ἐποίησαντο χαλκήιον κρητῆρος Ἀργολικοῦ τρόπον· περίξ δὲ αὐτοῦ γρυπῶν κεφαλὰὶ πρόκροσσοί εἰσι. καὶ ἀνέθηκαν ἐς τὸ Ἥραιον, ὑποστήσαντες αὐτῷ τρεῖς χαλκέους κολοσσοὺς ἐπταπῆχας τοῖσι γούνασι ἐρηρυσμένους.

5. Κυρηναίοισι δὲ καὶ Θηραίοισι ἐς Σαμίους ἀπὸ τούτου τοῦ ἔργου πρῶτα φιλίας μεγάλας συνεκρήθησαν

1. Pero como los expedicionarios estuvieron ausentes más tiempo del convenido, a Corobio empezaron a agotársele todas las provisiones. Poco después, sin embargo, una nave samia - cuyo patrón era Coleo -, que navegaba con rumbo a Egipto, se desvió de su ruta y arribó a la citada Platea. Entonces los samios, al enterarse por boca de Corobio de toda la historia, le dejaron provisiones por un año.

2. Acto seguido, los samios partieron de la isla y se hicieron a la mar ansiosos por llegar a Egipto, pero se vieron desviados de su ruta por causa del viento de levante. Y como el aire no amainó, atravesaron las Columnas de Heracles y, bajo el amparo divino, llegaron a Tarteso¹⁸⁷.

3. Por aquel entonces ese emporio comercial estaba sin explotar, de manera que, a su regreso a la patria, los samios, con el producto de su flete, obtuvieron, que nosotros sepamos positivamente, muchos más beneficios que cualquier otro griego (después, eso sí, del egineta Sótrato, hijo de Laodamante; pues con este último no puede rivalizar nadie).

4. Los samios aportaron el diezmo de sus ganancias - seis talentos - y mandaron hacer una vasija de bronce, del tipo de las cráteras argólicas, alrededor de la cual hay unas

¹⁸⁷ As condições climáticas fazem também parte de uma tradição, relatada por Tucídides (VI, 2, 3*), sobre a chegada dos Foceenses à Sicília no regresso de Tróia, neste caso uma tempestade.

cabezas de grifos en relieve. Esa vasija la consagraron en el Hereo sobre un pedestal compuesto por tres colosos de bronce de siete codos, hincados de hinojos¹⁸⁸.

5. Este episodio, por cierto, fue el origen remoto de los sólidos lazos de amistad que cireneos y tereos entablaron con los samios.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Ἡρακλέους στήλας; Ταρτησσός

IV, 197

2. Τοσόνδε δὲ ἔτι ἔχω εἰπεῖν περὶ τῆς χώρας ταύτης, ὅτι τέσσερα ἔθνεα* νέμεται αὐτὴν καὶ οὐ πλέω τούτων, ὅσον ἡμεῖς ἴδμεν, καὶ τὰ μὲν δύο αὐτόχθονα τῶν ἐθνέων τὰ δὲ δύο οὐ, Λίβυες μὲν καὶ Αἰθίοπες αὐτόχθονες*, οἱ μὲν τὰ πρὸς βορέω οἱ δὲ τὰ πρὸς νότου τῆς Λιβύης οἰκέοντες, Φοίνικες* δὲ καὶ Ἕλληνες ἐπήλυδες.

Sobre ese país todavía puedo añadir un detalle adicional: que nosotros sepamos, lo ocupan cuatro pueblos y no más; dos de esos pueblos son autóctonos, mientras que los otros dos no lo son. Son autóctonos los libios y los etíopes (aquellos habitan al norte, en tanto que estos últimos lo habitan al sur de Libia); por su parte, los fenicios y los griegos han venido de fuera.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἔθνος; αὐτόχθων; Φοίνικες

V, 2

¹⁸⁸ É interessante verificar que os *kraters de bronze* em Samos estão associados a relatos muito diversificados. Para além deste, em I, 70, Heródoto relata o fabrico de um *krater*, também decorado, com dimensões excepcionais (com uma "capacidade de trezentas ânforas"), por parte dos Lacedemónios, com o objectivo de oferecê-lo a Creso. Segundo os Lacedemónios, o *krater* não chegou a Sardes porque foram interceptados pelos Sâmios. Estes, por seu turno, afirmam que foi comprado por particulares que, posteriormente, o ofereceram ao Heraion. O assunto volta a ser abordado em III, 47, onde se expõem outras quezílias entre Esparta e Samos, provavelmente ocorridas entre 525 e 522 a.C.; o episódio do *krater* data de c. 546 a.C. (Schrader, 2006, n. 249 a III, 48). Para outras referências ao Heraion ("Ἡραῖον) de Samos, bem como aos *kraters* (κρητήρ) de bronze, ouro ou prata, cf. Powell, 1938.

2. Ὡς δὲ ἐχειρώθη ἡ Πέρινθος, ἤλαυνε Μεγάβαζος τὸν στρατὸν διὰ τῆς Θρηίκης, πᾶσαν πόλιν καὶ πᾶν ἔθνος* τῶν ταύτῃ οἰκημένων ἡμερούμενος βασιλεί. ταῦτα γάρ οἱ ἐνετέταλτο ἐκ Δαρείου, Θρηίκην καταστρέφεσθαι.

2. Una vez reducida Perinto, Megabazo atravesó Tracia al frente de su ejército, sometiendo a la autoridad del rey todas las ciudades y todos los pueblos establecidos en dicha zona, pues las órdenes que había recibido de Darío consistían en conquistar Tracia

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἔθνος

V, 8

ταφαὶ δὲ τοῖσι εὐδαίμοσι αὐτῶν εἰσὶ αἶδε· τρεῖς μὲν ἡμέρας προτιθεῖσι τὸν νεκρόν, καὶ παντοῖα σφάζαντες ἱρήια εὐωχέονται, προκλαύσαντες πρῶτον· ἔπειτα δὲ θάπτουσι κατακαύσαντες ἢ ἄλλως γῇ κρύψαντες, χῶμα δὲ χέαντες ἀγῶνα τιθεῖσι παντοῖον, ἐν τῷ τὰ μέγιστα ἄεθλα τίθεται κατὰ λόγον μονομαχίης. ταφαὶ μὲν δὴ Θρηίκων εἰσὶ αἶδε.

Las ceremonias fúnebres en honor de los tracios acaudalados se desarrollan como sigue: exponen el cadáver por espacio de tres días y, tras inmolar toda suerte de víctimas, se dan un banquete después de una serie de lamentaciones previas. Posteriormente celebran sus exequias incinerándolo o, simplemente, inumándolo; y, tras haber erigido un túmulo, celebran un certamen atlético integrado por todo tipo de competiciones, en el que se conceden los más importantes premios debido al carácter singular de las pruebas. En esto consisten pues, las ceremonias fúnebres de los tracios.

(Trad. C. Schrader, 2006)

V, 49

(1) ἀπικνέεται δὲ ὧν ὁ Ἀρισταγόρης ὁ Μιλήτου τύραννος ἐς τὴν Σπάρτην Κλεομένεος ἔχοντος τὴν ἀρχήν· τῷ δὴ ἐς λόγους ἦιε, ὥς Λακεδαιμόνιοι λέγουσι, ἔχων χάλκεον

πίνακα ἐν τῷ γῆς ἀπάσης περιόδου ἐνετέμνητο καὶ θάλασσά τε πᾶσα καὶ ποταμοὶ πάντες.

(1) Pues bien, Aristágoras, el tirano de Mileto, llegó a Esparta cuando Cleómenes detentaba el poder. Como es natural mantuvo una entrevista con él, llevando consigo, al decir de los lacedemonios, una lámina de bronce en la que figuraba grabado un mapa de toda la tierra, así como la totalidad del mar y todos los ríos¹⁸⁹.

(Trad. C. Schrader, 2006)

VII, 89

1. Τῶν δὲ τριηρέων ἀριθμὸς μὲν ἐγένετο ἑπτὰ καὶ διηκόσιαι καὶ χίλιναι, παρείχοντο δὲ αὐτὰς οἶδε, Φοίνικες* μὲν σὺν Σύροις τοῖσι ἐν τῇ Παλαιστίνῃ τριηκοσίας, ὧδε ἐσκευασμένοι· περὶ μὲν τῇσι κεφαλῇσι κυνέας εἶχον ἀγχοτάτω πεποιημένας τρόπον τὸν Ἑλληνικόν, ἐνδεδυκότες δὲ θώρηκας λινέους, ἀσπίδας δὲ ἵτυς οὐκ ἐχούσας εἶχον καὶ ἀκόντια.

2. Οὗτοι δὲ οἱ Φοίνικες* τὸ παλαιὸν οἶκεον, ὥς αὐτοὶ λέγουσι, ἐπὶ τῇ Ἐρυθρῇ θαλάσῃ, ἐνθεῦτεν δὲ ὑπερβάντες τῆς Συρίας οἰκεῖουσιν τὸ παρὰ θάλασσαν· τῆς δὲ Συρίας τοῦτο τὸ χωρίον καὶ τὸ μέχρι Αἰγύπτου πᾶν Παλαιστίνῃ καλεῖται. Αἰγύπτιοι δὲ νέας παρείχοντο διηκοσίας.

Por su parte, el número de los trirremes ascendía a mil doscientos siete, y los pueblos que los facilitaban eran los siguientes. Trescientos los proporcionaban los fenicios, en unión con los sirios de Palestina, que iban equipados como sigue: en la cabeza llevaban unos yelmos de características muy similares a los de tipo griego¹⁹⁰, iban ataviados con petos de lino y portaban escudos carentes de brocales, así como venablos.

2. Por cierto que, según sus propios testimonios, los citados fenicios residían antiguamente a orillas del mar Eritreo, donde pasaron a Siria, estableciéndose en sus

¹⁸⁹ Este texto de Heródoto puede, eventualmente, mencionar el mapa diseñado por Hecateo de Mileto, Περίοδος γῆς (*supra*, "Hecateo").

¹⁹⁰ Isto é, de tipo Coríntio, segundo C. Schrader (nota 449 a Heródoto VII, 89)

costas (esa parte de Siria, y toda la zona que se extiende hasta Egipto, recibe el nombre de Palestina).

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: Φοίνικες

VII, 90

οὔτοι μὲν οὕτω ἐστάλατο, Κύπριοι δὲ παρείχοντο νέας πεντήκοντα καὶ ἑκατόν, ἐσκευασμένοι ὧδε· τὰς μὲν κεφαλὰς εἰλίχατο μίτρῃσι οἱ βασιλέες αὐτῶν, οἱ δὲ ἄλλοι εἶχον κιθῶνας, τὰ δὲ ἄλλα κατὰ περ Ἑλλήνες. τούτων δὲ τοσάδε ἔθνεα* εἰσί, οἱ μὲν ἀπὸ Σαλαμῖνος καὶ Ἀθηνέων, οἱ δὲ ἀπ' Ἀρκαδίας, οἱ δὲ ἀπὸ Κύθνου, οἱ δὲ ἀπὸ Φοινίκης, οἱ δὲ ἀπὸ Αἰθιοπίας, ὥς αὐτοὶ Κύπριοι λέγουσι.

Los chipriotas, por su parte, proporcionaban ciento cincuenta naves e iban equipados como sigue: sus reyes llevaban la cabeza ceñida con mitras, mientras que los demás portaban *kítaris*¹⁹¹, siendo el resto de su indumentaria y armamento iguales al de los griegos. Y por cierto que según el testimonio de los propios chipriotas, entre ellos hay elementos étnicos procedentes de todos estos países: de Salamina y Atenas, de Arcadia, de Citnos, de Fenicia y de Etiopía.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἔθνος

VII, 110

ἔθνεα* δὲ Θρηίκων δι' ὧν τῆς χώρας ὁδὸν ἐποιέετο τοσάδε, Παῖτοι Κίκονες Βίστονες Σαπαῖτοι Δερσαῖτοι Ἰδωνοὶ Σάτραι. τούτων οἱ μὲν παρὰ θάλασσαν κατοικημένοι ἐν τῇσι νηυσὶ εἶποντο· οἱ δὲ αὐτῶν τὴν μεσόγαιαν οἰκέοντες καταλεχθέντες τε ὑπ' ἐμεῦ, πλὴν Σατρέων, οἱ ἄλλοι πάντες πεζῇ ἀναγκαζόμενοι εἶποντο.

¹⁹¹ Provavelmente um sinónimo de "tiara" (Schrader, 2006, n. 454 *ad loc.*)

Por otra parte, los pueblos tracios cuyo territorio atravesó¹⁹² en su avance fueron los siguientes: los petos, los cicones, los bistonos, los sapeos, los derseos, los edonos y los satras¹⁹³. Por lo que a los habitantes de la zona se refiere, quienes residían en la costa se sumaron a los expedicionarios como integrantes de la flota, mientras que quienes habitaban tierra adentro - y que acabo de enumerar - se vieron obligados todos ellos, a excepción de los satras, a integrarse en los efectivos terrestres.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἔθνος

VII, 111

1. Σάτραι δὲ οὐδενός κω ἀνθρώπων ὑπήκοοι ἐγένοντο, ὅσον ἡμεῖς ἴδμεν, ἀλλὰ διατελεῦσι τὸ μέχρι ἐμεῦ αἰεὶ ἐόντες ἐλεύθεροι μόνοι Θρηίκων· οἰκέουσί τε γὰρ ὄρεα ὑψηλά, ἴδῃσί τε παντοίῃσι καὶ χιόνι συνηρεφέα, καὶ εἰσὶ τὰ πολέμια ἄκροι.
2. οὗτοι οἱ Διονύσου τὸ μαντήιον εἰσὶ ἐκτημένοι· τὸ δὲ μαντήιον τοῦτο ἔστι μὲν ἐπὶ τῶν ὀρέων τῶν ὑψηλοτάτων, Βησσοὶ δὲ τῶν Σατρέων εἰσὶ οἱ προφητεύοντες τοῦ ἱροῦ*, πρόμαντις δὲ ἡ χρέωσα κατὰ περ ἐν Δελφοῖσι, καὶ οὐδὲν ποικιλώτερον.

1. Por cierto que los satras no han sido nunca, que nosotros sepamos, súbditos de nadie, sino que siguen siendo, todavía en mi época, los únicos tracios que viven en completa independencia, pues residen en unas altas montañas, cubiertas de bosques muy frondosos y de nieve, y además son magníficos guerreros.

¹⁹² O texto refere-se a Xerxes.

¹⁹³ Segundo C. Schrader (2006, n. 542), "los pueblos mencionados ocupaban, de Este a Oeste, los territorios comprendidos entre la desembocadura del Hebro y la del Estrimón. Los Petos (cf. Arriano, *Anábasis* I, 11, 4) residían en la margen izquierda del curso bajo del Hebro. Los bistonos habitaban la franja costera delimitada por los ríos Travo y Nesto (de ahí el nombre de lago Bistónide). Los Sapeos (cf. Apiano, *B.C.* IV, 105) vivían en el delta del Nesto. Los derseos residían al N. de los sapeos (cf. Tucíd. II, 101). Los edonos vivían al N. del monte Pangeo, en el valle del río Angites (cf. Tucíd., II 99)." Esta nota assinala, claramente, a tendência de relacionar os povos com determinados acidentes geográficos, como se referiu no cap. 3.2.1. Mantiveram-se as abreviaturas utilizadas por C. Schrader.

2. Son ellos quienes poseen el oráculo de Dioniso (dicho oráculo se encuentra en las cotas más altas de sus montañas), siendo los Besos el clan satra que, en el santuario, interpreta las respuestas, mientras que, al igual que en Delfos, es una profetisa quien las dicta, sin que haya mayores complicaciones.

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: ἱερὸν [= ἱρόν]

VIII, 144

1. πρὸς μὲν Ἀλέξανδρον ταῦτα ὑπεκρίναντο, πρὸς δὲ τοὺς ἀπὸ Σπάρτης ἀγγέλους τάδε. "τὸ μὲν δεῖσαι Λακεδαιμονίους μὴ ὁμολογήσωμεν τῷ βαρβάρῳ*, κάρτα ἀνθρωπῆιον ἦν· ἀτὰρ αἰσχρῶς γε οἴκατε ἐξεπιστάμενοι τὸ Ἀθηναίων φρόνημα ἀρρωδῆσαι, ὅτι οὔτε χρυσὸς ἐστὶ γῆς οὐδαμῶθι τοσοῦτος οὔτε χώρα κάλλει καὶ ἀρετῇ μέγα ὑπερφέρουσα, τὰ ἡμεῖς δεξάμενοι ἐθέλοιμεν ἂν μηδίσαντες καταδουλῶσαι τὴν Ἑλλάδα.

2. πολλά τε γὰρ καὶ μεγάλα ἐστὶ τὰ διακωλύοντα ταῦτα μὴ ποιέειν μηδ' ἦν ἐθέλωμεν, πρῶτα μὲν καὶ μέγιστα τῶν θεῶν τὰ ἀγάλματα καὶ τὰ οἰκήματα ἐμπερησμένα τε καὶ συγκεχωσμένα, τοῖσι ἡμέας ἀναγκαίως ἔχει τιμωρέειν ἐς τὰ μέγιστα μᾶλλον ἢ περ ὁμολογέειν τῷ ταῦτα ἐργασαμένῳ, αὗτις δὲ τὸ Ἑλληνικὸν ἐὼν ὅμαιμόν τε καὶ ὁμόγλωσσον* καὶ θεῶν ἰδρύματά τε κοινὰ καὶ θυσίαι ἡθεά τε ὁμότροπα, τῶν προδότας γενέσθαι Ἀθηναίους οὐκ ἂν εὖ ἔχοι.

1. Ésa fue la respuesta que le dieron a Alejandro¹⁹⁴, mientras que a los embajadores de Esparta les dieron esta otra: "El que los lacedemonios temieran que pudiésemos llegar a un acuerdo con el Bárbaro era del todo humano; pero que os hayáis asustado, conociendo como conoceis la manera de pensar de los atenienses, se nos antoja a todas luces una vergüenza, porque no hay en toda la tierra oro suficiente, ni una comarca tan excepcional por su belleza y su fertilidad, como para que estuviésemos dispuestos, a ese precio, a abrazar la causa de los medos y a esclavizar la Hélade.

¹⁹⁴ O texto refere-se aos atenienses e a sua resposta a Alexandre encontra-se em VIII, 143.

2. De hecho, hay muchas y poderosas razones que nos impiden hacerlo aunque quisiéramos. La primera y principal la constituye el incendio y la destrucción de las imágenes y los templos de los dioses, que exigen de nosotros una implacable venganza, en vez de pactar con el autor de tales sacrilegios; por otro lado está el mundo griego, con su identidad racial y lingüística, con su comunidad de santuarios y de sacrificios a los dioses, y con usos y costumbres similares, cosas que, de traicionarlas supondrían un baldón para los atenienses"¹⁹⁵

(Trad. C. Schrader, 2006)

Glossário: βάρβαρος; ὁμόγλωσσος

¹⁹⁵ C.P. Jones (1996, p. 315, n. 4) apresenta outra proposta que, ainda que não alterando significativamente aquela tradução, pode ser mais aproximada: "the fact that the Greeks people is of one blood and one tongue". Porém, faria também sentido traduzir esta passagem como "consaguinidade" (ὅμαιμόν) e "comunidade de língua" (ὁμόγλωσσον), partindo de Cardete del Olmo, 2004, p. 23.

Hesíodo

Introdução

A obra de Hesíodo motivou discussões sobre dois aspectos: a sua relação com outros textos orientais (Walcot, 1966, *passim*; M.L. West, 1997, pp. 276-333) e a cronologia do autor face a Homero.

No que diz respeito a este último aspecto, os *testimonia* sobre Hesíodo não são muito esclarecedores. O Mármore Páριο, p.ex., coloca Hesíodo num período anterior a Homero (*FGrH*, 239 A, ep. 28-29; Most, 2006, T 5-T 9; T 15; cf. T 28; T 29)¹⁹⁶. Outros textos apresentam estes poetas como contemporâneos ou familiares (*Suda*, s.v. Ἡσιόδου), em c. 807-806 a.C.. Plínio (*N.H.* XIV, 1.3) afirmou que Hesíodo vivera mil anos antes (*ante milia annorum*), i.e., em c. 970-920 a.C., e que foi o primeiro transmitir instruções agrícolas (cf. Bernal, 1993, pp. 92-93).

O nome de Hesíodo não oferece tantos problemas como o de Homero, como se faz constar na introdução a este último autor no presente anexo. Nos primeiros versos de *Os Trabalhos e os Dias*, o poeta transmite alguns dados autobiográficos, bem como os propósitos do seu poema. Na *Suda*, (*Suda*, s.v. Ἡσιόδου), Hesíodo é apresentado como um homem de Cumas (Κυμαῖος) que foi levado pelos seus pais (Dio e Picimede) para Ascra, na Beócia. Tzetzes vai no mesmo sentido (Most, 2006, T2).

No que diz respeito ao uso de Hesíodo, deve dizer-se que é muito pontual e que tem uma importância secundária. Os textos escolhidos servem para enquadrar outros temas, nomeadamente a representação de Pegaso e Gérion (*Th.* 270-294), a importância das pedras como símbolos que representam a presença de uma divindade (*Th.* 493-501) e uma referência ao Érebo (*Th.* 507-516.). Por esta razão, é desnecessário apresentar uma introdução muito desenvolvida. De qualquer modo, assinala-se que a referência ao Décimo Trabalho de Héracles, a captura das vacas de Gérion, não pressupõe que o autor se refira, concretamente, à Península Ibérica. No entanto, a sua influência sobre Estesícoro de Himera parece evidente, a julgar pelo modo como este autor reproduz temáticas no seu poema.

¹⁹⁶ "From when the poet Homer appeared, 653 years, when Diognetus was king of the Athenians" (ἀφ' Ὀμηρος ὁ ποιητὴς ἐφάνη, ἔτη Γ^ΗΗΔΔΔΙΙΙ, βασιλεύοντος Αθηνῶ[ν Δ]ιογνήτου).

Edições consultadas: Most, 2006¹⁹⁷; Pérez & Martínez, 2006

Bibliografia: Walcot, 1966; West, 1997; Bernal, 1993;

Textos

Teogonia, 270-294

(270) Φόρκυϊ δ' αὖ Κητὼ Γραΐας τέκε καλλιπαρήους/ ἐκ γενετῆς πολιάς, τὰς δὴ Γραΐας
καλέουσιν/ ἀθάνατοί τε θεοὶ χαμαὶ ἐρχόμενοι τ' ἄνθρωποι,/ Πεμφρηδὼ τ' εὐπεπλον
Ἐνυώ τε κροκόπεπλον,/ Γοργούς θ', αἱ ναίουσι πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο/ (275) ἐσχατιῇ
πρὸς Νυκτός, ἴν' Ἑσπερίδες λιγύφωνοι,/ Σθεννώ τ' Εὐρυάλη τε Μέδουσά τε λυγρὰ
παθοῦσα./ ἥ μὲν ἔην θνητή, αἱ δ' ἀθάνατοι καὶ ἀγήρω,/ αἱ δύο· τῇ δὲ μιῇ παρελέξατο
Κυανοχαίτης/ ἐν μαλακῷ λειμῶνι καὶ ἄνθεσιν εἰαρινοῖσιν.

(280) τῆς δ' ὅτε δὴ Περσεὺς κεφαλὴν ἀπεδειροτόμησεν,/ ἔκθορε Χρυσάωρ τε μέγας καὶ
Πήγασος ἵππος./ τῷ μὲν ἐπώνυμον ἦεν, ὅτ' Ὠκεανοῦ περὶ πηγὰς/ γένθ', ὃ δ' ἄορ
chrύσειον ἔχων μετὰ χερσὶ φίλησιν./ χῶ μὲν ἀποπτάμενος προλιπὼν χθόνα, μητέρα
μήλων,/ (285) ἵκετ' ἐς ἀθανάτους· Ζηνὸς δ' ἐν δώμασι ναίει/ βροντὴν τε στεροπὴν τε
φέρων Διὶ μητιόεντι./

Χρυσάωρ δ' ἔτεκεν τρικέφαλον Γηρυονῆα*/ μιχθεὶς Καλλιρόη κούρη κλυτοῦ
Ὠκεανοῖο*/ τὸν μὲν ἄρ' ἐξενάρριξε βίη Ἡρακλεΐη*/ (290) βουσί παρ' εἰλιπόδεσσι
περιρρύτῳ εἰν Ἐρυθείη / ἥματι τῷ ὅτε περ βοῦς ἤλασεν εὐρυμετώπους/ Τίρυνθ' εἰς
ἱερὴν* διαβάς πόρον Ὠκεανοῖο/ Ὅρθον τε κτείνας καὶ βουκόλον Εὐρυτίωνα/ σταθμῷ ἐν
ἡρόεντι πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο*.

(270) A su vez Ceto tuvo con Forcis a las Grayas de bellas mejillas,/ canosas desde su
nacimiento; las llaman viejas los dioses/ inmortales y los hombres que pululan por la
tierra./ También a Penfredo de bello pelo, a Enío de peplo azafrañado/ y a las Gorgonas
que viven al otro lado del ilustre Océano,/ (275) en el confín del mundo hacia la noche,
donde las Hespérides de aguda voz:/ Esteno, Euríale y la Medusa desventurada;/ ésta era

¹⁹⁷ O texto grego baseia-se nesta edição.

mortal y las otras inmortales y exentas de vejez/ las dos. Con ella sola se acostó el de Azulada Cabellera¹⁹⁸ en un suave prado, entre primaverales flores./

(280) Y cuando Perseo le cercenó la cabeza, de dentro/ brotó el enorme Crisaor y el caballo Pégaso./ A éste le venía el nombre de que nació junto a los manantiales del Océano¹⁹⁹, /y a aquél porque tenía en sus manos una espada de oro²⁰⁰./ Pégaso, levantando el vuelo y abandonando la tierra madre de rebaños,/ **(285)** marchó a la mansión de los inmortales y allí habita/ llevando el trueno y el rayo al prudente Zeus./

Crisaor engendró al tricéfalo Gerión/ unido con Calírroe hija del ilustre Océano;/ a éste lo mató el fornido Heracles/ **(290)** por sus bueyes de marcha basculante en Eritea rodeada de corrientes./ Fue aquel día en que arrastró los bueyes de ancha frente hasta la sagrada/ Tirinto, atravesando la corriente del Océano [después de matar a Orto y al boyero Euritión/ en su sombrío establo, al otro lado del ilustre Océano]²⁰¹.

(Trad. A. Pérez Jiménez e A. Martínez Díaz, 2006)

Glossário: ιερός; Ωκεανός;

Teogonia, 492 - 501

καρπαλίμως δ' ἄρ' ἔπειτα μένος καὶ φαίδιμα γυῖα/ ἤϋξετο τοῖο ἄνακτος· ἐπιπλομένων δ' ἐνιαυτῶν/ Γαίης ἐννεσίησι πολυφραδέεσσι δολωθεῖς/ **(495)** ὃν γόνον ἅψ' ἀνέηκε μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης/ νικηθεὶς τέχνησι βίηφί τε παιδὸς ἐοῖο./ πρῶτον δ' ἐξέμεσεν λίθον, ὃν πύματον κατέπινεν· τὸν μὲν Ζεὺς στήριξε κατὰ χθονὸς εὐρυοδείης/ Πυθοῖ ἐν ἡγαθέῃ γυάλοις ὑπο Παρνησοῖο **(500)** σῆμ' ἔμεν ἐξοπίσω, θαῦμα θνητοῖσι βροτοῖσιν./ λῦσε δὲ πατροκασιγνήτους ὀλοῶν ὑπὸ δεσμῶν

¹⁹⁸ I.e., Possídon.

¹⁹⁹ A. Ballabriga (1986, p. 49 - 50) assinala que há aqui uma relação entre o lugar de nascimento deste cavalo junto a uma nascente (Ωκεανοῦ περὶ πηγᾶς) e o de Gérion (Ταρτηρσοῦ ποταμοῦ παρὰ πηγᾶς).

²⁰⁰ Crisaor é, de facto, um nome composto (chrysós + áor), como apontam os tradutores desta passagem (n. 16 *ad loc.*).

²⁰¹ Segundo Ju. B. Tsirkin (1997, p. 281), Hesíodo "pudo haber recibido noticias procedentes de los eubeos sobre la isla y sobre los confines occidentales de la ecúmene", citando S. Moscati.

Rápidamente crecieron luego el vigor y los hermosos miembros del soberano. Y al cabo de un año echó fuera de nuevo su prole el poderoso Cronos de mente retorcida, engañado por las hábiles indicaciones de Gea [vencido por la habilidad y fuerza de su hijo]. Primero vomitó la piedra [λίθον], última cosa que se tragó; y Zeus la clavó sobre la anchurosa tierra, en la sacratísima Pito, en los valles del pie del Parnaso, monumento para la posteridad, maravilla para los hombres mortales.

Teogonia, 507 - 516

κούρην δ' Ἰαπετὸς καλλίσφυρον Ὠκεανίνην*/ ἡγάγετο Κλυμένην καὶ ὁμὸν λέχος
εἰσανέβαινε./ ἥ δέ οἱ Ἄτλαντα κρατερόφρονα γείνατο παῖδα/ τίκτε δ' ὑπερκύδαντα
Μενοίτιον ἠδὲ Προμηθέα/ ποικίλον αἰολόμητιν, ἀμαρτίνοόν τ' Ἐπιμηθέα/ ὃς κακὸν ἐξ
ἀρχῆς γένετ' ἀνδράσιν ἀλφειστῆσιν/ πρῶτος γάρ ῥα Διὸς πλαστὴν ὑπέδεκτο γυναιῖκα/
παρθένον. ὕβριστὴν δὲ Μενοίτιον εὐρύοπα Ζεὺς/ εἰς Ἑρεβος* κατέπεμψε βαλὼν
ψολόεντι κεραυνῷ/ εἵνεκ' ἀτασθαλίας τε καὶ ἡνορέης ὑπερόπλου.

Jápeto se llevó a la joven Clímene, Oceánide de bellos tobillos y subió a su mismo lecho. Ésta le dio un hijo, el intrépido Atlas, y parió al muy ilustre Menetio, al mañoso y astuto Prometeo y al torpe Epimeteo, que fue desde un principio siempre ruina para los hombres que se alimentan de pan. Pues él por primera vez aceptó una joven modelada por Zeus.

Al violento Menetio, Zeus de ampla mirada le hundió en el Érebo, alcanzándole con el ardiente rayo, por su insolencia y desmedida audacia.

(Trad. A. Pérez Jiménez e A. Martínez Díaz, 2006)

Glossário: Ἑρεβος; Ἰαπετὸς; Ὠκεανίνη

Homero

Introdução

"[...] Preliterate peoples have highly developed powers of memory, and hand down their transmission by the use of the rhyme or other formulae for linking the material together."

J. Vansina (2006, p. 4)

"Who was Homer, if there was a Homer? When and where did he live? Did one poet produce both epics, or was there a different poet for each? Or was there in each case a succession of poets, or a syndicate of poets and redactors?"

M. West (2011b, p. 383)

Quando pronunciamos o nome "Homero", surge um assinalável conjunto de problemas que foram (e ainda são) colocados à *Ilíada* e à *Odisseia*, dois poemas que retratam, respectivamente, a Guerra de Tróia e o regresso de um dos heróis - Odisseu - a Ítaca. Para além destes poemas, outros foram atribuídos ao mesmo autor em vários testemunhos da Literatura Clássica, nomeadamente os chamados *Hinos Homéricos*. Mas, obviamente, a nossa atenção recai sobre os dois textos assinalados.

Nas introduções a Heródoto e a Estrabão, assinalou-se que os Poemas Homéricos (adiante, PH) exerceram, implícita ou explicitamente, uma influência extraordinária no pensamento destes autores, e a lista pode ser aumentada. No caso de Heródoto, para além dos vestígios de "pensamento homérico" na sua obra, a *oralidade* é um dos temas que importa destacar, na medida em que sustentou boa parte da interpretação apresentada noutra ocasião (Albuquerque, 2010), sobre as referências herodotianas a Tartessos, com claro destaque para Hdt. I, 163*.

O desenvolvimento dos trabalhos para esta investigação obriga a integrar nesta breve introdução alguns novos elementos, com o propósito de questionar a utilidade dos PH no estudo das antigas sociedades da Península Ibérica ou, se preferirmos, na análise

das representações dos confins ocidentais do mundo habitado em geral, e de Tartessos em particular²⁰².

Os temas de debate podem ser sintetizados deste modo:

1. A transmissão oral dos poemas
2. A autoria dos poemas: um autor? Vários autores?
3. A transmissão dos textos em versões escritas
4. A cronologia (da Guerra de Tróia, do autor e, conseqüentemente, dos poemas)
5. Aspectos da análise interna dos poemas: contradições, acrescentos

No que diz respeito à transmissão oral, os trabalhos de Milmann Parry nos anos 20 do século passado representaram uma "terceira via" de análise, denominada "Oral Poetry" num contexto em que se debatiam (como veremos mais adiante) ideias em torno da autoria, individual ou colectiva, dos poemas. Na opinião de Parry, a resposta estaria numa tradição antiga que constituiria um património comum de técnicas de composição, partilhada pelos poetas gregos, que foram transmitidas oralmente (Foley, 1997, p. 146 - 147)²⁰³. Estas propostas partiram do princípio de que a composição destes poemas é alheia à própria escrita; consideram também que "the poems more or less compose themselves in the singers' mouth" (West, 2011a, p. 4). De acordo com C. Sourvinou - Inwood (1995, p. 12), esta oralidade faz com que o mundo descrito pelos poemas não tenha "a correlative in a real historical society but is a conflated picture made up of elements from many societies, each time inevitably perceived, handled, and made sense of, through the perceptual filters of each generation of poets".

O tema tornou-se imprescindível em qualquer trabalho que se debruçasse, superficialmente ou em profundidade, sobre os PH (entre outros, Wender, 1978, p. 5ss;

²⁰² No trabalho citado (Albuquerque, 2010), procurei estabelecer pontos de comparação entre os textos de Hesíodo, Homero e Heródoto com o objectivo de analisar as referências a Tartessos numa perspectiva literária, i.e., como ecos da construção de tradições oralmente transmitidas que respeitam as sequências típicas de um relato. No contexto agora apresentado, discutem-se outros temas relacionados, por exemplo, com supostas referências à Península Ibérica nos Poemas Homéricos, e o modo como estas são utilizadas, i.e., como reflexo de um conhecimento antigo destas paragens, um pouco à semelhança dos textos de Estrabão, acima referidos.

²⁰³ A profusão de referências aos trabalhos de M. Parry, assinalados neste capítulo, dispensou a sua leitura. Ou seja, o que é aqui exposto não resulta de consulta directa, optando-se por assinalar opiniões em contra e a favor do seu pensamento. Os trabalhos de John Miles Foley (1997 e outros, citados por Albert Lord, 1986) são, neste sentido, fundamentais para complementar a bibliografia aqui exposta, uma vez que estudou em profundidade as contribuições de Parry. Numa publicação póstuma, Adam Parry (1971) apresentou uma compilação de artigos publicados e inéditos do seu pai, para a qual remeto um conhecimento directo das opiniões deste autor (um resumo em West, 2011a, pp. 3-5).

Heubeck, 1991, p. 8ss.; Nagy, 1996, p. 13 - 27; Foley, 1997; Turner, 1997; Frade, 2005, p. 78 - 79; West, 1988; 2011a., p. 3ss.; 2011b, p. 384ss.) e é uma questão que ainda não foi resolvida, apesar de todas as propostas que reforçam esta argumentação.

A análise da poesia oral conduziu M. Parry a debruçar-se sobre as *fórmulas* dos poemas (cf. Hainsworth, 1968; West, 1988; Sifakis, 1997; Russo, 1997), i.e., frases que, enquadradas no sistema métrico, são repetidas ao longo da recitação (cf. *supra*, "Heródoto") e que facilitam a sua memorização/ reprodução. Conduziu-o também ao desenvolvimento de trabalhos de campo com o seu discípulo A.B. Lord e com um compositor/ cantor de poesia, N. Vujnović, destinados a elaborar um levantamento exaustivo de poesia épica eslava, com o intuito de estabelecer comparações e reforçar, confirmar ou desmentir as suas propostas. Parry faleceu muito jovem (aos 32 anos, em 1935), mas este curto percurso foi suficiente para fazer dele o fundador da análise das tradições orais, que se estendeu a outras partes do mundo (por exemplo, Vansina, 2006) e que foi continuado por A.B. Lord (Foley, 1997, p. 149 ss.; cf. West, 1988). Porém, estes estudos só foram valorizados a partir dos anos 50 (West, 2011b, p. 386).

Lembrando a afirmação de J. Vansina (2006, p. 4), exposta no início deste capítulo, as sociedades sem escrita desenvolvem mecanismos de preservação da sua memória colectiva (cf. *supra*, Heródoto) que não passam, necessariamente, pelo texto escrito. Este, aliás, preserva uma fase da transmissão de um relato, mas não impede, como veremos num excerto de Pausânias (VII, 26.13), comentado mais adiante, que o "texto" continue a circular por via oral, e que, inclusive, seja questionado. Neste sentido, Gregory Nagy apresenta um exemplo interessante, relativo à fixação por escrito das genealogias dos Tiv, na Nigéria, por parte dos administradores britânicos (Goody e Watt, *apud* Nagy, 1996, p. 15):

"Early British administrators among the Tiv of Nigeria were aware of the great importance attached to these genealogies, which were continually discussed in court cases where the rights and duties of one man towards another were in dispute. Consequently, they took the trouble to write down the long lists of names and preserve them for posterity, so that future administrators might refer to them in giving judgement. Forty years later, when the Bohannans carried out anthropological field work in the area, their successors were still using the same genealogies. However, these written pedigrees now gave rise to many disagreements; the Tiv maintained that they were incorrect, while the officials regarded them as statements of fact, as records of what had actually happened, and could not agree that the unlettered indigenes could be better informed about the past than their own literate predecessors. What neither party realized was that in any society of this kind changes take

place which require a constant readjustment in the genealogies if they are to continue to carry out their function as mnemonics of social relationships."

Uma tradição, para G. Nagy (1996, p. 16), está sujeita a várias transformações consoante o contexto em que é lembrada (Cf. Bennet, 1997, p. 513; Frade, 2005, p. 75). O documento escrito, neste caso concreto, não parece ter mais valor que a memória, oralmente transmitida e em permanente reelaboração, daqueles que se identificavam com estas genealogias. Este apontamento é um desafio às perspectivas polarizantes que distinguem o testemunho oral do testemunho escrito e impõe uma reflexão sobre o valor que conferimos a uma tradição oralmente transmitida e registada num texto.

É por este motivo que, segundo J. Foley, "it seems wise to discard absolute categories of oral versus written to conceive of the *Iliad* and *Odyssey* as *oral-derived traditional texts*" (1997, p. 163). Na proposta de Nagy, surge o conceito de *oral traditional poetry* (1996, p. 14)²⁰⁴. Ambos procuraram estabelecer um equilíbrio no contexto da rigidez na separação entre dois tipos de documento e permitem uma aproximação mais rigorosa a períodos em que o testemunho oral aparenta ter o mesmo grau de autoridade que um documento escrito. No entanto, Foley apresenta uma interrogação que faz todo o sentido: "if there is an ancient Greek oral tradition in the background of the *Iliad* and *Odyssey*, what difference does it make to our understanding of the poems?" (1997, p. 165).

A diferença pode não residir na possibilidade de interpretação dos poemas, mas abre caminho para olhar de outro modo para relatos que são transmitidos, por exemplo, por Heródoto. Na composição da sua obra, este autor recorre a documentos escritos e a informações orais sem estabelecer, pelo menos aparentemente, uma hierarquia de valores entre ambos (cf. *supra*, "Heródoto"). Isto significa que o texto pode ser uma tradição oral "fossilizada". No caso dos PH, a questão é, não obstante, mais complexa, como veremos de seguida.

Há pouco referia-se que Parry representava uma "terceira via" de análise. As duas anteriores incidem sobre a segunda questão: a autoria dos PH. Esta discussão pode ser vista na perspectiva da polarização de posições entre *Analysts* e *Unitarians*, para utilizar dois conceitos da investigação anglo-saxónica. Por outras palavras, entre aqueles que defendiam que os PH eram obra de vários autores, e aqueles que defendiam que se trata

²⁰⁴ Cf., igualmente, as críticas de Mark W. Edwards (1997) a este respeito.

de um só autor. Veremos que esta questão tem implicações no debate sobre a cronologia, tanto do autor como dos próprios poemas.

O tema da autoria é debatido desde a Antiguidade. Heródoto, em várias ocasiões, cita Homero como um único autor (II, 23; 53; 116 - 117; IV, 29), chegando mesmo a citar passagens da *Ilíada* e da *Odisseia* (*supra*, "Heródoto"). Do mesmo modo, Xenófanés, no séc. VI a.C., transmite também a ideia de que Homero era um poeta real (Lourenço, 2006, p. 37). Um escólio a Píndaro, comentado mais adiante, refere a existência de um grupo de poetas (os "Homéridas"). Muito mais tarde, no séc. II d.C., Pausânias transmite a memória dos habitantes de Donussa (Δονοῦσσα), na Acaia (VII, 26.13). Segundo estes informadores, o topónimo Gonoessa (Γονόεσσαν) referido no *Catálogo* das Naus substituiu Δονοῦσσα.

Segundo o testemunho de Pausânias (VII, 26.13), Pisístrato foi responsável pela compilação dos PH, que eram lembrados pela tradição em vários lugares:

"They go on to say that when Peisistratus collected the poems of Homer, which were scattered and handed down by tradition, some in one place and some in another, then either he or one of his colleagues perverted the name through ignorance."²⁰⁵

Nas palavras de J.K. Anderson, "his Donussant informants may have shared his historiographical outlook, and found in the Catalogue of Ships the best opportunity to immortalize an otherwise forgotten corner of an obscure district" (1998, p. 181). Esta memória partilhada, para além de ser um testemunho interessante do modo como a tradição oral se mantém ao mesmo tempo que o documento escrito (baseando-se, provavelmente, neste), assinala o nome de Pisístrato como responsável pela compilação de poemas dispersos atribuídos a Homero e não pela redacção de obras como conjuntos individualizados. O nome de Pisístrato surge, noutro texto, associado aos PH num diálogo atribuído a Platão, mas com autoria e cronologia muito duvidosas (*Hiparco*, 228b, *apud* Lourenço, 2006, p. 38). Aí afirma-se que

"Pisistratus's son Hipparchus, of Philaidae, who was the eldest and wisest of Pisistratus's sons, and who, among the many goodly proofs of wisdom that he showed, first brought the

²⁰⁵ Trad. Jones, 1958. Πεισίστρατον δέ, ἥνικα ἔπη τὰ Ὅμηρου διεσπασμένα τε καὶ <ἄλλα> ἀλλαχοῦ μνημονεύμενα ἤθροϊζε, τότε αὐτὸν Πεισίστρατον ἢ τῶν τινα ἐταίρων μεταποιῆσαι τὸ ὄνομα ὑπὸ ἀγνοίας (edição de M.^a H. da Rocha Pereira, 1990). Esta investigadora (1998, p. 493) traduziu uma parte deste excerto (cf. Albuquerque, 2010, pp. 34-35 e 125).

Em meados do séc. XIX, Lachmann seguiu, em boa medida, o pensamento exposto por Pausânias para afirmar que a *Ilíada*, mais do que um "unified work of art" (Turner, 1997, p. 132), como defendia Wolf (cf. *infra*), era uma *compilação* de vários poemas dispersos (para as propostas deste autor, cf. *ibid.*, p. 131ss.).

poems of Homer into this country of ours, and compelled the rhapsodes at the Panathenaea to recite them in relay, one man following on another, as they still do now "²⁰⁶.

A questão da autoria e da composição dos poemas atraíu, a partir do séc. XVIII, a atenção de intelectuais como R. Bentley, Vico ou Rousseau²⁰⁷, mas o primeiro estudo sistemático sobre a "Questão Homérica" surge, somente, em 1795, com a publicação de *Prolegomena ad Homerum*²⁰⁸, de F. A. Wolf. Esta obra marca a consolidação da Filologia como disciplina autónoma (Turner, 1997, p. 124 - 125), representando o pensamento positivista romântico (*ibid.*, p. 128 - 129; Bernal, 1993, p. 264). A questão da autoria dos testemunhos veterotestamentários, referida anteriormente nos respectivos capítulos introdutórios, foi em boa medida a base para as interrogações colocadas por Wolf aos PH (*ibid.*, p. 142; cf. *supra*)²⁰⁹. Na sua opinião, a *Ilíada* e a *Odisseia* não podiam ter sido obra de um mesmo autor analfabeto, propondo assim que foram "creados por numerosos poetas populares" e que foram, definitivamente, escritos na Atenas do séc. VI a.C. (Bernal, 1993, p. 265; cf. Turner, 1997, pp. 127-130). Isto impossibilitaria, na sua óptica, reconstituir com fidelidade o que fazia parte dos poemas originais e, por conseguinte, as alterações posteriores (*ibid.*, p. 126).

Um pouco mais tarde, já na década de 30 do séc. XIX, G.W. Nitzsch apresenta uma nova perspectiva, valorizando a individualidade do poeta. Segundo este investigador, Homero, um poeta claramente posterior aos acontecimentos que pretendia narrar, foi o responsável pela compilação de informações e, através destas e da sua imaginação, compôs a *Ilíada* e a *Odisseia*. Esta proposta, complementada pelos trabalhos de G. Hermann no mesmo período, constituiu, em termos gerais, a base de argumentação dos *Unitarians* (*ibid.*, p. 133 - 134; cf. Bernal, 1993, p. 265 e n. 3; West, 2011a, pp. 6 - 7 e 10-11).

O nome do poeta pode lançar alguns dados sobre este debate. Nas palavras de M.L. West, " *Όμηρος* is not a regular Greek name, and hard to account for as such. No other person so named is known from before Hellenistic times" (West, 1999, p. 366).

²⁰⁶ Trad. Lamb, 1964. Πεισιστράτου δὲ υἱὲ τοῦ ἐκ Φιλαϊδῶν, Ἰπάρχω, ὃς τῶν Πεισιστράτου παίδων ἦν πρεσβύτατος καὶ σοφώτατος, ὃς ἄλλα τε πολλὰ καὶ καλὰ ἔργα σοφίας ἀπεδείξατο, καὶ τὰ Ὀμήρου ἔπη πρῶτος ἐκόμισεν εἰς τὴν γῆν ταυτηνί, καὶ ἠνάγκασε τοὺς ῥαψωδοὺς Παναθηναίοις ἐξ ὑπολήψεως ἐφεξῆς αὐτὰ διέναι, ὥσπερ νῦν ἔτι οἶδε ποιοῦσιν.

²⁰⁷ Veja-se, para este último, a edição de *Essai sur l'origine des langues*, de J.-J. Rousseau, no capítulo intitulado "S'il est probable qu'Homère ait su écrire" (Starobinski, 1990, pp. 81-82). Veja-se, igualmente, Bernal, 1993, p. 199ss.

²⁰⁸ O texto pode ser consultado em:

<http://reader.digitale-sammlungen.de/resolve/display/bsb10912217.html> [em linha] (cons. 26/10/2012)

²⁰⁹ No contexto da Filologia alemã do séc. XIX, as críticas a Homero e à Bíblia alimentam-se reciprocamente, como demonstrou F. Turner (1997, pp. 142-144).

Quer isto dizer que, no séc. VI a.C., "Ὅμηρος é um nome (sem valor antroponímico) que significa "o cantor harmonioso" (Lourenço, 2006, p. 34), e que começou a ser utilizado como nome próprio a partir do séc. III a.C. (*ibid.*, 1999, p. 366, com a enumeração das ocasiões em que surge o nome "Ὅμηρος).

É neste contexto que se integra o grupo dos "filhos" ou "descendentes do cantor harmonioso" ou, como se designavam, Homéridas²¹⁰. Segundo um escólio a Píndaro (*FGrHist* 568 f 5, *apud* West, 1999, p. 368; Lourenço, 2006, pp. 38-39), um desses Homéridas, Cineto, foi o primeiro a recitar os PH em Siracusa, na 69ª Olimpíada (504-501 a.C.), ou seja, depois da fixação por escrito no tempo de Pisístrato e Hiparco.

Os Homéridas foram referidos pela primeira vez por Píndaro (*N.* II, 1 - 2) no séc. VI a.C., que os apresenta como "aedos de versos cosidos" (ῥαπτῶν ἐπέων ἀοιδοί)²¹¹, segundo West (1999, p. 367; Lourenço, 2006, p. 34). Estes rapsodos surgem, pelo menos aparentemente, nos finais do séc. VI, mantendo a sua actividade durante o séc. V a.C., com a recitação dos poemas atribuídos a Homero e com a construção da imagem deste antepassado (cf. West, 1999, p. 372ss.). Segundo estas informações, Homero foi um poeta nascido em Quíos (tal como Cineto), auto-representado no cego Demócodo da *Odisseia* (Lourenço, 2006, p. 34 e 38ss.). Na leitura de West, Homero é uma personalidade fictícia, comparando-o com Pitágoras. Este, na corte de Polícrates de Samos, compôs poemas com o nome de Orfeu (cf. West, 1999, pp. 372-373).

Mais recentemente, baseando-se neste artigo de M.L. West, F. Lourenço defendeu que *Ilíada* e *Odisseia* são obras anónimas²¹². Esta opinião é defendida a partir de exemplos que demonstram a atribuição de obras a autores que nunca as escreveram. "[...] Como é sabido, a Literatura é avessa a textos a anónimos" (2006, p. 36), e isso justificaria, por exemplo, a atribuição de vários hinos a Homero bem como de outras epopeias (*Cípricos*, *Margites* e *Tebaida*). "Aliás, é esta mesma *Tebaida* (e não a *Ilíada* ou a *Odisseia*) o primeiro texto a ser referido como de Homero, segundo o testemunho de um poeta elegíaco do séc. VII a.C. chamado Calino" (*ibid.*, p. 37). Esta informação foi transmitida por Pausânias (IX, 9.5, *apud* Lourenço, 2006, p. 37, n. 8). A atribuição

²¹⁰ -idas é, por norma, um acrescento que, na língua Grega, assinala uma relação de filiação. Muito mais tarde, no século XVI, André de Resende criou um neologismo, *Lusíadas*, que significa, precisamente, "filhos de Luso" (cf. Albuquerque, 2008, com bibliografia sobre este tema e West, 1999, p. 373). Remeto para o artigo citado de M. West, bem como para Lourenço (2006) um maior detalhe sobre esta questão.

²¹¹ Segundo West (1999, p. 367), é uma paráfrase de *rapsôidoi* (ῥαψωῖδοι).

²¹² Deve assinalar-se que este trabalho parte de uma discussão sobre a autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*, em que se considera que o poeta da primeira não pode ser autor da segunda, ou vice-versa. A este respeito, cf. West, 2011a, p. 6 - 8. Segundo este autor, os poetas do séc. VII a.C. não se viam a si próprios como *autores*, mas sim como "performers and embellishers of inherited material" (*ibid.*, p. 8; 1999, p. 365).

de um dos poemas a Homero deriva da iniciativa de Hiparco no sentido de garantir a recitação regular nas Panateneias (West, 2011a, p. 7), embora também se considere que um poeta compôs, durante vários anos e por escrito, a *Ilíada* (*ibid.*, pp. 10-11)²¹³.

De um modo resumido, é possível afirmar que as versões que conhecemos dos PH foram redigidas na época de Pisístrato, estabelecidas com Hiparco (Pl., *Hiparco*, 228b; Paus. VII, 26.13) e reproduzidas pelos Homéridas, que se encarregaram de difundir os textos, acrescentando ou reformulando algumas partes. O debate sobre a autoria é, portanto, uma questão que ainda não foi resolvida, dependendo sobretudo das perspectivas que a investigação decide seguir, cada qual com os seus problemas. Consequentemente, a *transmissão dos documentos escritos* é um tema de análise fundamental para ponderar a questão da autoria, por um lado, e da manipulação dos textos originais, por outro (cf., Frade, 2005; West, 2011a, etc.).

A quarta questão colocada neste capítulo, a *cronologia*, afigura-se como um debate necessário para enquadrar as informações dos PH no quadro das interrogações colocadas no presente trabalho, ou, melhor dito, na relação que estes poemas podem manter com as representações de Tartessos entre os sécs. VII e V a.C., por um lado, e com a interpretação do registo arqueológico, por outro.

Neste debate, surgem três âmbitos que devem ser definidos: (1) a cronologia da Guerra de Tróia, supostamente retratada na *Ilíada*; (2) do período de formação e consolidação dos poemas ou da tradição oral e, finalmente, (3) da transmissão por escrito. Acrescentar-se-ia um quarto ponto, relativo à cronologia da introdução do alfabeto, que fez com que fosse possível escrever os poemas, mas este assunto não será aqui tratado. De acordo com o que foi exposto até este momento, estas três vertentes de análise podem chegar a confundir-se, uma vez que os poemas transmitiram estes acontecimentos numa época posterior (Bennet, 1997, pp. 513-514), muito provavelmente com adaptações destinadas à compreensão de uma mensagem no contexto social e cultural da audiência. Ou seja, a fixação dos poemas por escrito pode ter "fossilizado" uma das fases de transmissão de conhecimentos, o que não significa o abandono da transmissão oral (cf. *supra*, Paus. VII, 26.13).

²¹³ No trabalho que publiquei em 2010, este dado foi de extrema importância para defender que os PH não seriam únicos no contexto destes festivais de poesia, o que abriria caminho para poemas que, muito provavelmente, entraram no património comum de outras comunidades. Teria sido um poema similar a *Odisseia* que esteve na base da informação que Heródoto recolheu sobre a viagem dos Focenses a Tartessos. Veja-se, neste sentido, o capítulo 4.

Quantos anos separam o acontecimento da construção dos poemas? Ou da sua fixação por escrito no último quartel do séc. VI a.C.? Ao questionar esta cronologia, e face ao que foi exposto, a resposta a estas questões afigura-se muito complexa, dependendo da interpretação que seja seguida²¹⁴. Em todo o caso, a "Arqueologia homérica" foi decisiva para as primeiras aproximações à historicidade da Guerra de Tróia e, em parte, à cronologia a que os PH se referem (cf. Kurt & Boardman, 1971).

Foi H. Schliemann que inaugurou, definitivamente, esta via nas últimas décadas do séc. XIX (Schliemann, 1875; Blegen, 1970; Bennet, 1997, p. 511; Morris, 1997, p. 536; Frade, 2005, pp. 74-75), depois de algumas visitas nos inícios desse século (Blegen, 1970)²¹⁵. A obtenção de uma sequência estratigráfica neste sítio foi, imediatamente, comparada com a análise textual, contribuindo para um interessante debate sobre a definição da cronologia da contenda cantada na *Ilíada*. As escavações de Schliemann a partir de 1870 (Schliemann, 1875; Blegen, 1970, p. 364ss.) definiram uma sequência interessante de uma cidadela que intercalou ocupação e destruição durante uma diacronia bastante prolongada. Estes estudos foram, no entanto, questionados em trabalhos marcados pelo cepticismo de investigadores como M.I. Finley devido aos problemas que a própria sequência colocava (cf. Bernal, 2002, p. 514, com bibliografia). Nesta sequência, baseada também na comparação com as várias propostas de cronologia nas fontes escritas, assiste-se a um aparente *vacuum* de poder deixado pelos Hititas e aproveitado pelos Aqueus por volta de 1200 a.C. (*ibid.*, pp. 513-517).

A cronologia deste acontecimento encontra eco noutros autores da Antiguidade, embora sem grande consenso. Lembremos, por exemplo, que Veleio Patérculo (I, 1.2*) afirmou que Gadir foi fundada oitenta anos depois da Guerra de Tróia, justificando assim a necessidade deste debate²¹⁶. Este dado, como se pode ver no capítulo introdutório de Veleio Patérculo, reflecte a importância que Tróia teve na História de Roma, sobretudo em autores como Virgílio e Tito Lívio. De qualquer modo, apresentam-se aqui as várias propostas, sem tomar qualquer tipo de posição a este

²¹⁴ Esta separação é também geográfica (cf. Bennet, 1997, p. 523ss.).

²¹⁵ Carl W. Blegen aponta o nome de Maclaren como o primeiro "explorador" que identificou a referida colina com a Tróia homérica. "For most of the distinguished classical scholars of the day accepted as established the view that Troy had stood on Balli Dag, a lofty hill rising above the Scamander some six miles farther to the south near the village of Bunarbashi" (Blegen, 1970, p. 362). Pouco tempo depois, Frank Calvert, convencido pelas propostas de Maclaren, realiza uma pequena e inconclusiva escavação no local. Foi Calvert quem mostrou o sítio a Schliemann.

²¹⁶ Mais adiante, no capítulo introdutório de "Veleio Patérculo", apresentam-se algumas discussões, mantidas na Antiguidade, sobre a cronologia deste episódio fundamental nas referências à cronologia da fundação de Gadir.

respeito. De assinalar apenas que estamos perante um acontecimento e dois poemas sem cronologia definida, o que impede de verificar se as tradições orais se mantêm durante cerca de dois séculos, como afirmam Vansina (2006), Burkert (1998) e Murray (2007), ou se se mantêm durante mais tempo. Ou, em última análise, se os PH são uma recriação muito posterior de um acontecimento que faz parte da memória colectiva.

Apesar de se registarem elementos nos poemas, sobretudo na *Ilíada*, que podem remontar à Idade do Bronze (cf. Bennet, 1997), surgem também informações que podem ser relacionáveis com a Idade do Ferro (Morris, 1997), revelando alguma falta de unidade a este respeito. No entanto, a preservação dos elementos mais antigos parece autorizar a leitura destes textos com base no reconhecimento de uma heterogeneidade de informações e, consequentemente, de acrescentos ao longo de todo o percurso de transmissão (cf., a este respeito, a proposta de M.L. West, 1988)²¹⁷. Esta consideração baseia-se, sobretudo, na análise do dialecto iónico transmitido nos poemas, em comparação, por exemplo, com os textos de Linear B, datados entre c. 1400 e c. 1200 a.C. (West, 1988; Janko, *apud* Bennet, 1997, pp. 523-524; Frade, 2005, pp. 78-80).

A elaboração destes poemas foi relacionada por West (1988, p. 151; 2011a, p. 16) com o culto aos heróis e com uma nova consciência de Passado que pode ser tardia em relação aos acontecimentos narrados²¹⁸. Em termos cronológicos, admite-se que Homero, para os *Unitarians*, terá vivido no séc. VIII a.C. ou mesmo antes, entre os séculos XI e IX a.C. (Bernal, 1993, p. 28; West, 2011a, p. 15ss.). Esta perspectiva não explica, porém, as contradições internas dos textos em análise, nomeadamente a utilidade da introdução da *Telemaquia* no contexto da *Odisseia*, ou mesmo as discrepâncias de informação relativamente à cor de cabelo de Odisseu (Frade, 2005, p. 77 e 84), para apontar alguns exemplos²¹⁹. Para além destes dados, há que apontar o reflexo destes relatos na representação gráfica, remontando a períodos não anteriores ao último quartel do séc. VII a.C. (West, 2011a, p. 16 - 17)

²¹⁷ Cf. *supra*, nota a Hdt. I, 142.1. O conflito entre Cários e Iónios dá-se, de acordo com as recentes escavações em Melia e no Monte Mícale, nos inícios do séc. VI a.C. No *Catálogo das Naus*, os Cários, liderados por Nastes (Νάστης) possuem Mícale, não se referindo qualquer estrutura destinada a Possídon Helicónio, cultuado neste lugar (Lohmann, 2012, pp. 32-33). Trata-se, portanto, de um dado anterior ao séc. VI a.C.

²¹⁸ Hesíodo integra, no "Mito das Idades", a Idade dos Heróis (*Op.* 156-173; cf. Pereira, 1998, p. 95).

²¹⁹ A cronologia de Homero não é um tema recente. Para Heródoto (II, 23), tanto Homero como Hesíodo são anteriores a si cerca de quinhentos anos. Mais tarde, Pausânias (IX, 30.3), assinalou que este tema é controverso (cf. Pereira, 1998, p. 493, ou Albuquerque, 2010, p. 125). Devemos também assinalar as várias reconstruções da biografia do autor (Pinheiro, 2005).

A responsabilidade destas transformações foi, em boa medida, atribuída à fixação por escrito destas obras, o que, naturalmente, compromete o resultado final que chega às mãos do leitor actual. As diferenças entre *Ilíada* e *Odisseia* não permitem a sua atribuição a um único autor, do mesmo modo que nem sempre é possível determinar com clareza quais as informações "originais" e quais os acrescentos que estes textos foram sofrendo ao longo do seu tortuoso percurso de transmissão (cf., entre outros, Haslam, 1997; Lourenço, 2006).

As versões escritas que conhecemos remontam, originalmente, a Hiparco que, a partir de 522 a.C., ordenou a redacção da *Ilíada* e da *Odisseia* para futuras recitações, como tivemos oportunidade de assinalar²²⁰. É provável que tenham sido introduzidos, neste contexto, o Canto X da *Ilíada*, algumas passagens do *Catálogo das naus*, a Telemaquia, o final do Canto XXIII e o XXIV da *Odisseia* (*ibid.*, p. 35). Estes elementos são suficientes para verificar que a "Questão Homérica" está muito longe de ser solucionada, ao mesmo tempo que coloca alguns obstáculos ao uso destes poemas para os propósitos deste trabalho.

Para concluir esta introdução, é necessário questionar a utilidade da poesia homérica para este trabalho. Estamos perante uma fonte cujos contornos são difíceis de definir, desde a cronologia da elaboração dos poemas, passando pela sua autoria e, finalmente, pelos acrescentos que os textos terão sofrido até à sua fixação por escrito. Consequentemente, a utilidade destes textos como fontes para a História Antiga da Península Ibérica é extremamente relativa, salvo se estas interpretações forem acompanhadas de um estudo rigoroso de cada uma das passagens em questão. Ou seja, é difícil defender que estes poemas, como conjunto, remontam ao séc. VIII a.C.

Vejamos um pequeno exemplo: ao analisar os topónimos em *-uba*, M. Torres (2002, pp. 324-325) reproduz uma proposta de F. Villar (2000) sobre a possível referência a um topónimo desta série na *Ilíada*, acrescentando outros exemplos retirados do contributo de E. Gangutia para os *Testimonia Hispaniae Antiquae*:

"[...] También Villar (2000: 122; 438-439) propone la posible pertenencia a esta série [-uba] del topónimo *Alybe*, que transcribe como *Aluba*, mencionado en la *Iliada* (II: 857) y la *Odissea* (XXIV: 304), y que Anacreonte [...] ²²¹ identifica tanto con una de las columnas de Hércules como una isla al pie de éstas [...]. De ser esto cierto, lo que aún no es seguro, se podría retrotraer la lengua con el formante en *-uba*, al menos hasta mediados del siglo VIII

²²⁰ Hiparco convidou também Anacreonte a estabelecer-se em Atenas (Lourenço, 2006, p. 35). Sobre as implicações deste dado, cf. *infra*, os comentários às referências homéricas a Ἀλύβης.

²²¹ *THA* IIA, 20.II (*apud* Torres Ortiz, 2002, p. 324).

A.C., fecha actualmente admitida para la codificación por escrito de la *Iliada*, si no ya a inicios del I milenio A.C."

O topónimo Ἀλύβη foi transcrito como *Álibe* (*Il. II*, 857/ *THA IIA* 1a; *THA IIA*, 20, II) por E. Crespo Güemes (2006) e por E. Gangutia (1998)²²². Esta autora, no comentário que apresenta sobre a passagem de *Il. II*, 857, refere a ausência de representações "coloniais" no poema e compara o texto com os "descubrimientos tardo-micénicos en el curso medio del Guadalquivir y de cerámica griega en Huelva" (Gangutia, 1998, p. 8, n. 5). Note-se que E. Gangutia defendeu uma cronologia alta para a poesia homérica, na linha de M. Bowra (1970), baseando-se também nos trabalhos de M.L. West (1988). Nesta leitura, integrou o topónimo Ἀλύβαντος, exposto em *Od. XXIV*, 304, assinalando a partícula -nt- que é reconhecida em vários topónimos (*ibid.*, p. 10; sobre a partícula, A. Tovar, *apud* Hubschmid, 1960, p. 451) e, inclusive, no nome de Argantónio²²³.

Enquanto que, no caso da *Iliada*, é possível remeter para uma possível realidade mais antiga que o séc. VI a.C., no caso da *Odisseia* a questão torna-se mais complexa. Há pouco assinalou-se que o Canto XXIV pode ser um trecho acrescentado ao poema no séc. VI a.C.; vimos também que *Il. II*, 573 foi objecto de debate na obra de Pausânias (VII, 27.13), na qual se responsabiliza Pisístrato pela alteração de algumas passagens da obra. Dito isto, podemos verificar até que ponto a leitura dos Poemas Homéricos pode ser extremamente problemática. Pelo que vemos nas supracitadas considerações, exclui-se, implicitamente, a discussão sobre a transmissão e as alterações que os textos podem ter sofrido ao longo dos tempos.

Este comentário estende-se, obviamente, às várias considerações tecidas sobre a terminologia apresentadas no Cap. 3, bem como sobre a representação da morte nos PH, analisada no Cap. 6. Ao longo da dissertação, as referências a estes textos são ponderadas de acordo com estas considerações. Tais limitações são fundamentais, por um lado, para compreender os problemas da documentação escrita e, por outro, a discussão sobre a importância da oralidade e das suas transformações na construção de

²²² Cf. St. Byz., s.v. Ἀλύβη e Ἀλύβας. Somente este último é atribuído a Homero; o autor localiza o topónimo em Itália. O primeiro é atribuído a Estrabão. Sobre as diversas interpretações do topónimo, cf. Gangutia, 1998, p. 11 e n. 10.

²²³ A autora propõe uma correcção do texto posterior de Apolodoro (II, 5.10) para justificar esta proposta. De acordo com o citado texto, Hércules "llega a Eritea y acampa ἐν Ἀ(λύ)βαντι *en el monte Abante*". Sobre a relação do nome próprio "Argantónio" com o Monte Argantónio na Bitúnia, cf. Rodríguez Adrados, 2000, p. 11 e Moret, 2006, p. 52).

um texto. Não se pondera, portanto, qualquer relação entre a Península Ibérica e estes poemas, sobretudo devido aos problemas da cronologia.

Edições consultadas: Murray, 1934 (*Iliada*); 1995² (*Odisseia*)²²⁴; Lourenço, 2005; Crespo Güemes, 2006 (*Iliada*); Pabón, 2006 (*Odisseia*).

Bibliografia²²⁵: Schliemann, 1875; Hainsworth, 1968; Bowra, 1970; Blegen, 1970; Parry, 1971; Wender, 1978; West, 1988; 1999; 2011a; b; Heubeck, 1991; Bernal, 1993; 2002; Sourvinou - Inwood, 1995; Nagy, 1996; Foley, 1997; Turner, 1997; Sifakis, 1997; Russo, 1997; Morris, 1997; Bennet, 1997; Anderson, 1998; Burkert, 1998; Pereira, 1998; Frade, 2005; Vansina, 2006; Lourenço, 2006; Murray, 2007; Crespo Güemes, 2006; Albuquerque, 2010;

Textos

Il. II, 360-366

ἀλλὰ ἄναξ αὐτός τ' εὖ μήδεο πείθεό τ' ἄλλω· οὐ τοι ἀπόβλητον ἔπος ἔσσεται ὅττι κεν
εἴπω· κρῖν' ἄνδρας κατὰ φύλα* κατὰ φρήτρας Ἀγάμεμνον,/ ὥς φρήτρη φρήτρηφιν
ἀρήγη, φύλα* δὲ φύλοις*./ εἰ δέ κεν ὥς ἔρξης καί τοι πείθωνται Ἀχαιοί,/ γνώσῃ ἔπειθ'
ὅς θ' ἡγεμόνων κακὸς ὅς τέ νυ λαῶν/ ἦδ' ὅς κ' ἐσθλὸς ἔησι· κατὰ σφέας γὰρ μαχέονται.

Traza, soberano, un buen plan y acata el consejo de otro²²⁶./ No va a ser desdeñable la advertencia que te voy a hacer:/ distribuye a los hombres por tribus y clanes, Agamenón,/ de modo que el clan defienda al clan, y la tribu a la tribu./ En el caso de que obres así y que te obedezcan los aqueos,/ pronto sabrás quién de los jefes o huestes es cobarde,/ y quien es valeroso, pues lucharán por grupos separados.

(Trad. E.C. Güemes, 2006)

²²⁴ O texto grego baseia-se nesta edição.

²²⁵ A bibliografia sobre Homero é inabarcável num texto com estes propósitos, apresentando-se títulos que podem ser úteis para outras pesquisas e que contêm bibliografias mais completas.

²²⁶ Este discurso é proferido por Nestor.

Glossário: φυλή

II. II, 840-841

Ἴππόθοος δ' ἄγε φύλα* Πελασγῶν ἐγγεσιμῶρων/ τῶν οἷ Λάρισαν ἐριβόλακα
ναιετάσκον·

Hipótoo guiaba las tribus de pelasgos, famosos por la pica,/ que habitaban Larisa, de
fértiles glebas.

(Trad. E.C. Güemes, 2006)

Glossário: φυλή

II. XVI, 663-675

οἱ δ' ἄρ' ἀπ' ὅμοιιν Σαρπηδόνοσ' ἔντε' ἔλοντο/ χάλκεα μαρμαίροντα, τὰ μὲν κοίλας ἐπὶ
νῆας/ δῶκε φέρειν ἐτάροισι Μενoitίου ἄλκιμος υἱός./ καὶ τότε Ἀπόλλωνα προσέφη
νεφεληγερέτα Ζεὺς·

‘εἰ δ' ἄγε νῦν φίλε Φοῖβε, κελαινεφὲς αἶμα κάθηρον/ ἐλθὼν ἐκ βελέων Σαρπηδόνα, καί
μιν ἔπειτα/ πολλὸν ἀπὸ πρὸ φέρων λοῦσον ποταμοῖο ῥοῇσι/ χρῖσόν τ' ἀμβροσίῃ, περὶ δ'
ἄμβροτα εἶματα ἔσسون·/ πέμπε δέ μιν πομποῖσιν ἅμα κραιπνοῖσι φέρεσθαι/ ὕπνω καὶ
θανάτῳ διδυμάοσιν, οἳ ῥά μιν ὄκα/ θήσουσ' ἐν Λυκίης εὐρείης πίονι δήμῳ,/ ἔνθά ἐ
ταρχύσουσι κασίγνητοί τε ἔται τε/ τύμβῳ* τε στήλῃ τε· τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ θανόντων.’

De los hombros de Sarpedón quitaron las armas/ bronceíneas, chispeantes, que el fornido
hijo de Menecio dio/ a sus compañeros para que las llevaran a las cóncavas naves./ Y
entonces dijo a Apolo Zeus, que las nubes acumula:

"Ve ahora, caro Febo, y limpia la sangre, oscura como nube,/ el cuerpo de Sarpedón.
Rescátalo fuera de los proyectiles/ y llévalo luego muy lejos y báñalo en las corrientes

del río./ Unge su cuerpo con ambrosía y vístelo con inmortales ropas/ y envíalo luego para que lo lleven ante los raudos escoltas,/ ante el Sueño y la Muerte, hermanos gemelos, quienes pronto/ lo depositarán en el pingüe pueblo de la vasta Licia,/ donde sus hermanos y parientes le harán solemnes exequias/ con una tumba y una estela: ¡ése es el privilegio de los que mueren".

Glossário: τύμβος

II. XXI, 184-189

‘κεῖσ’ οὕτως χαλεπόν τοι ἐρισθενέος Κρονίωνος/ παισὶν ἐριζέμεναι ποταμοῖο περ ἐκγεγαῶτι./ φῆσθα σὺ μὲν ποταμοῦ γένος* ἔμμεναι εὐρὺ ρέοντος,/ αὐτὰρ ἐγὼ γενεὴν* μεγάλου Διὸς εὖχομαι εἶναι./ τίκτέ μ’ ἀνὴρ πολλοῖσιν ἀνάσσων Μυρμιδόνεσσι/ Πηλεὺς Αἰακίδης· ὃ δ’ ἄρ’ Αἰακὸς ἐκ Διὸς ἦεν’.

Jaz aí assim. Difícil é pelejar contra os filhos do forte Crónida,/ mesmo para alguém cuja linhagem provém de um rio./ Declaraste que eras descendente de um rio de amplo caudal./ Mas eu afirmo ser da linhagem do grande Zeus./ O pai que me gerou é rei dos numerosos Mirmidões:/ Peleu, o Eácida. E Éaco foi gerado por Zeus.

Trad. Frederico Lourenço, 2005

Glossário: γένος

II. XXIII, 236 - 248

‘Ἀτρεΐδῃ τε καὶ ἄλλοι ἀριστῆες Παναχαιῶν,/ πρῶτον μὲν κατὰ πυρκαϊὴν σβέσας· αἴθοπι οἴνω/ πᾶσαν, ὅπόσσον ἐπέσχε πυρὸς μένος· αὐτὰρ ἔπειτα/ ὅστέα Πατρόκλοιο Μενoitιάδαο λέγωμεν/ εἴ διαγιγνώσκοντες· ἀριφραδέα δὲ τέτυκται/ ἐν μέσση γὰρ ἔκειτο πυρῇ, τοὶ δ’ ἄλλοι ἄνευθεν/ ἐσχατιῇ καίοντ’ ἐπιμῖξ ἵπποι τε καὶ ἄνδρες./ καὶ τὰ

μὲν ἐν χρυσῇ φιάλῃ καὶ δίπλακι δημῶ/ θείομεν, εἰς ὃ κεν αὐτὸς ἐγὼν Ἄϊδι κεύθωμαι./
τύμβον* δ' οὐ μάλα πολλὸν ἐγὼ πονέεσθαι ἄνωγα,/ ἀλλ' ἐπεικέα τοῖον· ἔπειτα δὲ καὶ
τὸν Ἀχαιοῖ/ εὐρύν θ' ὑψηλὸν τε τιθήμεναι, οἳ κεν ἐμεῖο/ δεῦτεροι ἐν νήεσσι πολυκλήϊσι
λίπησθε.‘

"¡Atrida y demás paladines del bando panaqueo!/ Apagad primero con rutilante vino la pira entera/ en el espacio que la furia de la llama ha alcanzado./ Después recojamos los huesos de Pátroclo meneciada,/ distinguiéndolos con cuidado: fáciles son de reconocer,/ pues su cuerpo yacía en medio de la pira y los demás aparte,/ en el borde, donde en confusión han ardido hombres y caballos./ En una áurea urna y con una doble capa de grasa los hemos de/ guardar hasta el día en que también yo me oculte en el Hades ./ Un túmulo no muy grande os mando que hagáis con vuestra labor,/ del tamaño que creáis conveniente. Más tarde lo debéis/ erigir ancho y elevado los aqueos que después de mí quedéis en las naves, de muchas filas de remeros".

(Trad. E.C. Güemes, 2006)

Glossário: τύμβος

Od. I, 180-181

Μέντης Ἀγχιάλοιο δαΐφρονος εὖχομαι εἶναι/ υἱός, ἀτὰρ Ταφίοισι φιληρέτμοισιν
ἀνάσσω.

Declaro que sou Mentis, filho do fogoso Anquíalo;/ Dos Táfiος que amam os seus remos sou eu o soberano.

(Trad. Frederico Lourenço, 2008)

Od. IV, 59-64

τὸ καὶ δεικνύμενος προσέφη ξανθὸς Μενέλαος·/

σίτου θ' ἄπτεσθον καὶ χαίρετον. αὐτὰρ ἔπειτα/ δείπνου πασσαμένῳ εἰρησόμεθ', οἳ τινὲς
ἔστον/ ἀνδρῶν· οὐ γὰρ σφῶν γε γένος* ἀπόλωλε τοκήων,/ ἀλλ' ἀνδρῶν γένος* ἔστ' ἐ
διοτρεφέων βασιλῆων/ σκηπτούχων, ἐπεὶ οὐ κε κακοὶ τοιούσδε τέκοιεν.

Ao cumprimentá-los²²⁷, assim lhes disse o loiro Menelau:

"Alegrai-vos com a comida! Depois de terdes partilhado/ do jantar, perguntar-vos-emos
quem sois dentre os homens./ Pois em vós não se perdeu a linhagem dos progenitores,/
mas sois da raça daqueles que são reis, detentores de ceptros./ Nenhum homem vil
poderia ter gerado filhos como vocês."

Glossário: γένος

Od. IV, 78-89

τέκνα φίλ', ἣ τοι Ζηνὶ βροτῶν οὐκ ἄν τις ἐρίζοι/ ἀθάνατοι γὰρ τοῦ γε δόμοι καὶ κτήματ'
ἔασιν/ ἀνδρῶν δ' ἣ κέν τις μοι ἐρίσσειται, ἥ ἐ καὶ οὐκί,/ κτήμασιν. ἣ γὰρ πολλὰ παθῶν
καὶ πόλλ' ἐπαληθεῖς/ ἠγαγόμην ἐν νηυσὶ καὶ ὀγδοάτῳ ἔτει ἦλθον,/ Κύπρον* Φοινίκην*
τε καὶ Αἰγυπτίους ἐπαληθεῖς,/ Αἰθιοπίας θ' ἰκόμην καὶ Σιδονίους* καὶ Ἑρεμβοὺς*/ καὶ
Λιβύην, ἵνα τ' ἄρνες ἄφαρ κεραοὶ τελέθουσι./ τρὶς γὰρ τίκτει μῆλα τελεσφόρον εἰς
ἐνιαυτόν./ ἔνθα μὲν οὔτε ἄναξ ἐπιδευῆς οὔτε τι ποιμὴν/ τυροῦ καὶ κρειῶν οὐδὲ
γλυκεροῖο γάλακτος,/ ἀλλ' αἰεὶ παρέχουσιν ἐπηετανὸν γάλα θῆσθαι.

Queridos filhos, com Zeus nenhum mortal pode competir./ Imortal é o seu palácio e
imortais são os seus haveres./ Mas dos homens, alguns rivalizaram comigo em riqueza;/
outros não. Pois é verdade que após sofrimentos e errâncias/ trouxe para casa as

²²⁷ O texto refere-se a Telémaco e Pisístrato.

riquezas nas naus, no oitavo ano./ Andei perdido por Chipre, pela Fenícia e pelo Egípto²²⁸;/ cheguei aos Etíopes, aos Erembos e aos Sidónios²²⁹;/ estive na Líbia, onde os cordeiros nascem já com chifres,/ pois lá as ovelhas dão à luz os cordeiros três vezes por ano./ Amo e pastor nunca têm falta de queijo, carne ou doce leite,/ porque os rebanhos dão leite para a ordenha durante todo o ano²³⁰.

(Trad. F. Lourenço, 2006)

Od. IV, 561-569

σοι δ' οὐ θέσφατόν ἐστι, διοτρεφὲς ὦ Μενέλαε,/ Ἄργει ἐν ἵπποβότῳ θανέειν καὶ πότμον ἐπισπεῖν,/ ἀλλὰ σ' ἐς Ἥλύσιον* πεδίον καὶ πείρατα γαίης/ ἀθάνατοι πέμψουσιν, ὅθι ξανθὸς Ῥαδάμανθους,/ τῇ περ ῥήιστη βιοτὴ πέλει ἀνθρώποισιν/ οὐ νιφετός, οὔτ' ἄρ χειμῶν πολὺς οὔτε ποτ' ὄμβρος,/ ἀλλ' αἰεὶ Ζεφύροιο λιγὸν πνεύοντος ἀήτας/ Ὠκεανὸς* ἀνίησιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους/ οὔνεκ' ἔχεις Ἑλένην καὶ σφιν γαμβρὸς Διὸς ἐσσι.

Mas para ti, ó Menelau criado por Zeus, não está destinado/ que morras em Argos apascentadora de cavalos; para os Campos Elísios nos confins da terra/ os imortais te levarão, para lá onde vive o loiro Radamanto/ e a vida para os homens é da maior suavidade./ Não há neve, nem grandes tempestades, nem sequer chuva,/ mas o Oceano faz soprar as brisas do Zéfiro guinchante/ para trazer aos homens o deleite da frescura./ Tens Helena por mulher: para os deuses, és genro de Zeus.

(Trad. F. Lourenço, 2006)

Glossário: Ἥλύσιον; Ὠκεανὸς

Od. VI, 609-619

ὥς φάτο, μείδησεν δὲ βοήν ἀγαθὸς Μενέλαος,/ χειρὶ τέ μιν κατέρεξεν ἔπος τ' ἔφατ' ἔκ τ' ὀνόμαζεν

²²⁸ Neste texto, não deixa de ser interessante a sequência de nomes apresentados. Assinale-se a repetição de καὶ entre cada um deles, à excepção de Κύπρον Φοινίκην.

²²⁹ A ordem de enumeração é trocada nesta tradução. O mais correcto seria "aos Sidónios e aos Erembos".

²³⁰ Cf. *supra*, o comentário à "Telemaquia", na introdução a Homero. É provável que este texto seja um acrescento do séc. VI a.C.

‘αἷματός εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ’ ἀγορεύεις/ τοιγὰρ ἐγὼ τοι ταῦτα μεταστήσω·
δύναμαι γάρ./ δώρων δ’ ὅσσ’ ἐν ἐμῷ οἴκῳ κειμήλια κεῖται,/ δώσω ὃ κάλλιστον καὶ
τιμυέστατόν ἐστιν/ δώσω τοι κρητῆρα τετυγμένον· ἀργύρεος δὲ/ ἔστιν ἅπας, χρυσῷ δ’
χεῖλεα κεκράανται,/ ἔργον δ’ Ἥφαιστοιο. πόρεν δέ ἐ Φαίδιμος ἥρως,/ Σιδονίων
βασιλεύς, ὅθ’ ἐὸς δόμος ἀμφεκάλυψε/ κεῖσέ με νοστήσαντα· τεῖν δ’ ἐθέλω τόδ’
ὀπάσσαι’.

Assim falou [Telémaco]; sorriu Menelau, excelente em auxílio,/ e acariciou-o com a
mão. Depois falou-lhe pelo nome e disse:

"Por tudo o que dizes é excelente, querido filho, o sangue/ de que provéns. Trocarei os
teus presentes; posso fazê-lo./ Dos presentes que jazem como tesouros na minha casa,/
dar-te-ei o que é mais belo e precioso:/ dar-te-ei uma taça cinzelada, toda feita de prata,/
mas os rebordos são trabalhados com ouro,/ obra de Hefesto. Deu-ma o herói Fédimo,/
rei dos Sidónios, quando me acolheu em sua casa,/ numa altura em que por lá viajava.
Agora quero dar-ta a ti"²³¹.

Od. VII, 204-206

εἰ δ’ ἄρα τις καὶ μούνος ἰὼν ξύμβληται ὀδίτης,/ ὅ τι κατακρύπτουσιν, ἐπεὶ σφισιν
ἐγγύθεν εἰμέν,/ ὥς περ Κύκλωπές τε καὶ ἄγρια φῦλα* Γιγάντων.

E se alguém de nós, caminhando só pela estrada, encontrar/ um dos deuses, eles não se
ocultam, visto que são parentes/ nossos como são os Cíclopes e os selvagens gigantes.

(Trad. F. Lourenço, 2008)

Y si algún caminane señoero les sale al encuentro,/ no se ocultan, que unidos a ellos
estamos por raza/ cual lo están los gigantes y tribus de fieros ciclopes.

(Trad. J.M. Pabón, 2006)

²³¹ V. a nota anterior

Glossário: Φυλή

Comentário: A primeira tradução oculta o termo φυλά, enquanto que a segunda, embora lhe dê destaque, inverte a concordância dentro da frase: τε καὶ (=e) estabelece uma divisão na frase, enquanto ἄγρια φυλά (=tribos selvagens) concorda com o genitivo Γιγάντων (=gigantes) e não com Κύκλωπες (=Cíclopes).

Od. VIII, 360-366

τὼ δ' ἐπεὶ ἐκ δεσμοῖο λύθεν, κρατεροῦ περ ἐόντος,/ αὐτίκ' ἀναΐξαντε ὁ μὲν Θρήκηνδε
βεβήκει,/ ἢ δ' ἄρα Κύπρον ἵκανε φιλομειδῆς Ἀφροδίτη,/ ἐς Πάφον ἔνθα δέ οἱ
τέμενος* βωμός* τε θυήεις./ ἔνθα δέ μιν Χάριτες λοῦσαν καὶ χρίσαν ἐλαίῳ/ ἀμβρότῳ,
οἷα θεοὺς ἐπενήνοθεν αἰὲν ἐόντας./ ἀμφὶ δὲ εἵματα ἔσσαν ἐπήρατα, θαῦμα ιδέσθαι.

E assim que se viram libertos das correntes (tão fortes que eram!)/ de imediato se levantaram ambos. Ares foi para a Trácia./ Mas pra Chipre se dirigiu Afrodite, deusa dos sorrisos;/ foi para Pafos, pois aí tem seu templo e seu perfumado altar. Aí as Graças a banharam e ungiram com azeite imortal, o azeite que faz resplandecer os deuses que são para sempre;/ e vestiram-na com belas vestes, maravilha de se ver!

Glossário: Ἀφροδίτη; τέμενος; βωμός

Od. X, 515-530

πέτρη τε ξύνεσσις τε δῶυ ποταμῶν ἐριδούπων./ ἔνθα δ' ἔπειθ', ἥρως, χριμφθεὶς πέλας,
ὥς σε κελεύω,/ βόθρον* ὀρύξαι, ὅσον τε πυγούσιον ἔνθα καὶ ἔνθα,/ ἀμφ' αὐτῷ δὲ χοὴν
χεῖσθαι πᾶσιν νεκύεσσιν,/ πρῶτα μελικρήτῳ, μετέπειτα δὲ ἡδέϊ οἴνῳ,/ τὸ τρίτον αὔθ'
ὔδατι· ἐπὶ δ' ἄλφιστα λευκὰ παλύνειν./ πολλὰ δὲ γουνοῦσθαι νεκρῶν ἀμενηνὰ κάρηνα,/
ἐλθὼν εἰς Ἰθάκην στείραν βοῦν, ἣ τις ἀρίστη,/ ῥέξειν ἐν μεγάροισι πυρὴν τ' ἐμπλησέμεν
ἐσθλῶν./ Τειρεσίη δ' ἀπάνευθεν οἶν ἱερευσέμεν οἶω/ παμμέλαν', ὅς μήλοισι μεταπρέπει
ὑμετέροισιν./ αὐτὰρ ἐπὶν εὐχῇσι λίσση κλυτὰ ἔθνεα* νεκρῶν,/ ἔνθ' οἶν ἀρνειὸν ῥέξειν
θῆλύν τε μέλαιναν/ εἰς Ἑρεβος στρέψας, αὐτὸς δ' ἀπονόσφι τραπέσθαι/ ἰέμενος
ποταμοῖο ῥοάων· ἔνθα δὲ πολλὰ/ ψυχὰι ἐλεύσονται νεκρῶν κατατεθνηώτων.

A estos sitios, ¡oh prócer!, irás como yo te prescribo:/ una fosa abrirás como un codo de anchura y en torno/ libaréis a todos los muertos virtiendo, primero,/ una mezcla de leche con miel y después vino dulce,/ finalmente agua pura; por encima echaréis blanca harina/ y oraréis largamente a los muertos, cabezas sin brío./ Sea tu voto inmolarles en casa una vaca infecunda,/ la mejor que se hallar en tu vuelta a la patria, colmarles/ de presentes la pira y, aparte, ofrecer a Tiresias/ un carnero de negros vellones, la flor de tus greyes./ Aplacada con preces la noble nación de los muertos, sacrifica un cordero y la oveja con él,/ negros ambos, orientando el testuz hacia el Érebo; aparta tú el rostro/ con la vista en las aguas del río y, entonces, la turba/ hasta tí llegará de los hombres privados de vida²³².

(Trad. J.M. Pabón, 2006)

Glossário: ἔθνος; βόθρος

Od. XIV, 199-205

ἐκ μὲν Κρητῶν γένος* εὖχομαι εὐρείων,/ ἀνέρος ἀφνειοῖο πάϊς· πολλοὶ δὲ καὶ ἄλλοι/
υἱεὲς ἐν μεγάρῳ ἡμὲν τράφεν ἡδ' ἐγένοντο/ γνήσιοι ἐξ ἀλόχου· ἐμὲ δ' ὦνητὴ τέκε
μήτηρ/ παλλακίς, ἀλλὰ με ἴσον ἰθαγενέεσσιν ἐτίμα/ Κάστωρ Ὑλακίδης, τοῦ ἐγὼ γένος*
εὖχομαι εἶναι/ ὅς τ' ἐνὶ Κρήτεσσι θεὸς ὧς τίετο δῆμῳ

[Odisseu] "Declaro que da ampla Creta provém a minha linhagem;/ sou filho de homem rico; e muitos outros filhos/ nasceram e foram criados no seu palácio, filhos legítimos/ de sua esposa; é que a mãe que me deu à luz era concubina/ comprada, mas igual aos

²³² O texto faz parte das instruções que Circe dá a Odisseu para recolher informações sobre o caminho de regresso a Ítaca junto de Tirésias. Para Heubeck e Hoekstra (1989, p. 71), a intenção desta passagem é revelar uma viagem ao mundo dos mortos diferente das de Hércules e Teseu; estas viagens podem ter influenciado a *Odisseia*. Esta necromância é acompanhada por um ritual que tem analogias com as práticas dos festivais dos mortos, convocados através dos sacrifícios: "the second and third day of the Attic Anthesteria, which were dedicated to the departed, were known as Χόες and Χύτραι, and featured offerings of water as an hero - cult." Esta cena parece única no panorama da literatura grega, combinando concepções provavelmente muito antigas.

filhos legítimos me estimou/ Castor, filho de Hílax, de quem declaro ser filho./ Era ele honrado entre os cretenses como um deus."

(Trad. F. Lourenço, 2008)

Glossário: γένος

Od. XXIV, 80-84

ἀμφ' αὐτοῖσι δ' ἔπειτα μέγαν καὶ ἀμύμονα τύμβον*/ χεύαμεν Ἀργείων ἱερὸς* στρατὸς αἰχμητῶν/ ἀκτῇ ἔπι προὔχούσῃ, ἐπὶ πλατεῖ Ἑλλησπόντῳ,/ ὥς κεν τηλεφανῆς ἐκ ποντόφιν ἀνδράσιν εἴη/ τοῖς οἷ νῦν γεγάσι καὶ οἷ μετόπισθεν ἔσσονται.

"A los tres erigimos un túmulo grande y sin tacha,/ trabajando la tropa robusta de argivos lanceros, / sobre un cabo eminente a la orilla del ancho Helesponto /por que fuese de lejos visible en el mar a los hombres,/ hoy en vida y a aquellos que vivan en siglos futuros."

(Trad. J.M. Pabón, 2006)

Glossário: τύμβος; ἱερός

Od. XXIV, 506-512

Τηλέμαχ', ἤδη μὲν τόδε γ' εἴσεαι αὐτὸς ἐπελθὼν,/ ἀνδρῶν μαρναμένων ἵνα τε κρίνονται ἄριστοι,/μή τι κατασχύνειν πατέρων γένος*, οἷ τὸ πάρος περ/ ἀλκῇ τ' ἠνορέῃ τε κεκάσμεθα πᾶσαν ἐπ' αἶαν./

τὸν δ' αὖ Τηλέμαχος πεπνυμένος ἀντίον ἠΰδα·/ 'ὄψεαι, αἶ κ' ἐθέλησθα, πάτερ φίλε, τῷδ' ἐπὶ θυμῷ/ οὔ τι κατασχύνοντα τεὸν γένος*, ὥς ἀγορεύεις.

¡Oh Telémaco! Vas a aprender por ti mismo, llegando/ a una lucha de hombres en donde los fuertes se criban,/ a no dar deshonor a tus padres y estirpe, que siempre/ nos gloriamos de fuerza y valor sobre la tierra."

Y en respuesta, a su vez, el discreto Telémaco dijo:/ "Tu has de verlo si quieres, ¡oh padre!, y sabrás de mi temple,/ que no habré de enfrentar como auguras en nada a mi estirpe.

(Trad. J.M. Pabón, 2006)

Glossário: γένοϋς

Plínio – o – Velho

Introdução

"Es, penso yo, un rasgo de cortesía, lleno de sencillez y decencia confesar de quienes te has beneficiado, cosa que no han hecho en su mayor parte los autores que he manejado."

Plin., *N.H.*, praef., 21

A vida e obra de Plínio - o - Velho, ou Gaio Plínio Segundo (23/24 -79 d.C.), são conhecidas através dos textos do seu sobrinho, conhecido como Plínio - o - Jovem. Os textos deste último constituem um testemunho extraordinário da personalidade de um homem que viveu imbuído no desejo de saber e produzir conhecimento nos momentos livres que conseguia ter, bem como da sua morte durante a erupção do Vesúvio, ou mesmo do seu método de trabalho (cf. Fontán, Moure & García, 2008, pp. IX-XII).

A monumental obra aqui manejada, *História Natural*, foi elaborada com muito cuidado e disciplina, partindo dos conhecimentos adquiridos pelo autor na sua experiência pessoal ou nos livros que consultou, com o objectivo de elaborar um texto de consulta útil que testemunhava um saber, podemos dizê-lo, enciclopédico (*ibid.*, p. XX - XXI). As informações aqui recolhidas pertencem aos Livros III e IV, ambos de carácter geográfico. Para levar a cabo esta descrição, o Livro III começa com uma

descrição geral da Terra e a sua divisão em partes para, depois, entrar na descrição particular dos lugares. Sobre estes, apresenta digressões sobre as várias opiniões esgrimidas, enquanto que, noutras ocasiões enumera-os sem mais detalhes (por exemplo, IV, 120*). Um dos elementos mais destacáveis desta opção pliniana é o uso da etimologia em várias ocasiões: esta seria "una de las primeras informaciones, pues es, junto con la ubicación, el dato que establece las causas y permite inferir y relacionar los hechos" (*ibid.*, p. XXVI). Neste sentido, a passagem de III, 7* é bastante expressiva no que diz respeito ao critério que o autor utiliza para enumerar esses nomes: os de cidades importantes ou cujo nome é fácil de enunciar em Latim. No entanto, a sua observação diz respeito à história ou localização de povos e cidades integrados nas divisões administrativas do Império.

A cronologia da obra pliniana faz com que o seu texto seja de importância secundária nesta dissertação. No entanto, a recolha que faz de autores anteriores é um testemunho importante sobre as diferenças entre as várias representações, por exemplo, de Tartessos.

Edições consultadas: Rackan, 1961²³³; Guerra, 1995²³⁴; Fontán, Moure & García, 2008;

Bibliografia: De Hoz, 1989; Guerra, 1995; Ribeiro, no prelo;

Textos

III, 7

Baetica, a flumine eam mediam secante cognominata, cunctas provinciarum diviti cultu et quodam fertili ac peculiari nitore praecedit. iuridici conventus ei IIII, Gaditanus*, Cordubensis, Astigitanus, Hispalensis. oppida omnia numero CLXXV, in iis coloniae VIII, municipia c. R. X, Latio antiquitus donata XXVII, libertate VI, foedere III, stipendiaria CXX. ex his digna memoratu aut Latio sermone dicto facilia, a flumine Ana* litore oceani oppidum Ossonoba*, Aestuarium cognominatum, inter confluentes

²³³ O texto latino baseia-se nesta edição.

²³⁴ O texto latino baseia-se nesta edição, somente nos excertos assinalados, traduzidos por este autor.

Luxiam et Urium, Hareni montes, Baetis fluvius, litus Curense inflexo sinu, cuius ex adverso Gadis* inter insulas dicenda, promunturium Iunonis, portus Baesippo, oppidum Baelo, Mellaria, fretum ex Atlantico mari, Carteia, Tartesos a Graecis dicta, mons Calpe.

La Bética, así llamada por el río que la corta por medio, aventaja al resto de las provincias merced a sus ricos cultivos y a una especie de peculiar y espléndida fertilidad. Tiene cuatro conventos jurídicos, el de Gades, El de Cordoba, el de Ástigis²³⁵ y el de Híspalis. Las poblaciones suman todas ciento setenta y cinco, de las que nueve son colonias, diez municipios de ciudadanos Romanos, veinticiente de derecho latino antiguo, seis libres, tres federadas y ciento veinte tributarias. Entre los lugares dignos de mencionar, o fáciles de enunciar en lengua latina, partiendo del río Guadiana y en la costa del Océano, se encuentra la población de Ónoba, apelidada Estuaria, en la confluencia del Luxia y del Urio; los montes Harenos, el río Betis, la costa Curense, con el recodo de su bahía enfrente de la cual está Gades – de la que se hablará entre las islas –; el cabo de Juno²³⁶, el puerto de Besipo, la población de Belo, Melaria, el estrecho y el Atlántico, Carteya, llamada Tartessos por los griegos²³⁷, y el monte Calpe.

(Trad. Fontán, Moure & García., 2008)

III, 11

Oppida Hispalensis conventus Celti, Axati, Arua, Canama, Evia, Ilipa cognomine Ilpa Italica, et a laeva Hispal colonia cognomine Romulensis, ex adverso oppidum Osset quod cognominatur Iulia Constantia, Vergentum quod Iuli Genius, Orippe, Caura, Siarum, fluvius Maenuba Baeti et ipse a dextro lateri infusus. At inter aestuaria Baetis oppidum Nabrisa cognomine Veneria et Colobana, coloniae Hasta quae Regia dicitur et in mediterraneo Asido quae Caesarina.

²³⁵ Actual Écija.

²³⁶ Provavelmente o Cabo de Trafalgar.

²³⁷ Também em Mela II, 96*.

Son poblaciones del convento jurídico de Híspalis²³⁸, Celti²³⁹, Axati²⁴⁰, Arva²⁴¹, Canama²⁴², Neva²⁴³, Ilipa²⁴⁴, Itálica²⁴⁵. Y, por la izquierda, la colonia de Hispal, que se apellida Romulense. En la orilla de enfrente Osset²⁴⁶, apellidada Julia Constancia, Vergento o Iuli Genius, Oripo²⁴⁷, Caura²⁴⁸, Siaro²⁴⁹ y el río Ménuba²⁵⁰, que vierte también él al Betis por la orilla derecha. Entre los estuarios del Betis, la población de Nabrisa²⁵¹, apellidada Veneria, y Colobana²⁵², y las colonias de Hasta²⁵³, que se llama Regia, y, tierra adentro, Asido o Cesarina²⁵⁴.

(Trad. Fontán, Moure & García., 2008)

III, 13

Quae autem regio a Baete ad fluuium Anam tendit extra praedicta Baeturia appellatur in duas diuisa partes totidemque gentes, Celticos qui Lusitaniam attingunt, Hispalensis conuentus, Turdulos qui Lusitaniam et Tarraconensem accolunt, iura Cordobam petunt. Celticos a Celtiberis ex Lusitania aduenisse manifestum est sacris, lingua, oppidorum uocabulis quae cognominibus in Baetica distinguuntur.

A região que do Bétis se estende até ao rio Anas, para além da que referimos, chama-se Betúria e divide-se em duas partes e outros tantos povos: os Célticos do convento Hispalense que confinam com a Lusitânia e os Túrdulos que habitam a Lusitânia e a Tarraconense e dependem juridicamente de Córdoba. É evidente pela religião, pela língua e pelos nomes das cidades - que na Bética se distinguem pelos cognomes - que os célticos, descendentes dos Celtiberos, vieram da Lusitânia.

²³⁸ Sevilha. As localizações assinaladas nas próximas notas baseiam-se na tradução consultada.

²³⁹ Peñaflor.

²⁴⁰ Lora del Río.

²⁴¹ El Castillejo, junto a Alcolea.

²⁴² Alcolea del Río.

²⁴³ Cantillana.

²⁴⁴ Alcalá del Río.

²⁴⁵ Santiponce.

²⁴⁶ San Juan de Aznalfarache.

²⁴⁷ Perto de Dos Hermanas.

²⁴⁸ Coria del Río.

²⁴⁹ La Cañada.

²⁵⁰ Guadiamar.

²⁵¹ Lebrija.

²⁵² Junto a Trebujena.

²⁵³ Mesas de Hasta (Jerez de la Frontera).

²⁵⁴ Medina Sidonia.

(Trad. A. Guerra, 1995)

IV, 120

Ab eo latere, quo Hispaniam spectat, passibus fere C altera ia est, longa M passus, M lata, in qua prius oppidum Gadium fuit. vocatur ab Ephoro et Philistide Erythea, a Timaeo et Sileno Aphrodisias, ab indigenis Iunonis. maiorem Timaeus Cotinusam aput eos vocitatam ait; nostri Tarteson appellant, Poeni Gadir, ita Punica lingua saepem significante. Erythea dicta est, quoniam Tyri aborigines earum orti ab Erythro mari ferebantur. in hac Geryones habitasse a quibusdam existimatur, cuius armenta Hercules abduxerit. sunt qui aliam esse eam et contra Lusitaniam arbitrentur, eodemque nomine quandam ibi appellant.

Por la parte por donde mira a Hispania, a cien pasos más o menos, hay otra isla de mil pasos de largo y otros mil de ancho, en la que en su tiempo estuvo la población de Gades. Éforo y Filístides la llaman Eritea, Timeo y Sileno Afrodisíade, los naturales de la zona la denominan Isla de Juno²⁵⁵. Timeo dice que a la mayor la solían llamar Cotinusa en su lengua; los nuestros la llaman Tartesos, los púnicos Gadir, que en lengua púnica significa "recinto". Se llamó Eritía porque los aborígenes, los tirios, decían ser originarios del mar Érito²⁵⁶. Algunos creen que en ella habitó Geriones, a quien Hércules robó sus rebaños. Hay otros que piensan que esta isla es otra distinta frente a Lusitania y llaman con el mismo nombre a una situada allí.

(Trad. Fontán, Moure & García., 2008)

²⁵⁵ Este texto motivou K. Müller (1885, pp. 200-201) a relacionar a informação pliniana com o texto de Escimno de Quios, afirmando com isto que este autor se baseou em Éforo para interpretar "Eritea" com Tartessos. Para uma breve análise do texto de Escimno, v. Ferrer Albelda, 1996, p. 121.

²⁵⁶ I.e., do Mar Vermelho. É possível que Eritía tenha, também, um significado de "ilha vermelha", daí a coincidência que o autor identificou (Ballabriga, 1986, p. 45ss.)

Políbio

Introdução

Políbio é, sem dúvida, um dos melhores historiadores da Antiguidade para a representação da Península Ibérica, sobretudo pelo rigor que procura apresentar nos seus textos. Esta afirmação pode ser justificada pela própria vida do autor, não obstante a falta de informações concretas sobre este espaço geográfico. De facto, como assinala F.J. García Fernández numa esclarecedora reflexão sobre a figura e a obra polibiana (2003, p. 52ss.), o autor foi "el primer autor grecolatino que pisa tierras hispanas, además de ser el primero que emplea modelos geográficos para intentar definir la realidad étnica peninsular" (*ibid.*, p. 53). Isto justifica, em parte, o seu uso por Estrabão, responsável pela transmissão de alguns desses fragmentos.

Políbio nasceu entre 210 e 200 a.C. (cf. Martín Martínez, 2012, p. 447; Cruz & Balasch, 2007, p. X), fazendo com que seja um autor muito posterior ao tema aqui tratado. No entanto, as viagens, as suas movimentações relativamente livres em Roma e, sobretudo, o seu contacto com um mundo militar, fizeram dele uma personagem que ocupava uma posição privilegiada para aceder, pela *autopsia* ou pela experiência pessoal ou *autopátheia* (ἄντοπάθεια; Walbank, 2003, p. 33) a um conjunto de informações em primeira mão (García Fernández, 2003, p. 53)²⁵⁷. Este percurso fez com que Políbio tivesse uma visão muito particular de Roma (Pelegrín, 2004) e, sobretudo, da ideia de "bárbaro" (Dubuisson, 2001), categoria na qual os romanos estavam, anteriormente, integrados (González Rodríguez, 2003, pp. 145-147)²⁵⁸. Esta designação é utilizada nas suas descrições dos ἔθνη peninsulares, localizados nos confins do mundo habitado, como, por exemplo, em Plb., III, 37. 11, onde o autor afirma que a costa atlântica está habitada por "povos bárbaros muito numerosos" (βαρβάρων ἔθνων καὶ πολυανθρώπων; cf. García Fernández, 2003, p. 59).

As referências aos povos bárbaros são pautadas por um grande rigor e podem ser integradas no pensamento exposto em III, 36, 1 - 5 (*apud* González Rodríguez, 2003, n. 39). É neste sentido que os seus critérios de observação ganham particular interesse, na

²⁵⁷ Sobre a vida de Políbio, cf. García Fernández, 2003, p. 52ss. e a introdução de Cruz Andreotti à edição da obra de Políbio (Cruz & Balasch, 2007).

²⁵⁸ βαρβαροι são, para Políbio, todos aqueles que, de um modo ou de outro, foram uma ameaça para "las formaciones estatales mediterráneas y han significado o significan un peligro para las ciudades griegas, las potencias helenísticas y para Roma [...]" (González Rodríguez, 2003, p. 148).

medida em que utiliza a vestimenta (κόσμος), os costumes (ἔθεσι) e a língua (γλῶσσα) como elementos definidores da individualidade de um ἔθνος (Plb. III, 17. 5 - 6). Estes são, porém, os critérios do *observador* e podem não corresponder aos dos ἔθνη representados.

Acrescenta-se a isto um dado importante: o Livro III, de onde provém a maioria dos textos sobre a Península Ibérica, terá sido escrito antes de 146 a.C., pouco depois da sua visita a solo ibérico entre 151 e 150 a.C. Deste livro surgem três nomes de extrema importância para este trabalho: *Tarseion* (Ταρσήιον), *Tersitai* (Θερσίται) e Turdetânia, referindo-se muito provavelmente, a uma mesma realidade (García Fernández, 2003, pp. 62-63). Apesar deste dado, faltam informações mais rigorosas do próprio autor, que terá escrito algo no Livro XXXIV.

Em todo o caso, é evidente que Políbio representa uma ruptura em relação à literatura anteriormente produzida, em parte devido às circunstâncias históricas e políticas que rodeiam a sua obra. Tal cenário obrigava a não valorizar em excesso as informações dos autores anteriores (Gómez Espelosín, 2003, p. 117), entre eles Timeu (*ibid.*, p. 119 - 120; Walbank, 2003, p. 165 - 177; Plb. XII, 25h ss.), tidos como imprecisos e pouco importantes face ao tipo de informação que Políbio procurava obter. Por esta razão, há um "antes" e um "depois" da obra deste autor, que faz com que a sua obra seja importante para rastrear alguns elementos que podem remontar a períodos anteriores, nomeadamente o segundo Tratado romano-cartaginês de 348 a.C., onde surge uma referência a Ταρσήιον, aos quais se juntam os Θερσίται.

1)

Edições consultadas: Paton, 1922²⁵⁹; Cruz & Balasch Recort, 2007.

Bibliografia: Walbank, 2003; González Rodríguez, 2003; García Fernández, 2003; Moret, 2006; Cruz & Balasch Recort, 2007;

²⁵⁹ O texto grego baseou-se nesta edição.

Textos

III, 24

1. μετὰ δὲ ταύτας ἑτέρας ποιοῦνται συνθήκας, ἐν αἷς προσπεριελήφασι Καρχηδόνιοι Τυρίους καὶ τὸν Ἰτυκαίων δῆμον.
2. πρόσκειται δὲ καὶ τῷ Καλῷ ἀκρωτηρίῳ Μαστία, Ταρσήιον· ὧν ἐκτὸς οἴονται δεῖν Ῥωμαίους μῆτε λήζεσθαι μῆτε πόλιν κτίζειν.
3. εἰσὶ δὲ τοιαίδε τινές· "ἐπὶ τοῖσδε φιλίαν εἶναι Ῥωμαίοις καὶ τοῖς Ῥωμαίων συμμάχοις καὶ Καρχηδονίων καὶ Τυρίων καὶ Ἰτυκαίων δήμῳ καὶ τοῖς τούτων
4. συμμάχοις. τοῦ Καλοῦ ἀκρωτηρίου, Μαστίας, Ταρσηίου, μὴ λήζεσθαι ἐπέκεινα Ῥωμαίους μηδ' ἐμπορεύεσθαι μηδὲ πόλιν κτίζειν"

Después de éste, los cartagineses establecen otro pacto, en el cual han incluido a los habitantes de Tiro y Útica.

Al cabo Hermoso añaden Mastia y Tarseyo²⁶⁰, más allá de cuyos lugares prohíben a los romanos coger botín y fundar ciudades.

El pacto es como sigue: "Que haya amistad entre los romanos y los aliados de los romanos por una parte y el pueblo de los cartagineses, el de Tiro, el de Útica y sus aliados por la otra, bajo las siguientes condiciones:

que los romanos no recojan botín más allá del cabo Hermoso, de Mastia ni de Tarseyo, que no comercien en tales regiones ni funden ciudades"

(Trad. Balasch Recort, 2007)

²⁶⁰ A tradução de W.R. Paton (1922) separa também Mastia e Tarseion.

VII, 9

1. ὄρκος, ὃν ἔθετο Ἀννίβας ὁ στρατηγός, Μάγωνος, Μύρκανος, Βαρμόκαρος, καὶ πάντες γερουσιασται Καρχηδονίων οἱ μετ' αὐτοῦ καὶ πάντες Καρχηδόνιοι στρατευόμενοι μετ' αὐτοῦ πρὸς Ξενοφάνη Κλεομάχου Ἀθηναῖον πρεσβευτήν, ὃν ἀπέστειλε πρὸς ἡμᾶς Φίλιππος ὁ βασιλεὺς Δημητρίου ὑπὲρ αὐτοῦ καὶ Μακεδόνων καὶ τῶν συμμάχων,

2. ἐναντίον Διὸς καὶ Ἥρας καὶ Ἀπόλλωνος, ἐναντίον δαίμονος Καρχηδονίων καὶ Ἡρακλέους καὶ Ἰολάου, ἐναντίον Ἄρεως, Τρίτωνος, Ποσειδῶνος, ἐναντίον θεῶν τῶν συστρατευομένων καὶ Ἥλιου καὶ Σελήνης καὶ Γῆς, ἐναντίον ποταμῶν καὶ λιμένων καὶ ὑδάτων,

3. ἐναντίον πάντων θεῶν ὅσοι κατέχουσι Καρχηδόνα, ἐναντίον θεῶν πάντων ὅσοι Μακεδονίαν καὶ τὴν ἄλλην Ἑλλάδα κατέχουσιν, ἐναντίον θεῶν πάντων τῶν κατὰ στρατείαν, ὅσοι τινὲς ἐφεστήκασιν ἐπὶ τοῦδε τοῦ ὅρκου.

4. Ἀννίβας ὁ στρατηγός εἶπε καὶ πάντες Καρχηδονίων γερουσιασται οἱ μετ' αὐτοῦ καὶ πάντες Καρχηδόνιοι οἱ στρατευόμενοι μετ' αὐτοῦ, ὃ ἂν δοκῇ ὑμῖν καὶ ἡμῖν, τὸν ὄρκον τοῦτον θέσθαι περὶ φιλίας καὶ εὐνοίας καλῆς, φίλους καὶ οἰκείους καὶ ἀδελφούς,

5. ἐφ' ᾧτ' εἶναι σωζομένους ὑπὸ βασιλέως Φιλίππου καὶ Μακεδόνων καὶ ὑπὸ τῶν ἄλλων Ἑλλήνων, ὅσοι εἰσὶν αὐτῶν σύμμαχοι, κυρίου Καρχηδονίου καὶ Ἀννίβαν τὸν στρατηγὸν καὶ τοὺς μετ' αὐτοῦ καὶ τοὺς Καρχηδονίων ὑπάρχους, ὅσοι τοῖς αὐτοῖς νόμοις χρῶνται, καὶ Ἰτυκαίους, καὶ ὅσαι πόλεις καὶ ἔθνη Καρχηδονίων ὑπήκοα, καὶ τοὺς στρατιώτας καὶ τοὺς συμμάχους,

6. καὶ πάσας πόλεις* καὶ ἔθνη*, πρὸς ἃ ἐστὶν ἡμῖν ἢ τε φιλία τῶν ἐν Ἰταλίᾳ καὶ Κελτίᾳ καὶ ἐν τῇ Λιγυστίῃ, καὶ πρὸς οὐστυνας ἡμῖν ἂν γένηται φιλία καὶ συμμαχία ἐν ταύτῃ τῇ χώρᾳ*.

7. ἔσται δὲ καὶ Φίλιππος ὁ βασιλεὺς* καὶ Μακεδόνες καὶ τῶν ἄλλων Ἑλλήνων οἱ σύμμαχοι, σωζόμενοι καὶ φυλαττόμενοι ὑπὸ Καρχηδονίων τῶν συστρατευομένων καὶ ὑπὸ Ἰτυκαίων καὶ ὑπὸ πασῶν πόλεων* καὶ ἐθνῶν* ὅσα ἐστὶ Καρχηδονίοις ὑπήκοα, καὶ συμμάχων καὶ στρατιωτῶν, καὶ ὑπὸ πάντων ἐθνῶν καὶ πόλεων* ὅσα ἐστὶν ἐν Ἰταλίᾳ καὶ Κελτίᾳ καὶ Λιγυστίῃ, καὶ ὑπὸ τῶν ἄλλων, ὅσοι ἂν γένωνται σύμμαχοι ἐν τοῖς κατ' Ἰταλίαν τόποις τούτοις.

8. οὐκ ἐπιβουλεύσομεν ἀλλήλοις οὐδὲ λόχῳ χρησόμεθα ἐπ' ἀλλήλοις, μετὰ πάσης δὲ προθυμίας καὶ εὐνοίας ἄνευ δόλου καὶ ἐπιβουλῆς ἐσόμεθα πολέμιοι τοῖς πρὸς Καρχηδονίους πολεμοῦσι χωρὶς βασιλέων καὶ πόλεων καὶ λιμένων, πρὸς οὓς ἡμῖν εἰσιν ὅρκοι καὶ φιλίαι.
9. ἐσόμεθα δὲ καὶ ἡμεῖς πολέμιοι τοῖς πολεμοῦσι πρὸς βασιλέα Φίλιππον χωρὶς βασιλέων καὶ πόλεων* καὶ ἐθνῶν*, πρὸς οὓς ἡμῖν εἰσιν ὅρκοι καὶ φιλίαι.
10. ἔσεσθε δὲ καὶ ἡμῖν σύμμαχοι πρὸς τὸν πόλεμον, ὅς ἐστιν ἡμῖν πρὸς Ῥωμαίους, ἕως ἂν ἡμῖν καὶ ὑμῖν οἱ θεοὶ διδῶσι τὴν εὐημερίαν.
11. βοηθήσετε δὲ ἡμῖν, ὥς ἂν χρεία ᾦ καὶ ὥς ἂν συμφωνήσωμεν.
12. ποιησάντων δὲ τῶν θεῶν εὐημερίαν ἡμῖν κατὰ τὸν πόλεμον τὴν πρὸς Ῥωμαίους καὶ τοὺς συμμάχους αὐτῶν, ἂν ἀξιῶσι Ῥωμαῖοι συντίθεσθαι περὶ φιλίας, συνθησόμεθα, ὥστ' εἶναι πρὸς ὑμᾶς τὴν αὐτὴν φιλίαν,
13. ἐφ' ᾧτε μὴ ἐξεῖναι αὐτοῖς ἄρασθαι πρὸς ὑμᾶς μηδέποτε πόλεμον, μηδ' εἶναι Ῥωμαίους κυρίους Κερκυραίων μηδ' Ἀπολλωνιατῶν καὶ Ἐπιδαμνίων μηδὲ Φάρου μηδὲ Διμάλης καὶ Παρθίνων μηδ' Ἀτιντανίας.
14. ἀποδώσουσι δὲ καὶ Δημητρίῳ τῷ Φαρίῳ τοὺς οἰκείους πάντας, οἳ εἰσιν ἐν τῷ κοινῷ τῶν Ῥωμαίων.
15. ἐὰν δὲ αἴρωνται Ῥωμαῖοι πρὸς ὑμᾶς πόλεμον ἢ πρὸς ἡμᾶς, βοηθήσομεν ἀλλήλοις εἰς τὸν πόλεμον, καθὼς ἂν ἑκατέρους ᾦ χρεία.
16. ὁμοίως δὲ καὶ ἐάν τινες ἄλλοι χωρὶς βασιλέων καὶ πόλεων* καὶ ἐθνῶν*, πρὸς ἃ ἡμῖν εἰσιν ὅρκοι καὶ φιλίαι.
17. ἐὰν δὲ δοκῇ ἡμῖν ἀφελεῖν ἢ προσθεῖναι πρὸς τόνδε τὸν ὅρκον, ἀφελοῦμεν ἢ προσθήσομεν ὥς ἂν ἡμῖν δοκῇ ἀμφοτέροις.

1. "Juramento de Aníbal, el general, de Magón, de Mircano, de Barmócar, de todos los ancianos de Cartago presentes, de todos los soldados cartagineses presentes, prestado ante Jenófanes, hijo de Cleómano, ateniense, enviado a nosotros como embajador por el

rey Filipo, hijo de Demetrio, en nombre suyo, de los macedonios y de los aliados de éstos, juramento prestado

2. en presencia de Zeus, de Hera y de Apolo, en presencia del dios de los cartagineses, de Heracles y de Yolao, en presencia de Ares, de Tritón y de Posidón, en presencia de los dioses de los que han salido en campaña, del sol, de la luna y de la tierra, en presencia de los ríos, de los prados y de las fuentes,

3. en presencia de todos los dioses dueños de Cartago, en presencia de todos los dioses dueños de Macedonia y de toda Grecia, en presencia de todos los dioses que gobiernan la guerra y de los que ahora sancionan este juramento.

4. Aníbal, el general, dijo, y todos los senadores de Cartago presentes y todos los soldados cartagineses presentes: por voluntad vuestra y nuestra prestamos este juramento de amistad y de noble adhesión para ser amigos, parientes y hermanos, bajo las cláusulas siguientes:

5. Que el rey Filipo, los macedonios y los demás griegos que les son aliados protegerán a los cartagineses y a sus magistrados supremos, y a Aníbal, su general, y a los que le acompañan y a todo el imperio de Cartago que vive bajo sus leyes, y también al pueblo de Útica, y también a todas las ciudades y pueblos sometidos a Cartago, y a nuestros soldados y aliados,

6. y a todas las ciudades y poblaciones de Italia, de Galia y de Liguria, con las cuales tenemos amistad, y aquellas ciudades de esta última región con las que lleguemos a tener amistad y confianza.

7. Y también el rey Filipo y los macedonios y los demás aliados griegos serán protegidos y salvados por los cartagineses, que saldrán con ellos a campaña, y por los uticenses, y por todas las ciudades y linajes sometidos a Cartago, y por sus aliados, y por las tropas, y por todos los linajes y ciudades que hay en Italia, en Galia, en Liguria, y por todos los que se alíen de la región de Italia.

8. No maquinaremos nada unos contra otros, ni diremos nada unos contra otros, y con todo afán y lealtad, sin engaño, seremos todos enemigos de los que hagan guerra contra Cartago, a excepción de los reyes, ciudades y linajes con los cuales tenemos juramento de amistad.

- 9.** También nosotros seremos enemigos de los que hagan guerra al rey Filipo, a excepción de los reyes, las ciudades y los linajes con los cuales tengamos juramento de amistad.
- 10.** Nos seréis también aliados en esta guerra contra los romanos, hasta que los dioses nos cedan a todos la victoria.
- 11.** Nos ayudáreis como convenga, en la forma que acordemos.
- 12.** Y se los dioses hacen que esta guerra que hacemos todos contra los romanos y sus aliados la acabemos con buen éxito y ellos buscan nuestra amistad, accederemos, pero de manera que
- 13.** esta amistad valga también para vosotros, y así no les sea nunca lícito declararnos la guerra, ni dominar Corcira, ni Apolonia, ni Epidauro, ni Faros, ni Dimale, ni Partino, ni Atintania.
- 14.** Restituirán a Demetrio de Faros sus amigos que ahora se encuentran en poder de los romanos.
- 15.** Y si éstos os declaran la guerra, o nos la declaran a nosotros, nos ayudaremos mutuamente, según precisemos unos y otros.
- 16.** Y también si la declaran a terceros, a excepción de aquellos reyes, ciudades o linajes con los cuales tengamos juramento de amistad.
- 17.** Y si nos parece necesario añadir o suprimir algo de este juramento, lo suprimiremos o añadiremos, según parezca bien a las dos partes.

(Trad. M. Balasch Recort, 2007)

Glossário: ἔθνος, χώρα; βασιλεὺς

Salústio

Introdução

Caius Salustius Crispus (87/86 - 36/34 a.C.) nasceu em Amiternum na conservadora Sabina e viveu durante as contendas civis em Roma (Mário e Cila, César e Pompeio), adquirindo formação nos domínios da retórica e das armas e, sobretudo, alguma vocação política (Ernout, 1962, p. 7ss.; Hellegouarc'h, 1999, p. 8; Carrera, 2001, p. 18 - 19). Em 52 a.C. foi nomeado tribuno da Plebe e, dois anos depois, foi expulso do Senado. Colocando-se ao lado de César, foi readmitido e solicitado para várias funções relacionadas com as campanhas em África, entre estas a de pretor e governador da província de Numídia após a vitória de César sobre Juba. Assim, depois de uma carreira pouco saliente, Salústio retira-se para se dedicar à escrita da História (*ibid.*, p. 19 - 21; Hellegouarc'h, 1999, p. 8).

A sua produção literária consiste em três obras (*De Coniuratione Catilinae*, *Bellum Iugurthinum* e *Historiae*), das quais a última é conhecida por fragmentos. Os excertos aqui resenhados provêm da segunda, escrita entre 41 e 40 a.C., que procura relatar as guerras de 111 - 105 a.C. contra Jugurta, na Argélia oriental (v. *Jug.* V, 1 - 2; Hellegouarc'h, 1999, p. 11). Esta distância cronológica faz com que o autor não tenha com o seu tema uma relação excessivamente pessoal, apresentando uma postura bastante crítica sobre as duas partes em confronto (Carrera, 1999, p. 29ss.). No entanto, apresenta uma desvantagem: Salústio não teve contacto directo com esta realidade, o que pode dificultar a análise dos excertos.

É importante assinalar que todos os textos salustianos recolhidos neste anexo fazem parte dos seus *excursi*, o primeiro sobre África (*Jug.* XVII - XIX) e o segundo sobre os Filenos (LXXIX). As informações aí vertidas permitem verificar que o autor se baseou em testemunhos locais, fontes cartaginesas e a sua experiência pessoal na Numídia (cf. *Jug.* XVII, 7*). A sua concepção de História parece levá-lo a procurar introduzir no seu discurso o contexto social em que se desenrola um acontecimento e o carácter psicológico dos intervenientes (Hellegouarc'h, 1999, p. 9), embora mantendo um aparente sentido político que é descrito deste modo por J. Hellegouarc'h: "[...] le *Bellum Iugurthinum*, comme d'ailleurs de *De Catilinae coniuratione*, n'est pas simplement une oeuvre littéraire, mais que Salluste contraint bien malgré lui d'abandonner l'activité politique proprement dite, a choisi d'oeuvrer sous cette forme à

la rénovation de la vie politique qui était devenue absolument indispensable" (*ibid.*, p. 14). A própria construção do texto, assinala D.S. Levene (1992, p. 65), abre ao leitor a possibilidade de interpretar por si mesmo os acontecimentos, ao comparar o percurso histórico com "las grandes tragedias de la mitología antigua" (Carrera, 2001, p. 33).

Dito isto, é importante assinalar o uso da obra salustiana neste trabalho. A escolha dos excertos diz respeito a aspectos muito concretos e que servem como termo de comparação para outras situações. Por outras palavras, constituem testemunhos escritos de questões tratadas ao longo desta dissertação. Além do enquadramento geral da obra segundo o autor (*Jug.* V, 1-2), podemos assinalar: (1) a construção de marcadores territoriais através de personagens do passado (*Jug.* LXXIX); (2) a transmissão de informações, por parte das comunidades costeiras, sobre as regiões interiores (*Jug.* XVII); (3) a formação de grupos "híbridos" (*Jug.* XVIII); (4) contracção de matrimónios entre Sidónios e Numidas em Leptis, que resultaram na utilização da língua destes e dos costumes daqueles e (5) razões que podem ter impulsionado a expansão "fenícia" (*Jug.* XIX; cf. Wagner & Alvar, 2003). São, portanto, pequenos exemplos que permitem desafiar boa parte da interpretação dos processos históricos da Proto-história peninsular ou, pelo menos, destacar a sua complexidade.

Edições consultadas: Ernout, 1962⁵; García Álvarez, 1989; Carrera, 2001²⁶¹.

Bibliografia: Ernout, 1962⁵; Paul, 1984; Hellegouarc'h, 1999; Levene, 1992; Carrera, 2001; Wagner & Alvar, 2003.

²⁶¹ O texto latino baseou-se nesta edição.

Textos

Bellum Iugurthinum, V²⁶²

1. Bellum scripturus sum quod populus Romanus cum Iugurtha, rege Numidarum, gessit, primum quia magnum et atrox variaque victoria fuit, dehinc quia tunc primum superbiae nobilitatis obviam itum est.
2. Quae contentium divina et humana cuncta permiscuit eoque vecordiae processit, uti studiis civilibus bellum atque vastitas Italiae finem faceret.

1. Me propongo narrar la guerra que el pueblo romano sostuvo con Jugurta, rey de Numidia, en primer lugar porque fue una guerra larga y encarnizada, y su victoria tuvo diversas alternativas; después, porque entonces por vez primera se puso freno a la prepotencia de la nobleza;
2. esta rivalidad trastornó todas las cosas, las divinas y las humanas, y llegó a un grado tal de insensatez que sólo la guerra civil y la ruina de Italia pusieron fin a las luchas entre ciudadanos.

(Trad. Carrera de la Red, 2001)

Bellum Iugurthinum, XVII

1. Res postulare uidetur Africae situm paucis exponere et eas gentis quibuscum nobis bellum aut amicitia fuit, adtingere.
2. Sed quae loca et nationes ob calorem aut asperitatem, ítem solitudines minus frequentata sunt, de iis haud facile conpertum narrauerim. Cetera quam paucissimis absoluam.

[...]

²⁶² Este excerto é importante para identificar os objectivos da obra de Salústio.

7. Sed qui mortales initio Africam habuerint quique postea adcesserint ad quo modo inter se permixti sint, quamquam ab ea fama quae plerosque obtinet, diuorsum est, tamen uti ex libris Punicis, qui regis Hiempsalis dicebantur, interpretatum nobis est utique rem sese habere cultores eius terrae putant, quam paucissimis dicam. Ceterum fides eius rei penes auctores erit.

1. Me parece que el hilo de narración requiere que hablemos, aunque brevemente, de la situación de África y de aquellos pueblos con los que hemos sostenido guerra o tratado de amistad²⁶³.

2. Pero de aquellas regiones y gentes de África que no han sido muy frecuentadas por su clima tórrido, o por lo abrupto del terreno y por los desiertos, no me sería fácil decir cosas que sepa a ciencia cierta; sobre el resto, trataré de ser muy breve.

[...]

7. Sobre quiénes fueron los primeros pobladores de África, quienes se les unieron más tarde y cómo se mezclaron unos con otros, aunque lo que voy a decir se aparta de lo que tradicionalmente afirma la mayoría, sin embargo, resumiéndolo al máximo, lo expondré siguiendo la traducción que se nos hizo de unos libros que se atribuían al rey Hiénsal, escritos en cartaginés, así como aquello que tienen por cosa cierta los habitantes del país. Por lo demás, el crédito que ello merezca dependerá del que se quiera dar a mis informaciones.

(Trad. A. Carrera de la Red, 2001)

²⁶³ Salústio inicia assim a descrição geográfica de África (XVII-XIX), assinalando, pela única vez na sua obra, uma fonte que terá consultado. É possível que o autor, como governador em África, tenha tido acesso a esta obra. Mas as dúvidas que, aparentemente, Salústio coloca à autoria e à língua original, é provável que se trate de uma citação indirecta (para esta discussão, v., sobretudo, Paul, 1984, pp. 74-75). A referência às informações locais é vaga, uma vez que nesta descrição, o autor não assinala a proveniência das informações. Ou seja, não é possível afirmar, com toda a certeza, que a imagem que se dá no capítulo seguinte (XVIII) provenha de um registo escrito ou de uma informação oral.

Bellum Iugurthinum, XVIII

1. Africam initio habuere Gaetuli et Libyes, asperi incultique, quis cibus erat caro ferina atque humi pabulum uti pecoribus.
2. Ii neque moribus neque lege aut imperio quousquam regebantur: uagi palantes quas nox coegerat sedes habebant.
3. Sed postquam in Hispania Hercules, sicuti Afri putant, interiit exercitus eius, conpositus ex uariis gentibus, amisso duce ac passim multis sibi quisque imperium petentibus breui dilabatur.
4. Ex eo numero Medi, Persae et Armeni nauibus in Africam transuecti proximos nostro mari locos occupauere,
5. Sed Persae intra Oceanum magis, iique aleuos nauium inuorsos pro tuguriis habuere, quia neque maeria in agris neque ab Hispanis emundi aut mutandi copia erat:
6. Mare magnum et ignara lingua commercio prohibebant.
7. Ii paulatim per conubia Gaetulos secum miscuere et, quia saepe temptantes agros alia, deinde alia loca petiuerant, semet ipsi Nomadas appellauere,
8. Ceterum adhuc aedificia Numidarum agrestium, quae mapalia illi uocant, oblonga incuruis lateribus, tecta quasi nauium carinae sunt.
9. Medis autem et Armeniis adcessere Libyes – nam ii propius mare Africum agitabant, Gaetule sub sole magis, haud procul ab ardoribus –, iique mature oppida habuere; nam freto diuisi res ab Hispania mutare res inter se instituerant.
10. Nomen eorum paulatim Lybies conrupere, barbara lingua Mauros pro Medis appellantes.
11. Sed res Persarum breui adoleuit, ac postea nomina Numidae, propter multitudinem a parentibus digressi, possedere ea loca quae proxima Carthaginem Numidia appellantur.
12. Deinde utrique alteris freti finitimos armis aut metu sub imperium suum coegere, nomen gloriamque sibi addidere, magis ii qui ad nostrum mare processerant, quia

Libyes quam Gaetuli minus bellicosi. Denique Africae pars inferior pleraque ab Numidis possessa est, uicti omnes in gentem nomenque imperantium concessere.

1. Los primeros pobladores de África fueron los getulos y los libios, hombres feroces y rudos que se alimentaban de la carne de animales salvajes y de hierbas, como las bestias.
2. No tenían para su gobierno ni normas tradicionales, ni leyes, ni autoridades; iban de un lugar a otro a la ventura, y no se asentaban en otro lugar que aquel en el que la noche los sorprendía.
3. Pero cuando murió Heracles en España²⁶⁴, según creen los africanos, su ejército, formado por soldados de distintas razas, se disolvió al quedarse sin jefe y pretender muchos de diversos bandos hacerse con el poder.
4. Algunos de aquellos soldados, los medos, los persas y los armenios, pasaron a África en barco y ocuparon las costas de nuestro mar.
5. Los persas se adentraron en la región más próxima al Océano, y utilizaron como habitáculos los armazones de sus barcos, dándoles la vuelta, porque en sus campos no había madera ni les era posible obtenerla en España por compra o por intercambio;
6. las dimensiones de aquel mar y el desconocimiento de la lengua eran grandes obstáculos para poder comerciar.
7. Éstos, poco a poco, por medio de matrimonios mixtos se mezclaron con los getulos y se dieron a sí mismos el nombre de nómadas, por tratar de encontrar asentamientos, yendo siempre de unos campos a otros, de unas comarcas a otras.
8. Y hasta hoy mismo los númidas que viven en estado primitivo tienen viviendas – que ellos llaman *mapalia* – de forma alargada, con los costados curvos y con una estructura semejante a la del casco de una nave.

²⁶⁴ Segundo G.M. Paul, a referência a Héracles apresenta uma mistura de elementos gregos, fenícios e indígenas, bem como um possível contributo pessoal do autor. "There is no exact parallel for his version. It is impossible to disentangle the elements [...]" (1984, p. 75)

9. A los medos y los armenios se unieron los libios – éstos vivían en las inmediaciones del mar de África, mientras los getulos estaban en tierras más soleadas, o lejos de la zona tórrida –, y tuvieron desde muy pronto ciudades amuralladas, pues, como estaban separados de España solamente por el Estrecho, habían entablado con ella relaciones comerciales.

10. Los libios fueron poco a poco alterando el nombre de medos y terminaron llamándolos moros en su lengua bárbara.

11. El poder de los persas se desarrolló en muy poco tiempo; después, al ser muchos, se separaron de sus antecesores con el nombre de númidas, y ocuparon el territorio que linda con Cartago y que lleva la denominación de Numidia.

12. Más tarde, apoyándose unos a otros, sometieron los pueblos vecinos por la fuerza de las armas o por intimidación, y se granjearon renombre y gloria, particularmente aquellos que se habían ido asentando cerca de la costa de nuestro mar, ya que los libios son menos belicosos que los getulos. Al fin, los númidas se hicieron dueños del África Inferior²⁶⁵ casi en su totalidad, y todos los pueblos vencidos quedaron incorporados a la nación de los vencedores y adoptaron su mismo nombre.

(Trad. A. Carrera de la Red, 2001)

Bellum Iugurthinum, XIX

1. Postea Phoenices, alii multitudinis domi minuendae gratia, pars imperi cupidine, sollicitata plebe et aliis novarum rerum avidis, Hipponem, Hadrumetum, Lepcim aliasque urbis in ora maritima condidere; eaeque brevi multum auctae, pars originibus suis praesidio, aliae decori fuere.

1. Pasado un tiempo, los fenicios, unos buscando aminorar el exceso de población en su patria y movidos otros por el afán de dominar, se ganaron la plebe y a unos cuantos que andaban ávidos de novedades, y fundaron a lo largo de la costa Hipona, Hadrumeto,

²⁶⁵ África do Norte, nas zonas costeiras (v. Edição de M. Comber e C. Balmaseda, 2009, p. 29 – 30, com os mapas da obra de Salústio).

Leptis y otras ciudades que llegaron a ser muy prósperas en poco tiempo y dieron a la metrópoli las unas protección y las otras esplendor.

(Trad. A. Carrera de la Red, 2001)

Bellum Iugurthinum, LXXVIII

1. Id oppidum ab Sidoniis conditum est, quos accepimus profugos ob discordias civilis navibus in eos locos venisse, ceterum situm inter duas Syrtis, quibus nomen ex re inditum.

2. Nam duo sunt sinus prope in extrema Africa, inpaes magnitudine, pari natura; quorum proxuma terrae praealta sunt, cetera uti fors tulit alta alia, alia in tempestate vadosa.

3. Nam ubi mare magnum esse et saevire ventis coepit, limum harenamque et saxa ingentia fluctus trahunt: ita facies locorum cum ventis simul mutatur. Syrtes ab tractu nominatae.

4. Eius civitatis lingua modo convorsa conubio Numidarum, legum cultusque pleraque Sidonica; quae eo facilius retinebant, quod procul ab imperio regis aetatem agebant.

5. inter illos et frequentem Numidiam multi vastique loci erant.

1. La ciudad de Leptis fue fundada por gentes procedentes de Sidón, que, según la tradición, huyeron de su patria a causa de las discordias civiles y vinieron a parar, navegando, hasta estos parajes²⁶⁶; en cuanto a su emplazamiento, Leptis está situada entre las dos Sirtes, así llamadas por un fenómeno natural que allí se produce.

²⁶⁶ Plínio (*N.H.*, V, 76) defende que esta fundação é dos Tírios, tal como Utica (Carrera, 2001, n. 384 *ad loc.*). A. Ernout traduz esta passagem do seguinte modo: "La ville de Leptis a été fondée par des Tyriens", baseando-se, provavelmente, na citada passagem pliniana (cf. Paul, 1984, p. 197). O citado tradutor propõe ainda que Leptis foi fundada em c. 1100 a.C. (Ernout, 1962⁵, n. 1 *ad loc.*), o que significa, tomando como válida a opinião de C. Veleio Patérculo (I, 2*), que este acontecimento se associa à fundação de Gadir em 1106/ 1104 a.C.; por seu turno, G.M. Paul defende que a fundação de Leptis é muito mais tardia, i.e., entre os séculos VI e V a.C.

2. Hay, en efecto, dos golfos cerca del extremo de África, de extensión desigual pero de iguales características. En la parte de ellos que está cercana a la costa, el fondo del mar tiene mucha profundidad; en el resto varía, según los casos, en unos sitios es profundo, y en otros vadeable, según los temporales.

3. Cuando el mar empieza a tener gran oleaje y a embravecerse por la furia de los vientos, las olas arrastran fango, arena y peñascos, con lo que la apariencia de estos lugares se altera a ritmo del viento; por ese arrastre, a aquellos golfos se les dio el nombre de Sirtes²⁶⁷.

3. De esta ciudad lo único que cambió por el contacto con los númidas fue la lengua; casi todo lo demás, las leyes y las costumbres, eran como las de Sidón²⁶⁸; si las habían podido conservar más fácilmente era porque vivían alejados del poder del rey númida,

5. dado que entre ellos y la parte más poblada de Numidia se extendía un enorme desierto.

Bellum Iugurthinum, LXXIX

2. qua tempestate Carthaginienses pleraque Africa imperitabant, Cyrenenses quoque magni atque opulenti fuere.

3. ager in medio harenosus, una specie; neque flumen neque mons erat, qui finis eorum discerneret. quae res eos in magno diuturnoque bello inter se habuit.

4. postquam utrimque legiones, item classes saepe fusae fugataeque et alteri alteros aliquantum adtriverant, veriti, ne mox victos victoresque defessos alius aggredieretur, per indutias sponsionem faciunt, uti certo die legati domo proficiscerentur: quo in loco inter se obvii fuissent, is communis utriusque populi finis haberetur.

²⁶⁷ A. Ernout relaciona a menção de Salústio com o verbo grego σύρειν (syrein), afirmando que "cette étymologie, empruntée par Salluste aux géographes grecs, n'est sans doute qu'un simple jeu de mots. Le nom doit être indigène" (n. 2 *ad loc.*). No entanto, o verbo (cf. Bailly, s.v. σύρω) significa, quando associado a correntes de água, "charrier, entraîner", associando-se a συρτός (syrtós; "nettoyé, lavé, litt. balayé par le courant d'un ruisseau ou d'une rivière" (*ibid.*, s.v. συρτός). O nome das Sirtes, transmitido pela literatura grega (por exemplo, Hdt. II, 32*) é Σύρτιδες (Syrtides), Σύρτις no singular. Este nome designa, segundo C. Schrader (2006, n. 577 a Hdt. IV, 169.2), águas pouco profundas entre a Tunísia, Tripolitânia e Cirenaica.

²⁶⁸ Novamente, Ernout assinala Tiro e não Sídón.

5. igitur Carthagine duo fratres missi, quibus nomen Philaenis erat, maturavere iter pergere. Cyrenenses tardius iere. id socordiane an casu accident, parum cognovi.
6. ceterum solet in illis locis tempestas haud secus atque in mari retinere. nam ubi per loca aequalia et nuda gignentium ventus coortus harenam humo excitavit, ea magna vi agitata ora oculosque implere solet: ita prospectu impedito morari iter.
7. postquam Cyrenenses aliquanto posteriores se esse vident et ob rem corruptam domi poenas metuont, criminari Carthaginiensis ante tempus domo digressos, conturbare rem, denique omnia malle quam victi abire.
8. sed quom Poeni aliam condicionem, tantummodo aequam, peterent, Graeci optionem Carthaginiensium faciunt, ut vel illi, quos finis populo suo peterent, ibi vivi obruerentur, vel eadem condicione sese quem in locum vellent processuros.
9. Philaeni condicione probata seque vitamque suam rei publicae condonavere: ita vivi obruti.
10. Carthaginienses in eo loco Philaenis fratribus aras consecravere, aliique illis domi honores instituti. nunc ad rem redeo.

2. En el tiempo en que los cartagineses extendían su dominio por la mayor parte de Africa, tambien los de Cirene fueron poderosos y opulentos.
3. En medio de ambos había un terreno arenoso de aspecto uniforme. No existía río ni monte alguno que señalase las fronteras. Este hecho provocó entre ellos una guerra grande y prolongada.
4. Pero después que ejércitos y armadas de uno y otro bando fueron deshechos y puestos en fuga en numerosas ocasiones y que se habían causado unos a otros considerables pérdidas, temiendo que un tercero viniese a continuación a atacar a vencidos y vencedores, estando ya agotados todos, durante una tregua hacen un pacto para que un día determinado salgan emisarios de las ciudades respectivas. El lugar en el que se encontrasen quedaría reconocido como la frontera de ambos pueblos.

5. Así pues, de Cartago son enviados dos hermanos llamados Filenos que hicieron el recorrido con gran rapidez. Los Cireneos marcharon más lentamente...

6 - 7. Cuando los Cireneos se ven un tanto retrasados y con el miedo de ser castigados en su país por haber hechado a perder sus intereses, acusan a los Cartagineses de haber salido de su ciudad antes de tiempo, complican el asunto y en definitiva prefieren cualquier cosa a marcharse derrotados.

8. Pero como los Púnicos pidiesen otra condición siempre que fuese equitativa, los Griegos ofrecen a los Cartagineses la posibilidad entre ser enterrados vivos en ese lugar que reclamaban como frontera para su pueblo o permitirles a ellos continuar hasta donde quisiesen bajo la misma condición.

9. Los Filenos, aceptada esa condición, ofrecieron a su patria el sacrificio de sus personas y sus vidas y fueron enterrados vivos.

10. Los Cartagineses consagraron en aquel lugar unos altares a los hermanos Filenos y les dedicaron otros honores en su propia ciudad.

(Trad. M. Montero Montero, 1994)

Sílio Itálico

Introdução

Influenciado por Virgílio e Tito Lívio (Miniconi & Devallet, 1979, p. XXXIX ss.; Pomeroy, 2010), Sílio Itálico é autor de um extenso poema (*Punica*) que, nos seus 12.000 versos, relata a II Guerra Púnica. Escreveu-o quando se retirou da vida pública. Antes disso, foi cônsul em 68 d.C. e procônsul na província da Ásia (Duff, 1934, pp. IX-X; Casillas, 1999b, p. 722). A cronologia da composição da sua obra é bastante discutida, concluindo-se que o poema foi publicado por partes ao longo de vários anos (Villalba Álvarez, 2005, pp. 50-52). Em 88, Marcial (*Epig.* IV, 14. 1-5), pertencente ao círculo de amigos do autor em apreço, afirma ter conhecimento do plano da obra. O mesmo autor, num epigrama datado do ano 92, refere, novamente, o poema siliano

(*Epig.* VII, 63. 1-2)²⁶⁹. Este dado permite situar o Livro III de *Punica*, aquele que foi recolhido neste anexo, em c. 92 d.C.; o autor morreu nove anos depois (101).

A referida influência manifesta-se no modo como o autor mistura acções humanas com os deuses (Asso, 2010, p. 179), com o intuito de valorizar a ascensão de Roma a partir das suas derrotas. Vários autores (Duff, 1934, p. XI; Nicol, 1936, pp. 17-125; Casillas, 1999b, p. 722; Villalba Álvarez, 2005, p. 85ss.; Pomeroy, 2010) assinalam também a influência de Tito Lívio sobre o poema de Sílio Itálico, sobretudo no que diz respeito aos temas tratados. Ou seja, o poeta retransmitiu informações de Lívio, conferindo-lhe um estilo virgiliano (cf. Villalba Álvarez, p. 95ss.).

No que diz respeito à transmissão do texto, a primeira edição data de 1471, sem os oitenta e um versos (VIII, 145 - 225) que surgiram, mais tarde, na edição de Aldine (1523; várias edições em Duff, 1934, p. XVI-XVIII)²⁷⁰. Estes versos não serão aqui discutidos, uma vez que os excertos retirados para este trabalho pertencem ao Livro III.

Um dos excertos apresentados (*Pun.* III, 1-44*) é um testemunho de extremo interesse, na medida em que apresenta uma descrição das portas do santuário de Melqart em Gadir, onde se representam dez trabalhos do herói (Tsirkin, 1981), bem como o sacerdócio (Marín & Jiménez, 2005). Assim, apesar de posterior, o texto de Sílio Itálico é um ponto de referência importante para a análise da recepção da figura de Héracles na literatura latina, bem como para uma aproximação ao santuário de Gadir.

Héracles desempenha no poema um papel proeminente: primeiro, porque através da sua figura, Sílio Itálico estabelece um vínculo entre Roma e Sagunto, fazendo derivar o topónimo de Zacinto, companheiro do herói no regresso de Erítia (igualmente, *Str.* III 4.6; *Liv.* XXI, 7.2); segundo, porque a resistência dos Saguntinos a Aníbal²⁷¹ é apresentada como um reflexo do heroísmo de Héracles, por um lado e, por outro, permitia transmitir a ideia de que o comportamento de Aníbal foi uma afronta contra a divindade fundadora e protectora da cidade²⁷².

A tomada de Sagunto é, sem dúvida, um dos feitos mais assinaláveis de Aníbal (Remedios Sánchez, 2012, p. 203), daí a importância que adquire no poema de Sílio Itálico, bem como nos trabalhos de Políbio (III, 17) e Tito Lívio (XXI, 5 - 20), "que

²⁶⁹ Textos citados por Villalba Álvarez (2005, p. 50).

²⁷⁰ <http://search.ugent.be/meercat/x/bkt01?q=900000177658> [em linha] (cons. 19/10/2012).

²⁷¹ De acordo com Políbio (III, 17.10) e Tito Lívio (XXI, 15), o cerco a Sagunto durou, respectivamente, oito e sete meses.

²⁷² Cf. *Punica* II, 475-525: Héracles pede a intervenção da deusa Fides em favor dos Saguntinos. Em I, 509 - 514, Aníbal dirige-se ao herói, comparando-se a ele, o que, na óptica do poeta, parece reforçar essa afronta. P. Asso (2010, p. 180ss.) apresenta uma reflexão bastante interessante sobre este tema.

parecen seguir directa o indirectamente el relato de los acontecimientos que realizó Sileno, uno de los historiadores griegos que marchaban en el séquito de Aníbal" (Remedios Sánchez, 2012, p. 204).

Vejamos a importância deste dado. Segundo o testemunho de Sílio Itálico, o general cartaginês dirigiu-se a Gadir após a tomada de Sagunto. Inicia-se, assim, em III, 1-44*, um discurso visualista que descreve as portas do santuário de Hércules (Melqart), onde se representam dez trabalhos do herói (Tsirkin, 1981), bem como o seu sacerdócio (Marín & Jiménez, 2005; Asso, 2010) e as marés (III, 45-60; cf. Manolaraki, 2010).

Pelo que se conhece, Sílio Itálico foi o único que fez esta descrição, o que remeteria para a provável fonte comum de Políbio e Tito Lívio: Sileno. Este, como vimos, acompanhou Aníbal e parece ser responsável, em parte, pela transmissão da imagem de um líder que admirava e venerava a divindade (D. Briquel, 2000, p. 125, *apud* Rueda & Olmos, 2010, p. 42)²⁷³. É interessante verificar que o general cartaginês parece, de algum modo, imitar a figura de Alexandre ao pedir o apoio de Hércules (Asso, 2010, p. 188; Rueda e Olmos, 2010, p. 42), o que refletiria a sua educação helenística; ou, por outro lado, a imagem construída pelos seus historiadores, ou mesmo o interesse que Sílio Itálico tem na figura do herói, como aliás vimos um pouco mais acima.

Estamos, portanto, perante um texto bastante problemático. A descrição das portas de Gadir, no contexto da obra de Sílio Itálico, pode ser uma ocasião para assinalar, num discurso visualista, os trabalhos e a morte do herói. Como também pode ser um eco de um texto elaborado pela historiografia de Aníbal, destinada a conformar a imagem de um líder "helenizado" (cf. Remedios Sánchez, 2012). Em ambos os casos, parece tratar-se de um recurso literário comum em vários poemas épicos: a descrição do escudo de Aquiles na *Iliada*, das bandeiras n'Os *Lusíadas* e até mesmo do templo de Juno em Cartago, na *Eneida*.

Dito isto, o valor de *Punica* III, 1-44*, exposto neste anexo, pode residir na importância da figura de Hércules para o autor, ou na descrição real de uma iconografia que não se preservou, com a qual Aníbal teve contacto. Em todo o caso, não podemos ignorar a importância do herói como "arma ideológica" do episódio subsequente de

²⁷³ A visita de Aníbal a Gadir é também referida por Lívio (XXI, 21.9, *apud* Rueda & Olmos, 2010, p. 42): "Aníbal, después de pasar revista a las tropas auxiliares de todos los pueblos, marchó a Cádiz y cumplió sus votos a Hércules comprometiéndose con otros nuevos para el caso de que todo lo demás saliera bien" (Trad. Villar Vidal, 2008). "*Hannibal, cum recensisset omnium gentium auxilia, Gades profectus Herculi vota exsolvit novisque se obligat votis, si cetera prospera evenissent*".

Aníbal: a marcha contra Roma. As representações hercúleas das moedas de Gadir (Rueda & Olmos, 2010, p. 41) são um testemunho eloquente desta importância. O excerto em questão surge na sequência da tomada de Sagunto por Aníbal, iniciando em Gadir o caminho que o levará até à Península Itálica.

Dos outros excertos de Sílio Itálico assinalados neste anexo, destacam-se as referências a Cástulo e Hispalis (III, 391-405). Acrescenta-se ainda a existência de um antropónimo Tartessos (XVI, 465-470).

Textos

Edições consultadas: Duff, 1934; Miniconi & Devallet, 1979; Delz, 1987²⁷⁴; Casillas, 1999a; Villalba Álvarez, 2005²⁷⁵;

Bibliografia: Marín Ceballos & Jiménez Flores, 2005; Duff, 1934; Miniconi & Devallet, 1979; Tsirkin, 1981; Mierse, 2004; Villalba Álvarez, 2005; Rueda e Olmos, 2010; Asso, 2010; Pomeroy, 2010; Remedios, 2010.

Punica III, 1–44

1-4. Postquam rupta fides Tyriis et moenia castae/ non aequo superum genitore euersa
Sagunti,/ extemplo positos finiti cardine mundi/ uictor adit populos cognataque limina
Gades.

5-9. Nec uatum mentes agitare et praescia corda/ cessatum super imperio. citus aequare
Bostar/ uela dare et rerum praenoscere fata iubetur./ Prisca fides adytis longo seruatur
ab aeuo,/ qua sublime sedens, Cirrhaeis aemulus antris,

10-14. inter anhelantis Garamantas corniger Hammon/ fatidico pandit uenientia saecula
luco/ hinc omen coeptis et casus scire futuros/ ante diem bellique uices nouisse petebat./
Exin clauigeri ueneratus numinis aras.

²⁷⁴ O texto latino baseia-se nesta edição.

²⁷⁵ Este autor baseia-se na tradução de Miniconi & Devallet, 1979. Optou-se por apresentar esta última.

15-19 captiuis onerat donis, quae nuper ab arce/ uictor fumantis rapuit semusta Sagunti./
Uulgatum, nec cassa fides, ab origine fani/ impositas durare trabes solasque per aeuum/
condentum nouisse manus. hinc credere gaudent

20-24 consedis deum seniumque repellere templis./ Tum, quis fas et honos adyti
penetralia nosse,/ femineos prohibent gressus ac limine curant/ saetigeros arcere sues.
nec discolor ulli/ ante aras cultus: uelantur corpora lino,/

25-29 et Pelusiaco praeifulget stamine uertex. Discinctis mos tura dare atque e lege
parentum/ sacrificam lato uestem distinguere clauo:/ pes nudus tonsaeque comae
castumque cubile./ Inrestructa focis seruant altaria flammae,

30-34 sed nulla effigies simulacraue nota deorum/ maiestate locum et sacro impleuere
timore.

In foribus labor Alcidae: Lernaee recisis/ anguibus hydra iacet, nexuque elisa leonis/ ora
Cleonaei patulo caelantur hiatu.

35-39. At Stygius saeuis terrens latratibus umbras/ ianitor, aeterno tum primum tractus
ab antro,/ uincla indignatur, metuitque Megaera catenas./ Iuxta Thraces equi pestisque
Erymanthia et altos/ aeripedis ramos superantia cornua cerui.

40-44. Nec leuior uinci Libycae telluris alumnus/ matre super stratique genus deforme
bimembres/ Centauri frontemque minor nunc amnis Acarnan./ Inter quae fulget sacratis
ignibus Oete,/ ingentemque animam rapiunt ad sidera flammae.

1-13. Quand les Tyriens²⁷⁶, qui avaient rompu e traité, eurent, sans l'aveu du père des dieux, renversé les murs de la vertueuse Sagonte, le vainqueur aussitôt se porte chez les peuples situés aux bornes extrêmes de l'univers et entre dans Gadès liée par le sang aux Puniques.

Il a soin de solliciter aussi la science des devins et leurs dons de prophétie pour savoir qui détiendra l'empire du monde. Sans attendre, Bostar prend la mer et reçoit l'ordre

²⁷⁶ Duff aplica aqui o nome "Carthaginians". Na introdução à obra, assinala que "the Carthaginians also are called by nearly a dozen different names" (1933, p. XIV), do mesmo modo que os Romanos. O editor especificou a variedade dos nomes destes últimos, mas não fez o mesmo para os primeiros. Em todo o caso, seria preferível, como neste caso, uma tradução literal, acompanhada pela explicação apontada.

d'aller découvrir les secrets des destins. Depuis l'antiquité et tout au long des siècles, on croit toujours aux révélations du sanctuaire - comparable à l'autre de Cirrha - où, chez les Garamantes haletants, Hammon à la tête cornue, installé sur son trône élevé, dévoile, du fond de son bois prophétique, les siècles futurs. C'est de lui qu' Hannibal voulait obtenir un présage favorable à son entreprise et recevoir, avant le jour marqué, la révélation de l'avenir et des vicissitudes de la guerre.

14 - 31. Puis le vainqueur offre son hommage aux autels du dieu porteur de massue et les charge des dépouilles à demi - consumées de la citadelle de Sagonte encore fumante. On croit communément - ce n'est pas sans raison - que les poutres posées quand fut fondé le temple demeurent encore en place et n'ont jamais été touchées que par les mains des constructeurs. Aussi se plaît - on à penser que le dieu y a fixé sa demeure et préserve son temple de l'atteinte des âges. Et ceux qui ont le privilège et l'honneur de pénétrer dans ce sanctuaire en interdisent l'entrée aux femmes et veillent à écarter du seuil les porcs porteurs de soies. Tous, devant les autels, ont des ornements identiques: ils sont parés d'un habit de lin et sur leur front brille une bandelette de Péluse²⁷⁷. Le rite veut qu'ils portent, pour offrir l'encens, une robe sans ceinture et, lors des sacrifices, une large bande de pourpre, selon l'usage ancestral, borde leur vêtement. Ils marchent les pieds nus, ont la tête rasée et observent la continence; jamais ne s'éteint la flamme qui brille sur leurs autels. Mais aucune image, aucune statue de dieux ne confère majesté et crainte religieuse à leur temple.

32-44. Sur les portes sont représentés les travaux d'Alcide²⁷⁸: on y voit, ciselées, l'hydre de Lerne, abbatue et dont les serpents sont tranchés, la tête du lion de Cléone broyée par l'étreinte, où s'ouvre sa gueule tout grande. Quant au gardien du Styx, dont les aboiements furieux terrifiaient les ombres, il est, pour la première fois, arraché à son antre éternel et gronde d'être enchaîné; Mégère redoute aussi les fers. Tout à côté sont les chevaux de Thrace, le monstre d'Erymanthe et le cerf aux sabots d'airain dont les bois dépassent le faite des arbres, et le Lybien fils de la Terre, adversaire tout aussi redoutable quand ses pieds touchaient sa mère, et, terrassés, les Centaures, hideuse engeance à la double nature, et le fleuve d'Acananie, désormais amputé d'une corne. Au

²⁷⁷ O autor refere-se aqui a uma localidade egípcia.

²⁷⁸ Duff introduz o nome "Hércules".

milieu de ces sculptures étincellent les feux divins d'Oeta dont les flammes emportent jusqu'aux astres la grande âme du héros²⁷⁹.

Punica III, 391-405

391 Fulget praecipuis Parnasia Castulo signis/ et celebre Oceano atque alternis aestibus
Hispal/ ac Nebrissa dei Nysaeis conscia thyrsis,/ quam Satyri coluere leues redimitaque
sacra

395 nebride et arcano Maenas nocturna Lyaeo./ Arganthoniacos armat Carteia nepotes./
Rex proavis fuit humani ditissimus aevi,/ ter denos decies emensus belliger annos./
Armat Tartessos stabulanti conscia Phoebos/

400 et Munda Emathios Italis paritura labores./ Nec decus auriferae cessavit Corduba
terrae/ Hos duxere viros flauenti uertice Phorcys/ spiciferisque grauis bellator Arauricus
oris,/ aequales aevi, genuit quos ubere ripa

405 Palladio Baetes umbratus cornua ramo.

391–405. D'un éclat particulier brillent les enseignes de Castulo la Parnassienne, d'Hispal, célèbre par son trafic maritime et l'alternance des marées, de Nébrissa, témoin des thyrses du dieu nyséen et séjour des Satyres agiles et de la Ménade qui revêt la peau de daim rituelle pour célébrer durant la nuit les mystères de Lyaeus. Carteia arme les descendants d'Arganthonius: celui - ci, qui régnait jadis sur leus ancêtres, avait, de tous les humains, connu l'existence la plus longue et passé trois cents ans à se battre. Tartessos s'arme aussi, elle qui voit les chevaux de Phébus rentrer à l'écurie, et Munda, à qui l'Italie devra des désastres dignes de l'Émathie. Et Cordue, gloire du pays de l'or, ne manque pas d'être là. Ces troupes ont pour chef Phorcis aux blonds cheveux et Arauricus, guerrier que redoutent ces régions aux riches moissons; tous deux sont du

²⁷⁹ Tito Lívio (XXI, 21) assinala também este episódio protagonizado por Aníbal em Gadir (cf. Rueda e Olmos, 2010, p. 42). Na opinião de M.^a C. Marín Ceballos (2001, p. 324; 2010, p. 232-233), o tema pode ser relacionado com as representações, na cerâmica ática de figuras vermelhas, de Héracles subindo ao céu, a partir de 460 a.C. (cf., por exemplo, Boardman, 1989, fig. 311). Por seu turno, Ju. B. Tsirkin (1981), seguido por M. Almagro (2004, p. 16 e 25; cf. Marín, 2010, p. 233 e n. 63), relacionou o tema com modelos neo-hititas, bem como com a iconografia de Pozo Moro.

même âge et nés sur les bords fertiles du Bétis aux cornes ombragées du rameau de Pallas.

Punica XVI, 465-470

Fulgentes pueri Tartessos et Hesperos ora/ ostendere simul uulgi clamore secundo./ hos Tyria misere domo patria inclita Gades./ mox subit aspersus prima lanugine malas/ Baeticus: hoc dederat puero cognomen ab amne/ Corduba et haud paruo certamina laeta fouebat.

Two splendid youths, Tartessus and Hesperus, presented themselves together amid the applause of the spectators²⁸⁰. They came from Gades, that famous colony of the Phoenicians. Next to come forward was Baeticus, whose cheeks were sprinkled over the first down of manhood; Corduba had named the lad thus after her river, and the city backed her favourite's successes at no small cost.

(Trad. J.D. Duff, 1934)

Teopompo

Introdução

"[Teopompo] se propuso escribir sobre un rey muy afín a la virtud... ¡y no hay crimen ni vileza que no le impute! O bien, al principio, en el mismo prefacio de su historia, Teopompo parece inevitablemente adulator y falso, o bien, en los hechos concretos, irreflexivo y pueril. En efecto, da la impresión de haber supuesto que una injuria infundada y forzada le haría más digno de confianza y convertiría en más merecedores de crédito sus elogios dirigidos a Filipo II."

Plb., VIII, 11²⁸¹.

²⁸⁰ O texto refere-se a uma corrida organizada por Cipião.

²⁸¹ Trad. M. Balasch Recort, 2007 (Cruz & Balasch, 2007). προθέμενος γὰρ ὡς περὶ βασιλέως εὐφροεστάτου πρὸς ἀρετὴν γεγονότος οὐκ ἔστι τῶν αἰσχυρῶν καὶ δεινῶν ὃ παραλέλοιπε. λοιπὸν ἢ περὶ τὴν ἀρχὴν καὶ προέκθεσιν τῆς πραγματείας ἀνάγκη ψεύστην καὶ κόλακα φαίνεσθαι τὸν ἱστοριογράφον, ἢ

Segundo a *Suda*, Teopompo nasceu em Quios durante a 93ª Olimpíada (408-405 a.C.), mas a maioria dos investigadores que se debruçaram sobre este autor colocam esta data entre 378 e 376 a.C. (Pawnall, 2007, p. 143); ainda de acordo com a citada fonte, Teopompo foi contemporâneo de Xenofonte e de Éforo. O conhecimento da sua obra é bastante incompleto, tendo em linha de conta que se baseia em fragmentos. Autores como Ateneu chegaram mesmo a parafrasear longas passagens do autor (*ibid.*, p. 115), mas nenhuma delas corresponde às que são analisadas com maior detalhe neste trabalho. Estêvão de Bizâncio cita-o várias vezes ao longo de *Ethnica*.

Políbio (VIII, 10.12-13) critica duramente a metodologia seguida por Teopompo, sobretudo no que toca à sua atitude perante o objecto de estudo (história de Filipe II)²⁸². O uso da retórica nos escritos de Teopompo, em parte associado à influência de Isócrates, terá condicionado o seu conteúdo, uma vez que o autor pretendia, aparentemente, dar-lhe um sentido moral, a julgar pelo modo, por vezes agressivo, como caracteriza as personagens nas *Filípicas* e critica os seus defeitos morais (Flower, 1994, p. 3; Pawnall, 2007, p. 148 ss.). Esta é, porém, uma das facetas atribuídas a Teopompo. Outros testemunhos apresentam o autor como discípulo de Antístenes ou como seguidor dos métodos de Heródoto e Tucídides (Flower, 1994, p. 3 - 4). Esta última representação permitiria "libertá-lo" das influências da retórica e da filosofia do seu contexto, mas é sobretudo a imagem do moralista que prevalece na recepção de autores posteriores (Pawnall, 2007, p. 151).

Não obstante, durante a sua vida escreveu vários livros: um epítome de Heródoto (2 livros), *Hellenicas* (12 livros, segundo D.S., XIII, 42.5 e XIV, 84.7), *Filípicas* e outros não assinalados na *Suda*. *Filípicas*, obra datada de um período pouco anterior a 343/ 342 a.C. (Pawnall, 2007, p. 144), tinha cerca de 72 livros²⁸³. Segundo uma informação de Diodoro (XVI, 3.8), a obra tinha 58 livros (Lesky, 1995, p. 658; Pawnall, 2007, p. 144), todos eles dedicados à história de Filipe II, desde a subida ao trono (359 a.C.) até à sua morte (336 a.C.).

Embora não tenhamos uma referência explícita a qual obra de Teopompo Estêvão de Bizâncio refere em *Ethnika*, pressupõe-se que a informação foi recolhida em *Filípicas*, em concreto nos Livros XLIII e XLV. Sabe-se que Teopompo era conhecido

περί τὰς κατὰ μέρος ἀποφάσεις ἀνόητον καὶ μειρακίῳδον τελείως, εἰ διὰ τῆς ἀλόγου καὶ ἐπικλήτου λοιδορίας ὑπέλαβε πιστότερος μὲν αὐτὸς φανήσεσθαι, παραδοχῆς δὲ μᾶλλον ἀξιωθήσεσθαι τὰς ἐγκωμιαστικὰς ἀποφάσεις αὐτοῦ περὶ Φιλίππου.

²⁸² No que diz respeito a esta passagem, v. os comentários de Pawnall (2007, pp. 168-169).

²⁸³ Este não é o único nome atribuído a esta obra (Pawnall, 2007, p. 144, n. 5).

pelas suas digressões, como assinala Pownall (2007, p. 153), baseando-se nos *testimonia* (20, 29-31) e num fragmento recolhido por F. Jacoby (1957/ *FGrH* 115, 28)²⁸⁴. Uma dessas digressões é marcada pela representação dos confins do cosmos, num diálogo entre Midas e Sileno (Eliano; *FGrH* 115, frs. 74 e 75), no qual este descreve um continente mítico com duas cidades: uma, denominada "cidade da guerra" (Μάχιμος) e outra, "cidade da paz" (Εὐσεβής). Na primeira, os habitantes passam a vida em combate. Na segunda, identificam-se traços da representação fantasiosa dos confins, nomeadamente a vida pacífica sem esforços (Pownall, 2007, pp. 154-155).

Não obstante a relação que podemos ver nesta referência com a Idade de Ouro de Hesíodo (na descrição e na mensagem que este poeta transmite), Esquéria e, em última análise, Tartessos (na literatura grega arcaica), parece evidente que os povos mencionados por Teopompo não estão incluídos numa representação geral dos confins, mas antes num ambiente racionalizado. Os textos de Estêvão de Bizâncio são, portanto, insuficientes para enquadrar tanto a região de Μασσία/ Massía como o povo dos Τλήτες/ Tlêtes* numa das digressões com fins moralizantes ou no relato principal, com as críticas à degradação moral consequente de sistemas como a tirania ou a oligarquia.

Pownall salienta, aliás, que o autor bizantino transmite "highly uninformative place references" (2007, p. 165). Por esse motivo, não se sabe ao certo de que modo surgiram estes topónimos e etnónimos numa obra que, pelo que se conhece dela, valorizava personalidades individuais em detrimento das colectivas.

Analisando as vicissitudes da obra de Teopompo, por um lado, parece evidente que a etnografia estava bastante longe dos interesses do autor. Por outro, que as referências de Estêvão de Bizâncio, coligidas neste anexo, não podem ser colocadas de forma segura numa das vertentes de *Filípicas*. Torna-se necessário, por conseguinte, verificar todas as menções a Teopompo em *Ethnica*, tanto aquelas em que só se assinala o nome do autor, como aquelas em que há uma evidente referência a *Filípicas*.

Estêvão, através de Teopompo, assinalou várias cidades, povos e lugares nas mais diversas regiões. No entanto, não refere, por 24 vezes, qual a obra em que se baseou. Importa referir, neste contexto, os livros XLIII e XLV das *Filípicas*, mencionado quatro vezes em *Ethnika*. É nesse livro que se assinalam a região de Massia, a cidade de Csera (XLIII) e o ἔθνος dos Tletes.

²⁸⁴ As digressões que Powell assinala (2007, p. 153ss.), desempenham um papel específico na obra de Teopompo, uma vez que servem para transmitir uma mensagem moralista ao receptor.

O primeiro exemplo é *Drilônios* (Δριλώνιος), cidade e etnónimo localizados nos confins do território dos Célticos. De acordo com o estudo de F. Pawnall (2007, p. 152), no âmbito da análise das digressões e da sua finalidade para o conjunto de *Filípicas*, Ateneu, aparentemente através de Teopompo, apresentou um episódio em que intervêm Celtas e Ardianos. A falta de auto-controlo destes conduziu a que fossem derrotados de modo humilhante por aqueles. Tratando-se de uma digressão, é provável que Δριλώνιος tenha sido referido neste contexto.

O segundo exemplo é *Hipsikouroi* (Ἱπίκουροι), um ἔθνος Ligustino que é integrado, a par dos Ἀρβαξανοί (*Arbaxanoi*) e dos Εὐβιοί (*Eubioi*), no γένος Ligur. Neste, Estêvão de Bizâncio parafraseia Teopompo.

Perante este cenário, o estudo dos textos deste autor converte-se num exercício bastante interessante, mas que, infelizmente, não permite obter muitas respostas. Sobretudo quando se questiona o modo como Teopompo conheceu os "Tartéssios" e como os integrou na sua obra. Assim, estes textos são analisados no presente trabalho com as reservas necessárias, na medida em que não se sabe ao certo a cronologia das informações que o autor recolheu.

Edições consultadas: Meineke, 1958

Bibliografia: Lesky, 1995; Flower, 1994; Pawnall, 2007

Textos

FGrH 155, fr. 199/ St. Byz., s.v. Ξήρα

Ξήρα, πόλις περὶ τὰς Ἡρακλείους στήλας. Θεόπομπος τεσσαραχوستῶ τρίτῳ.
τὸ ἐθνικὸν Ξηραῖος.

Csera, cidade próxima das Colunas de Héracles. Teopompo no Livro Quarenta e três. O étnico é Csereu.

(Trad. P. Albuquerque)

FGrH 155, fr. 200/ St. Byz., s.v. Μασσία

Μασσία, χώρα παρακειμένη τοῖς Ταρτσεσσίοις. Το ἔθνικον Μασσιανός. Θεόπομπος τεσσαρακοστῷ τρίτῳ.

Massia, região vizinha dos Tartéssios. O étnico é Massiano. Teopompo no Livro Quarenta e três.

(Trad. P. Albuquerque)

FGrH 155, fr. 201/ St. Byz., s.v. Τλήτες

Τλήτες, ἔθνος Ἰβερικὸν περιοιχοῦν τοὺς Ταρτηεσσίους. Θεόπομπος τεσσαρακοστῷ πέμπτῳ.

Tletes, povo ibérico vizinho dos Tartéssios. Teopompo no Livro Quarenta e cinco.

(Trad. P. Albuquerque)

Tucídides

Introdução

A importância de Tucídides nesta dissertação é secundária, na medida em que trata temas que são paralelos ao objecto de estudo aqui proposto. Tal não impede, porém, de apresentar uma introdução com os aspectos que se consideram importantes para a leitura dos excertos analisados.

Para além dos dados autobiográficos expostos por Tucídides na sua obra, há poucas informações seguras para esse tipo de análise, mas calcula-se que a vida do historiador muito deve ao seu envolvimento com a vida pública ateniense, e que isso terá influenciado de forma decisiva a elaboração de uma obra destinada a relatar a *História da Guerra do Peloponeso*. Pensa-se que nasceu antes de 454 a.C. e não se sabe ao certo o lugar e a data da sua morte (Rodríguez Adrados, 2002b, p. IX - XII).

Importa mais destacar que Tucídides viveu durante toda a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), o que faz da sua obra uma novidade no panorama intelectual da sua época, i.e., a produção de uma História Contemporânea. A comparação desta obra com as *Histórias* de Heródoto permite assinalar algumas diferenças de conteúdo, embora mantenham em comum a ideia de *autopsia* (αὐτοψία), i.e., a *acção de ver com os próprios olhos*. O exercício de comparação entre estas duas grandes obras ultrapassa em boa medida qualquer tipo de manifestação de erudição, uma vez que incide, directamente, sobre o modo como um e outro autor foram vistos na produção historiográfica do século XIX e, inclusive, nos nossos dias.

Atendendo ao que é exposto na introdução à obra de Heródoto ("Heródoto", neste anexo), verifica-se que há uma diferença substancial entre ambos no que diz respeito às suas vivências. Heródoto terminou as suas viagens praticamente no início da guerra relatada por Tucídides. A vida deste, por seu turno, embora tenha também experimentado o exílio, fez com que a sua produção intelectual fosse um corolário lógico do seu percurso familiar e da própria posição que ocupou nos acontecimentos que descreveu²⁸⁵. Ou seja, enquanto Heródoto se interessou pelas razões que conduziram ao confronto entre Gregos e Bárbaros, procurando analisar o mundo dos povos conquistados pelos Persas, Tucídides orientou a sua bússola para Atenas e Esparta.

Estas considerações devem ser tidas em linha de conta a partir do momento em que se estabelecem critérios de comparação. Não se pode, por exemplo, comparar o papel que o passado mítico desempenha em Heródoto e Tucídides, na medida em que o objecto de análise não é, de todo, o mesmo. Mesmo considerando as referências herodotianas a esse passado, a imagem que obtemos não é a de um fundamento religioso para os acontecimentos históricos, como defende Rodríguez Adrados (2002b, p. XIII-XIV), mas antes o modo como esse passado era representado pelas comunidades analisadas pelo historiador de Halicarnasso ou Túrios²⁸⁶. Não esqueçamos que Heródoto procurou, sempre que lhe foi possível, apresentar várias versões desses passados

²⁸⁵ Para uma discussão sobre o exílio de Tucídides, v. Hornblower, 1996, p. 22ss., com bibliografia.

²⁸⁶ Citemos as palavras de F. Rodríguez Adrados (2002b, p. XIV) sobre a posição de Tucídides na intelectualidade ateniense do seu tempo, marcada pela oratória (com um sentido judicial e político): "En esta misma línea está el paso, en manos de Tucídides, de la historia legendaria y etnográfica de Heródoto, presidida por la intervención divina, a la historia contemporánea y política de Tucídides, presidida por la acción y pensamiento humanos". Veremos de seguida que Tucídides não deixa de recorrer ao passado mítico para oferecer algumas explicações para a sua proposta de análise.

distantes, adoptando sempre uma postura crítica perante eles, ao mesmo tempo que conferia ao Ser Humano o protagonismo da sua própria história.

Tucídides, por seu turno, interessava-se pelas cidades que protagonizaram o conflito que narrou, deixando de lado as tradições que referiam, por exemplo, Cadmo e Dánao (ao contrário de Heródoto e das tragédias anteriores)²⁸⁷. Pelo contrário, assinala o relato de Hélen, filho de Deucáliion, sobrevivente do Dilúvio, para demonstrar que os Gregos não tinham feito nada em comum antes da Guerra de Tróia, e que deviam o seu nome a esta personagem (Th. I, 3*); refere, um pouco mais adiante, Minos (I, 4). Isto demonstra que o autor não deixou de recorrer, quando lhe interessava, a um passado mítico, ignorando as tradições que colocavam tanto Egípcios (Dánao) como Fenícios (Cadmo) no percurso histórico grego (Bernal, 1993, pp. 112-114).

Outro excerto recolhido neste anexo (I, 8.1*) revela que Tucídides não ignorava que algumas ilhas foram ocupadas por Fenícios ou por Cários. Esta atitude não é o reflexo de uma "racionalidade" que ultrapassa as *Histórias* herodotianas (Rodríguez Adrados, 2002b, p. XIII), mas antes de um sentimento identitário que pretendia reinventar-se após as Guerras Médicas. É, precisamente, esta necessidade que conduziu à elaboração das diferenças entre "Gregos" e "Bárbaros", mais explícitas e depreciativas para estes últimos na obra de Tucídides, bem como à omissão que foi apontada anteriormente.

É útil valorizar neste contexto a postura de Tucídides em relação aos seus predecessores (Hornblower, 1996, p. 19ss.; Rood, 1999), exposta neste excerto (I, 97.2):

"He escrito sobre ello y me he permitido esta digresión debido a que este período ha sido descuidado por todos mis predecesores, que se han ocupado o de la historia griega anterior a las Guerras Médicas o de las mismas Guerras Médicas; quien ciertamente tocó el tema fue Helánico en su *Historia del Ática*, pero lo recordó brevemente y sin exactitud cronológica. Por otra parte, mi relato de este período ofrece una explicación del modo como se estableció el imperio de los atenienses."²⁸⁸

Atendendo ao texto grego, S. Hornblower chama a atenção para o uso do verbo *ξυνετίθεσαν* (*ksunetithesan*, i.e., "compuseram"), aplicado por Platão (*República*, 377d)

²⁸⁷ Esta questão é de extrema importância para a proposta de M. Bernal (1993, p. 110ss.). Este autor afirma, p.ex., que Tucídides "tuvo por fuerza que conocer esas tradiciones" (*ibid.*, p. 113).

²⁸⁸ Trad. J.J. Torres Esbarranch, 2006. ἔγραψα δὲ αὐτὰ καὶ τὴν ἐκβολὴν τοῦ λόγου ἐποιήσάμην διὰ τόδε, ὅτι τοῖς πρὸ ἐμοῦ ἄπασιν ἐκλιπὲς τοῦτο ἦν τὸ χωρίον καὶ ἡ τὰ πρὸ τῶν Μηδικῶν Ἑλληνικὰ ξυνετίθεσαν ἢ αὐτὰ τὰ Μηδικά: τούτων δὲ ὅσπερ καὶ ἦν αὐτοὶ ἐν τῇ Ἀττικῇ ξυγγραφῇ Ἑλλάνικος, βραχέως τε καὶ τοῖς χρόνοις οὐκ ἀκριβῶς ἐπεμνήσθη. ἅμα δὲ καὶ τῆς ἀρχῆς ἀπόδειξιν ἔχει τῆς τῶν Ἀθηναίων ἐν οἷῳ τρόπῳ κατέστη.

e Aristófanes (*As Rãs*, 1052) a Homero e Hesíodo enquanto compositores de mitos (Hornblower, 1996, p. 19 - 20), como se se tratasse de uma oposição em relação à primeira palavra desta afirmação: *hegrapha* (ἔγραψα, "escrevi"). É também significativa, ainda segundo o citado investigador, a ausência de *ξυνέγραψαν* (ksunégraphan) no texto, uma vez o termo é muito recorrente em Tucídides para se referir aos textos dos seus antecessores (*ibid.*, p. 20)²⁸⁹.

Atendendo ao pensamento de Tucídides exposto neste texto, é bastante provável que o autor conhecesse a obra de Heródoto (na verdade, não menciona sequer o seu nome: *ibid.*, p. 123; Rogkotis, 2006; Węcowski, 2008, p. 35), se a isto juntamos as informações sobre os Trácios e os Coríntios (Hornblower, 1996, p. 24-25). Outras leituras de Heródoto procuraram ver na sua obra a possibilidade de transmissão de um pensamento centrado na substituição da expansão persa pela expansão ateniense e na crítica aos Persas, o que seria outro ponto de contacto entre Heródoto e Tucídides (Rood, 1999, p. 165-166). Este autor conclui do seguinte modo o seu contributo para uma obra conjunta: "Perhaps Thucydides' anti-Herodotean reaction reflects not his rejection of Herodotus, but his perception that Herodotean history was not adequate to convey the intensity of the suffering caused by realization of the tensions Herodotus had so perceptively intimated" (*ibid.*, p. 166). O uso de determinadas frases parece também evidenciar o conhecimento da obra herodotiana (Węcowski, 2008, p. 36ss.).

Estas considerações servem, essencialmente, para destacar alguns problemas da obra de Tucídides, sem com isso entrar a fundo no seu texto²⁹⁰. Como podemos ver nos poucos textos recolhidos neste anexo, o interesse na *História da Guerra do Peloponeso* radica em informações que podem ser úteis na leitura sobre a construção identitária ou, por outras palavras, sobre uma imagem histórica que se pretende transmitir (I, 3*), sobre a desconstrução de marcadores territoriais (I, 8.1*) e, finalmente, sobre a complexidade dos processos históricos numa região como a Sicília, na qual se regista a intervenção de várias entidades (VI, 2*). Todos estes textos pertencem à *Arqueologia* (Livro I) e à *segunda Arqueologia* (Livro VI) de Tucídides e permitem colocar algumas questões pertinentes ao registo arqueológico peninsular.

²⁸⁹ cf. Th. I, 21, com o uso do mesmo termo para assinalar a tendência dos logógrafos para apresentar discursos agradáveis aos ouvidos. Ou seja, o verbo pode ser aplicável à oralidade e à escrita.

²⁹⁰ V. bibliografia no final desta introdução.

Finalmente, há que referir que o estudo desta obra é importante na definição das tendências gerais que presidiram aos discursos dos primeiros historiadores, bem como do seu papel para autores posteriores.

Edições consultadas: Macía Aparicio, 1989; Rodríguez Adrados, 2002b; Torres Esbarranch, 2006

Bibliografia: C.F. Smith, 1956²⁹¹; Rodríguez Adrados, 2002b; Bernal, 1993; Hornblower, 1996; Rood, 1997; Hartog & Casevitz, 1999; Rogkottis, 2006; Rengatos, 2006; Węcowski, 2008.

Textos

I, 3

1. δηλοῖ δέ μοι καὶ τότε τῶν παλαιῶν ἀσθένειαν οὐχ ἥκιστα: πρὸ γὰρ τῶν Τρωικῶν οὐδὲν φαίνεται πρότερον κοινῇ ἐργασαμένη ἡ Ἑλλάς:
2. δοκεῖ δέ μοι, οὐδὲ τοῦνομα τοῦτο ξύμπασά πω εἶχεν, ἀλλὰ τὰ μὲν πρὸ Ἑλληνος τοῦ Δευκαλίωνος καὶ πάνυ οὐδὲ εἶναι ἡ ἐπὶ κλησις αὕτη, κατὰ ἔθνη δὲ ἄλλα τε καὶ τὸ Πελασγικὸν ἐπὶ πλεῖστον ἀφ' ἐαυτῶν τὴν ἐπωνυμίαν παρέχεσθαι, Ἑλληνος δὲ καὶ τῶν παίδων αὐτοῦ ἐν τῇ Φθιώτιδι ἰσχυσάντων, καὶ ἐπαγομένων αὐτοὺς ἐπ' ὠφελίᾳ ἐς τὰς ἄλλας πόλεις, καθ' ἐκάστους μὲν ἤδη τῇ ὁμιλίᾳ μᾶλλον καλεῖσθαι Ἑλληνας, οὐ μέντοι πολλοῦ γε χρόνου [ἐδύνατο] καὶ ἅπασιν ἐκνικῆσαι.
3. τεκμηριοῖ δὲ μάλιστα Ὅμηρος: πολλῶ γὰρ ὕστερον ἔτι καὶ τῶν Τρωικῶν γενόμενος οὐδαμοῦ τοὺς ξύμπαντας ὠνόμασεν, οὐδ' ἄλλους ἢ τοὺς μετ' Ἀχιλλέως ἐκ τῆς Φθιώτιδος, οἵπερ καὶ πρῶτοι Ἑλληνες ἦσαν, Δαναοὺς δὲ ἐν τοῖς ἔπεσι καὶ Ἀργεῖους καὶ Ἀχαιοὺς ἀνακαλεῖ. οὐ μὲν οὐδὲ βαρβάρους* εἶρηκε διὰ τὸ μηδὲ Ἑλληνᾶς πω, ὥς ἐμοὶ δοκεῖ, ἀντίπαλον ἐς ἓν ὄνομα ἀποκεκρίσθαι..

²⁹¹ O texto grego baseia-se nesta edição.

1. Me demuestra también, y no con menor claridad, la debilidad de los antiguos el hecho de que, antes de la guerra de Troya, la Hélade no parece haber acometido ninguna empresa en común;

2. pienso, además, que este nombre no sólo designaba todavía al país en su totalidad, sino que antes de Helén, el hijo de Deucalión²⁹², ni siquiera existía tal denominación, y que las diferentes gentes, sobre todo los pelasgos, extendían el nombre de su propio pueblo. Pero cuando Helén y sus hijos se hicieron poderosos en la Ftiótide, y los solicitaban para acudir en auxilio de otras ciudades, los diferentes pueblos, desde entonces, debido a aquellas relaciones, dieron una mayor difusión al nombre de helenos, denominación que, sin embargo, durante mucho tiempo, no pudo imponerse a todos.

3. Homero lo prueba mejor que nadie, pues, aunque vivió en una época muy posterior a la guerra de Troya, en ninguna parte aplicó el nombre colectivamente, ni tampoco a otros que no fueron los compañeros de Aquiles, procedentes de Ftiódide²⁹³, que fueron precisamente los primeros helenos, sino que en sus poemas, al referirse a todos, los llamó dánaos, argivos y aqueos. Tampoco utilizó el término bárbaros por la razón de que los griegos, según creo, no se distinguían con un sólo nombre que fuera el contrario.

I, 8

1. καὶ οὐχ ἦσσαν ληστὰι ἦσαν οἱ νησιῶται, Κᾶρες τε ὄντες καὶ Φοίνικες· οὗτοι γὰρ δὴ τὰς πλείστας τῶν νήσων ᾤκησαν. μαρτύριον δέ· Δήλου γὰρ καθαιρομένης ὑπὸ Ἀθηναίων ἐν τῷδε τῷ πολέμῳ καὶ τῶν θηκῶν ἀναιρεθεισῶν ὅσαι ἦσαν τῶν τεθνεώτων ἐν τῇ νήσῳ, ὑπὲρ ἡμῖς Κᾶρες ἐφάνησαν, γνωσθέντες τῇ τε σκευῇ τῶν ὅπλων ξυντεθαμμένη καὶ τῷ τρόπῳ ᾧ νῦν ἔτι θάπτουσιν.

1. No fueron menos piratas los isleños, que eran carios y fenicios, pueblos que, como es sabido, colonizaron la mayor parte de las islas. He aquí una prueba: cuando, durante la guerra que nos ocupa, Delos fue purificada por los atenienses y fueron retiradas todas

²⁹² Deudáclion, filho de Prometeu e casado com Pirra, sobreviveu ao dilúvio, muito à semelhança de Noé, uma vez que também construiu uma barca. Estabeleceram-se primeiro na Tessália.

²⁹³ Em *Il. IX*, 395 refere-se a Hélade de Ftia: Ἑλλάδα τε Φθίην (*apud* Torres Esbarranch, 2006, n. 20).

las tumbas de los que habían muerto en la isla, se vio que más de mitad pertenecían a Carios; fueron identificados por el tipo de armas enterradas con ellos y por la forma de enterramiento, que todavía es la misma actualmente.

(Trad. J.J. Torres Esbarranch, 2006)

VI, 2

1. ὤκισθη δὲ ὧδε τὸ ἀρχαῖον, καὶ τοσάδε ἔθνη* ἔσχε τὰ ξύμπαντα. παλαιάτατοι μὲν λέγονται ἐν μέρει τινὶ τῆς χώρας Κύκλωπες καὶ Λαιστρυγόνες οἰκῆσαι, ὧν ἐγὼ οὔτε γένος* ἔχω εἰπεῖν οὔτε ὁπόθεν ἐσῆλθον ἢ ὅποι ἀπεχώρησαν· ἀρκεῖτω δὲ ὡς ποιηταῖς τε εἴρηται καὶ ὡς ἕκαστός πη γινώσκει περὶ αὐτῶν.

2. Σικανοὶ δὲ μετ' αὐτοὺς πρῶτοι φαίνονται ἐνοικισάμενοι, ὡς μὲν αὐτοὶ φασι, καὶ πρότεροι διὰ τὸ αὐτόχθονες εἶναι, ὡς δὲ ἡ ἀλήθεια εὐρίσκεται, Ἰβηρες ὄντες καὶ ἀπὸ τοῦ Σικανοῦ ποταμοῦ τοῦ ἐν Ἰβηρίᾳ ὑπὸ Λιγύων ἀναστάντες. καὶ ἀπ' αὐτῶν Σικανία τότε ἡ νῆσος ἐκαλεῖτο, πρότερον Τρινακρία καλουμένη· οἰκοῦσι δὲ ἔτι καὶ νῦν τὰ πρὸς ἐσπέραν τὴν Σικελίαν.

3. Ἰλίου δὲ ἀλίσκομένου τῶν Τρώων τινὲς διαφυγόντες Ἀχαιοὺς πλοίοις ἀφικνοῦνται πρὸς τὴν Σικελίαν, καὶ ὅμοροι τοῖς Σικανοῖς οἰκήσαντες ξύμπαντες μὲν Ἑλυμοὶ ἐκλήθησαν, πόλεις δ' αὐτῶν Ἑρυξ τε καὶ Ἑγεστα. προσξυνώκησαν δὲ αὐτοῖς καὶ Φωκέων τινὲς τῶν ἀπὸ Τροίας τότε χειμῶνι ἐς Λιβύην πρῶτον, ἔπειτα ἐς Σικελίαν ἀπ' αὐτῆς κατενεχθέντες.

4. Σικελοὶ δ' ἐξ Ἰταλίας (ἐνταῦθα γὰρ ᾧκουν) διέβησαν ἐς Σικελίαν, φεύγοντες Ὀπικούς, ὡς μὲν εἰκὸς καὶ λέγεται, ἐπὶ σχεδιῶν, τηρήσαντες τὸν πορθμὸν κατιόντος τοῦ ἀνέμου, τάχα ἂν δὲ καὶ ἄλλως πως ἐσπλεύσαντες. εἰσὶ δὲ καὶ νῦν ἔτι ἐν τῇ Ἰταλίᾳ Σικελοί, καὶ ἡ χώρα ἀπὸ Ἰταλοῦ βασιλέως τινὸς Σικελῶν, τοῦνομα τοῦτο ἔχοντος, οὕτως Ἰταλία ἐπωνομάσθη.

5. ἐλθόντες δὲ ἐς τὴν Σικελίαν στρατὸς πολὺς τούς τε Σικανούς κρατοῦντες μάχῃ ἀνέστειλαν πρὸς τὰ μεσημβρινὰ καὶ ἐσπέρια αὐτῆς καὶ ἀντὶ Σικανίας Σικελίαν τὴν νῆσον ἐποίησαν καλεῖσθαι, καὶ τὰ κράτιστα τῆς γῆς ᾤκησαν ἔχοντες, ἐπεὶ διέβησαν, ἔτη ἐγγὺς τριακόσια πρὶν Ἑλλήνας ἐς Σικελίαν ἐλθεῖν· ἔτι δὲ καὶ νῦν τὰ μέσα καὶ τὰ πρὸς βορρᾶν τῆς νήσου ἔχουσιν.

6. ὄκουν δὲ καὶ Φοίνικες* περὶ πᾶσαν μὲν τὴν Σικελίαν ἄκρας τε ἐπὶ τῇ θαλάσῃ ἀπολαβόντες καὶ τὰ ἐπικείμενα νησίδια ἐμπορίας ἔνεκεν τῆς πρὸς τοὺς Σικελούς· ἐπειδὴ δὲ οἱ Ἕλληνες πολλοὶ κατὰ θάλασσαν ἐπεσέπλεον, ἐκλιπόντες τὰ πλείω Μοτύην καὶ Σολόεντα καὶ Πάνορμον ἐγγὺς τῶν Ἑλύμων ξυνοικήσαντες ἐνέμοντο, ξυμμαχία τε πίσυνοι τῇ τῶν Ἑλύμων, καὶ ὅτι ἐντεῦθεν ἐλάχιστον πλοῦν Καρχηδῶν Σικελίας ἀπέχει. βάρβαροι* μὲν οὖν τοσοῖδε Σικελίαν καὶ οὕτως ὄκησαν.

1. Ya desde antiguo [Sicília] estuvo habitada, y he aquí el total de los pueblos que en ella había. La leyenda dice que los más antiguos que vivieron en una parte de la isla fueron los ciclopes y los lestrígones, de cuyo origen nada puedo decir; ni desde dónde arribaron, ni adónde se marcharon. Baste lo que han contado los poetas y lo que cada uno de una forma o de otra sabe sobre ellos.

2. Después de éstos, los sicanos son, a todas luces, los primeros que la habitaron. Por lo que ellos mismos afirman serían aún anteriores, ya que son, según ellos, autóctonos; pero la verdad demostrable es que son iberos y que los ligures les obligaron a abandonar su morada y el río Sicano de Iberia. Y fue por ellos por lo que la isla, que antes se llamaba Trinacria, se llamó Sicania; estos sicanos ocupan aún en la actualidad la parte occidental de Sicilia.

3. Tras la tomada de Ilión, algunos troyanos, huyendo de los aqueos, arribaron al lado de los sicanos, recibiendo, en su conjunto, el nombre de élimos; ciudades cuyas eran Érix y Egesta. A éstos vinieron también a sumarse ciertos focenses procedentes de Troya, a quienes una tempestad había arrojado primero en Libia y después en Sicilia.

4. Los sículos, por su parte, hicieron la travesía desde Italia (allí, efectivamente, vivían) a Sicilia huyendo de los ópicos en balsas, según se dice y es verosímil, aguardando para el paso la ocasión de un viento favorable; podría ser, sin embargo, que hubieran llegado por mar de alguna otra forma. Y aún hoy en día hay sículos en Italia, tierra que lleva ese nombre, Italia, en recuerdo de cierto Ítalo, rey de los sículos de ese nombre.

5. Llegados bajo la forma de gran ejército a Sicilia, vencieron en combate a los sicanos y los expulsaron hacia las zonas meridional y occidental e hicieron que a isla se llamara Sicilia en vez de Sicania, y desde que llevaron a cabo la travesía, vivieron allí, dueños

de las mejores tierras, cerca de trescientos años antes de la llegada de los griegos a Sicilia, y todavía hoy ocupan las zonas central y septentrional de la isla.

6. Había también establecidos fenicios a todo lo largo de las costas de Sicilia; ocupaban alturas dominando el mar y los islotes cercanos con vistas a su comercio con los sículos y cuando los griegos empezaron a llegar por mar en gran número abandonaron casi todos sus establecimientos y se concentraron para vivir en Motie, Soloento y Panormo, cerca de los élimos, confiados en su alianza con ellos y porque desde esa comarca es donde la distancia por mar de Cartago a Sicilia es más corta. Éstos eran, pues, todos los pueblos bárbaros que habitaron Sicilia y la forma que lo hicieron.

Glossário: ἔθνος; Φοίνικες; βάρβαροι; γένος

Veleio Patérculo

Introdução

C. Veleio Patérculo nasceu no seio de uma família ilustre da Campânia e viveu entre c. 19 a.C. e 30 d.C.; a obra aqui mencionada, *História Romana*, não está entre as obras maiores da literatura latina, mas procurou traçar um percurso histórico entre a conquista de Tróia e os seus dias. Boa parte deste documento encontra-se mutilado, sobretudo o Livro I, de onde provém o excerto retirado para este anexo.

O texto desaparecido compreende o prómio e a descrição da Guerra de Tróia, cuja importância para a História de Roma é inegável. A obra de Tito Lívio, conhecida por Patérculo (por exemplo, Vell. I, 17), inicia o seu testemunho com Eneias (Liv. I, 1-3), principal protagonista do poema de Virgílio (*Eneida*). O lapso cronológico entre Eneias e os irmãos Rómulo e Remo é preenchido por uma dinastia inventada (Liv. I, 3), sem que o autor de *Ab Urbe Condita* mencione uma cronologia precisa.

No caso de Patérculo, é o próprio que assinala uma cronologia para este acontecimento, a julgar por I, 8.4, onde o autor afirma que Rómulo fundou Roma 437 anos depois da queda de Tróia ("*post Troiam captam annis quadringentis triginta septem*": I, 8), o que assinalaria a data de 1190 a.C., segundo B. Sergent (1979, p. 66).

A opinião de Patérulo sobre esta questão não é, porém, a única. Apesar de existir alguma uniformidade em torno de 1200 a.C., são várias as propostas apresentadas por autores como Eratóstenes (1183 a.C.), Diodoro (1210 ou 1184 a.C.), Dionísio de Halicarnasso (1185 a.C.), Éforo (1129 a.C.), Duris de Samos (1334 a.C.), Timeu (1193 a.C.)²⁹⁴, Pseudo - Heródoto (1270 a.C.), Dicearco (1212 a.C.), entre outros (*ibid.*, p. 66).

Esta questão é de extrema importância para a análise do excerto assinalado neste anexo, uma vez que o autor assinalou que Gadir fora fundada oitenta anos depois da Guerra de Tróia, ou seja, em 1110 a.C.. Assim, o excerto da obra de Patérulo é de grande interesse para a análise das propostas para a fundação de Gadir. Aliás, Pompónio Mela (III, 46*) também afirma que a cidade foi fundada no tempo da Guerra de Tróia, embora seja bastante mais vago.

Edições consultadas: Hainsselin & Watelet, 1932; Hellegouarc'h, 1982²⁹⁵; Casillas, 1999b

Bibliografia: Sergent, 1979; Paratore, 1987, p. 557-561; Casillas, 1999b; Mederos & Ruiz, 2011;

Textos

I, 2

1. Tum fere anno octogesimo post Troiam captam, centesimo et uicesimo quam Hercules ad deos excesserat [...].

3. Ea tempestate et Tyria classis, plurimum pollens mar, in ultimo Hispaniae tractu, in extremo nostri orbis termino, <in> insula circumfusa Oceano*, prexiguo a continenti diusa freto, Gades condidit. Ab iisdem post paucos annos in Africa Vtica condita est.

1. C'est alors qu'environ quatre-vingts ans après la prise de Troie et cent vingt ans après l'ascension d'Hercule vers les dieux [...].

²⁹⁴ Cf. Mederos & Ruiz, 2011, que partem dos cálculos de Timeu (séc. IV-III a.C.) para propor esta cronologia, fixando-a em 1186 a.C.; note-se que as opções para estes cálculos são bastante variadas, excluindo-se, implicitamente, a cronologia avançada por Patérulo.

²⁹⁵ O texto latino baseia-se nesta edição.

3. A cette époque aussi, la flotte des Tyriens, qui avait la domination des mers, créa Gadès, aux confins de l'Espagne, aux limites extrêmes de notre monde, <dans> une île entourée par l'Océan, séparée du continent par un détroit exigü. Ce sont eux aussi qui, quelques années plus tard, fondèrent Utique en Afrique.

(Trad. J. Hellegouarc'h, 1982)

I, 8

4. Sexta Olympiade, post duo et uiginti annos quam prima constituta ferat, Romulus, Martis filius, ultus iniurias aui, Romam urbem Parilibus in Palatio condidit. A quo tempore ad uos consules anni sunt DCCXXXI; id actum post Troiam captam annis CCCCXXXVII.

4. Au cours de la sixième olympiade, vingt-deux ans après l'institution de la première, Romulus, fils de Mars, vengea les outrages subis par son aïeul et fonda Rome, sur le Palatin, le jour des fêtes de Palès. Depuis cette époque jusqu'à votre consulat se sont écoulés sept cent quatre-vingt-un ans; le fait s'est produit quatre cent trente-sept ans après la prise de Troie.

(Trad. J. Hellegouarc'h, 1982)

Inscrições

Nesta compilação, recolhem-se textos isolados que foram identificados em vários suportes (pedra e papiro), de proveniência oriental ou mesmo grega (caso dos papiros que recolhem "textos mágicos").

Papiros gregos com "textos mágicos"

A leitura do artigo de J.L. Escacena e M.^a I. Vázquez Boza (2009) permitiu a identificação destes textos, todos eles relacionados com o uso de conchas em vários pavimentos no Sul da Península Ibérica. Ao texto aí mencionado (Calvo & Sánchez, 1987, p. 87/ Pap. II, 31*) acrescentam-se outros (III, 300*; IV, 2218*) que merecem um comentário pelas dificuldades que a sua leitura coloca ao nível do uso da palavra "concha". Saliente-se que estes textos apresentam três termos gregos diferentes, que permitem outras leituras: *πίννα*/*πίννη* - *πίνη*, *κόγχη* (III, 300) e *ὄστρακον* (IV, 2218), assinalados a negrito *infra*. O último, ao contrários dos dois anteriores, não apresenta muitas dúvidas, sobretudo pelo contexto em que surge.

- *Pínna*/*pín(n)ê* (*πίννα*/*πίννη*- *πίνη*) pode ter a tradução de "concha" ou "pena" (III, 300)
- *Kogkhê* (*κόγχη*) pode dizer respeito a uma concha ou, eventualmente, a um recipiente em forma de concha, utilizado para a medição de líquidos (III, 300). Pode ser um *amphoriskos* (*ἀνφορίσκος*) em forma de bivalve, comum no séc IV a.C. (por exemplo, a peça do Metropolitan Museum of Art, com o número de inventário 06.1021.261). O contexto em que surge, associado a um tripode e uma taça, permite ver no texto o segundo sentido.
- *Ostrakon* (*ὄστρακον*) pode, igualmente, ser traduzido por "concha" (IV, 2218): o associação do termo ao mar (*ὄστρακον ἀπὸ θαλάσσης*), como algo que é daí retirado, faz com que o termo seja o único deste conjunto de textos que permite uma tradução mais segura.

Edições consultadas: Preisendanz, 1973²⁹⁶; Calvo & Sánchez, 1987

Bibliografia: Calvo & Sánchez, 1987; Escacena & Vázquez, 2009.

Papiro II, 30 - 31²⁹⁷

[...] ψράφε δὲ σμυπνομέλανι τῷ σοι δηλοφμένῳ/ ἐν **πίννη** λι[...] καὶ κάτεχε
εὐχόμενος μετὰ τῆς δάφνης ὀνόματα, ὧν ἀρχὴ ἐστὶν ἡδε· [...]

escribe con la tinta de mirra que se te indica/ en una concha (...) ²⁹⁸ y, mientras oras,

sujeta con el laurel los nombres cuyo principio es éste [...]:

(Trad. Calvo & Sánchez, 1987)

Papiro III, 300 - 302²⁹⁹

τὸν τρίποδα δέρας[τρο]ν ἔ **κόγχην** ἔχουσιν ὕδωρ κα[θαρόν/ καὶ ἐπίγραφον ἐν
τ[ῷ] ἐδ[ά]φει μέκον τοῦ οἴκου περι τ[ὸν] τρίποδα λευκῇ γρα[φ]ίδι τὸν
ὑποκείμεν[ο]ν χαρακτηῖρα [...] ³⁰⁰

Pon al lado del trípode una copa o concha con agua pura y escribe en el suelo, en el espacio que rodea al trípode con una tiza, el siguiente signo:

(Trad. Calvo & Sánchez, 1987)

²⁹⁶ O texto grego baseia-se nesta edição.

²⁹⁷ Texto de magia para conseguir um oráculo, datado de c. séc. III a.C.

²⁹⁸ Os tradutores assinalam que a leitura deste termo é duvidosa, podendo tratar-se de uma pena (cf. Calvo & Sánchez, 1987, p. 70, n. 31).

²⁹⁹ Texto com instruções para comunicar com Apolo (segunda metade do séc. IV a.C.).

³⁰⁰ A lacuna no texto não permite identificar o signo (Calvo & Sánchez, 1987, p. 87, n. 52).

Papiro IV, 2217 - 2223³⁰¹

ἐπι δὲ κατόχων/ εἰς τὸ ὄστρακον ἀπὸ θαλάσσης γράφε ἐκ/ τοῦ ὑποκειμένου
μέλανος προσβαλὼν / μιλτάριον Τυφῶνοκ καὶ καταχώσεις/ εἰς ἁώρου μνήμα
σελήνης οὐσες δια/μέτρου ἡλίου. ἔστιν δὲ τὰ προσγραφόμενα/ οἱ στίχοι οἱ γ'
καὶ ὑποκάτω·

Para los conjuros. En una concha cogida del mar, escribe con la tinta prescrita mezclándole bermellón de Tifón y la enterarás en la tuma de un muerto prematuro, cuando la luna se encuentre en posición diametralmente opuesta a la del sol. Los signos añadidos son los tres versos³⁰² y debajo: [...]

(Trad. Calvo & Sánchez, 1987)

Hispania 14. Astarté de El Carambolo (Museu de Sevilha)

KS''Z P^CL B^CLYTN³⁰³/ BN S^CMLK W^CBDB^CL B/ N D^CMLK BN YŠ^CL L³⁰⁴/ CŠTRT
ḤR RBTN K³⁰⁵/ ŠM^C QL DBRNM

Questo trino hanno fatto Ba^clyaton/ Figlio di Do^cmmilk e ^cAbdaba^cl fi/ glio di
Do^cmmilk, figlio di YŠ^cL per Astarte - ḤR, nostra signora, perché/ ha ascoltato la voce
delle loro parole³⁰⁶.

³⁰¹ Primeira metade do séc. IV a.C.

³⁰² Três versos de Homero que serviriam para todo o tipo de fim mágico: *Il.* XI, 564; 521; 572.

³⁰³ J. Solá Solé propôs uma leitura diferente para a primeira linha do texto: MTN 'Z P'L B'LYTN (*apud* Ferron, 1996, p. 247).

³⁰⁴ Segundo Ferron (1966, p. 247), a terceira linha pode ser lida deste modo: N D'M L K B Y Š' LL. A sequência BNY seria, assim, alterada para um vocábulo BY, já que o *noun* (i.e., N) não encontraria espaço suficiente na inscrição para ser colocado entre B (*beta*) e Y (*yod*). O autor afirma, para justificar esta interpretação, que entre B e Y estaria uma pequena greta.

³⁰⁵ Na interpretação de Solá Solé (1966), a sequência consonântica é ŠTRT ḤBRY TNT K.

(Trad. M.G. Amadasi Guzzo, 1994, p. 194)

Este [trono] han hecho Ba'alyaton/ hijo de d'mmlk y 'Abdba'al hijo/ de d'mimlk hijo de yš'l a/ 'Ashtarté hr nuestra señora porque/ ha escuchado la voz de sus palabras.

(Trad. L.A. Ruiz Cabrero, *apud* Wagner, 2001, p. 89)



Astarté de El Carambolo, segundo Torres, 2002

³⁰⁶ Na vitrine do Museu Arqueológico Provincial de Sevilha onde se expõe esta peça, a tradução apresentada é: "Este trono lo han hecho Ba'lyaton/ hijo de Dommilk y 'Abda'l, hijo de Dommilk, hijo de Ysh'al para/ Astarte – Hor, nuestra señora, por que /ha escuchado la voz de nuestras palabras." Esta tradução é muito similar à que é proposta por Ferron (XXXX, p. 248).

Estela de Nora (Tharros, Sardenha)

Esta inscrição motivou uma imensa produção bibliográfica desde a sua descoberta em 1773 pelo padre Htachinthe Hintz, estudioso de línguas orientais na Universidade de Cagliari. A epígrafe foi identificada no muro de uma vinha, nas proximidades da igreja de San Efisio. Foi transportada em 1830 para o Museu de Cagliari (Dupont-Sommer, 1948, p. 12; Delcor, 1968, pp. 324-325; Del Castillo, 2003, p. 4). A importância desta estela reside na presença de *btršš* na primeira linha, originando várias interpretações da palavra, como Taršiš. Esta interpretação não é, porém, única. Optou-se por apresentar as várias traduções propostas para demonstrar que a sua leitura é extremamente problemática (v. discussão em Del Castillo, 2003).

As dificuldades de leitura podem relacionar-se com as condições da inscrição. Gravada sobre um bloco rochoso quadrangular (1,05m altura x 0,57m largura), apresenta oito linhas, cada qual com cerca de seis letras e sem qualquer elemento que permita separar as palavras (Dupont-Sommer, 1948, p. 12; Del Castillo, 2003, p. 6).

Perante este panorama, a Estela de Nora é apresentada neste anexo com o intuito de assinalar uma discussão, e não de afirmar que a inscrição contém o topónimo Taršiš.

Bibliografía: Dupont-Sommer, 1948; Ferron, 1966; Delcor, 1968; Cross, 1972; Koch, 2003; Amadasi Guzzo, 1994; Amadasi Guzzo & Guzzo, 1986; Lipiński, 2004; Yon, 2004; Del Castillo, 2003.



Estela de Nora, segundo Dupont-Sommer (1948, fig. 1)

BTRSS/ WGRS/ BSRDN S/ LM H' SL/ M ŠB' M/ LKT NBN/ S BM NGR/ LPMY³⁰⁷

In Tarshish,/ and he was driven/ in Sardinia./ He is safe. Safe/ is the crew of the/ Queen.
Structure/ which the herald has built/ for Pummay

(Trad. E. Lipiński, 2004, p. 238)

BTRŠŠ/ WGRŠH²/ BŠRDNŠ/ LMH² ŠL/ MŠB²M/ LKTNBN/ ŠBNNGD/ LPNY³⁰⁸

[He drove out] at Tarshish/ and he drove out/ in Sardinia/ He is safe/ His troops are
save/ Milkaton, son/ [of] Shubon/ The previous/ Commander.

(Trad. W.H. Shea, 1991, p. 243)

In (from?) Tarshish... and/ that m(an) shall be banished [for a year?]/ from Sardinia
[...that]/ man who hath n[ot... wheter]/ (he be) commander of a h[ost or (he be) ki]ng/ or
(he be) [governor (?). And if he shall]/ return, then [that man] shall be banish [ed]/ for
his life-time (?)

(Trad. Albright, *apud* Delcor, 1968, p. 330)

Temple du Cap de/ Nogar qui est/ en Sargaigne. Pros-/ père soit-it! Prospé-/ re soit
Tyre, mére/ de Kition (et) Narna[ka] (?)!/ Lequel (temple) a bâti Nogar/ en l'honneur de
Pumaï.

(Trad. Dupont -Sommer, 1948, p. 15)³⁰⁹

³⁰⁷ Transcrição de E. Lipiński (2004).

³⁰⁸ Transcrição de W.H. Shea (1991)

³⁰⁹ Também citada por Delcor (1968, p. 330).

Temple principal³¹⁰, que/ NGR, qui est/ à (en?) ŠRDN, a édi-/ fié complètement. Lui a mené/ à bout la tâche de l'oeu-/vre. Construction/ qu'a contruite NGR/ en l'honneur de PMY.

(Trad. Février, *apud* Delcor, 1968, p. 330 - 331)

Temple principal que/ Naggâr qui est/ de Sardaigne a/ achevé (C'est) lui (encore qui) a ache-/ vé la série de tra-/vaux dans le sanctuaire/ qu'a construit Naggâr/ à Pumay.

(Trad. Van den Branden, *apud* Delcor, 1968, p. 331)

(Ce temple (est) le premier qui/ a été consacré/ en Sardaigne. Qu'il soit (conservé)/ intact! Que soit (conservée)/ intacte l'oeuvre de ma-/çonnerie et d'architecture/ qu'a édifiée Nora/ en l'honneur de Poumaï!

(Trad. Ferron, *apud* Delcor, 1968, p. 331)

BT RŠ Š/ NGR Š H' / BŠRDN Š/ LM H' ŠL/ M ŠR 'M/ LKT NKN[R]/ Š BN NGR/ L PMY

Temple.../ Nogor/ en Sardaigne/.../ ...Tyr... métropole/ de Kition .../ que Nogor a ... de Pumay

(Trad. Yon, 2004, p. 36)

³¹⁰ "Templo principal" é a tradução do Acádico Bît-res.

Estela de Yehawmilk (c. 450 a.C.)

Je suis YḤWMLK [Yehawmilk], roi de Byblos, fils de YḤRB'L [Yeharba'l], fils du fils de 'RMLK, roi de Byblos, que la Dame, la Ba'alat de Byblos a fait roi sur Byblos. Et j'ai invoqué ma Dame, la Ba'alat de Byblos et elle a entendu (ma) voix. Et j'ai fait pour ma Dame, la Ba'alat de Byblos cet autel de bronze (...) que la Ba'alat de Byblos bénisse YḤWMLK roi de Byblos et lui donne la vie et prolonge ses jours et ses années sur Byblos, parce qu'il est un roi juste et que concède [à lui la Dame, la Ba]'alat de Byblos grâce face aux dieux et grâce face au peuple de ce pays et grâce... face à tous les rois.

(*apud* Bonnet, 2010, p. 455)³¹¹

Estela de Yehimilk (séc. X a.C.)

Esta inscrição assinala a construção de um novo santuário (ou casa) em Biblos e é datada do séc. X a.C.; foi identificada em 1929 (Rosenthal: *ANET*, p. 653, com bibliografia) e é a primeira inscrição conhecida que refere Baal - Shamem (Röllig, 1999, p. 149).

BT | ZBNY | YḤMLK | MLK GBL/ Ḥṯ | ḤWY | KL | MPLT | HBTM/ ᵑL | YṾRK |
BᶜLŠMM | WBᶜL <T>/ GBL | WMPḤRT | ᵑL GBL/ QDŠM | YMT | YḤMLK |
WŠNTW/ ᶜL GBL | K MLK | ṢDQ | WMLK/ YŠR | LPN | ᵑL GBL | QD [ŠM Hᵑ]³¹²

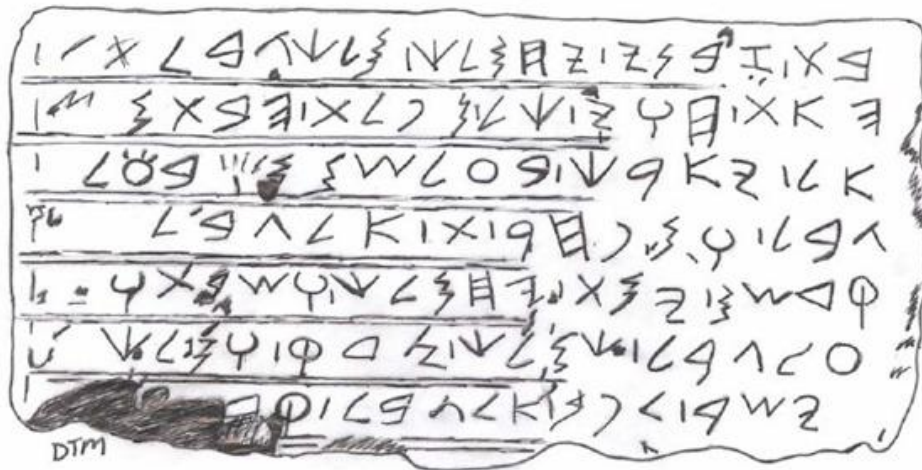
A house built by Yehimilk, king of Byblos,/ who also had restored all the ruins of the houses here.

³¹¹ Também em *ANET*, p. 656 (tradução inglesa); tradução espanhola em Wagner, 2001, pp. 87-89.

³¹² Texto disponível em <http://bibliahebraica.blogspot.pt/2010/03/inscription-of-day-yehimilk.html> (cons. 15/2/2013)

May Ba'lishamem and the Lord/ of Byblos and the Assembly of the Holy Gods of Byblos prolong the days and years of Yehimilk in Byblos, for (he is) a righteous king and a upright king before the Holy Gods of Byblos.

(Trad. F. Rosenthal, *ANET*, p. 653; Pritchard, ed. 2011, p. 294)³¹³



Inscrição de Assarhadon (c. 670 a.C.)

(7) [...] Yo conquisté Tiro, que está en medio del mar; a su rey, Baal, que está en Tirhaka³¹⁴.

(8) El rey de Kus, confiô, le quité todas sus ciudades y pertenencias. Yo conquisté Egipto, Patros (9) y Kus; a su rey Tirhaka lo herí cinco veces con mi dardo; su país entero tomé en posesión y lo dominé.

³¹³ Tradução espanhola em Wagner, 2001, p. 85. A estela encontra-se disponível online em: http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=16947&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (cons. 27/08/2012)

³¹⁴ Esta passagem pode ser relacionada com o Tratado de Assarhadon da Assíria e Baal de Tiro* (*ANET*, pp. 533-534).

(10) Todos los reyes, que habitan en medio del mar, desde Kypros y Yaván hasta Taršiš, (11), se arrojan a mis pies. Su pesado tributo yo lo recibí. Sobre las orillas de las cuatro orillas del mundo yo triunfé.

Trad. R. Borger, *apud* Koch, 2003, p. 167³¹⁵

Inscrição de Azitawadda de Adana (sécs. IX - VIII a.C.)

Trata-se de uma longa inscrição com duas versões, uma em Acádico e outra em Hitita, em dois edifícios (Çambel, 1948, p. 150). As traduções deste texto divergem entre si em vários pontos, pelo que se optou por apresentar duas delas: a de Cyrus Gordon (1949) e F. Rosenthal (*ANET*). O texto foi identificado em Karatepe (Cilícia, actual Turquia) em 1946, no contexto de uma ocupação relativamente pouco prolongada no tempo e que, aparentemente, terminou com uma destruição, a julgar por alguns relevos inacabados (Çambel, 1948, p. 151).

Chama a nossa atenção o facto de estarmos perante duas inscrições que dizem o mesmo em línguas diferentes, apontando para um bilinguismo. Esta situação impica questionar quais os destinatários deste texto, ou se os Dananitas deste texto utilizam as duas línguas³¹⁶. A resposta a esta questão poderia estar, eventualmente, na funcionalidade deste sítio, implantado numa zona estratégica que domina, visualmente as vias de comunicação fluviais e terrestres (*ibid.*, pp. 148-149). Porém, este sítio foi interpretado como uma fortaleza que seria um "boundary castle used at the same time as hunting - ground and summer resort for the sovereign" (*ibid.*, p. 149). A "capital" do reino de Azitawadda estaria, eventualmente, na planície de Adana, a julgar pela inscrição que aqui se apresenta (*ibid.*, p. 149).

O texto em si parece estar enquadrado, em termos de *forma*, nos documentos autobiográficos orientais (cf. *ANET*, p. 653ss.; Çambel, 1948, p. 150 e Longman, 1991,

³¹⁵ A tradução original está em Alemão.

³¹⁶ Os Dananitas (ou Danuna) são referidos nos textos egípcios, assírios e anatólicos como um "povo do mar" responsável pela queda do império Hitita, a par dos Filisteus, em c. 1200 a.C.; invadiu a Síria e o seu avanço só foi travado por Ramsés II (Çambel, 1948, p. 149). H. Çambel nota também que a iconografia deste sítio reproduz estéticas de origem muito diversificada, denotando a presença de vários artesãos (*ibid.*, p. 156ss. e figuras).

p. 74ss.). Nele são assinaladas várias vertentes da política do sujeito apresentado: militar, construtiva, ascensão ao trono, etc. (*ibid.*, p. 74). Afirma-se que Azitawadda fundou este sítio, o que parece ser confirmado pela ausência de vestígios anteriores.

As primeiras interpretações do sítio fixaram a cronologia em c. 730 a.C. (Çambel, 1948). A proposta de C. Gordon (1949, pp. 108-109) assinala que Azitawadda reinou antes das campanhas de Salmanasar III na Síria e na Cilícia (859 - 824 a.C.), mais concretamente em 834 - 833 a.C.; por seu turno, F. Rosenthal afirma que a data é incerta e que requer contrastação com o registo arqueológico (*ANET*, p. 653).

Cabe ainda referir que as quatro colunas da inscrição correspondem aos quatro lados da estátua do rei, enquanto que outro texto está associado à estátua de um leão. As traduções apresentadas correspondem ao texto fenício. Como se pode observar, apresentam-se duas dessas traduções: uma delas, de C. Gordon (1949) é uma actualização (com algumas modificações e acrescentos) daquela que o mesmo autor propôs num trabalho anterior (*id.*, 1948); a outra segue de perto a tradução de Gordon (1949), com pequenas diferenças de conteúdo.

O interesse desta inscrição reside nas informações que transmite sobre a complexidade de situações dentro de um mesmo território (que, no texto, é várias vezes assinalado), e no modo como permite questionar a movimentação populacional segundo os vários atos políticos. Transmite um tipo de relação intercomunitária (de dependência e submissão) que pode servir de exemplo para questionar a imposição de um poder dominante num espaço partilhado, bem como a competição que se pode gerar. O facto de ser uma inscrição cujo conteúdo é apresentado em duas línguas (Fenício e Hitita) é extraordinariamente interessante para colocar questões sobre o(s) destinatário(s) da mensagem, como já foi apontado. A variedade de estilos decorativos testemunha origens muito diversificadas e, por conseguinte, permite estabelecer um questionário importante sobre a composição dos "Danunitas" que o texto refere como súbditos do rei.

No entanto, faltam elementos que permitam estabelecer um paralelo directo com a Península Ibérica, na medida em que se desconhecem monumentos similares neste território. Em todo o caso, a inscrição autobiográfica de Azitawadda, para além de ser a mais longa dentro do género, representa uma tentativa de assinalar o momento de uma fundação, associando-a ao nome de um rei.

Bibliografia: Gordon, 1948; 1949; Çambel, 1948; *ANET*, pp. 653-654; Marcus & Gelb, 1948; Longman, 1991³¹⁷.



Parte da Inscrição de Azitawadda de Adana (sécs. IX - VIII a.C.), identificada em Karatepe³¹⁸

<http://www.proel.org/index.php?pagina=alfabetos/fenicio> (em linha, cons. 18/02/12)

Coluna I³¹⁹

(1) I am 'ZTWD, the blessed of Baa[I],/ servant of Baal who is great, *res[plendent; for]/* Ba[al] made me king of the Danonites,/ for the Danonites as a father []/

(5) that I might quicken [my subjects and]/ widen [my boundaries as a]/ *sign*, from the rising [of the sun and unto]/ its setting. And there were [plenty and good-]/ ness unto the

³¹⁷ Transcrições/ traduções: Gordon, 1949; Marcus & Gelb, 1948; Traduções: Gordon, 1948; *ANET*

³¹⁸ Fotografias desta inscrição em Çambel, 1948.

³¹⁹ As palavras em itálico são propostas de reconstituição do tradutor

Danonite[s good-]/ **(10)** ness and []/ and made [lacuna entre as linhas 11 e 19] **20**. and []/ and I established the name of 'ZTWDY/ even in the la[nd.]/ in the valley [].

Coluna II

[I set them at] my [feet]

(1) and I built strong walls in all/ the extremities on the borders in places wher[e/ there we]re badmen, who had gangs,/ no[ne of] whom had been/ subject to Beth - MPŠ;/ **(5)** [but] I, 'ZTWD, set them at/ [my feet]; and I built walls in/ those [places] so that the Danonites might dwell/ [in the ease] of their/ strong [lands] in the west which [all]/

(10) the kings who were before me [had not subjected]/ [but I], 'ZTWD, subjected them, brought them/ down (and) settled them at the end/ [of my borders] in the east and the Danonite[s/ I set]tled there. And there have been in [my]/ **(15)** days, [in a]ll the borders of the plain of Adana.

Coluna III

(1) From the rising of the sun and unto its setting, and in places/ which were formerly feared, where a man would be afraid/ to walk the road; but in my days a woman could/ *stroll without molesters* by the grace of Baal and/ **(5)** the gods. And there were in all my days plenty and goodness/ and good living and ease of heart for the Danonites/ and for all the plain of Adana; and I built this city/ and the name of 'ZTWDY because Baal and Rešef-of-the goats/ sent me to build and I build it, by the grace of/ **(10)** Baal and Rešef-of-the-goats in plenty and goodness/ and good living and ease of heart so that there might be/ protection for the plain of Adana and for Beth-MPŠ; for in my days/ the land of the plain of Adana had plenty and goodness and there was no/ adversary in my days unto the Danonites. And I built/ **(15)** this city and established the name of 'ZTWDY and inhabit/ this hall of Baal - KRNTYŠ, and/ Baal- KRNTYŠ blessed 'ZTWD with/ life and peace and great strenght more than any other king/ so that Baal- KRNTYŠ might give to 'ZTWD/ **(20)** lenth of days and multitude of years and g[ood] *fortune*

Coluna IV

(1) and great strenght more than other king/ and sacrifice which []/ al this []/ this sacrifice [] the/ (5) evil of sorcerer[s/ [lacuna na linha 6]/ plenty and [] dwell []/ Baal [] and Baal []/ (10) [] *great*/ and [] there passed to 'ZTWD all/ Beth - [MPŠ] by grace of Baal and the gods./ And i[f any one] among kings and rulers/ [m]an, where there is a man who [/ (15)] instead of the name of 'ZTWD, *that/ evil fellow* [] and sets a [name], even covets [/ (17)]this city and says: 'I shall make [/]' and he puts his name on it [/] the hall which is over 'ZTW[D]/ (20) may [B]aal - KRNTYŠ who[/] if a man [].

Texto na imagem do Leão

[I settled]

(1) them in the extremity of [my] borders []/ built, from the rising of the sun and unto its setting and [in places which were formerly feared. where a man would be afraid]/ to walk the road; but in my days a woma[n could *stroll without molesters* by the grace of Baal and the gods. And there were/ in all my days plenty and goodness and [good] living [and ease of heart for the Danonites and for all the plain of Adana/ (5)]and I established the name of 'ZTWDY/ [because Baal and Rešef-] of-the-goats sent me to build and [I] built it/ [by the grace of Baal and] Rešef-of-the-goats [in plenty etc.]

(Trad. C. Gordon, 1948, p. 45 - 49)

Coluna I

(1) I am Azytawadd, the blessed of Baal, the servant/ of Baal, whom Awrikk, king of the Danunites, exalted./ Baal made me as a father and mother to the Danunites. I quickened/ the Danunites, enlarged the land of the Plain of Adana from the rising/ (5) of the sun to its setting, and in my days the Danunites had every/ good and plenty and goodness. And I fill the *arsenals of Pagr*, and I/ made (= multiplied) horse upon horse and shield upon shield and camp upon/ camp by the grace of Baal and the gods and *council of dignataries*, and I *wiped out* all the evil that was in the land, and I erected/

(10) the house of my lordship in good, and I did good for the root of my lordship,/ and I sat on the throne of my father, and I make peace with/ every king, and even in war every king reckoned me in my righteousness and/ in my wisdom and in the goodness of my heart, and I built mighty/ walls in all the outposts on the borders, in the places where there had been/ (15) bad men with gangs, none of whom had been subservient/ to the House of Mopš, but I, Azitawadd, put them at my feet/ and I built settlements in those places so that the Danunites might/ dwell in the ease of their hearts. And I subjugated mighty lands in the west which all the kings before me had not subjugated, but/ (20) I, Azitawadd, subjugated them, bringing (them) down (and) settling (them)/ in the extremity of my borders in the east³²⁰, and Danunites

Coluna II

(1) I settled there. And there were in my days, in all/ the borders of the Plain of Adana, from the rising of the sun/ to its setting - and in the places which had/ formerly been feared, where a person would fear to walk/ (5) the road, but in my days a woman could stroll/ *without scandal* by the grace of Baal and the gods - / yea, there were in my days plenty and goodness and good/ living and ease of heart for the Danunites and all the Plain/ of Adana, and I built this city and made/ (10) the name Azitawaddiyy because Baal and Reshef/ of the *Bucks* sent me to build and I built it by/ the grace of Baal and Reshef of the *Bucks* in plenty and goodness and in good living and in ease/ of heart so that might be protection for the Plain of Adana and for the/ (15) House of Mopš, for in my days there were unto the land of the Plain/ of Adana plenty and goodness, and there was no adversary unto the Danunites./ And I built this city and made/ the name Azitawaddiyy. I dwell *with*/ Baal KARNTRYŠ and *there has gone* (i.e., *been made*) *the sacrifice for the entire*

Coluna III

ritual, the Sacrifice of the Thousand days, both in the season of plowing (= sowing)/ barley and in the season of harvesting the barley. And Baal KRNTRYŠ blessed/

³²⁰ De acordo com C. Gordon (1949, p. 108), entre as "vítimas" pode estar a cidade de Sam'âl (actual Zincirli) , "which did not throw off the yoke until the time of King KLMW of Sam'âl, who tells us in his inscription that he attained his success by paying the king of Assyria (Shalmaneser III) to crush the Danunite Kingdom (i.e., the Plain of Adana)".

Azitawadd (with) life and peace/ and great strenght above any other king so that Baal KRNTRYŠ/ (5) and all the deities of the city might give to Azitawadd lenght of days and multitude/ of years and good *authority* and great strenght above any other king,/ and this city was one of plenty (of food) and wine, and *rendering taxes*/ (10) and *rendering* adulation and *rendering* service to Azitawadd/ and to the house of Mopš by the grace of Baal and the gods/ and if any king among kings, or prince among princes, or/ person of renown, who obliterates the name of Azitawadd/ in this gate and puts (on his own) name, or even covets/ (15) this city and removes this gate which Azitawadd/ made and reuses (it) for a strange gate and puts a name upon it/ wheather he removes from covetousness, or from hate and evil he removes/ this gate; then may Baal of the Heavens and El Creator (/Owner) of the Earth/ and the Eternal Sun and all the Generation of the Gods obliterate that prince and that king/

[Leão] that man of renown; but may the name of Azitawadd endure forever like the name of the sun and the moon!

(Trad. C. Gordon, 1949, p. 109 - 112)

I am Azitawadda, the blessed of Ba'l/, the servant of Ba'l, whom Awakiru/ made powerful, king of the Danunites³²¹./ Ba'l made me a father and a mother to the Danunites.

I have restored the Danunites./ I have expanded the country of the plain of Adana from the rising of the sun to its setting. In my days, the Danunites had everything good and plenty to eat and well - being. I have filled the storehouses of Pa'r. I have added horse to horse, shield to shield, and army to army, by virtue of Ba'l and the gods (*El*). I shattered the wicked. I have removed all the evil that was in the country. I have set up my lordly houses in good shape and I have acted kindly toward the roots of sovereignty.

I have been sitting upon the throne of my father. I have made peace with every king. Yea, every king considered me his father because of my righteousness and my wisdom and the kindness of my heart.

³²¹ Na tradução de C. Gordon (1949, p. 109): "of Baal, whom Awrik, king of the Danunites, exalted".

I have built strongholds in all the outputs at the borders in places where there were evil man, gangleaders, none of whom had been subservient to the house of Mupsh. I, Azitawadda, placed them underneath my feet. I have built strongholds in those places, so that the Danunites might dwell in peace of mind.

I have subdued powerfull countries in the west which the kings who were before me had not be able to subdue. I, Azitawadda, subdued them. I have brought them (their inhabitants) down and established them at the eastern end of my borders, and I have established Danunites there (in the West). In my days, there was, within all the borders of the Plain of Adana, from the rising of the sun to its setting, even in places which had formerly been feared, where a man was afraid to walk on the road byt where in my days a woman was able to stroll, peaceful activity, by virtue of Baal and the Gods (*El*). An in all my days, the Danunites and the entire Plain of Adana had plenty to eat and well-being and a good situation and peace of mind.

I have built this city. I have given it the name of Azitawaddiya, for Ba'l and Reshef-*Šprm* commissioned me to build it. I have built it, by virtue of Ba'l and by virtue of Reshef-*Šprm*, with plenty to eat and well-being and in a good situation and in peace of mind to be a protection for the Plain of Adana and the house of Mupsh in large numbers, by virtue of Ba'l and the Gods.

If there be a king among kings and a prince among princes or a man who is (just) called a man who shall wipe out the name of Azitawadda from this gate and put down his own name, even if he has good intentions toward this city but removes this gate which was made by Azitawadda and makes for the (new) gate a (new) *frame* and puts its name upon it, whether he removes this gate with good intentions or out of hatred and evil, let Ba'lshamen and El - the - Creator - of - the Earth and the Eternal - Sun and the whole group of the Children of the Gods (*El*) wipe out that ruler and that king and that man who is (just) called a man! However, the name of Azitawadda shall endure forever like the name of sun and moon!

(Trad. F. Rosenthal, *ANET*, p. 653 - 654)³²²

³²² A tradução de F. Rosenthal segue de perto a tradução posterior de C. Gordon (1949).

Inscrição de Pyrgi (Etrúria)

Introdução

A inscrição de Pyrgi, identificada em 1964, motivou um intenso debate sobre o significado de algumas passagens desta dedicatória a Astarté, nomeadamente "o mês dos sacrifícios ao Sol" e o "enterramento da divindade". Knoppers (1992) conferiu-lhe um carácter funerário, incidindo sobre uma possível divinização do morto. Neste caso, o oferente (rei ou magistrado: *Zilath*) "dedica um lugar sagrado, templo o *cella* a la diosa Astarté" nos finais do séc. VI - inícios do séc. V a.C. (López Pardo, 1990, p. 159). Foi este último autor que nos colocou na pista deste texto, no âmbito de um trabalho dedicado a Cancho Roano, comparado neste caso com Pyrgi, para demonstrar a importância da construção de edifícios de culto em meios indígenas e a confluência de interesses entre comerciantes e chefes locais.

Bibliografia: Heurgon, 1966; López Pardo, 1990; Knoppers, 1992; Schmitz, 1995;

Texto

1. lrbt l'štrt 'šr qdš/ 'z ' š p'l w's ytb/ trbry' wlnš zbh/ šmš brntn' bbt wbn/ 5.tw . k 'štrt.
'rs. bdy/ lmlky šnt. šlš 3 by/ rḥ krr . bym qbr/ 'lm wšnt lm's 'lm/ 10. bbty šnt km
hkbbm/ 'l

To the lady Astarte. As for this shrine wich Thebariye Velinas, king over Kaysriye, completed and dedicated in the month of the sacrifices to the sun on (the day of the) oblation in the temple, I build it because Astarte requested it from my hand in the third year of my kingship in the month KRR on the day of the burial of the deity. As to the years during the god (resides) in his temple, (may they be as many) years as these stars.

(Trad. G.N. Knoppers, 1992, p. 106)

Tratado de Assarhadon da Assíria e Baal de Tiro (c. 670 a.C.)

I

Treaty of Esarhaddon, King of Assyria, eldest son of [...], with Baal, King of Tyre,...
[lacuna]

II (lacuna)

III

...Esarhaddon, King of Assyria,... these cities which....

6. [The Royal Deputy whom] I have appointed over you,... the elders of your country,...the royal deputy [...] with them...the ships... do not listen to him, [do not...] without the royal deputy; nor must you open a letter which I send you without (the presence) of the royal deputy. If the royal deputy is absent, wait for him and then open it, [do] not...

15. If a ship of Baal or of the people of Tyre is shipwrecked off (the coast of) the land of the Philistines or anywhere on the borders of Assyrian territory, everything that is on the ship belongs to Esarhaddon, King of Assyria, but one must not do any harm to any person on board ship, they should li[st] their names [and inform the King of Assyria]³²³.

18. These are the ports of trade and the trade roads which Esarhaddon, King of Assyria, [granted] to his servant Baal: (to wit) toward Akko, Dor, in the entire district of the Philistines, and in all the cities within Assyrian territory, on the seacoast, and in Byblos, (across) the Lebanon, all the cities in the mountains, all the cities of Esarhaddon, King of Assyria, which Esarhaddon, King of Assyria gave [to] Baal [...], to the people of Tyre,... [...], in their ships or all those who cross over, in the towns of [Baal], his towns, his manors, his wharves, which [...], to [...], as many as lie in the outlying

³²³ É provável que o comentário de M.^a C. Marín (1998, p. 350) se aplique a esta passagem. A autora afirma que, neste tratado, é possível pensar num apoio e protecção estatais a actividades privadas. No entanto, o testemunho de Estrabão (II 3,4) aponta para o uso de barcos por pescadores em Gadir, que chegavam até Lixus, conhecidos como os "cavalos", uma vez que tinham uma proa com cabeça de cavalo (cf. Tsirkin, 1979, p. 550). Esta é uma característica reconhecida no *hippos* identificado em El Carambolo (Escacena, Fernández & Rodríguez, 2007, *passim*), embora os autores coloquem algumas dúvidas a este respeito (*ibid.*, p. 20).

regions, as in the past [...] they..., nobody should harm their ships. Inland, in his district, in his manors...

IV

[May Ninlil, who resides in Nineveh, “tie to you” a swift dagger]. [May] Ishtar, [who resides in Arbela, no grant] you [mercy and forgiveness]. May Gula, the great physician, [put illness and weariness in] your [hearts], an unhealing sore in your body, bathe [in your own blood as if in water]. May the seven gods, the warrior gods, cause your downfall with their fierce weapons. May Bethel and Anath-Bethel deliver you to a maneating lion. May the great gods of heaven and earth, the gods of Assyria, the gods of Akkad, and the gods of Eber-nari curse you with an indissoluble curse. May Baal-sameme, Baal-malage and Baal-saphon raise an evil wind against your ships, to undo their moorings, tear out their mooring pole, may a strong wave sink them in the sea, a violent tide [...] against you. May Melqart and Eshmun deliver your land to destruction, your people to be deported; from your land [...]. May they make food to disappear from your mouth and clothes from your body, oil for your ointment. May Astarte break your bow in the thick of battle, and have you crouch at the feet of your enemy, may a foreign enemy divide your belongings.

(Trad. E. Reiner, *ANET*, pp. 533-4)

Anexo 2 - Glossário de termos gregos

Apresentam-se os principais termos utilizados ao longo do texto, com referência às várias traduções possíveis, com o objectivo de facilitar a leitura e proporcionar à leitora ou leitor um panorama sumário de algumas palavras que foram úteis na análise exposta nesta dissertação. Impõem-se quatro notas para o uso deste glossário:

- 1) As traduções indicadas correspondem às abreviaturas dos dicionários nos quais o autor se baseou; as restantes referências encontram-se na bibliografia.
- 2) Entre parêntesis rectos, a seguir ao termo grego, apresenta-se a respectiva leitura aproximada no alfabeto latino. Esta opção pode ser útil para quem não está familiarizado com o alfabeto grego;
- 3) Pontualmente, assinalam-se, *quando estritamente necessário*, questões etimológicas relativas à origem dos termos, sobretudo em (a) topónimos, corónimos e hidrónimos; (b) paisagens míticas; (c) outros termos que merecem, na perspectiva da dissertação, alguma discussão. Remete-se, em cada caso, para a bibliografia consultada onde estes aspectos são tratados com maior detalhe.
- 4) Os termos não são apresentados com as declinações;

A tabela de consulta e leitura do alfabeto grego destina-se ao leitor que não domina o alfabeto, o que pode facilitar a consulta do texto.

Letras	Nome (1)	Nome (2)	Pronúncia	Numeral ³²⁴
A α	Alfa	αλφα	a	1
B β	Bêta	βῆτα	b	2
Γ γ	Gama	γάμμα	g	3
Δ δ	Delta	δέλτα	d	4
E ε	Epsilon	ἐννιάκον	e	5
Z ζ	Zêta	ζῆτα	z	6
H η	Êta	ἥτα	ê	7
Θ θ	Thêta	θῆτα	th	8
I ι	Iôta	ἰώτα	i	9
K κ	Kapa	κάππα	k	10
Λ λ	Lambda	λά(μ)δα	l	11
M μ	Mû	μῦ	m	12
N ν	Nû	νῦ	n	13
Ξ ξ	Ksi	ξῖ	ks	14
O ο	Ômikron	ὀμικρόν	o	15
Π π	Pi	πί	p	16
P ρ	Rô	ρῶ	r	17
Σ ζ σ ³²⁵	Sigma	σῖγμα	s	18
T τ	Taú	ταῦ	t	19
Υ υ	Ípsilon	ῥῖνιόν	iu (y)	20
Φ φ	Phi	φῖ	ph	21
X χ	Khi	χῖ	kh	22
Ψ ψ	Psi	ψῖ	ps	23
Ω ω	Ômega	ὦμέγα	ô	24

Tabela de consulta e leitura do alfabeto grego (exclui-se a acentuação)

Dicionários:

Dicionário Grego – Português, Português – Grego, de S.J. Isidro Pereira;

Le Gran Bailly, Dictionnaire de Grec – Français, de Anatole Bailly (=B);

³²⁴ Esta coluna indica a correspondência das letras com a numeração dos Livros, Capítulos ou Cantos das referências literárias (por exemplo, *Od. α*). Não se utiliza este sistema no presente trabalho, mas este "guia" pode ser útil na consulta de outros textos que utilizam, preferencialmente, o alfabeto grego.

³²⁵ ζ é utilizado somente no final de uma palavra.

Theil, N. & Hallez – D’Arros (1841) – *Dictionnaire complet d’Homère et des Homérides*. Paris : L. Hachette (= DH).

Ἄνας [Hanas] – Anas, nome que designava o rio Guadiana. O nome actual deriva do Árabe *wadi* (rio).

Ἀργανθώνιος [Arganthônios] – Argantónio, tirano de Tartessos, que viveu cento e vinte anos. O seu nome foi dado a conhecer por Heródoto (I, 163)*.

Ἀστάρτη [Hastartê] – Astarté

Ἀστερίς [Hasteris] – Pequena ilha no Mar Íonio, entre Ítaca e Samos, com bons ancoradouros³²⁶;

Ἀστέριον [Hastérion] – Astérion, lugar próximo da Magnésia e do Monte Titanos, na Tessália³²⁷.

Ἀστεριος [Hasterios] – Astério, um dos argonautas³²⁸

Ἀστερόεις, όεσσα, όεν [Asteróeis, óessa, óen] – Estrelado, referindo-se, por exemplo, ao céu³²⁹.

Ἀστηρ [Hastêr] – Dativo plural de ἄστροσι/ ἄστρασι (Astrasi). Astro, estrela³³⁰, em genitivo Meteoro³³¹.

Αὐτόχθων [autókhtôn] – Autóctone, indígena (IR);

βάλσαμον [bálsamon] – árvore de Bálsamo (*balsamodendron opobalson, comminphora opobalsamum; Chrysanthemum balsamita*), da qual se extrai uma resina perfumada, e que crescia em Jericó (Teofrasto, *HP*, IX, 6.1; II, 6.5; Str. XVI, 2. 41; J. B.J. IV, 8.3; Nicandro, T 947; A64; Dioscórides I, 19)³³². Dos textos que referem esta árvore, o fruto e a resina, a referência (aparentemente) mais antiga é de uma obra atribuída a Aristóteles (*Sobre as plantas*, 840b; W.S. Hett, 2000⁵).

³²⁶ *Od.* IV, 845-7

³²⁷ *Il.* II, 735

³²⁸ Apolónio de Rodas, *Argonáuticas* I, 176.

³²⁹ *Il.* IV, 44; V, 769; *Od.* IX, 527)

³³⁰ *Il.* V, 5; XXII, 307; *Od.* XIII, 93.

³³¹ *Il.* IV, 75

³³² Traduções consultadas: Einarson & Link, 1990 (Teofrasto); Biffi, 2003 (Estrabão); Gow e Scholfield, 1953 (Nicandro); García Valdés, 2008 (Dioscórides).

Esta zona, nas proximidades de Jericó, é descrita muitas vezes como a "cidade das Palmeiras" (i.e. Φοίνικον/ *phoinikon*; no AT: Dt. 34, 3; Jdt. 1, 16; 3, 13; 2Cr. 28, 15; cf. Biffi, 2003, p. 240; Amigues, 2006, comentário a Thphr. *H.P.* IX, 6.1).

Comentário: Admite-se, na generalidade, que a palavra *bálsamon* tem uma origem semita e foi transmitida em latim com *balsamum* (Chantraine, 1968, s.v. βάλαμον; Beekes & van Beek, 2010, s.v. βάλαμον; Coromines, 1990, s.v. "Bálsamo"). A variante semita (*bsm*) estaria representada pelo hebraico *bešem*, pelo acádico *bušanu(m)* e fenício *bšm*. E. Masson (1967, pp. 77-78) apresentou muitas reservas em relação a esta leitura, na medida em que a própria estrutura fonética da palavra grega não autoriza a utilização de *bšm*, embora não justifique de forma clara a sua opinião.

R. Steiner (*apud* Bernal, 2006, p. 320) propôs que o /ś/ seria escutado como /s/ ou /ls/ noutras línguas não-semitas, o que se revelaria tanto em βάλαμον como no termo Hebraico *Kásdîm*, resultante no Assírio *Kaldu* e Χαλδαῖοι na tradução do AT pelos LXX. No texto de Ezequiel, surge também um topónimo (*Basan*), que forneceria Carvalhos a Tiro (Ez. 27. 6*; localizado na margem esquerda do Jordão; cf. Is. 2,13* e Zc. 11, 2), e uma referência ao bálsamo oriundo de Minit, no contexto do comércio com Judá e Israel (Ez. 27. 6*; 27, 17*, respectivamente).

βάρβαρος [Bárbaros] – estrangeiro; semelhante à língua ou costumes dos estrangeiros; incorrecto; grosseiro; inculto; incivilizado. O termo parece ser onomatopeico. A.J. Godley propõe a tradução por *foreigners* no prólogo de Heródoto.

Comentário: O uso deste conceito não é o mesmo ao longo dos textos consultados. Heródoto utiliza-o várias vezes para se referir a todos aqueles que não falam grego (cf. Dubuisson, 1982; 2001; Gruen, 2006). O termo adquire um sentido de oposição em relação aos gregos (por exemplo, no prólogo de Heródoto*: "entre Gregos e Bárbaros", ou Tucídides I, 3*). Não surge em Homero (cf. βαρβαρόφωνος)

βαρβαρόφωνος [Barbaróphônos] – Indivíduo que fala uma língua estrangeira ou "bárbara", i.e., não grega. Em *Il.* II, 867 aplica-se aos Cários.

βωμός [Bômós] – Altar, plataforma sobre a qual repousa uma estátua. Em *Od.* VIII, 363, o termo surge, directamente, associado a τέμενος (ἐνθα δέ οἱ βωμός τε θυήεις). É provável que não exista uma separação entre estes dois elementos

Comentário: É provável que βωμός derive do termo semita *bāmāh/ bāmôt*, traduzido, tradicionalmente, por "lugar alto" (fr. "haute lieu"; "ing. high place"), como se expõe no cap. 5

Γάδιρα [Gadeira] – Gadir (Cádiz);

Γαδιτανος [Gaditanos] – Gaditano, habitante de Gadir.

γένος [génós]– nascimento (tempo, lugar, condição de n.); origem, descendência; raça; género; espécie; família; parentela; filho; povo; nação; tribo; sexo; geração, idade. Identifica-se, em Heródoto (II, 169. 4), a expressão γενομένων βασιλέας (reis nascidos num determinado lugar). O mesmo autor, numa outra passagem, utiliza um termo derivado de γένος: συγγενής (IV, 147. 3*), que remete também para um grau de parentesco.

γλῶσσα [glôssa]. At. γλῶττα - Língua, dialecto. Cf. ὁμόγλωσσος

δοῦλος [Doulós] – Escravo

ἔθνος [ethnos] – Num sentido geral, pode traduzir-se por: Raça; Nação; Povo; Tribo; Raça de animais; classe; corporação; sexo; no sentido particular, o termo é aplicado aos mortos, a grupos de animais, a povos, etc., num sentido de *multiplicidade* ou *agrupamento* (cf. Cap. 3.2.3)

Ἔρεβος [Erebos] – Érebo, filho do Caos e da Noite, como o define Hesíodo.

Comentário: W. von Soden (1959) relacionou este nome com Erembos (v. Ἐρεμβοί), como foi assinalado no cap. 5.2.1. A etimologia de Ἔρεβος é bastante discutida, uma vez que, segundo M. Bernal (2006, p. 171), "can be found in both Indo-European and Afroasiatic". Este autor opta pela etimologia semita, enquanto que Jasanoff e Nussbaum defendem uma origem Indo-europeia (*h₁reg^wos ou *h₁rek^wos, "escuridão"). Esta última proposta estaria mais próxima do sentido conferido a Ἔρεβος na literatura grega, de um termo arménio, *erek* (noite) e da raiz indo-europeia *ereb, *oreb (escuro) identificada na língua eslava e no Inglês antigo.

O termo semita, por seu turno, vai no mesmo sentido: para A. Bomhard, √'rb ("to set as the sun, become dark"). Jasanoff e Nussbaum respondem a esta questão propondo que esta raiz conduziu a *aribu na língua cananeia, baseando-se no padrão vocálico árabe que resultou, por exemplo, em *gariba* (ser negro), *garaba* (pôr-do-sol) ou *garb* (ocidente). "In fact, the standard construction of the Cananite vocalization that preceded the Hebrew 'ereb, 'evening' is *'arb" (Bernal, 2006, p. 172). Von Soden, por seu turno, considera que a raiz 'ereb significa "Portas do Sol" (*apud* Martí-Aguilar & Ferrer Albelda, 2009, p. 186 e n. 74).

Ἐρεμβοί [Eremboí] – Erembos, povo referido, primeiramente, na *Odisseia*, no contexto das viagens de Menelau (associado a Chipre, Fenícia, etc.).

Comentário: como foi exposto, von Soden relaciona o nome deste povo com *Ερεβος*. Porém, no dicionário Grego - Francês de A. Bailly, a única palavra que se assemelha a Ἑρεμβοί é Ἑρεμβεύς [Erembeús] (Erembeu), um antropónimo de um chefe indiano (Nonn., D. XVII, 217)³³³.

Ἡλύσιον [Hêlysion] – Campos Elísios, paisagem escatológica associada ao destino dos heróis, em particular de Menelau.

Ἡρακλέους στήλας [Heracleóus stêlas] – Colunas de Héracles.

Ἡρακλῆς [Heraklê] – Héracles. Nome composto que se traduz por "orgulho (κλῆς) de Hera (Ἡρα)". Protagonista de Doze Trabalhos

ἱερόν [hierón] – Substantivo neutro que deriva do adjetivo **ἱερός***. Confere um carácter sagrado a um lugar onde se insere, ou não, um templo ou santuário. **ἱερός** (Dórico).

Comentário: A forma do Linear B *i-je-ro* [iiero] identificada em Pilos e Cnossos pode, porém, ser traduzida por "sagrado" ou "santuário" (Casevitz, 1984, p. 82 - 83; Bernal, 2006, p. 430). Este autor refere também alguns derivados do termo: *i-e-re-u* ou *i-je-re-u*, em Pilos (sacerdote?), com feminino *i-je-re-ja* (Pilos e Cnossos), um provável antropónimo *i-je-re-wi-jo* (Cnossos), e *i-je-ro-wo-ko* (aquele que realiza os sacrifícios). A origem do termo é discutível. E. Benveniste (1969, p. 192ss.) considera que **ἱερόν/ ἱερός** tem uma etimologia indo-europeia (*isira-*), estabelecendo ligação com significados relacionados com "vigor", "vivacidade", "poderoso". De acordo com M. Bernal (2006, p. 430), "it is not surprising that ἱερός "sacred" and ἱερεύς* "priest" should have Egyptian etymologies". O último pode ter dado origem ao primeiro. A forma aspirada, conferida por **ἱ** não é identificável na raiz indo-europeia que tanto H. Frisk como A. Chantraine lhe conferem.

ἱερός [hierós] – Adjetivo que surge nos Poemas Homéricos com um sentido de "força" e que pode ser traduzido por *sagrado*

ἱερεύς [hiereús] – Sacerdote (cf. **ἱερόν***, comentário)

Ἱεροσόλυμα [Hierosolyma] – Jerusalém

Καλλίποδος [Kalípodos] – Nome com que Ptolemeu (II 5. 2) refere o rio Sado (Καλλίποδος ποταμοῦ), associando-o a *Caetobrix* (ou *Caetobriga*) e a *Salakeia* (ou *Salacia*). Trata-se de uma palavra composta por duas partes: **Καλός** (v.) e **πούς** (πέ; genitivo **ποδός**). Tomando este aspecto em linha de conta, **Καλλίποδος ποταμοῦ** seria traduzido como "rio do belo pé" (Cf. **Καλλίτροος** e **Καλός**).

³³³ Ἑλίκην δὲ βαλὼν ἄστοργος Ἑρεμβεύς

καλλίρροος [Kalírrroos] – "de belas águas" ou "de boa corrente", termo referido na *Odisseia* (V, 441 e XVII, 206).

Comentário: J. Marques da Costa (1960, p.1, n.1), ao analisar o nome Καλλίποδος (v.) ποταμοῦ (Ptolemeu II 5, 2) i.e., Rio Sado, utiliza esta aceção do termo.

κα(λ)λός [Kalós] – Belo; nobre; honrado; glorioso; puro; natural, perfeito; preciso; conveniente, apto, hábil, favorável;

καρμώνη [Karmônê] – Carmona

καρπησσός [Karpêssós] – Carpessos. Cidade que, segundo Apiano, seria anteriormente Tartessos.

μέγαρον [mégaron] – Sala grande dentro de uma mansão; sala de reunião para os homens ou pátio (*Od.* XVI, 341; XVII, 604)³³⁴; sala das mulheres (*Od.* XVIII, 198); quarto de dormir (*Od.* XI, 374)³³⁵; palácio (*Od.* IV, 210). **Μέγαρον**, utilizado, exclusivamente, no singular, refere-se a uma parte de um templo onde estão os oráculos (Hdt. I, 47: Delfos); em genitivo, refere-se a um "santuário" (Bailly, *sic*) de um templo (Hdt. II, 141; 143). Transmite um sentido de grandeza, a julgar pelo correspondente **μέγας** (i.e., "grande").

μετὰ δὲ [metá dé] – No meio de (*Il.* II, 446); a seguir, depois (referindo-se a espaço e tempo). É comum identificar esta expressão na linguagem periplográfica.

μιξέλληνες [mixélênes] – Termo composto (cf. Μιξοβάρβαρος) que parece referir-se, segundo M. Dubuisson (1982, p. 11-13; cap. 3.3) a Gregos mestiços

μιξοβάρβαρος/ μειξοβάρβαρος [Miksobárbaros] – Termo composto (μειξο-/μιξο- + βάρβαρος) que parece indicar um estado intermédio (p.ex., μιξάνθρωπος/ misantropo, meio homem, meio animal; cf. μιξέλληνες*). Não podemos confundir a raiz μειξ-/μιξ- com μισ- (cf. Μισοβάρβαρος)³³⁶.

μισοβάρβαρος [Misobárbaros] – Termo composto (μισο- + βάρβαρος), que exprime um sentimento de ódio contra os bárbaros.

³³⁴ Neste caso concreto, trata-se de uma frase repetida: βῆ ῥ' ἵμεναι μεθ' ὕας, λίπε δ' ἔρκεά τε μέγαρόν τε. "voltou para os porcos, deixando o pátio e o palácio" (trad. F. Lourenço).

³³⁵ Na tradução de F. Lourenço, traduz-se por "dormir no palácio"

³³⁶ V. Platão, *Menéxeno*, 425d

ναός [naós]/ νηός – Edifício onde "vive" a divindade ou a sua estátua. Templo. Santuário. Deriva, provavelmente, do verbo ναίω ("habitar"), o que confere algum sentido a uma construção consagrada a uma divindade. Nos Poemas Homéricos surge o correspondente νηός (cf. Casevitz, 1984, p. 88).

Comentário: M. Bernal (2006, p. 334 - 5) assinala uma provável origem semita para o termo, baseando-se no hebraico *naweh* (Ex. 15, 13). Este termo, na passagem em questão, é traduzido (note-se, a partir do hebraico, por "morada santa").

Οἰκουμένη [oikouménê] – Terra habitada.

ὁμόγλωσσος [homoglôssos] - que fala a mesma língua

ὄρος [Horos] – termo, limite, fronteira

Σιδόνιος [Sidônios] – Território de Sídôn. *Od.* XIII, 285: "*eles partiram para a terra bem povoada de Sídôn*"³³⁷.

Σιδών [Sidôn] – Sídôn

Σιδώνιος [Sidônios] – Habitante de Sídôn.

συγκρητισμός [sugkrêtismós] – união de dois contra um terceiro, aplicando-se à união dos cretenses contra um inimigo comum. Termo composto por συν- (ideia de *convergência* presente, p.ex., nos termos *sincronia* ou *sintonia* em português) e Κρητιζω (cretense).

στρατόπεδον [stratópedon] – Termo que designa o lugar de acampamento de um exército.

Comentário: C. Schrader traduz este termo por "barrio" em Hdt II, 122* e, mais adiante, em IV, 114, por "campamento".

Ταγός – Tejo

Τάρταρος [Tártarós] – Tártaro, zona subterrânea dos infernos (B) nos confins do mundo (pl. τὰ Τάρταρα, o *Tártaro*). Pode tratar-se de uma onomatopeia que marca algo assustador ou mau (v. Βάρβαρος). Etimologicamente, P. Chantraine

³³⁷ οἱ δ' ἐς Σιδονίην εὖ ναιομένην ἀναβάντες

(s.v. Τάρταρος) atribui a Τάρταρος uma provável origem oriental. Van Windekens (1986, s.v. ἀταρτηρος) relaciona o termo com ἀταρτηρος [atartêros], traduzindo-o com base na noção de terrível ou de algo que inspira medo (*lat.* "terror") e assinalando origem indo-europeia (**trto-*). J. Vara (1982) relaciona, do ponto de vista etimológico, Τάρταρος com Ταρτησσός (v.), pela raiz *Trt-* presente nos dois nomes.

Comentário: O significado dos dois termos é diferente, embora ambos se refiram a paisagens limítrofes: Τάρταρος é um cenário infernal e Ταρτησσός parece referir-se a uma paisagem paradisíaca em termos de riquezas naturais.

Ταρτησσίδα [Tartêssida] – Tartésside (região de Tartessos)

Ταρτησ(σ)ός [Tartêssós] – Tartessos

Ταρτήσσιοι [Tartêssioi] – Tartéssios. Provável etnónimo associado a Tartessos. Herodoto refere este povo como Φυλή (v.)

ταρχύω [tarkhúō] – Verbo polissémico que se aplica, genericamente, ao mundo da morte. As interpretações do termo são várias: "giving proper burial" (Mylonas, 1970, p. 479), "exequias" (Crespo, 2006, trad. *Il.* VII, 85; XVI, 456 e 574), "enterrar" (Schnapp - Gourbeillon, 1982, n. 8; Theil & Hallez D'Arros, 1841, s.v. ταρχύω), "embalsamar" (*ibid.*) ou "cumprir os últimos deveres" (Dic. Bailly).

τέμενος [Témenos] – Recinto ou espaço reservado à elite (sentido político) ou à divindade (sentido religioso). De acordo com o sentido do verbo τέμνω ("cortar", "romper", "separar"), este espaço é, necessariamente, *separado* da restante comunidade.

Comentário: Surgiram várias propostas sobre a origem deste termo, identificado em inscrições de Linear B em Pilos (*te-me-no*) (Malkin, 1999, p. 1481; Chantraine, 1968, s.v. τέμνω; Casevitz, 1984, p. 85). Por um lado, propôs-se uma origem suméria (*temen*, "fundação") ou acádica (*temennu*), bem como indo-europeia (*temno*).

Τέμενος* (Alvar, 1998, p. 691; Levêque, 1998, p. 741), tem, aparentemente, uma origem indo-europeia, baseando-se num verbo (τέμνω/ *temno*, "cortar", "romper", "separar"). É também atestado no Linear B como *te-me-no* (Malkin, 1999, p. 1481; Chantraine, 1968, s.v. τέμνω;

Casevitz, 1984, p. 85)³³⁸. Nos poemas homéricos, τέμενος* tem dois sentidos que não se excluem mutuamente. O primeiro corresponde a *te-me-no* do Linear B, isto é, um espaço ou recinto reservado à residência da elite (*Od.* VI, 293), o que lhe confere um sentido político (Casevitz, 1984, p. 85). O segundo designa um espaço consagrado ou reservado às divindades, num bosque sagrado ou num terreno que inclui um "templo" (*Od.* VIII, 363*). Como podemos observar, τέμενος* e τέμνω exprimem uma ideia de *separação* que se aplica aos reis (também considerados como descendentes dos deuses) e às divindades. Ou seja, são espaços que marcam uma diferença entre a elite, a divindade e o resto da população. Do mesmo modo, ao assinalar o "bairro fenício" de Mênfis, Heródoto (II, 112.1*) menciona um (τέμενος*) consagrado a Proteu³³⁹. Mais adiante, na descrição de um recinto consagrado a Atena (το ἱερόν της Ἀθηναίης) em Saís, no Egípto, Heródoto assinala a existência de sepulturas (ταφαί), um templo (νηός ou μέγαρον), um lago e obeliscos, que fazem parte, no seu conjunto, de um τέμενος* (II, 169-170).

τύμβος [túmbos] – Túmulo, sepultura.

Φοίνικες [Phoinikes] – Fenício. O termo está relacionado com o “vermelho” (i.e., púrpura). O termo φοίνικας refere-se a uma palmeira (cf. Hdt. II, 169.5*)

φυλή/ φυλή – tribo, porção de um povo, corpo de tropa/ exército; batalhão; esquadrão; classe; género; espécie.

χώρα [Chôra] – Território, país, região.

Ὠκεανὸς [Ôkeanós] – Oceano, filho de Urano e Geia, pai dos rios e das Oceânides (Ὠκεανίνη) segundo Hesíodo (*Th.* 133, etc.). Cf. Ὠκεανίνη

Ὠκεανίνη [Ôkeanínê]– Oceânides, filhas de Oceano

³³⁸ Chamo a atenção para interpretações que relacionam τέμνω (témnô) e a respectiva raiz *temno* com *templum*, termo latino do qual deriva, provavelmente, "templo" (Casevitz, 1984, p. 85; Levêque, 1998, p. 740). Veja-se, em todo o caso, a discussão do termo no Anexo II, onde se apontam outras possibilidades para a origem do termo e dos seus derivados.

³³⁹ Note-se que Proteu, neste caso, é uma personagem humana com honras divinas e não uma divindade no sentido tradicional do termo.

Anexo 3 - Figuras
